

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE ARQUITETURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Dissertação de Mestrado

**A INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO, CONFIGURAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE  
CONJUNTOS HABITACIONAIS NA INTERAÇÃO SOCIAL**

MÁRCIA AZEVEDO DE LIMA

Porto Alegre  
2011

MÁRCIA AZEVEDO DE LIMA

**A INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO, CONFIGURAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DE  
CONJUNTOS HABITACIONAIS NA INTERAÇÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
Planejamento Urbano e Regional da  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, como requisito parcial à  
obtenção do título de Mestre em  
Planejamento Urbano e Regional

Orientadora  
Maria Cristina Dias Lay, PhD

Porto Alegre  
2011

*Dedico este trabalho a meu  
filho Tiago.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu força para seguir nesta caminhada.

A minha orientadora, Maria Cristina Dias Lay, por ter compartilhado comigo seus conhecimentos e experiências, por sua paciência e por acreditar no meu trabalho.

Aos meus pais, familiares e amigos que me apoiaram e incentivaram para a realização deste trabalho.

Ao meu professor e amigo Adalberto Heck.

Aos meus colegas do PROPUR, em especial, a Leonardo Muller Garateguy.

A todo corpo docente e administrativo do PROPUR, em especial, a Mariluz Grando.

A UFRGS e a CAPES pela oportunidade do conhecimento.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho trata da análise da produção da habitação de interesse social implementada pelo BNH (Banco Nacional de Habitação), na busca de subsídios para retomar a produção da habitação social. Foi realizado um estudo comparativo entre quatro conjuntos habitacionais produzidos pela COHAB – Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Montenegro, com o objetivo de compreender de que maneira a implantação do conjunto habitacional, no tocante a dimensão, configuração e localização, afeta a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e a cidade.

Os múltiplos métodos de coleta e análise de dados utilizados possibilitaram a complementaridade entre os dados obtidos. Foram realizados levantamentos de arquivo, levantamento físico, aplicação de mapas mentais com entrevistas, observações sistemáticas de uso dos espaços públicos abertos e aplicação de questionários. Adota-se uma abordagem perceptiva que utiliza a satisfação do usuário e o comportamento ambiental como indicadores de desempenho e de interação social. A análise estatística dos dados quantitativos foi realizada através da verificação das frequências e realização de testes não-paramétricos, como Kruskal-Wallis e Spearman. Também foram utilizados mapa figura-fundo, mapa de barreiras com indicação das constituições e análise sintática para medir os níveis de integração.

Os resultados confirmam que as características de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social (dimensão, configuração e localização) estão relacionadas entre si e tendem a afetar o tipo e a intensidade de interação entre os moradores do conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e a cidade. Foi constatado que conjuntos de menor porte tendem a apresentar maior interação com os moradores do conjunto e com os moradores do entorno imediato/ cidade. Foi também constatado que conjuntos mais integrados podem contribuir para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade. Ainda, foi constatado que conjuntos mais distantes da área urbana consolidada, geralmente de grande porte, tendem a promover interação limitada aos moradores do próprio conjunto. Os resultados também confirmam que as características fisioespaciais dos espaços públicos abertos, mais especificamente o conforto decorrente da existência de vegetação e bancos, assim como as características socioeconômicas dos moradores podem afetar a interação social entre os moradores do conjunto e entre o conjunto e o entorno, uma vez que modificam o estilo de vida, os hábitos de compras no dia a dia e as formas de deslocamento, entre outros. Dessa forma, é ressaltada a importância de avaliar os efeitos das características de implantação de conjuntos habitacionais para que se produzam espaços mais qualificados que promovam e facilitem a interação social entre os moradores do conjunto, entre os moradores do conjunto com o entorno e com a cidade, promovendo o sentimento de pertencimento e cidadania.

**Palavras-chave:** Habitação social. Interação social. Implantação de conjuntos habitacionais.

## ABSTRACT

This study deals with the analysis of the production of social housing implemented by BNH (National Housing Bank), in order to subsidize the future production of social housing. It was realized a comparative study of four housing units produced by COHAB - Housing Company of the State of Rio Grande do Sul, in the city of Montenegro, in order to understand how the performance of housing schemes related to size, spatial configuration and location, can affect social interaction among dwellers as well as interaction between the housing scheme and its urban context.

The multiple methods of data collection and analysis used enabled complementarities between the data obtained through archives information, physical measurements, application of mental maps with interviews, systematic observations of the use of public open spaces and questionnaires. It was adopted a perceptive approach that considers user satisfaction and environmental behavior as indicators of environmental performance and social interaction. The statistical analysis of quantitative data was carried out by means of frequencies and non-parametric tests such as Kruskal-Wallis and Spearman correlations. Moreover, figure-ground map, map of physical barriers with indication of spatial constitutions and space syntax analysis were used in order to measure levels of integration.

Results confirm that the characteristics of implementation of social housing related to size, configuration and location, are interrelated and tend to affect the type and intensity of interaction among residents in the housing scheme and interaction of the scheme with the immediate surroundings and the city. It was found that smaller housing schemes tend to show higher level of interaction not only among the residents in the scheme, but also with those who live nearby and in the city. It was also found that more integrated housing schemes can contribute to better integration of residents into the neighborhood and city and develop sense of belonging to the city. Moreover, it was found that housing schemes farther located from the consolidated urban area, usually of large size, tend to promote limited interaction among residents of the housing scheme. The results further confirmed that physical characteristics of public open spaces, more specifically in relation to environmental comfort resultant from the presence of vegetation and benches, as well as socioeconomic characteristics can affect social interaction among the residents in the scheme and the surrounding neighborhood, due to its effect on life style, daily shopping routine and means of locomotion, among other things. Therefore, it is emphasized the importance of assessing the effects of characteristics of housing schemes related to size, spatial configuration and location in order to produce more qualified residential spaces that promote and facilitate social interaction among residents of housing schemes, among the residents of scheme and surrounding neighborhoods and the city, promoting a sense of belonging and citizenship.

**Keywords:** Social housing. Social interaction. Implementation of housing.

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	III
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	IV
<b>RESUMO</b> .....	V
<b>ABSTRACT</b> .....	VI
<b>SUMÁRIO</b> .....	VII
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	XI
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	XIII
<b>1 CARACTERÍSTICAS DE IMPLANTAÇÃO DE CONJUNTOS HABITACIONAIS E INTERAÇÃO SOCIAL</b> .....	14
<b>1.1 Introdução</b> .....	14
<b>1.2 Tema e problema de pesquisa</b> .....	14
<b>1.2.1 A produção da habitação de interesse social implementada pelo BNH</b> .....	14
<b>1.2.2 A importância da interação social para o desempenho dos conjuntos</b> .....	16
<b>1.2.3 A segregação do espaço urbano e a habitação social</b> .....	17
<b>1.2.4 Delimitação do problema</b> .....	19
<b>1.3 Objetivos da pesquisa</b> .....	20
<b>1.4 Estrutura e conteúdo do trabalho</b> .....	21
<b>2 FATORES QUE AFETAM A INTERAÇÃO SOCIAL EM CONJUNTOS HABITACIONAIS</b> .....	22
<b>2.1 Introdução</b> .....	22
<b>2.2 Aspectos relacionados à interação social</b> .....	22
<b>2.2.1 Imagem e desempenho ambiental</b> .....	24
<b>2.2.2 Apropriação e dinâmica social</b> .....	28
<b>2.2.3 Dimensão espacial nas relações sociais</b> .....	30
<b>2.3 Características da implantação de conjuntos habitacionais</b> .....	33
<b>2.3.1 Aspectos relacionados à dimensão do conjunto e interação social</b> .....	33
<b>2.3.2 Aspectos relacionados à configuração urbana e interação social</b> .....	35
<b>2.3.2.1 Sintaxe espacial e configuração espacial</b> .....	37
<b>2.3.3 Aspectos relacionados à localização do conjunto e interação social</b> .....	42
<b>2.4 Características dos espaços públicos e interação social</b> .....	44
<b>2.4.1 Ruas e calçadas</b> .....	47
<b>2.4.2 Praças e áreas verdes</b> .....	50
<b>2.4.3 Equipamentos comunitários, comércio e serviços</b> .....	52
<b>2.5 Características físicoespaciais e interação social</b> .....	53
<b>2.5.1 Acessibilidade</b> .....	53
<b>2.5.2 Aparência</b> .....	55
<b>2.5.3 Conforto ambiental</b> .....	56
<b>2.5.4 Segurança</b> .....	57

<b>2.6 Características socioeconômicas e interação social</b> .....	59
<b>2.7 Considerações finais</b> .....	63
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	65
<b>3.1 Introdução</b> .....	65
<b>3.2 Problema de pesquisa e objetivos</b> .....	65
<b>3.3 Hipóteses de trabalho</b> .....	66
<b>3.4 Estudo de caso</b> .....	66
<b>3.5 Procedimentos metodológicos</b> .....	71
<b>3.5.1 Levantamento de arquivo</b> .....	71
<b>3.5.2 Levantamento físico</b> .....	72
<b>3.5.3 Aplicação de mapas mentais com entrevistas</b> .....	72
<b>3.5.4 Observações de manifestações comportamentais e de traços físicos</b> .....	74
<b>3.5.5 Questionários</b> .....	75
<b>3.6 Caracterização das áreas de estudo</b> .....	78
<b>3.6.1 ÁREA DE ESTUDO 1 - Conjunto Habitacional Cinco de Maio e entorno</b> ...	78
<b>3.6.2 ÁREA DE ESTUDO 2 - Conjunto Habitacional Vila Popular e entorno</b> .....	87
<b>3.6.3 ÁREA DE ESTUDO 3 - Conjunto Habitacional Vila São Pedro e entorno</b> ..	95
<b>3.6.4 ÁREA DE ESTUDO 4 - Conjunto Habitacional Germano Henck e entorno</b>	102
<b>3.7 Análise dos dados</b> .....	109
<b>3.7.1 Mapa figura-fundo</b> .....	110
<b>3.7.2 Mapa de barreiras com indicação das constituições</b> .....	110
<b>3.7.3 Análise sintática</b> .....	111
<b>4 ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DE IMPLANTAÇÃO DE CONJUNTOS HABITACIONAIS E INTERAÇÃO SOCIAL</b> .....	113
<b>4.1 Introdução</b> .....	113
<b>4.2 ÁREA DE ESTUDO 1: Conjunto Habitacional Cinco de Maio e entorno</b> .....	113
<b>4.2.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial</b> .....	114
<b>4.2.2 Percepção de limite do bairro</b> .....	116
<b>4.2.3 Níveis de satisfação com o bairro</b> .....	119
<b>4.2.4 Níveis de satisfação com o local onde moram</b> .....	120
<b>4.2.5 Imagem ambiental e atributos percebidos</b> .....	123
<b>4.2.6 Apropriação e características físicoespaciais</b> .....	125
<b>4.2.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio</b> .....	128
<b>4.2.6.2 Apropriação de ruas e calçadas</b> .....	129
<b>4.2.6.3 Apropriação de praças e áreas verdes</b> .....	131
<b>4.2.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços</b> .....	133
<b>4.2.7 Relacionamento de vizinhança</b> .....	134
<b>4.3 ÁREA DE ESTUDO 2: Conjunto Habitacional Vila Popular e entorno</b> .....	136
<b>4.3.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial</b> .....	136
<b>4.3.2 Percepção de limite do bairro</b> .....	139
<b>4.3.3 Níveis de satisfação com o bairro</b> .....	141
<b>4.3.4 Níveis de satisfação com o local onde moram</b> .....	142



<b>4.3.5 Imagem ambiental e atributos percebidos</b> .....	144
<b>4.3.6 Apropriação e características fisicoespaciais</b> .....	146
<u>4.3.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio</u> .....	149
<u>4.3.6.2 Apropriação de ruas e calçadas</u> .....	150
<u>4.3.6.3 Apropriação de praças e áreas verdes</u> .....	152
<u>4.3.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços</u> .....	153
<b>4.3.7 Relacionamento de vizinhança</b> .....	155
<b>4.4 ÁREA DE ESTUDO 3: Conjunto Habitacional Vila São Pedro e entorno</b> .....	156
<b>4.4.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial</b> .....	156
<b>4.4.2 Percepção de limite do bairro</b> .....	158
<b>4.4.3 Níveis de satisfação com o bairro</b> .....	160
<b>4.4.4 Níveis de satisfação com o local onde moram</b> .....	161
<b>4.4.5 Imagem ambiental e atributos percebidos</b> .....	163
<b>4.4.6 Apropriação e características fisicoespaciais</b> .....	165
<u>4.4.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio</u> .....	167
<u>4.4.6.2 Apropriação de ruas e calçadas</u> .....	168
<u>4.4.6.3 Apropriação de praças e áreas verdes</u> .....	169
<u>4.4.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços</u> .....	171
<b>4.4.7 Relacionamento de vizinhança</b> .....	173
<b>4.5 ÁREA DE ESTUDO 4: Conjunto Habitacional Germano Henck e entorno</b> ....	174
<b>4.5.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial</b> .....	174
<b>4.5.2 Percepção de limite do bairro</b> .....	176
<b>4.5.3 Níveis de satisfação com o bairro</b> .....	179
<b>4.5.4 Níveis de satisfação com o local onde moram</b> .....	180
<b>4.5.5 Imagem ambiental e atributos percebidos</b> .....	182
<b>4.5.6 Apropriação e características fisicoespaciais</b> .....	183
<u>4.5.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio</u> .....	186
<u>4.5.6.2 Apropriação de ruas e calçadas</u> .....	187
<u>4.5.6.3 Apropriação de praças e áreas verdes</u> .....	188
<u>4.5.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços</u> .....	190
<b>4.5.7 Relacionamento de vizinhança</b> .....	191
<b>4.6 Comparação entre as áreas de estudo</b> .....	192
<b>4.6.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial</b> .....	192
<b>4.6.2 Percepção de limite do bairro</b> .....	193
<b>4.6.3 Níveis de satisfação com o bairro</b> .....	193
<b>4.6.4 Níveis de satisfação com o local onde moram</b> .....	196
<b>4.6.5 Imagem ambiental e atributos percebidos</b> .....	198
<b>4.6.6 Apropriação e características fisicoespaciais</b> .....	198
<u>4.6.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio</u> .....	198
<u>4.6.6.2 Apropriação de ruas e calçadas</u> .....	199
<u>4.6.6.3 Apropriação de praças e áreas verdes</u> .....	202
<u>4.6.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços</u> .....	204
<b>4.6.7 Relacionamento de vizinhança</b> .....	206

<b>4.7 Verificação da influência das características de implantação na interação social</b> .....	209
<b>4.7.1 Hipótese 1: relação da dimensão com a interação social</b> .....	209
<b>4.7.2 Hipótese 2: relação da configuração com a interação social</b> .....	211
<b>4.7.3 Hipótese 3: relação da localização com a interação social</b> .....	214
<b>4.8 Considerações Finais</b> .....	216
<b>5 CONCLUSÕES E RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS</b> .....	219
<b>5.1 Introdução</b> .....	219
<b>5.2 Problema de pesquisa, objetivos e métodos</b> .....	219
<b>5.3 Hipóteses de pesquisa</b> .....	220
<b>5.4 Discussão dos resultados</b> .....	222
<b>5.4.1 Resultados relativos à dimensão e a interação social</b> .....	222
<b>5.4.2 Resultados relativos à configuração e a interação social</b> .....	225
<b>5.4.3 Resultados relativos à localização e a interação social</b> .....	227
<b>5.5 Limitações da pesquisa</b> .....	229
<b>5.6 Relevância dos resultados e sugestões</b> .....	230
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	232
<b>ANEXO A - ROTEIRO DA ENTREVISTA</b> .....	238
<b>ANEXO B – MODELO DO QUESTIONÁRIO</b> .....	240
<b>ANEXO C – SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS DOS QUESTIONÁRIOS</b> .....	245
<b>ANEXO D – SÍNTESE DOS CONJUNTOS</b> .....	258
<b>ANEXO E – CHECK LIST</b> .....	267
<b>ANEXO F – EXEMPLOS DE MAPA MENTAL</b> .....	269

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Região Metropolitana de Porto Alegre.....	67
Figura 02: Área urbana da cidade de Montenegro, com indicação da localização dos quatro conjuntos habitacionais e dos principais pontos de referência.....	70
Figura 03: Mapa axial de Montenegro, Integração Global .....	70
Figura 04: Mapa axial de Montenegro, Integração Local R3 .....	70
Figura 05: Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Cinco de Maio e entorno .....	73
Figura 06: Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Vila Popular e entorno .....	73
Figura 07: Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Vila São Pedro e entorno .....	73
Figura 08: Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Germano Henck e entorno .....	73
Figura 09: Indicação amostra de respondentes do Conjunto Cinco de Maio e entorno .....	77
Figura 10: Indicação amostra de respondentes do Conjunto Vila Popular e entorno .....	77
Figura 11: Indicação amostra de respondentes do Conjunto Vila São Pedro e entorno .....	77
Figura 12: Indicação amostra de respondentes do Conjunto Germano Henck e entorno .....	77
Figura 13: Mapa da Área de Estudo 1, conforme implantação .....	79
Figura 14: Área de Estudo 1 .....	81
Figura 15: Mapa da Área de Estudo 1 .....	82
Figura 16: Mapa do Conjunto Habitacional Cinco de Maio .....	82
Figura 17: Mapa da Área de Estudo 1, com indicação do uso das edificações .....	83
Figura 18: Mapa da Área de Estudo 1, com indicação da altura das edificações .....	84
Figura 19: Mapa da Área de Estudo 1, com indicação do material construtivo das edificações .....	84
Figura 20: Mapa da Área de Estudo 1, com indicação da pavimentação das ruas .....	86
Figura 21: Mapa da Área de Estudo 2, conforme implantação .....	87
Figura 22: Área de Estudo 2 .....	89
Figura 23: Mapa da Área de Estudo 2 .....	90
Figura 24: Mapa do Conjunto Habitacional Vila Popular .....	90
Figura 25: Mapa da Área de Estudo 2, com indicação do uso das edificações .....	91
Figura 26: Mapa da Área de Estudo 2, com indicação da altura das edificações .....	92
Figura 27: Mapa da Área de Estudo 2, com indicação do material construtivo das edificações .....	92
Figura 28: Mapa da Área de Estudo 2, com indicação da pavimentação das ruas .....	94
Figura 29: Mapa da Área de Estudo 3, conforme implantação .....	96
Figura 30: Área de Estudo 3 .....	97
Figura 31: Mapa da Área de Estudo 3 .....	98
Figura 32: Mapa do Conjunto Habitacional Vila São Pedro .....	98
Figura 33: Mapa da Área de Estudo 3, com indicação do uso das edificações .....	99
Figura 34: Mapa da Área de Estudo 3, com indicação da altura das edificações .....	100
Figura 35: Mapa da Área de Estudo 3, com indicação do material construtivo das edificações .....	100
Figura 36: Mapa da Área de Estudo 3, com indicação da pavimentação das ruas .....	102
Figura 37: Mapa da Área de Estudo 4, conforme implantação .....	103
Figura 38: Área de Estudo 4 .....	104
Figura 39: Mapa da Área de Estudo 4 .....	105
Figura 40: Mapa do Conjunto Habitacional Germano Henck .....	105

Figura 41: Mapa da Área de Estudo 4, com indicação do uso das edificações .....	106
Figura 42: Mapa da Área de Estudo 4, com indicação da altura das edificações .....	107
Figura 43: Mapa da Área de Estudo 4, com indicação do material construtivo das edificações .....	107
Figura 44: Mapa da Área de Estudo 4, com indicação da pavimentação das ruas .....	109
Figura 45: Área verde .....	114
Figura 46: Passagem de pedestres .....	114
Figura 47: Associação comunitária .....	114
Figura 48: Mapa axial da Área de Estudo 1, Integração Global .....	115
Figura 49: Mapa axial da Área de Estudo 1, Integração local R3 .....	115
Figura 50: Mapa da Área de Estudo 1, com dados das entrevistas e mapas mentais .....	117
Figura 51: Mapa figura-fundo da Área de Estudo 1 .....	118
Figura 52: Mapa da Área de Estudo 1, com indicação do fechamento das testadas .....	122
Figura 53: Mapa de barreiras com indicação das constituições da Área de Estudo 1 .....	124
Figura 54: Mapa Comportamental da Área de Estudo 1 .....	124
Figura 55: Praça .....	136
Figura 56: Rua Antônio Lisboa .....	136
Figura 57: Associação comunitária .....	136
Figura 58: Mapa axial da Área de Estudo 2, Integração Global .....	137
Figura 59: Mapa axial da Área de Estudo 2, Integração local R3 .....	137
Figura 60: Mapa da Área de Estudo 2, com dados das entrevistas e mapas mentais .....	140
Figura 61: Mapa figura-fundo da Área de Estudo 2 .....	141
Figura 62: Mapa da Área de Estudo 2, com indicação do fechamento das testadas .....	143
Figura 63: Mapa de barreiras com indicação das constituições da Área de Estudo 2 .....	146
Figura 64: Mapa Comportamental da Área de Estudo 2 .....	148
Figura 65: Área verde .....	156
Figura 66: Área verde .....	156
Figura 67: Escola .....	156
Figura 68: Mapa axial da Área de Estudo 3, Integração Global .....	157
Figura 69: Mapa axial da Área de Estudo 3, Integração local R3 .....	157
Figura 70: Mapa da Área de Estudo 3, com dados das entrevistas e mapas mentais .....	159
Figura 71: Mapa figura-fundo da Área de Estudo 3 .....	159
Figura 72: Mapa da Área de Estudo 3, com indicação do fechamento das testadas .....	162
Figura 73: Mapa de barreiras com indicação das constituições da Área de Estudo 3 .....	165
Figura 74: Mapa Comportamental da Área de Estudo 3 .....	166
Figura 75: Área verde .....	174
Figura 76: Ruas e calçadas .....	174
Figura 77: Acesso ao conjunto .....	174
Figura 78: Mapa axial da Área de Estudo 4, Integração Global .....	175
Figura 79: Mapa axial da Área de Estudo 4, Integração local R3 .....	175
Figura 80: Mapa da Área de Estudo 4, com dados das entrevistas e mapas mentais .....	177
Figura 81: Mapa figura-fundo da Área de Estudo 4 .....	178
Figura 82: Mapa da Área de Estudo 4, com indicação do fechamento das testadas .....	181
Figura 83: Mapa de barreiras com indicação das constituições da Área de Estudo 4 .....	183
Figura 84: Mapa Comportamental da Área de Estudo 4 .....	185
Figura 85: Mapa Mental de morador do conjunto Cinco de Maio .....	269
Figura 86: Mapa mental de morador do Conjunto Vila Popular .....	269

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Síntese das características dos conjuntos selecionados.....	69
Tabela 02: Cronograma das observações comportamentais.....	75
Tabela 03: Distribuição das amostras por conjunto/ entorno.....	77
Tabela 04: Perfil composicional dos respondentes .....	78
Tabela 05: Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman.....	110
Tabela 06: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 1 .....	115
Tabela 07: Atividades e locais de lazer e convívio .....	128
Tabela 08: Principais usos das calçadas do local onde moram .....	130
Tabela 09: Principais usos das praças do local onde moram .....	131
Tabela 10: Frequência de uso das praças do local onde moram .....	131
Tabela 11: Uso dos equipamentos comunitários do bairro .....	133
Tabela 12: Indicador socioeconômico .....	134
Tabela 13: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 2 .....	138
Tabela 14: Atividades e locais de lazer e convívio .....	149
Tabela 15: Principais usos das calçadas do local onde moram .....	151
Tabela 16: Principais usos das praças do local onde moram .....	152
Tabela 17: Frequência de uso das praças do local onde moram .....	152
Tabela 18: Uso dos equipamentos comunitários do bairro .....	153
Tabela 19: Indicador socioeconômico .....	154
Tabela 20: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 3 .....	157
Tabela 21: Atividades e locais de lazer e convívio .....	168
Tabela 22: Principais usos das calçadas do local onde moram .....	169
Tabela 23: Principais usos das praças do local onde moram .....	170
Tabela 24: Frequência de uso das praças do local onde moram .....	170
Tabela 25: Uso dos equipamentos comunitários do bairro .....	172
Tabela 26: Indicador socioeconômico .....	172
Tabela 27: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 4 .....	175
Tabela 28: Atividades e locais de lazer e convívio .....	186
Tabela 29: Principais usos das calçadas do local onde moram .....	188
Tabela 30: Principais usos das praças do local onde moram .....	189
Tabela 31: Frequência de uso das praças do local onde moram .....	189
Tabela 32: Uso dos equipamentos comunitários do bairro .....	190
Tabela 33: Indicador socioeconômico .....	191
Tabela 34: Satisfação com o bairro .....	194
Tabela 35: Satisfação com o local onde moram .....	196
Tabela 36: Satisfação com as ruas no local onde moram .....	199
Tabela 37: Satisfação com as calçadas no local onde moram .....	200
Tabela 38: Satisfação com as praças/ áreas verdes do local onde moram .....	202
Tabela 39: Relacionamento de vizinhança .....	206
Tabela 40: Definição de bom vizinho .....	208
Tabela 41: Intensidade de relacionamento de amigos .....	208

# **1 CARACTERÍSTICAS DE IMPLANTAÇÃO DE CONJUNTOS HABITACIONAIS E INTERAÇÃO SOCIAL**

## **1.1 Introdução**

O trabalho trata da análise da produção da habitação de interesse social implementada pelo BNH (Banco Nacional de Habitação), na busca de subsídios para retomar a produção da habitação social. Concentra-se na análise das características de implantação de conjuntos habitacionais que podem afetar a interação social dos moradores do próprio conjunto e do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Considera-se a interação social como um indicador fundamental de desempenho dos conjuntos, uma vez que nossas cidades deveriam ter estruturas produzidas para intensificar as trocas sociais e econômicas entre as pessoas (por exemplo, ALEXANDER, 1965; MAGALHÃES, 2002; NETTO, 2006).

Neste capítulo são apresentados, a partir de uma breve análise da produção da habitação de interesse social implementada pelo BNH (Banco Nacional de Habitação), da importância da interação social para o desempenho de conjuntos habitacionais e da segregação do espaço urbano como consequência negativa da falta de interação, a delimitação do problema de pesquisa e a justificativa. Por fim, são descritos os objetivos da investigação, a estrutura e o conteúdo deste trabalho.

## **1.2 Tema e problema de pesquisa**

### **1.2.1 A produção da habitação de interesse social implementada pelo BNH**

Estudos existentes (por exemplo, VALLADARES, 1978; LAY, 1992; BONDUKI, 2004) mostram que a característica predominante da política habitacional produzida de 1964 a 1986, período em que foi implementada a política habitacional gerenciada pelo BNH, era a busca da eficácia quantitativa, voltada para a produção em série e em grande escala, na tentativa de solucionar o déficit habitacional, acima do interesse em atender as necessidades dos usuários. Como consequência, os projetos dos conjuntos habitacionais construídos durante esse período apresentam diversos problemas que afetam o desempenho desses conjuntos, dentre os quais os efeitos negativos na organização física da cidade e na sustentação de contatos humanos, considerados por Alexander (1965) como mecanismos

essenciais de funcionamento da cidade. Freitas (2004) acrescenta que houve um divórcio entre a arquitetura e moradia popular, com repercussões negativas na qualidade do espaço urbano.

Esses conjuntos habitacionais apresentam duas tipologias predominantes: blocos repetitivos de apartamentos, com quatro andares, normalmente sem elevador e casas unifamiliares em pequenos lotes individualizados. Os blocos de apartamentos seguem uma abordagem modernista, com edifícios implantados em áreas abertas contínuas, geralmente localizadas de forma a deixar áreas vazias e com funções indefinidas entre eles, sem diferenciação nas fachadas e sem relação com a rua. As casas unifamiliares seguem a divisão convencional de lote e quarteirão, com clara definição do que é público e do que é privado e com recuos laterais, frontais e de fundos que possibilitavam ampliações. Os recuos refletiam a influência dos higienistas, mas, com as ampliações posteriores, acabaram sendo eliminados (ver BONDUKI, 2004). Também foram implementados conjuntos com blocos de dois andares e casas geminadas.

A organização espacial desses conjuntos é frequentemente caracterizada por baixa densidade, uniformidade e dispersão, que implicam elevados custos em infraestrutura e manutenção. Segundo Rigatti (1997), os projetos dos conjuntos não cumpriram algumas regras básicas de organização espacial, regras que são de caráter compositivo e relacionais e dizem respeito a questões como densidade de ocupação, continuidades e descontinuidades espaciais, níveis de fragmentação do espaço, caracterização de diferenciações locais, estrutura de relação das partes com o sistema global, entre outras. Os conjuntos habitacionais são geralmente localizados na periferia, fora da malha urbana existente, ampliando o perímetro urbano e impondo um modelo de expansão periférica para as cidades.

Diversos autores (por exemplo, CARVALHO, 1985; LAY, 1992; MORETTI in FREITAS, 2004; BONDUKI, 2004) constataram que o principal atributo que diferencia a habitação social, além das características arquitetônicas, é a falta de relação com o contexto urbano, pois as ruas projetadas para servir o conjunto habitacional não se integram com a rede urbana existente no entorno. Em complemento, Freitas (2004) salienta que os conjuntos habitacionais não apresentam atrativos para motivar os residentes do entorno a utilizarem e se integrarem como parte do bairro.

É argumentado que uma parcela expressiva do espaço urbano brasileiro poderia apresentar uma excelente qualidade urbanística e ambiental se intervenções dessa natureza, financiadas pelo Estado e produzidas pelo setor formal da construção civil, tivessem sido realizadas de forma a valorizar o projeto e a percepção do usuário (BONDUKI, 2004). No

entanto, segundo o autor, predominaram – salvo raríssimas exceções – projetos medíocres, uniformes, monótonos, repetitivos e desvinculados do meio físico e da cidade, além de desarticulados de um projeto social. Portanto, o investimento de recursos públicos na construção de espaços de má qualidade urbana não é justificado (FREITAS, 2004).

### **1.2.2 A importância da interação social para o desempenho dos conjuntos**

Neste trabalho, a interação social é considerada como um indicador fundamental de desempenho de conjuntos, uma vez que parte-se da premissa de que a qualidade essencial das cidades está em cumprir a vocação de lugar de encontros e lugar das trocas sociais, ou seja, da interação social (por exemplo, MAGALHÃES, 2002; NETTO, 2006). Em outros termos, Alexander (1965) sustenta que as cidades devem cumprir a sua vocação de lugares de encontro e, neste sentido, o autor propõe que a organização física da cidade deve funcionar como mecanismo de sustentação de contatos humanos.

Estudos existentes (BASSO, 2001, entre outros) indicam a importância de fatores sociais como, por exemplo, a amizade entre vizinhos na satisfação das pessoas com o seu ambiente de moradia, pois as áreas com vizinhanças amigáveis tendem a ser aquelas com mais atividades nos espaços externos. Segundo Coelho (2009), a interação social com a vizinhança é um aspecto humano fundamental, complementar e indissociável no habitar. A interação social entre moradores também tem influência na percepção de segurança de certas áreas, sendo que grupos de baixa renda frequentemente dependem do senso de comunidade entre residentes para superar problemas de segurança (LAY, 1992), pois, como também argumenta Bauman (2009), para pessoas desprovidas de recursos econômicos, culturais ou sociais, a proteção só pode ser coletiva. Portanto, a difusão de espaços públicos abertos convidativos e acolhedores parece ser favorável à proteção coletiva.

A importância dos espaços públicos abertos em áreas residenciais enquanto possibilitadores da interação social é destacada por diversos autores (por exemplo, CARR et al., 1992; BASSO, 2001). Estudos indicam que os espaços abertos, em função da maneira como são configurados e de acordo com os elementos físicos presentes, podem promover o encontro e a permanência de indivíduos e, desta forma, influenciar o contato entre as pessoas, favorecendo ou desencorajando a interação (LAY, 1998; BASSO, 2001; GAMBIM, 2007). Mais especificamente, Gambim (2007) verificou que algumas variáveis espaciais parecem ter maior relevância, como a oportunidade de contato social passivo, a proximidade com os outros e os espaços apropriados para a interação. Cabe ressaltar que não se trata de



determinismo arquitetônico, pois a influência física sobre os relacionamentos sociais é limitada, uma vez que esta pode simular contatos iniciais entre seus usuários, mas não determina a intensidade ou a qualidade dos relacionamentos, que dependem, também, das características individuais das pessoas (MAGALHÃES, 2007).

Apesar de não terem sido realizados estudos conclusivos sobre a influência das características de implantação dos conjuntos no seu desempenho, o Ministério das Cidades, criado em 2003, passou a recomendar a implantação de conjuntos habitacionais menores e inseridos na malha urbana existente que, segundo Damásio (2006), tenderiam a afetar a apropriação do conjunto pelos moradores (sentimento de pertencimento) e, também, da aceitação do conjunto pelo bairro/ cidade (reconhecimento como parte integrante da cidade). Essa nova recomendação de tratar os conjuntos habitacionais de forma integrada com o entorno diverge da política habitacional do período do BNH, onde a implantação dos conjuntos, distante da área urbana consolidada, reduziu o custo das moradias, mas ampliou a distância física entre as classes sociais, contribuindo muito para segregação social (ver BONDUKI, 2004). Dessa forma, a população de baixa renda ficou afastada, distante da infraestrutura consolidada, ou seja, distante e “escondida”, frequentada e observada apenas por seus moradores de baixa renda, constituindo guetos socialmente excluídos do restante da cidade. Em outros termos, pode-se dizer que foi uma forma de minimizar a visibilidade para esconder as diferenças.

### **1.2.3 A segregação do espaço urbano e a habitação social**

A segregação do espaço urbano aparece como uma consequência negativa de espaços onde não há interação social. Essa questão parece estar diretamente ligada às características de implantação de conjuntos habitacionais (configuração e localização), uma vez que a segregação pode estar relacionada à distância geométrica (localização) ou à distância topológica (configuração). Segundo a literatura (por exemplo, MARICATO, 2008) o processo de diferenciação social e espacial que caracteriza a urbanização das cidades brasileiras é marcado pela forte segregação e segmentação do espaço urbano em função dos grupos sociais. Nesse sentido, Villaça (2001) argumenta que basta uma volta pela cidade – e nem precisa ser uma metrópole – para constatar a diferenciação entre os bairros, tanto no que diz respeito ao perfil da população, quanto às características urbanísticas, de infraestrutura, de conservação dos espaços e equipamentos públicos, evidenciando, assim, a segregação no espaço urbano.

Segundo Villaça (2001), a segregação deriva de uma luta ou disputa por localizações, ou seja, da conveniente implantação dentro da cidade. É um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjuntos de bairros, às vezes gerando uma concentração significativa de camadas de baixa renda em regiões específicas. O mais conhecido padrão de segregação da metrópole brasileira é o da relação centro *versus* periferia, onde o centro é dotado da maioria dos serviços urbanos, públicos e privados, e ocupado pelas classes de mais alta renda. A periferia, por sua vez, é subequipada e longínqua, ocupada predominantemente pelos excluídos. No entanto, é importante ressaltar que existem estudos (por exemplo, CASTELO, 2008) que tratam de padrões diferenciados de ocupação do espaço residencial que, de alguma maneira, são indisciplinas a uma ordem urbana hegemonicamente estabelecida - *fissuras urbanas*.

Dessa forma, o espaço atua como mecanismo de exclusão. A segregação urbana traz inúmeros problemas às cidades e o primeiro é, obviamente, a desigualdade em si (ver VILLAÇA, 2001). Camadas mais pobres da população, com menos recursos, são justamente as que gastam mais com o transporte diário, que têm mais problemas de saúde por conta da falta de infraestrutura, que são penalizadas por escolas de baixa qualidade, e assim por diante. A segregação é não apenas reflexo de uma condição social, mas um fator que contribui para tornar as diferenças ainda mais profundas. Além disso, a segregação tende a enfraquecer as relações sociais, o contato com o diferente e a tolerância. O autor argumenta ainda que a segregação torna a apropriação do espaço urbano diferenciada, aumentando a sensação de desigualdade e podendo contribuir para uma maior violência urbana.

A distribuição de residências no espaço urbano também produz uma diferenciação social, evidenciando uma estratificação urbana correspondente a um sistema de estratificação social. Quando a distância social tem forte expressão espacial ocorre a segregação urbana, como uma tendência de organização do espaço em zonas que tendem a ter forte homogeneidade social interna e de forte disparidade social entre elas (VILLAÇA, 2001; MARZULO, 2005). Essa agregação espacial de indivíduos socioeconomicamente similares é um passo relativamente lógico dentro do processo econômico de alocação da terra e produção do espaço, produzidos predominantemente pelas classes cujas possibilidades são compatíveis, mediado pelo preço do solo (por exemplo, HARVEY, 1973). Verifica-se que a tendência segregativa tende a ser atenuada nos bairros mais antigos das cidades, onde uma variedade de tipos residenciais – apartamentos de tamanhos diversos, casas novas e casas antigas – misturam-se, muitas vezes, ao longo da mesma rua, produzindo uma maior variedade de

população em termos de suas características socioeconômicas. Entretanto, esse diversificado grupo social, por mais abrangente que seja, geralmente não inclui a população urbana de renda mais baixa (ou mesmo aquela sem renda), pois os conjuntos habitacionais produzidos pelo poder público são, normalmente, implantados nas periferias das cidades, sem relação com o contexto urbano em que se inserem (ver JACOBS, 2000).

#### **1.2.4 Delimitação do problema**

Com a revisão da legislação existente, sabe-se que, com a aprovação do Estatuto das Cidades, Lei Federal nº. 10257/2001, os planos diretores podem incorporar a questão da moradia enquanto política urbana e incluir os instrumentos de gestão urbana estabelecidos pelo Estatuto, como forma de realizar a reforma urbana. Através destes instrumentos é possível identificar áreas especiais de interesse social destinadas à habitação, controlando o preço da terra urbana e permitindo que a população de baixa renda venha a se estabelecer em locais urbanizados, com infraestrutura adequada para garantir o acesso à cidade e todos os serviços básicos de que precisa (DAMÁSIO, 2006). Desta forma, as intervenções em habitação de interesse social passam a ser encaradas como um benefício para a cidade e, neste caso, o objetivo seria de atender aos anseios não só da população diretamente beneficiada, mas, de toda a coletividade. Neste sentido, além da importância da apropriação do conjunto pelos moradores, é salientada a importância do reconhecimento do conjunto pelo bairro/cidade (a inserção do conjunto no bairro e na cidade), pois, segundo Magalhães (2002), não se trata apenas do direito à moradia e sim do direito à cidade.

Os estudos realizados indicam que muitos dos fatores que afetam o desempenho de conjuntos habitacionais são relacionados a aspectos de projeto que poderiam ter sido adequadamente incorporados no projeto original, desde que os vários aspectos ligados à percepção dos moradores e ao uso dos espaços fossem respeitados e levados em consideração (por exemplo, LAY, 1998; LAY e REIS, 2002; LAY e REIS, 2005). Acredita-se que o conhecimento obtido através do aprendizado sobre as experiências dos moradores e da identificação daqueles fatores de projeto e atributos ambientais mais prováveis de serem percebidos como afetando positiva ou negativamente as atitudes e comportamento dos indivíduos, podem ter aplicação direta em intervenções físicas, na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais e na possibilidade de integração entre conjuntos habitacionais e seus respectivos entornos (por exemplo, LAY e REIS, 2005).

O problema de investigação surge da constatação de diversos estudos existentes sobre a baixa qualidade e desempenho de conjuntos habitacionais de interesse social implementados pelo poder público e a falta de integração entre os conjuntos e seus respectivos entornos. Entende-se que, por tratar-se da necessidade de otimização dos espaços e recursos públicos, é imprescindível que os projetos dos conjuntos habitacionais de interesse social tenham o foco no usuário, para que se produzam espaços mais qualificados e adequados às suas necessidades. Assim, afetariam de forma positiva a interação social entre os moradores do conjunto e entre os moradores do conjunto com o entorno imediato e com a cidade, trazendo implicações importantes nas relações de integração e no nível de satisfação dos moradores.

Existe atualmente uma retomada da produção da habitação de interesse social pelo Ministério das Cidades e, também, uma intenção do Governo Federal, manifestada no discurso de posse da presidente Dilma Rousseff, de implementar uma nova política habitacional que, segundo a presidente, não existe desde a extinção do BNH. Dentro deste contexto, acredita-se que informações oriundas das avaliações de desempenho do estoque habitacional produzido podem ser incorporadas em novos projetos, como forma de evitar que os problemas já identificados sejam replicados. Muitos estudos foram realizados com esse mesmo objetivo e indicam que as características de implantação de conjuntos habitacionais implementados pelo BNH, entre outros problemas identificados, podem ter afetado negativamente o desempenho dos conjuntos, enquanto facilitador ou inibidor da interação social. No entanto, existem poucos estudos sobre as características de implantação e sua relação com a interação social. Dessa forma, este estudo pretende explorar, com maior profundidade, aspectos relativos às características de implantação (dimensão, configuração e localização) de conjuntos habitacionais que podem estar afetando mais diretamente a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

### **1.3 Objetivos**

A partir de um estudo de caso, este trabalho busca compreender de que maneira a implantação de conjuntos habitacionais, no tocante a dimensão, configuração e localização, afeta a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Será adotada uma abordagem perceptiva que utiliza a satisfação do usuário e o comportamento ambiental como indicadores de desempenho do conjunto e de interação social.

Ainda, será verificado se as características fisioespaciais dos espaços públicos abertos e as características socioeconômicas dos moradores dos conjuntos e seus respectivos entornos estariam afetando a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Desta forma, pretende fornecer subsídios teóricos que contribuam para a implantação de conjuntos habitacionais que propiciem, de uma forma mais adequada, a interação social.

#### **1.4 Estrutura e conteúdo do trabalho**

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos. Neste primeiro, foi estabelecida a fundamentação a partir da qual surgiu esta pesquisa e o tema abordado. O problema de pesquisa é delimitado e os objetivos que norteiam o trabalho são explicitados, assim como é apresentada a estrutura e o conteúdo da dissertação.

O segundo capítulo estabelece a base teórico-conceitual do trabalho, obtida através da revisão da literatura. São identificados os fatores que afetam a interação social em conjuntos habitacionais, apresentados os conceitos suporte para entender a interação social no ambiente urbano e as características de implantação de conjuntos habitacionais. Ainda, são apontadas as características fisioespaciais dos espaços públicos abertos e as características socioeconômicas dos moradores que podem afetar o tipo e a intensidade de uso dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, a interação social entre os moradores nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos, de modo a ter maior clareza do problema e se certificar que os resultados relativos à influência das características de implantação dos conjuntos na interação social não sejam mascarados por elas.

O terceiro capítulo sintetiza o problema de pesquisa, os objetivos e as hipóteses, apresenta a definição do estudo de caso e os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Faz, também, uma breve caracterização das áreas de estudo (conjuntos habitacionais e seus respectivos entornos), além de apresentar os métodos de coleta e análise de dados.

O quarto capítulo traz a análise do desempenho de cada área de estudo, analisa e discute os resultados obtidos na pesquisa, segundo os múltiplos métodos utilizados. Através dos resultados, é verificada a sustentação ou não das hipóteses propostas.

O quinto capítulo contempla a conclusão do trabalho. São revistos os objetivos e os principais resultados obtidos na dissertação, bem como são estabelecidas a relevância e as implicações deste estudo para a compreensão da problemática aqui abordada, tanto no nível teórico-científico como para as práticas das políticas urbanas.

## **2 FATORES QUE AFETAM A INTERAÇÃO SOCIAL EM CONJUNTOS HABITACIONAIS**

### **2.1 Introdução**

No capítulo anterior constatou-se a importância da compreensão do processo de interação social para o desempenho de conjuntos habitacionais de interesse social, em termos da apropriação do conjunto pelos moradores e sentimento de pertencimento (relação interna) e da aceitação do conjunto pelo bairro/ cidade, fazendo com que se sintam reconhecidos como parte integrante da cidade (relação externa). Essa constatação atesta a necessidade de estudos sobre as características de implantação de conjuntos habitacionais e sua influência na interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

Neste capítulo, são identificados os fatores que afetam a interação social em conjuntos habitacionais, são revisados alguns conceitos para a compreensão da interação social e os aspectos relacionados às características de implantação de conjuntos habitacionais. Também são identificadas as características físicoespaciais do ambiente, assim como as características socioeconômicas dos moradores que, conforme a literatura, também podem afetar o tipo e a intensidade de uso dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus respectivos entornos.

### **2.2 Aspectos relacionados à interação social**

A interação social trata da comunicação entre os indivíduos através da fala, de sons e de contatos, que podem ser manifestados sob as diversas formas de comportamento humano e de atitudes em relação ao meio (LANG, 1987). A interação, que implica relacionamento, se constitui de um movimento cíclico de ação e reação, que serve para atender necessidades funcionais e afetivas dos indivíduos. Ela compreende um mecanismo de comunicação a partir da definição de um sistema social, caracterizado por indivíduos com valores e objetivos comuns e por um ambiente físico adequado às atitudes e aos padrões de comportamento existentes (GEHL, 1987; GAMBIM, 2007). Assim, para existirem interações sociais nos espaços públicos também é importante existir um denominador comum entre as pessoas: interesses em comum, um passado em comum ou problemas em comum, onde os indivíduos estejam conscientes dessa 'unidade' (por exemplo, BASSO, 2001; FRÚGOLI, 2007). Frúgoli

(2007) trata da sociedade como a modalidade de interação entre indivíduos, tanto do processo geral como dos processos particulares de associação, pois a sociedade não é composta apenas por indivíduos e, sim, por indivíduos em interação.

Estudos têm buscado estabelecer uma relação entre os componentes da interação social, as características fisicoespaciais do ambiente e as características socioeconômicas dos moradores, numa tentativa de quantificar a interação e verificar a influência desses aspectos quanto à existência, favorecimento ou diminuição das relações humanas. Por exemplo, os resultados obtidos por Kim & Kaplan (2004) e Gambim (2007) indicam que a interação social na vizinhança está relacionada às oportunidades de contato social formal e informal pelas quais moradores podem desempenhar com qualidade os seus relacionamentos.

Desta forma, considera-se que a dimensão espacial é central no modo de pensar e agir humano, sendo o comportamento dependente de uma localização geográfica precisa e significando que a interação social entre grupos está, necessariamente, referenciada a um entorno específico (ver GAMBIM, 2007). Além disso, a dimensão espacial parece ser inseparável dos significados que o ambiente construído pode assumir para o comportamento humano. Portanto, as relações sociais manifestadas no espaço são dependentes de estímulos sociais e consequentes respostas, num processo contínuo que envolve, pelo menos, dois indivíduos. Em outros termos, a interação social aparece como resultado de um conjunto de ideias, condições físicas e simbólicas, possibilitando e expressando encontros e confrontos, ambos expressivos de representações sociais (EGLER, 2000).

Segundo Keller (1979 apud RIGATTI, 1995), o tipo de relação de vizinhança que encontramos numa área refletirá, normalmente, os conceitos que ali prevalecem sobre o que se espera que seja ou faça um bom vizinho. Para a autora, um bom vizinho não é necessariamente uma pessoa amistosa ou agradável, mas aquela que se conforma com as expectativas do papel do vizinho e que reconhece o senso comum. Isto é, o vizinho seria um estranho que está próximo e defende interesses que, em parte, são somente seus e, em parte, são divididos com seus vizinhos. Keller (1979 apud RIGATTI, 1995) acrescenta que, dentre as funções das relações de vizinhança, destacam-se as que dizem respeito às condições de reprodução das práticas sociais. Segundo a autora, uma dessas funções é o exercício do controle social recíproco para auxiliar a manter as pautas comuns e a comunicação compartilhada, o que permite a criação e a manutenção das normas sociais de conduta e dos valores corretos.

Basso (2001) constatou que as redes de relações de vizinhança dependem, para sua existência, da predisposição das pessoas que ali vivem e também da percepção dos moradores de que existem oportunidades para tal, ou seja, da imagem sobre o bairro. Quando a imagem é de uma comunidade completa, grande número de atividades – morar, comprar, lazer, trabalhar – acontecem a nível local. Nesse sentido, Proshansky, Ittelson & Rivlin (1970 in GANS, 1976) sustentam que a homogeneidade parece ser mais importante do que a proximidade na função de criar intensas relações entre os indivíduos. A tendência é que, os vizinhos que possuem uma homogeneidade de características de definição de grupo, poderiam tornar-se amigos, uma vez que a heterogeneidade parece propiciar um distanciamento maior entre os indivíduos, reduzindo o contato e suas relações comunitárias a uma vizinhança apenas no aspecto físico. Dessa forma, a homogeneidade de grupos contribui para um maior sentido de comunidade, influenciando as relações sociais e o sentimento de coesão.

### **2.2.1 Imagem e desempenho ambiental**

O campo da percepção ambiental, no qual esta pesquisa baseia-se, tem como uma de suas premissas que é possível entender melhor as ações, as necessidades e as aspirações dos indivíduos em relação ao ambiente construído a partir do conhecimento sobre como a imagem mental é concebida (GOLLEDGE e MOORE, 1976). Nesse sentido, entender como o espaço é assimilado pelos indivíduos que o habitam parece ser fundamental para reconhecer como os elementos influenciam a vida cotidiana do indivíduo e a que atitudes e comportamentos correspondem, conforme verificou Gambim (2007).

A criação da imagem ambiental é baseada no que é visto da forma exterior e do modo como é interpretado, ou seja, resulta de um processo de percepção e cognição do ambiente (LYNCH, 1980). A percepção ambiental é um processo de apreensão ou captação sensorial direta dos atributos ambientais presentes no ambiente físico, que fornecem as bases do conhecimento, sendo fundamental para o funcionamento do indivíduo, para que ele possa se orientar e se informar das atividades do ambiente (APPLEYARD, 1970 apud LAY, 1992). Já a cognição ambiental refere-se a processos de armazenagem, organização e uso destas informações ambientais percebidas (LANG, 1987; LAY, 1992). A natureza deste processo de percepção e cognição é dinâmica, não estática, ou seja, é resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. Nela estão envolvidas, além de atributos físicos do ambiente, a experiência prévia do observador, suas concepções e expectativas, construídas e modificadas no tempo (LYNCH, 1980). Portanto, ambos os processos – percepção e cognição – são necessários para que os indivíduos elaborem uma imagem ambiental.



O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objetivos próprios – seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê (LYNCH, 1980). A imagem, agora assim desenvolvida, limita e dá ênfase ao que é visto, enquanto a própria imagem é posta à prova contra a capacidade de registro perceptual, num processo de constante interação. Por isso, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores. Conseqüentemente, grupos diferentes podem ter imagens essencialmente diferentes da mesma realidade exterior, todavia, as pessoas se valem da organização de imagens para estabelecer e pontuar sua identidade (LYNCH, 1980; RAPOPORT, 1978). Segundo Lynch (1980), na medida em que a imagem se torna familiar a um grupo de indivíduos, favorece a criação de um senso de coerência e de identidade do lugar, desempenhando, além da função de orientação e organização das atividades que acontecem, um papel social que permite, através da identificação e associação de sinais comuns, a unificação de um grupo e a comunicação de seus membros. Assim, a paisagem funciona como um sistema vasto de memórias e símbolos para a retenção das ideias e da história do grupo.

O trabalho pioneiro de Lynch (1980), desenvolvido na década de 60, traz conceitos utilizados até hoje. Segundo o autor, a imagem de um lugar é caracterizada por três aspectos indissociáveis, cada um com funções específicas: identidade, estrutura e significado. A identidade implica no reconhecimento de um lugar e sua diferenciação dos demais, o que permite ao lugar ser identificado como único. A estrutura trata da forma do lugar, sua coerência e das suas relações com os espaços adjacentes. Por último, o significado trata do sentido funcional ou afetivo que o lugar adquire para o observador, ou seja, da conexão da pessoa com o lugar através de ligações de ordem prática e emocional. A qualidade destes componentes facilitaria ou dificultaria o processo de elaboração da imagem ambiental e a avaliação dessa imagem influenciaria os padrões de comportamento, como também confirma Lay (1995), entre outros.

Dos cinco elementos básicos (vias, limites, bairros, cruzamentos e marcos) que estruturam a imagem ambiental das cidades identificados por Lynch (1980), as vias (caminhos ou percursos) incluem o sistema viário em geral (ruas, alamedas, canais e ferrovias) e são os elementos que predominam na imagem, pois muitas pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam, sendo, ainda, elemento de organização e relação entre os demais elementos. Os limites (barreiras físicas) tratam das bordas entre tecidos diversos, que são importantes, sobretudo, em seu papel de conferir unidade a trechos urbanos, podendo ser barreiras mais ou

menos penetráveis que mantêm uma região isolada das outras ou ser costuras, linhas ao longo das quais regiões se encontram e se relacionam. Os bairros são regiões urbanas com características próprias, ou seja, partes da cidade com um caráter homogêneo, em que o observador penetra mentalmente e que reconhece como tendo algo em comum e de identificável. Cruzamentos podem ser essencialmente junções de ruas, locais onde há inflexão de trajetos ou mudanças de tecidos. E marcos (elementos marcantes) são pontos de referência por se destacarem tipologicamente na paisagem, por uma especialidade de uso ou por representarem um valor simbólico para a população, pelo contraste, distinção ou evidência; são os elementos “externos”, onde o observador não entra. Estudos posteriores confirmaram a estabilidade destes cinco elementos estruturadores da imagem da cidade, entre diversas populações e lugares, apesar de existirem, dependendo do contexto sociocultural e físico, variações na proeminência dos elementos (NASAR, 1998; BASSO, 2001).

Lynch (1980) trata da qualidade visual de cidades americanas e concentra-se na qualidade visual considerada a principal qualidade urbana: a aparente clareza ou *legibilidade* da paisagem citadina, ou seja, “a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa imagem coerente”. Essa imagem seria aquela onde os elementos básicos (vias, limites, bairros, cruzamentos e marcos) são facilmente identificáveis e integráveis dentro de um esquema global, isto é, existe a noção de conjunto. Segundo o autor, uma boa imagem ambiental dá a seu possuidor um importante senso de segurança emocional, podendo estabelecer uma relação harmoniosa entre si e o mundo exterior, favorecendo, dessa forma, o sentimento de pertencimento e a familiaridade com o lugar. Marsh (1973 apud RAPOPORT, 1978) complementa que o ambiente legível e estável permite, também, identificar e aceitar melhor os estranhos. Deste conceito foi desenvolvido o conceito de *imageabilidade*, como o grau de facilidade com que o ambiente evoca uma imagem forte em qualquer observador, ou seja, a capacidade de uma imagem ser forte o suficiente para “saltar fora” e impor-se na percepção e na memória do observador. A este conceito, o autor relacionou o trabalho de Stern, que discutiu este atributo como aparência (STERN, 1915 apud LYNCH, 1980).

Estudos realizados por Lay (1992) confirmaram que a percepção de aparência visual é intrínseco ao processo de construção da imagem descrito por Lynch, e que o seu componente, físico ou simbólico, tem um importante papel em facilitar ou inibir a criação de uma imagem coletiva positiva do lugar, afetando a avaliação do usuário sobre o ambiente residencial, tornando esse ambiente construído mais ou menos atraente e fácil de compreender e usar, portanto, afetando também a legibilidade. Dessa forma, a aparência visual não parece estar

associada a qualidades exclusivamente formais de projeto, pois mesmo que os elementos arquitetônicos estejam relacionados de maneira a caracterizar uma estrutura compositiva, podem não ser suficientes para garantir a criação de uma aparência positiva.

Completando o conceito de imagem ambiental, Stokols e Schumaker (1982 apud BONES e SECCHIAROLI, 1995) investigaram a *imageabilidade social* de um lugar, como a capacidade de “evocar significados sociais vividos e coletivamente compartilhados entre os ocupantes e usuários de um lugar”, mostrando que significado, definido por Lynch (1980) como conexão através de ligações práticas ou emocionais, também tem influência na moldagem do comportamento ambiental. Para Michaelson (1976 apud NASAR, 1998) os significados e imagens ambientais são, de maneira geral, compartilhados por grupos ou indivíduos de culturas ou características econômicas similares.

Os aspectos considerados na formação da imagem ambiental influenciam, portanto, na avaliação de desempenho do ambiente e na adoção de comportamentos neste ambiente. De acordo com Marans e Fly (1981 apud LAY, 1992), a avaliação ambiental e, logo, o uso, dependeria de quatro fatores: a) das características dos indivíduos, principalmente nível socioeconômico e ciclo de vida; b) das oportunidades à disposição dos indivíduos; c) das percepções de atributos ambientais que influenciem a intensidade de uso dos espaços, como percepções de densidades ou de segurança; e d) de fatores físicos disponíveis no ambiente. A estes fatores devemos acrescentar, de acordo com Lynch (1980), as percepções de conteúdo simbólico dos ambientes, que lhe conferem significado.

Dessa forma, a avaliação de desempenho ambiental pode ser efetuada a partir das respostas – afetivas ou comportamentais – dos usuários, que podem ser medidas através dos critérios de desempenho ‘nível de satisfação do usuário’ e ‘comportamento’ (LAY e REIS, 2005a). É na utilização de conceitos relacionados à satisfação e ao comportamento do usuário, como base de avaliação, que se torna possível identificar elementos de desenho urbano e características ambientais que significativamente afetam a vida das pessoas em um dado lugar (LAY e REIS, 1993). Neste trabalho, a satisfação do usuário e o seu comportamento no espaço (interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação do conjunto com o entorno imediato e com a cidade) serão adotados para medir o desempenho do ambiente construído, enquanto facilitador ou inibidor da interação social. O comportamento ambiental indica, simultaneamente, de modo observável e mensurável, as percepções, atitudes e avaliações dos usuários com relação àquele ambiente (LAY, 1995). Com isso, espera-se

verificar a capacidade do ambiente produzido em conjuntos habitacionais em corresponder às necessidades de interação social dos moradores.

### **2.2.2 Apropriação e dinâmica social**

Conforme os argumentos apresentados acima, a avaliação da imagem percebida pelo residente afeta e reflete seus sentimentos de autoestima, sua posição social na comunidade, o relacionamento com os vizinhos e a sensação de pertencer e identificar-se com o lugar em que vive, sensações consideradas necessárias para a satisfação ambiental, que afetam a apropriação e o comportamento espacial.

Sabe-se que através das manifestações comportamentais, ocorre a apropriação dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, da cidade (CARR et al.,1992). Segundo Netto (2009), a noção de apropriação é importante para revelar a cidade como não disponível para todos os seus habitantes da mesma maneira e intensidade, no sentido que revela características intrínsecas da dinâmica social urbana que limitam ou facilitam o uso dos espaços para um indivíduo e não para outro e, portanto, alteram as possibilidades de interação social. Assim, os padrões de apropriação têm relação com as formas de ‘atuar no espaço’ socialmente e estão intimamente ligados à mobilidade e à capacidade de desempenhar atividades na cidade, podendo ter efeito sobre as possibilidades de copresença e interação social potencial (VILLAÇA, 2001; NETTO, PASCHOALINO e PINHEIRO, 2010).

Estudos empíricos (por exemplo, HOLANDA, 2002; BASSO, 2001; GAMBIM, 2007; NETTO, PASCHOALINO e PINHEIRO, 2010) mostram que o padrão de movimentação das classes de baixa renda envolve uma área considerável de apropriação através do movimento do pedestre, viabilizando bons níveis de encontro potencial no entorno à residência, parada de ônibus e locais de consumo, ou seja, o padrão de movimentação desses grupos está mais intimamente relacionado aos espaços públicos próximos às suas residências, no que tange a lugares para interagir e criar laços. Dessa forma, a quantidade de movimento de pedestres pode proporcionar muitos encontros na vizinhança em locais de atividade em torno da residência, onde o próprio espaço público torna-se cenário de práticas e interações sociais. Esses estudos observam que as atividades localizadas próximas ao local de trabalho podem aumentar esse raio de apropriação, ainda que relacionem essas atividades aos tempos e rotinas do trabalho. O transporte público e a crescente propriedade de veículos automotores permitem trajetos mais amplos e complexos de deslocamento na estrutura cidadina. Entretanto, como a mobilidade é limitada por capacidade financeira, há, ainda, uma tendência de apropriação

local, em que o raio de ação do movimento do pedestre é determinante. Isto é, nos grupos sociais de menor mobilidade, a recursividade dos encontros parece ser dependente da proximidade espacial.

Ante o exposto, verifica-se que a apropriação implica nas possibilidades de interação social definidas pela organização física do espaço e pelo estilo de vida dos usuários, ou seja, o espaço físico permite prever comportamentos e atividades possíveis, expressando, também, como as pessoas se utilizam dele. Portanto, o estudo do comportamento espacial tem particular importância quanto à definição de relações de proximidade entre as pessoas e quanto ao tipo de mensagens que emergem na definição de limites geográficos (BONNES & SECCHIAROLI, 1995). Appleyard (1979 apud TAYLOR, 1988) complementa que as manifestações quanto ao desejo de interação e quanto à necessidade de privacidade e segurança no ambiente construído, expressas através dos meios utilizados para demarcar o território, variam de acordo com os grupos sociais.

A privacidade também é um mecanismo que interfere na interação entre as pessoas e, embora possam existir discordâncias na definição de privacidade, Gambim (2007) salienta que é comum o entendimento de que trata da habilidade de indivíduos ou grupos de controlar suas interações. O estudo realizado pela autora confirma que a satisfação de privacidade é uma necessidade universal que atende a indivíduos e grupos, interligando aspectos da identidade pessoal e do grupo e servindo para o gerenciamento da interação social, além de contribuir para o encontro de outras necessidades humanas, tais como segurança, conexão com um grupo ou lugar e autoestima.

Dentre os aspectos que facilitam a regulação da privacidade, Gambim (2007) trata de territorialidade, cuja definição está ligada à organização do espaço físico e implica numa área geográfica personalizada e marcada, de forma a permitir seu controle por parte dos indivíduos. Nesse sentido, a autora argumenta que o funcionamento territorial é um dos processos que permitem definir os níveis de privacidade desejados a partir das relações com a movimentação de estranhos numa área delimitada. Assim, o conceito de comportamento territorial ou territorialidade é fundamental na compreensão do comportamento humano e da sua relação com o espaço, pois é um mecanismo de regulação de limites que trata da comunicação de uma pessoa ou de um grupo (LANG, 1987). Segundo Taylor (1988), os fatores que influenciam o comportamento territorial são culturais, sociais, individuais e físicos, e modelam o significado ou a imagem de um lugar, a partir das definições e sentimentos dos indivíduos, do grupo em relação ao espaço e entre grupos.

Outra importante questão a ser destacada em relação à dinâmica social é a relação de vizinhança. Keller (1979 apud RIGATTI, 1995) argumenta que o papel do vizinho se encaixa numa rede de papéis sociais e sua explicação depende da natureza da estrutura social que inclui: a densidade populacional; a distância entre as unidades de habitação; o nível econômico dos habitantes; o grau de cooperação solicitado ou permitido entre os residentes e a confiança geral que os indivíduos colocam nos “não-parentes”. A autora verificou que as atividades de vizinhança e as ocasiões para realizá-las dão lugar a uma quantidade de relações ou laços mais ou menos fortes entre os vizinhos: as relações entre vizinhos oscilariam entre a abertura e a reserva; entre a intimidade e o distanciamento, tornando-se necessário evitar tanto a excessiva intimidade como o excesso de discussão.

Nesse sentido, Souza (2005) chama a atenção sobre a importância da existência de espaços públicos que se ofereçam como esferas neutras, onde as pessoas possam se encontrar e estabelecer trocas mantendo um nível confortável de distanciamento entre elas. O autor salienta que as relações de cordialidade necessitam ser mantidas a uma distância confortável e suficiente para satisfazer as necessidades de troca cotidiana com o outro, sem penetrar na sua esfera privada e evitando absorver carga emocional mais profunda. Segundo Jacobs (2000), o resultado mais comum nas cidades, onde as pessoas se vêem diante da opção de compartilhar muito ou nada, é o nada, isto é, em lugares que carecem de uma vida pública natural e informal, seria comum os moradores manterem um isolamento em relação aos outros, sendo que a formação de inimizades poderia ser mais dependente da proximidade física decorrente de altas densidades (GAMBIM, 2007).

### **2.2.3 Dimensão espacial nas relações sociais**

Como visto anteriormente, espaços com uma imagem ambiental que afeta positivamente a apropriação e o comportamento espacial contribuem para a interação social entre os moradores. Esses espaços que favorecem a interação social são dotados de qualidades espaciais que vem sendo exploradas desde 1961 por Jacobs (ver JACOBS, 2000). A partir do trabalho desta autora, foram desenvolvidos alguns conceitos, por exemplo, o de *urbanidade*, desenvolvido por Holanda (2002). O conceito de urbanidade tem sido discutido e redefinido por diversos autores (por exemplo, AGUIAR, 2010; FIGUEIREDO, 2010; GONÇALVES, 2010; MORAIS, 2010; NETTO, 2010). No entanto, parece ser comum o entendimento de que se trata de qualidades espaciais que podem favorecer as interações que envolvem certa intensidade de contatos e interações entre pessoas nos espaços urbanos.

Em complemento, Figueiredo (2010) argumenta que urbanidade, numa definição mais restrita, acontece quando o ambiente construído e suas estruturas auxiliares (por exemplo, sistemas de transporte) permitem ou mesmo potencializam encontros e a copresença entre pessoas de classes ou estilos de vida distintos em espaços legitimamente públicos, dentro de um sistema probabilístico no qual essas pessoas, em suas rotinas, tendem a usar ou passar pelos mesmos lugares. Gonçalves (2010) salienta a inexistência de métodos que possibilitem estabelecer relações diretas entre configuração urbana e urbanidade, mas, neste estudo, parte-se do pressuposto de que certas estruturas urbanas podem estimular ou desestimular a ocorrência de interação social mais intensa, ou seja, condições que podem ou não gerar urbanidade. Assim, a partir dos autores citados acima, é possível listar algumas dessas condições:

- a) densidade populacional: densidades maiores seriam, por razões óbvias, associadas a maior número de interações. Por outro lado, estudos (por exemplo, GAMBIM, 2007; GONÇALVES, 2010) indicam que altas densidades podem, ao contrário, atuar como obstáculo à interação social, especialmente quando associadas ao aumento na taxa de criminalidade, que podem gerar medo de contatos interpessoais.
- b) interface entre espaços públicos e privados: maior permeabilidade entre espaços públicos e privados, com grande interface entre eles (constituição ou conexões funcionais), ou seja, espaços privados que se conectam diretamente a espaços públicos favorecem maior movimentação de pessoas e interação entre elas. Essa questão é bastante explorada por Holanda (2002) e equivale aos “olhos nas ruas” de Jacobs (2000), que também podem auxiliar na percepção de segurança.
- c) diversidade urbana: variedade de usos, de atividades, de formas construídas, de classes sociais e estilos de vida distintos, coexistindo no mesmo espaço. Por exemplo, a combinação de residências com atividades de trabalho e lazer, proporciona maior diversidade e pode garantir a presença de pessoas nas ruas por diferentes propósitos e em diferentes horários.
- d) vitalidade: qualidade dos espaços que possibilitam uma concentração mínima de pessoas interagindo nos espaços urbanos. Segundo Jacobs (2000), áreas monofuncionais, espaços residuais, calçadas problemáticas, quarteirões longo demais e falta de definição entre espaços públicos e privados, por exemplo, não favorecem a vitalidade e, em certos casos, até desestimulam a circulação das pessoas pelos espaços públicos e os contatos entre elas.

e) distâncias intraurbanas: menores distâncias podem ser associadas à maior intensidade de interação entre pessoas, pois são, frequentemente, associadas a uma maior pré-disposição das pessoas a realizarem os trajetos a pé, o que pode aumentar a chance de contatos. Por outro lado, assentamentos com grandes distâncias intraurbanas favorecem os deslocamentos por meios motorizados, dificultando contatos e interações diretas entre as pessoas.

Por outro lado, estruturas urbanas e espaços que não apresentam essas condições listadas acima, assim como os espaços com uma imagem ambiental que afeta negativamente a apropriação e o comportamento espacial, podem dificultar ou desestimular a interação social entre os moradores e, portanto, gerar segregação, que surge como consequência negativa da falta de interação social. Jacobs (2000) considera a segregação como o mais grave problema social norte-americano, que estaria relacionado ao contato público ou a ausência dele. Isso dá ideia da dimensão que a autora atribuía aos valores cívicos decorrentes da interação propiciada pela vida urbana. Sem idealizar as possibilidades urbanísticas, mas igualmente sem menosprezá-las, a autora entende que “é difícil superar a discriminação onde não se possa manter uma vida pública civilizada sobre uma base pública fundamentalmente digna”.

A ideia de um processo de segregação traz a noção de subprocessos econômicos, os quais são naturalmente produzidos na sociedade brasileira. Netto (1999) menciona algumas abordagens da Sociologia que consideram a segregação como fragmentação social em áreas homogêneas, ou seja, a segregação promoveria a formação de áreas homogêneas internas à cidade ou periféricas. Dessa forma, a distância social ocorre em decorrência da ocupação social homogênea de áreas específicas por grupos específicos. No entanto, Netto (1999) chama a atenção que essa é uma visão estática do problema e sustenta que a segregação também é um fenômeno dinâmico, que molda as relações sociais entre os grupos, impondo a distância social e a invisibilidade do diferente. Frúgoli (2007) reforça o peso da dimensão espacial nas relações sociais e diz que os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Em outros termos, Villaça (2001) coloca que a ideia de segregação pode estar eventualmente comprometida com a ideia de homogeneidade total e também com a ideia de ‘estado’, ou seja, uma ideia estática e não de processo.

Para Netto (2010), a segregação é a radicalização do processo de diferenciação, observada em certas cidades e sociedades, na forma de restrições da interação entre os diferentes. Netto, Paschoalino e Pinheiro (2010) acrescentam que a questão da exclusão social é, geralmente, associada à segregação e definem como restrições que o lugar impõe ao



contato, comunicação e relações sociais, ou seja, limites à interação social. Os autores ainda argumentam que encontros espaço-temporais estruturam as redes sociais, de maneira que similaridades e diferenças nas práticas urbanas cotidianas constituam sociabilidades internamente coesas e externamente dissociadas – processos que são o próprio reflexo da segregação dinâmica. Se radicalizada a distinção entre essas práticas corporais de sociabilidade, a cidade deixaria de cumprir o seu papel histórico fundamental, ou seja, deixaria de ser um espaço de geração de interações e encontros potenciais entre grupos ou classes sociais distintos – interações que assegurariam a coexistência.

Portanto, neste trabalho será analisado como ocorre a apropriação dos espaços públicos abertos e o comportamento espacial através da identificação, marcação e controle de território, como os conjuntos se relacionam (ou não) com o seu entorno e se estas relações se apresentam enquanto facilitadoras ou inibidoras da interação social.

## **2.3 Características da implantação de conjuntos habitacionais**

### **2.3.1 Aspectos relacionados à dimensão do conjunto**

A dimensão do conjunto habitacional está diretamente ligada à característica predominante da política habitacional gerenciada pelo BNH, que era a busca da eficácia quantitativa, voltada para a produção em série e em grande escala (por exemplo, VALLADARES, 1978; LAY, 1992; BONDUKI, 2004). Atualmente, numa tentativa de repensar os modelos tradicionais de políticas públicas, o Ministério das Cidades, através da política nacional de habitação, tem tentado evitar a implantação de conjuntos habitacionais de grande porte situados fora das áreas urbanas, pois estes aumentam os problemas e as dificuldades para os moradores, que ficam isolados e distantes do centro da cidade. Ainda, o Ministério das Cidades tem chamado a atenção que pequenos e médios empreendimentos podem garantir uma localização mais adequada, por estarem inseridos na área urbana consolidada, seguindo uma tendência de aproveitamento dos vazios urbanos, para densificar áreas pouco ocupadas, estimular a diversidade e a movimentação da economia, além de desacelerar a expansão urbana (ver DAMÁSIO, 2006; MINISTÉRIO, 2010).

Destaca-se que o governo federal criou, na última década, um programa onde também foram implantadas unidades pulverizadas inseridas na malha urbana, diferentemente dos conjuntos habitacionais até então produzidos. Trata-se do Programa Minha Casa, que foi realizado em parceria com estados, municípios e empresas e antecede o programa “Minha Casa Minha Vida”, da Caixa Econômica Federal, ora em extensiva implantação. No entanto,

ressalta-se que esse programa ainda não teve seu desempenho avaliado. No momento, estão sendo realizados estudos (por exemplo, OLIVEIRA e LAY, 2010) para verificar o seu impacto e medir a influência da quantidade de unidades habitacionais implantadas em cada núcleo no comportamento ambiental dos moradores, condicionado pela implantação isolada ou em grupo e pela dimensão dos conjuntos habitacionais, na avaliação de desempenho da habitação social (dispersa e concentrada) pelos moradores.

A literatura destaca experiências positivas na habitação de interesse social portuguesa, onde conjuntos habitacionais foram implantados visando à integração urbana, com intervenções facilmente assimiladas devido à sua pequena dimensão e qualidade arquitetônica (COELHO, 2009). Essa experiência se mostrou fundamental para a habitação de interesse social e garantiu a diversidade das misturas socioculturais, associada, em boa parte, a essa estratégia de intervenção. Para o autor, trata-se de fazer habitação de interesse social com qualidade de desenho e em pequena escala para que tais intervenções sejam de interesse social para os seus habitantes e, simultaneamente, para que a cidade mantenha ou recupere, também, o seu interesse social. O autor ainda ressalta que o pequeno porte dos conjuntos favoreceria a integração dos moradores com o entorno existente, além de facilitar o desenvolvimento de conjuntos residenciais sem qualquer estigma de pobreza e falta de atratividade.

Com base nos argumentos apontados, acredita-se que conjuntos habitacionais de pequeno porte poderiam afetar positivamente a percepção de território, ou seja, o sentimento de pertencimento ao bairro e o reconhecimento como parte integrante da cidade e, dessa forma, trazer implicações favoráveis à interação social dos moradores com o entorno imediato. Por outro lado, conjuntos muito grandes poderiam fazer com que as pessoas se relacionassem somente entre si, em função da percepção da amplitude do espaço, que estaria associada a distâncias aceitáveis de 400 ou 500 metros para percorrer ou realizar atividades (GEHL, 1987; GAMBIM, 2007). Estudos também indicam que variações no tamanho de uma vizinhança podem influenciar a intensidade de interação social e, associado a isso, o fator proximidade é destacado pela possibilidade de promover o contato face a face dos indivíduos, incentivando o contato social (GAMBIM, 2007). Neste estudo será verificado se a dimensão do conjunto pode influenciar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores do próprio conjunto e entre os moradores do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

### 2.3.2 Aspectos relacionados à configuração do conjunto

A questão da configuração do conjunto está relacionada à integração do conjunto na malha urbana existente e está diretamente ligada à questão da segregação socioespacial. Segundo Hillier (1996), configuração significa um conjunto de relações entre elementos, todos interdependentes numa estrutura global de algum tipo. Em outros termos, Rigatti (1997) coloca que, independentemente da solução adotada, um espaço urbano enquanto arranjo morfológico é, antes de mais nada, configuração, no sentido de ultrapassar o aspecto da forma e utilizar-se, fundamentalmente, da noção de relações espaciais. A configuração permite lidar com realidades complexas, como a urbana, de forma integrada, dentro de um sistema de relações que envolvem não apenas as partes ou elementos constituintes, como seu conjunto. Assim, leva-se em consideração que as medidas tomadas localmente repercutem de forma mais ou menos intensa nos resultados globais de um determinado assentamento, coincidindo com o conceito de estrutura adotado por Villaça (2001), de um todo constituído de elementos que se relacionam entre si de tal forma que a alteração de um elemento ou de uma relação altera todos os demais elementos e todas as demais relações.

As modalidades de interfaces sociais possíveis numa dada configuração são estabelecidas, trazendo consigo profundas implicações sociológicas, ou seja, uma configuração tem impressa nela mesma certas possibilidades, não determinísticas, de relações de moradores entre si e destes com os estranhos (ver RIGATTI, 1997). Mais especificamente, Holanda (2003) ressalta que a configuração dos edifícios e das cidades afeta os modos de convívio social, o jeito de interagir com outras pessoas, assim como determina uma maior ou menor facilidade que indivíduos têm de reunir-se em determinados lugares ou as estratégias de vigilância e controle de uns sobre os outros. Por sua vez, a configuração espacial também interfere na localização das atividades na medida em que as barreiras e permeabilidades constituídas pela forma urbana podem favorecer ou restringir determinados tipos de uso do solo e influir na apropriação dos espaços públicos abertos.

Ante o exposto, Hillier e Hanson (1984) desenvolveram o conceito de *movimento natural*, que pode ser entendido como a parcela do movimento total de pedestres determinada apenas pela sua configuração, independente da presença ou não de atratores. Ou seja, o movimento natural é o movimento de pessoas que é determinado apenas pela configuração dos espaços públicos abertos, pela forma como as ruas estão conectadas ou não, se possuem continuidade, se possuem ligações importantes entre pontos da cidade, e assim por diante. A configuração do traçado, por si só, gera um padrão de movimentação pela cidade e esse

padrão é o principal definidor de outros elementos do sistema urbano, como, por exemplo, o uso do solo (ver NETTO, 2006). Dessa forma, subentende-se que os usos urbanos são posteriores à configuração e atuam como multiplicadores dos padrões de movimento natural. Portanto, a quantidade de pedestres em áreas comerciais é o produto da combinação entre a estrutura configuracional e a atração exercida pelas atividades das edificações (comércio, residência, indústrias, etc). Isso equivale a dizer que o comércio tende a instalar-se em espaços com alta acessibilidade topológica, pois esses espaços já possuem um movimento natural de pessoas e, ao instalar-se, passa a atrair ainda mais pessoas, aumentando exponencialmente a quantidade original trazida pela configuração. Os resultados obtidos por SILVA (2009) confirmam que onde quer que existam pessoas, estas serão decisivas para a atração de outras pessoas, ou seja, o movimento de pessoas nos espaços públicos funciona como um grande atrator de outras pessoas.

Estudos também indicam que diferentes morfologias da malha podem ter diferentes efeitos sobre dinâmicas sociais, econômicas e mesmo ambientais, e esses efeitos têm a ver com o grau de acessibilidade, menor e maior, gerado pela malha (HILLIER e HANSON, 1984). Por exemplo, os espaços dotados de maior grau de acessibilidade, numa organização espacial qualquer, tendem a abrigar atividades dotadas de maior grau de coletividade ou publicização (por exemplo, AGUIAR, 2010). Ao contrário, espaços dotados de menor acessibilidade tendem a abrigar atividades que requerem um maior grau de privacidade ou segregação. Nesse sentido, Hillier e Hanson (1984) consideram que a acessibilidade é o componente mais eficiente da dinâmica da segregação, porque afirma a distância social através da natural implicação das redes de movimento, a partir da estrutura urbana e da dinâmica social das classes, onde as áreas segregadas seriam utilizadas por populações relativamente homogêneas econômica e socialmente e, ainda, que a morfologia das áreas de habitação mostraria essas pré-determinações, assim como o contraste das justaposições de áreas segregadas.

Para Netto, Pachoalino e Pinheiro (2010), a característica principal de espaços acessíveis é justamente permitir a complementariedade das rotinas, baseadas em distâncias curtas e rapidamente percorridas, aumentando, naturalmente, a probabilidade de encontro. Isto é, espaços com boa acessibilidade possuiriam forte potencial de convergência de grupos sociais diferentes e de articular a vida privada e a vida coletiva. Os autores sustentam que há uma relação direta entre padrões de encontro e padrões de apropriação espacial, ainda que imersa em probabilidades e cercada pela aleatoriedade, sendo que o fator material ativo para a

coesão interna de redes sociais é a maior probabilidade de encontro e, concomitantemente, é o que as separa gradualmente, no próprio fluxo da vida cotidiana. Segundo os autores, certas espacialidades, entre as quais, diversidade urbana de atividades, complexidade do padrão de localização, acessibilidade e mobilidade potencializam a coexistência.

Portanto, a sustentabilidade da malha (acessibilidade global, malha bem conectada, minimização de vazios urbanos, entre outros aspectos) teria efeito benéfico ao estimular e distribuir o movimento de pedestres. A partir dos conceitos introduzidos por Hillier e Hanson (1984), Netto (2008) trabalha com os conceitos de socialidade e microeconomicidade, como propriedades importantes para os conjuntos habitacionais. Socialidade, referindo-se às diferentes possibilidades de *compressão das relações sociais* gerada por diferentes configurações espaciais, incluindo a densidade de redes sociais, a possibilidade de encontro e o grau de apropriação nos espaços como problema vinculado à configuração das ruas, quarteirões e edifícios. A socialidade tem uma dimensão espacial ativa, que começa já na implantação do edifício face ao espaço público e na definição das relações público-privadas e seu impacto (com o uso) na animação e segurança da rua e no potencial que o edifício gera quanto à movimentação pedestre. Já a microeconomicidade diz respeito à capacidade do edifício de amparar a atividade microeconômica e responder ao potencial de troca de uma área, bairro ou cidade quanto à oferta de serviços e comércios, de forma proporcional à densidade e localização da área dentro do sistema urbano. Portanto, a microeconomicidade se refere à participação das unidades edificadas na oferta de atividades que dêem suporte à economia do cotidiano, que responde por grande parte da vida social de uma cidade ou bairro.

Assim, o padrão de movimento favorecido pela configuração da malha urbana afeta a compreensão do ambiente residencial dos usuários, uma vez que estudos (por exemplo, HILLIER e HANSON, 1984) têm demonstrado que o potencial de movimento de pessoas em uma determinada área está relacionado com as propriedades sintáticas do espaço.

### 2.3.2.1 Sintaxe espacial e configuração espacial

A sintaxe espacial se apresenta como importante instrumento de análise de desempenho do espaço urbano, pela possibilidade de estabelecer relações entre as instâncias sociais e espaciais. É utilizada para pesquisar a dimensão espacial como dado ativo em processos sociais, descrever a configuração do traçado e as relações entre espaço público e privado através de medidas quantitativas, as quais permitem entender aspectos importantes do sistema urbano, tais como acessibilidade, distribuição do uso do solo, potencial de copresença e padrão de incidência de crimes (ver HILLIER e HANSON, 1984). Assim, a análise

sintática, ou a análise da lógica social do espaço, compreende o papel desempenhado por cada parte de espaço na organização do todo; como as partes se relacionam entre si formando um todo coerente; como as partes e o todo afetam os modos de uso e apropriação do espaço; como a sociedade possui uma dimensão espacial e como o espaço possui uma dimensão social (ver HILLIER e HANSON, 1984; RIGATTI, 1997).

O objetivo da análise sintática é descrever o assentamento com base no padrão medido das relações, através das suas propriedades sintáticas, propriedades estas de natureza topológica e não geométrica (HILLIER e HANSON, 1984; RIGATTI, 1997). Em outras palavras, “o objetivo é descrever como o sistema como um todo se relaciona a cada uma das partes constituintes e como a multiplicidade destas relações produz uma estrutura subjacente” (PEPONIS, 1992). Hillier e Hanson (1984) partem do princípio que determinadas condições de contato social no espaço público e a apropriação social do espaço urbano são, em grande parte, condicionadas por peculiares arranjos morfológicos, ou seja, a maneira como se dispõem e se relacionam entre si os diversos elementos arquitetônicos que abrigam as atividades humanas e o espaço público, espaço de relação. Esses arranjos morfológicos, dependendo de suas regras compositivas, estabelecem um certo “potencial de contato social”.

Esse campo potencial de copresença e encontros prováveis é chamado de *comunidade virtual* e está diretamente relacionado com a estrutura dos espaços públicos abertos da cidade. Peponis (1989 apud HOLANDA, 2002) ressalta que as propriedades de configuração podem efetivamente constituir pré-requisitos para a intensa interação local em espaços públicos abertos, assim favorecendo o reconhecimento de diferenças culturais, a negociação e a democracia. Nesse sentido, Hillier e Hanson (1984) argumentam que a comunidade virtual é produto direto do desenho espacial e cria um campo de encontros prováveis, não um sistema de copresença real, dentro do qual vivemos e nos movemos, levando ou não à interação social. Em outros termos, Holanda (2002) defende a hipótese de que, potencialmente, certos padrões espaciais correspondem a certos padrões de copresença.

A análise sintática busca verificar as regras sociais impressas no espaço e as regras espaciais impressas na sociedade, uma vez que a sociedade apresenta componentes espaciais (como se organiza, se produz e se reproduz enquanto grupo social no espaço) e o espaço apresenta componentes sociais (forma do espaço como meio de facilitar determinadas práticas sociais e evitar outras). Dessa forma, o espaço não é neutro, ele tem conteúdo social (HILLIER e HANSON, 1984; RIGATTI, 1997). Nesse sentido, Gomes (2006) argumenta que o princípio espacial não é uma leitura do espaço como reflexo da sociedade, mas sim a

formação de práticas a partir de arranjos territoriais resultando em novos formatos da vida social no espaço. Para o autor, a análise espacial deve ser concebida como um diálogo permanente entre a morfologia e as práticas sociais ou comportamentos e, ainda, toda interpretação da vida social que prescindia da análise da lógica espacial correria o sério risco de resultar em equívocos ou julgamentos parciais.

Hillier e Hanson (1984) sistematizam os seguintes postulados:

1º - Todo assentamento pode ser visto como um sistema contínuo de espaços abertos (considerando que as práticas sociais se dão nos vazios e nas relações dos vazios entre edifícios) cuja forma depende de como os edifícios ou outras formas de barreiras ao movimento das pessoas são agregadas. Essas barreiras compreendem qualquer tipo de limite ou restrição ao movimento e circulação de pessoas, sendo denominadas genericamente de sistema edificado.

2º - Todo assentamento, visto como uma sequência de espaços abertos e sistema edificado, é campo da interface entre duas categorias sociais que dele se utilizam: estranhos ou visitantes e habitantes ou moradores. Todo assentamento é palco das relações que se estabelecem entre os moradores e entre estes e os estranhos.

Hillier e Hanson (1984) identificam duas dimensões fundamentais de organização da morfologia urbana: uma dimensão local, dada pelas relações mais imediatas entre o sistema edificado e o espaço público para o qual o sistema edificado possui interfaces (moradores entre si); e uma dimensão global, que estrutura o conjunto espacial e permite compreender como se organizam as partes do sistema e, também, como se estruturam as relações no conjunto como um todo (moradores e estranhos).

A dimensão local, ou o espaço local, pode ser descrita como aquela que é diretamente acessível a partir das edificações e permite seu controle pela visibilidade de qualquer ponto no seu interior. Assim, a organização local, centrada na convexidade por suas propriedades geométricas, pelas frações do espaço público considerado e pelas condições particulares de controle espacial possível, constitui-se numa instância onde o controle do morador é predominante, ou seja, é definido um campo de encontro predominantemente de moradores entre si, conforme é ilustrado por Rigatti (1997). Essas parcelas de espaço público são denominadas de *espaço convexo*, que são formadas pela subdivisão do conjunto dos espaços abertos de uso público de um assentamento em subunidades de controle e acessibilidade, a partir do sistema edificado.

O espaço convexo é a fração de espaço público que cumpre os requisitos geométricos de convexidade: qualquer linha que o corta, toca seu perímetro em apenas dois pontos. Com isso, qualquer ponto situado no interior de um espaço convexo, possui a propriedade de ser igual e integralmente visível de qualquer outro ponto. O conjunto dos espaços convexos, o *sistema convexo*, é formado pela subdivisão do contínuo dos espaços públicos francamente apropriáveis pelas pessoas, pelo menor número dos maiores espaços convexos possíveis de serem desenhados, a partir do sistema edificado, o qual define as barreiras, os limites e a geometria desses espaços. Sua representação é feita através do *mapa convexo*, a partir do qual as propriedades sintáticas locais podem ser descritas e analisadas.

O sistema edificado, a partir das transições existentes entre interior e exterior, ou seja, das *constituições ou conexões funcionais*, permite que os espaços convexos sejam “alimentados” com pessoas, uma vez que cada edifício possui, no mínimo, uma transição público/ privada por onde as pessoas entram e saem do e para o espaço exterior. A maximização dessas transições entre interior e exterior cria um maior potencial para interações no âmbito público da vida cotidiana, um traço de urbanidade tão apreciado por Jane Jacobs (2000) quanto comentava sobre Nova York. Espaços abertos intensamente constituídos (ou seja, alimentados por portas) têm a ver com a maximização de encontros informais nos lugares públicos e auxiliam na percepção de segurança do lugar, conforme ilustra o trabalho de Holanda (2003).

Já a dimensão global, ou organização global, para efeito de análise, é representada através do *mapa axial*, instrumento que, por conter todas as linhas de unificação de todos os espaços convexos do sistema, torna as relações entre estruturas locais e globais melhor apreensíveis do que as formas tradicionais de representação do urbano. O mapa axial é a representação da configuração dos espaços abertos e contínuos da malha urbana através de suas linhas de acessibilidade e visibilidade – as linhas axiais – e de suas conexões. Assim, a representação axial da malha urbana traduz a representação das possibilidades de movimento para e através do sistema, sendo obtida pela unificação dos espaços convexos através do menor número das maiores linhas que podem ser traçadas de tal maneira que todos os espaços convexos sejam cruzados por, pelo menos, uma linha axial.

A partir das representações gráficas pelas quais é possível reproduzir as principais propriedades de configurações urbanas, o mapa convexo e o mapa axial, a introdução das medidas sintáticas cumpre a finalidade de expressar de forma sintética relações complexas, permitindo que, a partir do exame das propriedades sintáticas de tecidos urbanos, seja possível



não apenas compreender sua organização interna e sua estrutura subjacente, com repercussões em termos de movimento das pessoas e da distribuição das atividades urbanas, mas, também, comparar sistemas espaciais distintos. Medidas sintáticas são, portanto, propriedades configuracionais transformadas em um padrão medido, possibilitando análises e comparações.

A medida de integração é uma medida global chave na análise sintática, uma vez que relaciona cada espaço do assentamento com todos os demais, fornecendo informações sobre a acessibilidade de cada um deles em relação a todos os outros. Segundo Holanda (2002), a literatura sintática tem frisado que essa medida apresenta melhores correlações entre atributos espaciais e o uso do espaço. O conceito de integração está relacionado à noção de profundidade, que é dada pelo número de espaços intermediários (passos topológicos) que se encontram entre o que se analisa e todos os outros do sistema, ou seja, a medida de integração mede o quão “profunda”, ou distante, uma linha axial está de todas as outras linhas do sistema. Assim, os espaços menos profundos ou mais rasos, são os mais integrados ou mais acessíveis, e os espaços mais profundos ou menos centrais, são os mais segregados, pois são os menos acessíveis em relação a todos os outros. A profundidade média de uma linha axial é, portanto, obtida pelo somatório das profundidades de todas as linhas axiais em relação a ela, dividida pelo número total de linhas menos um.

A integração local, ou de raio limitado, é calculada da mesma maneira que a integração global, com a diferença que a profundidade média é obtida apenas para as linhas localizadas dentro de um determinado limite de passos topológicos. Assim, ela é adequada para análises de centralidades locais, ou seja, para identificar aquelas áreas com potencial para funcionar como estruturadoras de centralidades de bairros. Em outros termos, a integração de um espaço pode ser calculada em relação a um subconjunto correspondente a todos os espaços que estão a uma distância topológica menor e igual a um dado raio. Por conseguinte, os valores podem ser diferentes para cada espaço. Diversos valores podem ser atribuídos a “R” para obter a diferenciação desejada (o mais comum é o raio três), sendo possível estudar a acessibilidade em diferentes escalas e para diferentes fenômenos urbanos.

Com base no exposto acima, acredita-se que conjuntos habitacionais integrados podem contribuir para a integração do conjunto com o entorno, afetando positivamente o reconhecimento como parte integrante da cidade e, dessa forma, trazendo implicações favoráveis à interação social dos moradores com o entorno imediato. Neste estudo será verificado se a configuração urbana implica na integração ou segregação do conjunto em relação ao entorno e, dessa forma, se pode influenciar o tipo e a intensidade de interação

social entre os moradores do próprio conjunto e entre os moradores do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

### **2.3.3 Aspectos relacionados à localização do conjunto**

A localização de conjuntos habitacionais está relacionada às condições de acessibilidade e mobilidade intraurbanas que, normalmente, representam papéis muito importantes nas condições de vida das pessoas nas cidades. A ONU (Organização das Nações Unidas) defende, no Comentário Geral nº. 4, o direito humano à moradia adequada e um dos itens listados é a localização acessível, contrariamente à política habitacional gerenciada pelo BNH, que implementou os conjuntos habitacionais na periferia urbana, distantes da malha urbana consolidada, ou seja, segregados do contexto da cidade. Nesse sentido, Simoni (2007) argumenta que a implantação de habitações de interesse social em regiões já estruturadas permite que os cidadãos que farão parte desta área sejam incluídos em uma realidade, permitindo trocas culturais que favorecem a inclusão desses indivíduos no meio urbano. A autora ainda ressalta que a implantação de habitações de interesse social no corpo da cidade permite que os indivíduos anteriormente marginalizados tenham a oportunidade de conviver em um meio social saudável, além de proporcionar a sustentabilidade social na cidade.

O conjunto habitacional destinado à população de baixa renda (BNH ou COHAB), do ponto de vista da sua localização, é visto como aquele núcleo habitacional construído usualmente distante das áreas centrais das cidades, ocupando áreas descontínuas em relação ao tecido urbano preexistente (ver RIGATTI, 1997). Neste sentido, Gambim (2007) mostra que as intervenções estatais para as populações carentes tendem a ser inadequadas ao desenvolvimento urbano racional: os conjuntos de habitação popular são construídos longe dos locais de trabalho, das redes de serviços e equipamentos urbanos, favorecendo o aumento do custo de vida para esses grupos (por exemplo, custo elevado de transporte, tanto monetário como em tempo de deslocamento) e encarecendo a ampliação da infraestrutura que precisa ser estendida até locais distantes, em desacordo com princípios da cidade compacta sustentável.

Aguiar (2010) considera que nem todo conjunto habitacional de periferia resulta em fracasso do ponto de vista sociológico, mas aponta, entre outras, razões locacionais e de desenho urbano para o desempenho insatisfatório dos conjuntos. O autor constatou que, ao contrário do que ocorreu nos anos 1960 e 1970 quando, sob o patrocínio do Banco Nacional da Habitação (BNH), construiu-se em larga escala nas periferias urbanas, existe uma tendência predominante, surgida nos anos oitenta, de implementação dos projetos de

habitação para população de baixa renda em áreas centrais das cidades. Essa tendência busca uma maior integração espacial das novas áreas habitacionais à cidade, sendo, em parte, fruto da crítica ao modo de vida produzido pelos assim chamados conjuntos habitacionais modernistas, que sugere um reconhecimento da importância das condições de localização, acessibilidade e centralidade na implementação da habitação de interesse social.

No entanto, a boa localização pode não ser suficiente para a integração dos moradores do conjunto com o entorno e com a cidade. Estudos empíricos (por exemplo, GAMBIM, 2007; AGUIAR, 2010) confirmaram a falta de integração entre um conjunto - Condomínio Jardim Planetário, Porto Alegre - e o bairro, em função das características configuracionais da implantação, entre outras. Os autores concluíram que, do ponto de vista arquitetônico, o Condomínio Jardim Planetário e a cidade tendem a perpetuar uma interface contrastante e, assim, parece condenar seus moradores a uma condição de marginalidade permanente. Nesse sentido, Aguiar (2010) sustenta que é no desenho do espaço público, mais que em qualquer outro aspecto, que reside a essência da condição de segregação e, por conseguinte, da impossibilidade de surgimento da comunidade virtual, típica do espaço público da cidade tradicional compacta, onde habitantes e estranhos interagem naturalmente.

Segundo Villaça (2001), a localização está associada ao espaço intraurbano como um todo, pois refere-se às relações entre um determinado ponto do território urbano e todos os demais, onde toda produção/ consumo de espaço é produção/ consumo de localizações e toda produção de localizações é produto de tempo, visto toda localização ser caracterizada precisamente pelo tempo de deslocamento do ser humano a ela associadas. Os diferentes pontos do espaço urbano oferecem diferentes possibilidades de contato com todos os demais pontos. Assim, o espaço urbano é intrinsecamente desigual. Mas não se trata apenas da desigualdade de disponibilidade de equipamentos, infraestrutura e qualidade das edificações, e sim, da desigualdade fruto das diferenças de acessibilidade a todos os pontos do espaço urbano. A acessibilidade, dada pelas possibilidades de deslocamento do ser humano enquanto consumidor ou portador de força de trabalho, parece ser mais vital na produção de localizações do que a disponibilidade de infraestrutura (VILLAÇA, 2001).

Com base no exposto acima, acredita-se que conjuntos habitacionais localizados distantes da área urbana consolidada podem fazer com que os moradores se relacionem somente entre si, em função da menor acessibilidade e mobilidade e, assim, apresentem pouca interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno. Neste estudo será verificado se a localização do conjunto habitacional afeta a relação com o entorno imediato e

com a área urbana consolidada e, dessa forma, se pode influenciar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores do próprio conjunto e entre os moradores do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

#### **2.4 Características dos espaços públicos e interação social**

Ao longo da história, os espaços públicos abertos das cidades são apontados como locais de encontro e convívio social, que contribuíram para a cultura e formação de opinião de diferentes sociedades. Os espaços públicos abertos exercem um papel fundamental na sociedade e são definidos como os espaços dotados de acessibilidade pública, designados, construídos ou apropriados para realizar atividades funcionais, sociais ou de recreação (ver LYNCH, 1980; ABRAHÃO, 2008; ALEX, 2008). Esses espaços amarram e dão forma final aos volumes, vencendo os limites do individual e funcionando como transição entre as esferas público e privado. Segundo Lynch (1980), a adequada concepção e a correta implantação dos espaços públicos abertos podem ter influência na qualidade das relações de vizinhança e da interação social, pois é nesses espaços que os processos cotidianos se desenvolvem. Em outros termos, Carr et al. (1992) sustentam que os espaços públicos abertos deveriam ser o lugar comum onde indivíduos têm a oportunidade de realizar suas atividades e criar vínculos com a comunidade, através das rotinas do dia a dia.

Segundo Peponis (1992), é nesses espaços que se cria o ambiente propício aos encontros imprevisíveis e não programados e onde a sociedade urbana encontra o terreno comum para negociar estrutura e diferença. O espaço urbano pode, portanto, ser o meio de integração entre pessoas de diferentes classes e posições sociais. Em outros termos, Gomes (2006) defende o espaço público como o lugar da sociabilidade em que se exercita a arte da convivência, pois a unidade social provém de uma atividade cotidiana, de um agir comunicacional. Na sua tese, Magalhães (2002) chama a atenção que a essência da cidade é justamente seu estímulo à aproximação entre seus habitantes e confirma o papel fundamental do espaço urbano como lugar da integração, como *locus* das trocas sociais, o que gera a interação social e define o espaço urbano como público, aberto, acessível, lugar das diferenças, polifuncional, do heterogêneo, da multiplicidade e da democracia (GOMES, 2006; SECCHI, 2006; BAUMAN, 2009).

Em síntese, os espaços públicos se destacam como importante elemento do desenho urbano, componente estrutural das cidades, espaço de representação de grupos e marcos que dão legibilidade ao espaço definindo características, funções e identidade aos lugares. Nos

espaços públicos, teoricamente, as diferenças sociais e as hierarquias são temporariamente suspensas, porque ali todos têm direitos iguais para interagir livremente no que se refere ao uso e apropriação do espaço (DEL RIO, 1990; SENNET, 1998). Segundo Almeida, Andrade e Jayme (2005), a questão mais relevante é que o espaço público é construído socialmente. Essa dimensão já fora destacada por Simmel: “o espaço é uma forma que em si mesma não produz efeito algum”, sendo que o que preenche de significados são as interações sociais (SIMMEL, 1939 apud ALMEIDA, ANDRADE e JAYME, 2005).

Os espaços públicos abertos podem desempenhar um importante papel em propiciar e incentivar a apropriação coletiva desses espaços pelos moradores, afetando positivamente o sentido de comunidade, formas de gerenciamento e manutenção e, ainda, a imagem do conjunto habitacional. Portanto, apesar de projetos não determinarem o comportamento dos usuários ou o nível de satisfação em relação aos conjuntos, eles estabelecem um conjunto de qualidades físicas e espaciais que apoiam ou inibem os padrões de comportamento (LAY e REIS, 2005). A partir da maneira como os espaços abertos comuns são diferentemente apropriados pelos residentes, é possível medir o grau de responsividade do ambiente construído em preencher as necessidades de seus usuários (LAY, 1992). Com base nessa premissa, o uso ou manifestações comportamentais tem sido utilizado como um critério para medir o desempenho de espaços abertos (WHYTE, 1980).

Estudos mostram (por exemplo, WHYTE, 1988; DEL RIO, 1990; JACOBS, 2000) que as pessoas podem usar um espaço público por diversas motivações: descansar, jogar, olhar o movimento, encontrar conhecidos, ter contato com a natureza, manter uma criança ocupada, mas, quase sempre, para se entreter com a presença de outras pessoas. Assim, as características do entorno de um espaço público, tais como os tipos de uso e a densidade, além da oferta de atividades disponibilizadas no próprio espaço público podem influenciar a intensidade de uso e contribuir para a atração de usuários. Com o acréscimo desses usuários, outros indivíduos podem ser atraídos por este movimento, pois, a oportunidade de ver, ouvir e encontrar outras pessoas pode ser assumida como uma das mais importantes atrações da vida pública (por exemplo, WHYTE, 1988; JACOBS, 2000; SILVA, 2009).

Os resultados obtidos por Silva (2009) enfatizam que a variedade de atividades que um espaço público oferece e pode suportar é importante para a intensidade de uso, sendo que ambientes com maior variedade de espaços e de opções para a realização de atividades tendem a ter maior atratividade. Ainda, o tipo de lazer disponibilizado nos espaços de lazer

define a faixa etária dos usuários. Por exemplo, a existência de playgrounds estimularia o uso pelas crianças, assim como quadras de esporte podem atrair jovens e adultos.

De acordo com Gehl (1987), os tipos de uso nos espaços públicos podem ser divididos em atividades necessárias, opcionais e sociais. As atividades necessárias são aquelas mais comuns no dia a dia, realizadas sob todas as condições e sua incidência é pouco influenciada pela estrutura física do espaço, por exemplo, deslocamentos para escola ou trabalho, fazer compras, esperar por um ônibus, entre outras. Elas podem acontecer ao longo de todo ano, em quase todas as condições físicas e climáticas, pois os participantes não têm escolha. Já as atividades opcionais são aquelas realizadas se existe vontade, se as condições externas e as características físicoespaciais são favoráveis. Estão inclusas atividades como caminhar ou descansar num espaço público e a maioria das atividades recreacionais realizadas ao ar livre.

Já as atividades sociais são aquelas que dependem da presença de outras pessoas nos espaços públicos. Podem ser chamadas de ‘resultantes’ ou ‘consequentes’, pois em todas as formas envolvem atividades relacionadas com as categorias necessárias e opcionais. As atividades sociais geralmente acontecem espontaneamente, como consequência direta do movimento das pessoas sobre o mesmo local (GEHL, 1987). Estão inclusas nessa categoria atividades como jogos entre crianças, saudações e conversas, atividades em conjunto de vários tipos ou mesmo um contato passivo, como ver e ouvir outras pessoas, sem interagir.

O estudo realizado por Lay (2000) ilustra como os espaços públicos abertos exercem a função de prover a arena para que atividades diárias não planejadas aconteçam – por exemplo, circulação de pedestres, reparo de carros – além de outras atividades simples que possuem potencial em promover contato e interação entre residentes, incrementando o desenvolvimento da vida comunitária. No entanto, segundo a autora, sem o apoio de espaços adequados para a realização dessas atividades funcionais, o padrão de comunicação desejável pode desaparecer. Assim, se espaços destinados a atividades funcionais não são previstos pelo projeto, mudanças de comportamento espacial dessa população tornam-se aparente e a incongruência existente entre espaço e comportamento pode afetar a percepção e avaliação de desempenho ambiental dos usuários.

Outra questão importante a ser considerada sobre os espaços públicos abertos é a definição de território. Diversos autores (por exemplo, GOMES, 2006; SILVA, 2009) argumentam que territórios são recortes dominiais dentro do espaço e têm sua origem na necessidade de estabelecer uma delimitação espacial, separar e classificar coisas, identificar práticas sociais e características físicas específicas, tendo como parâmetro uma distribuição

espacial. Conforme apontado anteriormente, as necessidades de territorialidade, de privacidade e de controle sobre um espaço são determinantes para algumas ações de indivíduos ou grupos, fazendo parte do sistema que possibilita a organização social. Assim, ao percorrer diferentes espaços numa cidade é possível notar que existem recortes territoriais estabelecidos, de modo que dentro de um mesmo espaço público podem existir várias divisões e muitas atividades tendem a coexistir. Por exemplo, numa praça pode existir o território do grupo de futebol, do grupo dos donos de cães, dos jogadores de bocha, dos pais com crianças, dos idosos, e assim por diante.

Gomes (2006) chama a atenção que, ao estabelecer um território de domínio de um grupo, a afirmação de identidades sociais na cidade significa a afirmação de sua diferença em oposição aos demais. Essa noção de um espaço identitário representaria a negação do ideal de mistura e de respeito à diferença no qual se baseia o espaço público. O autor afirma que a identidade é antes de mais nada um sentimento de pertencimento, uma sensação de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência sobre o indivíduo. Assim, a construção de uma identidade se faz dentro do coletivo por contraste com o “outro”. Por outro lado, o espírito coeso e o caráter de unidade do grupo são manifestados e reforçados continuamente, são relações de solidariedade advindas de um forte sentimento de coesão. Essa identidade comunitária só pode existir, no entanto, quando definida em relação a um território, real ou mítico, de homogeneidade, de domínio e de pleno desenvolvimento do espírito do grupo e, conforme salienta Gomes (2006), está relacionada a uma identidade territorial que não raramente corresponde à enumeração das dificuldades de sobrevivência do próprio grupo e das iniquidades contra eles cometidas.

Esses espaços públicos são constituídos pelas ruas, calçadas, praças, áreas verdes, equipamentos comunitários, comércio e serviços, entre outros.

#### **2.4.1 Ruas e calçadas**

Entende-se que as ruas e as calçadas são os espaços públicos abertos por excelência, destacadas por Jacobs (2000) como os principais locais públicos de uma cidade, seus órgãos mais vitais: a rua pode oferecer, de forma única, variedade social e experiências necessárias aos indivíduos. No entanto, as atividades sociais e opcionais dependem da existência de qualidades ambientais das ruas e calçadas favoráveis para a permanência e o movimento, por exemplo, segurança quanto ao crime, segurança quanto ao tráfego, qualidades estéticas, manutenção adequada e um sentido de lugar. Além disso, o próprio uso pode incrementar ou

restringir a apropriação desses espaços. A rua é um dos elementos estruturais centrais na formação das cidades e seu traçado determina deslocamentos, além de colaborar na formação da imagem mental das pessoas (LYNCH, 1980). É o elemento que delimita e configura o espaço urbano, constitui o melhor cenário de integração para os equipamentos coletivos e oferece um lugar do consenso possível, elo de continuidade urbana e espaço de ligação entre vizinhanças (COELHO, 2009).

A rua assume o status de uma das principais protagonistas no desenvolvimento da cidade, pelo seu papel de articuladora de uma rede de usos combinados e complexos, imprescindíveis à vitalidade e à vida pública nas cidades, além de fundamentais na elaboração da cidadania e civilidade (SANTOS e VOGEL, 1985). Segundo os autores, a rua é o lugar ideal para se opor à ideia de privacidade e de intimidade, o lugar onde deveria estar o que é de todos. Dessa forma, a rua é um suporte material onde a vida social acontece, o lugar do outro, com que mantemos relações sociais, um universo de múltiplos eventos e relações, que lhe confere alma e caráter. Nesta condição, afirmam que a rua, ao promover o contato com o outro, problematizar o outro, faz surgir duas questões recorrentes desse contato: a segurança e a socialização. Nesse sentido, Jacobs (2000) argumenta que o principal atributo de um bairro próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas na rua em meio a tantos desconhecidos e, segundo a autora, uma rua movimentada poderia garantir a segurança enquanto uma rua deserta, não.

Segundo Jacobs (2000), uma rua com infraestrutura para receber desconhecidos e ter segurança como um trunfo devido à presença de tais desconhecidos – como as ruas de bairros prósperos – precisa ter três características: 1) deve ser nítida a separação entre o espaço público e o espaço privado, de modo a se estabelecer os limites claros da área que necessita de vigilância; 2) devem existir olhos para a rua, olhos daqueles que podem ser chamados de proprietários naturais da rua; 3) deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios para observar as calçadas, pois, segundo a autora, ninguém gosta de ficar na soleira de uma casa ou na janela olhando uma rua vazia. A autora ainda destaca que para uma rua desempenhar com sucesso seu papel de articulador de usos e de elemento vital para as cidades, precisa reunir condições de desenvolver através dos contatos públicos casuais de âmbito local e, conseqüentemente, da compreensão da identidade pública das pessoas, uma vida pública informal capaz de se interpor entre as associações públicas formais e a privacidade da população urbana.



Aguiar (2010) argumenta que, num ambiente genuinamente urbano, a rua carrega simultaneamente duas identidades intrinsecamente relacionadas. Uma identidade é local e refere-se ao caráter da rua em si: a largura, as dimensões da calçada e da pista de rolamento, os tipos de edificação e a vegetação. Portanto, uma rua é um evento espacial em si própria e a segurança e a animação da rua estão diretamente relacionadas às constituições (conexões funcionais), em termos de quantidade e qualidade. A outra identidade, segundo o autor, é global e trata de uma identidade topológica; referindo-se à posição da rua como um elemento inserido em um sistema espacial maior, isto é, a rua como parte da malha urbana. Embora global, essa identidade é também responsável pelo caráter local da rua.

Por sua vez, as calçadas são fundamentais para garantir qualidade de vida urbana e representam espaços informais com um grande potencial de vitalidade. São elementos importantes que podem qualificar a transição do privado (lotes individualizados) para o público, uma vez que elas representam o espaço essencial de conexão e contato entre os moradores. Ainda, as calçadas incrementam a interação social, pois caminhar pelas ruas do bairro favorece o contato social, além de ampliar o senso de segurança e de pertencimento ao lugar (por exemplo, JACOBS, 2000; BASSO, 2001; GAMBIM, 2007).

As caminhadas nas calçadas parecem ser motivadas ou desmotivadas por diversas variáveis que contribuem para a qualidade do ambiente construído. Assim, a existência de calçadas, o seu dimensionamento, pavimentação e manutenção adequada à circulação, assim como a existência de locais adequados à permanência, podem intensificar o uso para atividades sociais (WHYTE, 1988; JACOBS, 2000; BASSO, 2001). Outros fatores considerados favoráveis para o uso são: a presença de vegetação/ sombreamento, presença de elementos motivadores ou atratores, tais como comércio e serviços, existência de equipamentos e mobiliário urbano e, também, existência de iluminação, que aumenta a sensação de segurança e permite seu uso por maior tempo.

Para Jacobs (2000), calçadas com nove ou dez metros de largura são capazes de comportar praticamente qualquer recreação informal – além de árvores para dar sombra, espaço suficiente para a circulação de pedestre, para a vida em público e o ócio dos adultos. No entanto, a autora reconhece que há poucas calçadas com largura tão farta e afirma que, normalmente, a largura delas é sacrificada em favor da largura da rua para veículos. Em parte por que as calçadas são tradicionalmente consideradas um espaço destinado ao trânsito de pedestres e acesso a prédios e, por isso, continuam a ser desconsideradas e desprezadas na condição de elementos vitais e imprescindíveis da segurança, da vida pública e da criação de

crianças nas cidades. Jacobs (2000) acrescenta que, se as calçadas de uma rua movimentada tiverem largura suficiente, a recreação surge com força junto com os outros usos.

O estudo realizado por Freitas (2004) sobre os conjuntos habitacionais produzidos pelo poder público em São Paulo constatou que a implantação de pequenos espaços de lazer nas calçadas é uma necessidade e uma medida indicada para quase todos os 23 conjuntos habitacionais estudados. Essa ideia contempla a melhoria da paisagem urbana do bairro, busca romper com a aridez das ruas destes locais, garantir a circulação de pedestres e propiciar a ocorrência da vida coletiva. Para Jacobs (2000), a vida nas calçadas só surge quando existem oportunidades concretas tangíveis e, coincidentemente, são as mesmas oportunidades, com a mesma abundância e constância, necessárias para cultivar a segurança nas calçadas. Se elas não existirem, os contatos públicos também não existirão.

#### **2.4.2 Praças e áreas verdes**

Os espaços públicos abertos de lazer – praças, áreas verdes e parques – são elementos morfológicos criados com o objetivo de proporcionar o encontro e convívio entre indivíduos, onde as práticas sociais e manifestações da vida urbana ocorrem (por exemplo, LAMAS, 2004; VARGAS in ALEX, 2008). São espaços que podem dar um sentido de lugar e tornar-se um foco referencial e de vitalidade para a vizinhança. Castello (2008) acrescenta que são esses espaços que complementam e qualificam a vida no espaço urbano, favorecendo o desenvolvimento das práticas sociais e o estabelecimento da vida comunitária. Quando possuem vegetação abundante, servem para arejar e iluminar áreas urbanas densas, além de prover o necessário contato com a natureza e ajudar na manutenção do equilíbrio ecológico. Em síntese, esses espaços públicos podem agregar indivíduos, criar um núcleo para a vizinhança, propiciando a formação de comunidade e conexão com a natureza, além de ser um local de encontro ou de prática de atividades físicas ou contemplativas (BASSO, 2001). Del Rio (1990) destaca que sua importância não é tanto em termos de quantidade, mas de suas relações ao contexto urbano.

Segundo Vargas (in ALEX, 2008), a localização da praça na cidade, sua permeabilidade como acesso, a impressão que irradia e a atmosfera de seu interior que convidam a adentrá-la, amplificam sua condição de espaço público. Outras características desse espaço público referem-se à multiplicidade de usos urbanos que ele admite: o comércio, os serviços, o encontro, o lazer, o descanso ou, simplesmente, o estar. Nesse sentido, Hillier (1996) destaca que uma praça representa um local em que o contato entre as pessoas se torna

encontro, reunião, interação, ou seja, é um lugar onde as pessoas que estão passando finalmente pausam e se aglomeram. Alex (2008) ainda destaca que os espaços acessíveis e adaptáveis nas praças são frequentemente usados e seu uso satisfaz não apenas aspirações individuais, como descanso ou esporte, mas também promove o contato entre estranhos, estimula atividades variadas no entorno e, especialmente, consolida a presença e permanência no lugar. Para o autor, a estreita vinculação do uso com o acesso e a integração com o entorno são os elementos definidores mais fundamentais da praça, sendo a articulação com o tecido urbano um de seus papéis mais relevantes na construção da paisagem da cidade.

Jacobs (2000) ressalta que o principal problema do planejamento de parques resume-se ao problema de alimentar uma vizinhança diversificada capaz de utilizá-los e mantê-los. Na realidade, somente uma vizinhança diversificada tem o poder de induzir uma fluência natural e permanente de vida e de usos. A variação arquitetônica superficial pode parecer diversidade, mas só uma conjuntura genuína de diversidade econômica e social, que resulta em pessoas com horários diferentes, faz sentido para um espaço de lazer e tem o poder de conceder-lhe a dádiva da vida. Quanto mais a cidade conseguir mesclar a diversidade de usos e usuários nas ruas, mais a população conseguirá animar e sustentar, com sucesso e naturalidade (e também economicamente), os espaços públicos de lazer bem localizados que, assim, poderão dar em troca à vizinhança prazer e alegria, em vez de sensação de vazio. Nas cidades, a animação e a variedade atraem mais animação; a apatia e a monotonia repelem a vida.

Whyte (1980) constatou que, mais do que forma, tamanho ou design, o sucesso das praças e áreas verdes é determinado pelos acessos e pelas opções de lugares confortáveis para sentar. Para o autor, a maior atração das ‘plazas’ eram as pessoas, e elas tendem a agrupar-se o mais próximo possível de onde há atividades. De forma semelhante, Alex (2008) destaca como qualidade das praças, o seu espaço de convívio social, por meio de desenhos convidativos e adaptáveis que privilegiem o acesso, a integração com o entorno e a articulação com o tecido urbano, além de espaços para usos múltiplos e numerosas opções de lugares para sentar. Para o autor, o convívio social no espaço público está intimamente relacionado às oportunidades de acesso e uso, o que depende de um desenho “interno” coerente e de um desenho “externo” – as ruas e o tráfego da área – adequado. A articulação com o tecido urbano, isto é, a conexão entre espaços públicos variados, da praça e do entorno, é uma de suas funções originais essenciais.

### 2.4.3 Equipamentos comunitários, comércio e serviços

Com base na literatura, entende-se que a disponibilidade de equipamentos comunitários adequados, assim como a localização adequada destes, também podem influenciar na apropriação dos espaços públicos abertos. Por exemplo, Bueno (2000) ressalta que a pouca oferta de áreas de equipamentos comunitários de esporte, lazer e educação pode comprometer as condições de vida e sociabilidade nos conjuntos habitacionais de interesse social em função das características da maioria das habitações – pequena área construída.

Magalhães (2002) comenta que, de acordo com os conceitos que estruturam a política habitacional da cidade, a provisão de infraestrutura é função coletiva e não se restringe aos aspectos sanitários, mas envolve transporte, equipamentos sociais e serviços públicos. Coelho (2009) defende que cada vez mais o habitar tem de ser entendido e vivido, numa perspectiva ampla, como entidade viva, que contribua para a vida individual, familiar, da vizinhança, do bairro e da cidade. E, portanto, quando pensamos em vizinhanças urbanas vivas, elas devem integrar, além das habitações, pequenos equipamentos comunitários, comércio e serviços adequados às necessidades dos habitantes, importantes ao estímulo do convívio natural e de uma verdadeira extensão do habitar para além das paredes da casa de cada um. Essa questão é destacada desde o início do século 20, nos modelos teóricos da Cidade-Jardim e Unidade de Vizinhança, onde se salientava a importância da localização de equipamentos comunitários e de outros equipamentos de uso coletivo junto às áreas residenciais servindo aos moradores e fortalecendo o sentido de comunidade (CASTELLO, 2008).

Os resultados obtidos por Gambim (2007) enfatizam a possibilidade de realizar atividades diárias e interagir socialmente na vizinhança, a partir da presença de equipamentos adequados e necessários às atividades do morador como lojas, escolas, áreas verdes, confere aos moradores um sentido de autoeficácia, contribuindo para a identificação com a vizinhança. Além disso, segundo Castello (2008), a presença desses equipamentos no interior dos bairros é que justifica os deslocamentos dos moradores do entorno. Da mesma forma, evidencia que espaços públicos, como parques e centros comunitários, assim como as atividades comerciais como pequenos comércios, padarias e lancherias, aumentam as possibilidades de encontros entre os indivíduos e contribuem para o sentido de lugar, fortalecendo ou gerando a noção de comunidade. No entanto, ressalta-se que usos institucionais, comerciais ou industriais, presentes no ambiente residencial, não garantem uma ocupação contínua do espaço e podem causar, nos períodos em que não há uso, sentimentos de insegurança.

Freitas (2004) chama a atenção sobre a dificuldade do comércio se estabelecer em conjuntos distantes e isolados, onde o comércio implantado pode contar apenas com o público residente no próprio bairro. Dessa forma, as possibilidades de surgimento da vida urbana, que poderia se dar na diversidade e animação das ruas com usos diversos, ficam comprometidas. Para Jacobs (2000), as cidades necessitam dessa diversidade de usos mais complexa e densa, que propicie entre eles uma sustentação mútua e constante, tanto econômica quanto social, cujos componentes podem diferir, mas devem complementar-se concretamente. Acrescenta-se que desde o início do século 20 o modelo teórico da Unidade de Vizinhança já destacava que os equipamentos comerciais devem ser compatíveis com o tamanho da Unidade e devem estar localizados nas vias periféricas desta, preferencialmente, em vias de maior circulação e com maior acessibilidade topológica, permitindo o uso não apenas do bairro, mas da cidade como um todo (CASTELLO, 2008).

Com base no exposto, parte-se do pressuposto que os espaços públicos abertos (ruas, calçadas, praças e áreas verdes), assim como os equipamentos comunitários e as condições de comércio e serviços são fundamentais para o encontro e convívio social, sendo que suas características podem afetar o tipo e a intensidade de uso dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos. Neste estudo serão analisadas as características dos espaços públicos abertos para verificar se os resultados relativos à influência das características de implantação dos conjuntos na interação social podem ou não ter sido influenciados por elas.

## **2.5 Características físicoespaciais e interação social**

Com base no exposto acima, verifica-se que o uso dos espaços públicos abertos (ruas, calçadas, praças e áreas verdes) é influenciado por determinados atributos que podem afetar o tipo e a intensidade de uso dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos.

### **2.5.1 Acessibilidade**

Os diferentes elementos que compõem a acessibilidade podem facilitar ou dificultar a apropriação de um determinado espaço urbano. Portanto, o acesso parece ser fundamental para a apropriação e uso de um espaço, pois, entrar em um lugar é condição inicial para poder usá-lo (ver ALEX, 2008). Para Lynch (1980), um espaço acessível é aquele com possibilidades de uso igualitário pelos diferentes grupos da população.

Carr et al. (1992) classificam os três tipos de acesso ao espaço público como físico, visual e simbólico. O acesso físico refere-se à ausência de barreiras espaciais ou arquitetônicas para entrar e sair de um lugar e está relacionado às questões de localização e configuração do espaço público na malha urbana, de facilidades de acesso, inexistência de portões e cercas, acessibilidade universal, disponibilidade de transporte, entre outros (ver SILVA, 2009). Nesse sentido, Whyte (1988) menciona a localização como o elemento mais importante para um espaço público, pois uma boa localização facilita a percepção e utilização do espaço. Já a configuração determina diferentes graus de acessibilidade e gera espaços mais ou menos acessíveis, que garantem mais facilidade de deslocamento e controle espacial para os estranhos ou moradores, respectivamente. Portanto, espaços mais integrados são também mais facilmente acessíveis pelos pedestres a partir de outros pontos da cidade.

O acesso visual, ou visibilidade, define a qualidade do primeiro contato, mesmo a distância, do usuário com o lugar. Perceber e identificar ameaças potenciais é um procedimento instintivo antes de adentrar qualquer espaço. Portanto, o acesso visual está relacionado com a possibilidade de controle visual do espaço que facilite a vigilância natural. Com isso, aumenta a percepção de segurança que, segundo Carr et al. (1992), é importante para a decisão de uso do espaço público. Esse tipo de vigilância envolve o olhar cotidiano sistemático sobre a vida que acontece nos espaços públicos, principalmente nas ruas. Jacobs (2000) acrescenta que a acessibilidade visual estimula atividades e motiva a interação entre indivíduos. Espaços com melhor acesso visual desde as unidades habitacionais tendem a ser mais usados do que aqueles que, embora mais próximos, não são acessíveis visualmente.

Já o acesso simbólico, ou social, refere-se à presença de sinais, sutis ou ostensivos, que sugerem quem é e quem não é bem vindo ao lugar. Portanto, a liberdade de acesso é um direito básico e as barreiras físicas, visuais e simbólicas podem limitar o acesso a determinado espaço público (CARR et al., 1992; SILVA, 2009). Ainda, Norcross (1973 apud LAY e REIS, 2005) e Byron (1972 apud LAY e REIS, 2005), entre outros, argumentam sobre os efeitos negativos que a ausência de reconhecimento de responsabilidade territorial sobre os espaços públicos abertos, que pode ser influenciada por diferentes níveis de acessibilidade visual e funcional e pode refletir no nível de manutenção do ambiente construído.

Portanto, nesse trabalho será verificada se a acessibilidade dos espaços públicos abertos está afetando a apropriação e intensidade de uso destes locais e, conseqüentemente, a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos.

### 2.5.2 Aparência

A aparência diz respeito a aspectos físicos (elementos construídos e naturais presentes no espaço urbano) e aos aspectos simbólicos (importância histórica e familiaridade), que podem afetar a avaliação estética de um espaço público de lazer (LANG, 1987). As questões relativas à aparência física de um espaço público de lazer dizem respeito aos aspectos ligados à iluminação, ao estado de manutenção, à vegetação, ao local em que o espaço está assentado (paisagem), entre outros. Segundo Basso (2001), uma iluminação artificial adequada contribui para a aparência positiva de um espaço público, além de aumentar a sensação de segurança e permitir a utilização do espaço público por períodos mais prolongados.

A manutenção, dentre os elementos ligados à aparência, pode assumir um papel acentuado na qualidade espacial percebida pelos usuários de uma cidade (LAY e REIS, 2002). Os cuidados com a vegetação (poda de árvores e corte de grama), com a limpeza (ausência de odores desagradáveis e lixo), com a iluminação e a conservação de equipamentos e mobiliário nos espaços públicos seriam relevantes para a percepção de um espaço atraente esteticamente. Pesquisas indicam (por exemplo, BASSO, 2001) que espaços abertos bem cuidados são sinônimos de prestígio para certas áreas, aumentando a satisfação com o lugar.

A presença de vegetação e de elementos naturais é destacada como uma importante característica que colabora para a satisfação das pessoas com a estética (MONTELLI e REIS, 2008). Os resultados obtidos por Reis, Becker e Lay (2006) sustentam a existência de árvores nos espaços abertos dos conjuntos como um importante aspecto do projeto da habitação social, independentemente do tipo arquitetônico onde o morador reside, das atitudes dos moradores em relação aos seus conjuntos e lugares onde moram. Os autores destacam que a presença de vegetação foi um aspecto frequentemente relacionado à aparência positiva dos espaços abertos por moradores de todos os conjuntos estudados, pela presença da natureza, por propiciar uma paisagem mais bonita, além de proporcionar melhor conforto ambiental pela possibilidade de sombreamento. A cobertura vegetal também é destacada como importante para a qualidade visual dos espaços abertos (FRANCIS, 1987).

Segundo Zerbini e Reis (2002), o uso das praças ainda é afetado pela qualidade visual observada a partir das praças, isto é, as visuais do entorno que delimitam a praça. Nesse sentido, Joardar & Neill (apud FRANCIS, 1987) constataram num estudo empírico sobre o uso de dez praças de Vancouver, no Canadá, que aquelas mais usadas eram as que ofereciam uma maior qualidade visual, além de possibilidades de sentar e contemplar tais visuais. Portanto, a qualidade visual do ambiente urbano e das praças parece ser importante na medida

em que afeta o bem-estar e o comportamento dos indivíduos, por meio do estímulo de seus sentidos, através da continuidade, variedade e padrões formais existentes nos espaços urbanos, assim como por meio de imagens elaboradas a partir do processo cognitivo do indivíduo (ver ZERBINI e REIS, 2001).

Portanto, nesse trabalho será verificada se a aparência dos espaços públicos abertos, constituída pelas características formais, vegetação existente e manutenção/ conservação dos espaços abertos e edificações estaria afetando a apropriação, a intensidade de uso e a permanência de indivíduos nestes locais e, conseqüentemente, a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos.

### **2.5.3 Conforto e adequação ambiental**

O conforto físico e psicológico é uma necessidade básica dos indivíduos que requerem o provimento de algumas facilidades nos espaços públicos, a fim de satisfazer suas necessidades (CARR et al., 1992). A percepção desses espaços como confortáveis e adequados apresenta variações individuais dependentes dos níveis de conforto a que cada indivíduo está habituado (LANG, 1994). Todavia alguns fatores podem ser listados como relevantes para a sensação de conforto nos espaços públicos: existência de mobiliário e equipamentos adequados para realizar as atividades desejadas, que permitam o uso prolongado em termos de quantidade e dimensionamento; existência de vegetação adequada que propicie conforto térmico (sol no inverno e sombra no verão), proteção contra o vento, chuva e outros fatores climáticos; além de dimensões espaciais coerentes com a densidade do local (FRANCIS, 1987; CARR et al., 1992). Segundo Whyte (1988), a existência de espaços para sentar, confortáveis e em número suficiente, tem sido lembrada como importante para o sucesso de um local e determinante para o tempo de permanência dos indivíduos.

A vegetação parece ser fundamental para o conforto ambiental. O uso adequado de plantas, além do aspecto estético favorável, pode suprir necessidades de ventilação, proteção à insolação e radiação (por exemplo, BASSO, 2001; LAY e REIS, 2002a). Basso (2001) verificou que árvores de grande porte que ofereçam sombra aos usuários, juntamente com espaços para sentar, parece ser uma combinação ideal para a percepção de espaços confortáveis e, por outro lado, o sombreamento inadequado nas ruas pode inibir ou limitar as atividades de sentar nas calçadas e observar o movimento. De forma semelhante, Gonçalves et al. (2008) argumentam que a vegetação urbana, além de amenizar o ambiente de artificialidade, produz benefícios fisiológicos e psicológicos em termos de conforto ambiental.



Os autores ressaltam os benefícios da vegetação sobre o conforto térmico, a radiação solar, a velocidade do ar, a qualidade e a umidade do ar, os confortos acústico e visual e a contribuição para a redução do consumo de energia. Ainda, Gambim (2007) constatou que a vegetação destaca-se quanto aos seus efeitos na interação social e, quando presente em áreas comunais, junto aos ambientes residenciais, exerce grande influência na produção do senso de comunidade e no estreitamento de laços sociais entre adultos.

Neste sentido, Bueno (2000) salienta que a falta de arborização das ruas e áreas livres é o fator mais óbvio de desconforto dos moradores e a não inclusão da arborização nos programas de urbanização de conjuntos habitacionais é uma prática frequente, o que torna o conjunto árido e com problemas de conforto térmico. Ainda, Coelho (2009) ressalta que a arborização, além de essencial para a saúde global do habitante e bem-estar urbano, se constitui num importante elemento amenizador da cidade, “trazendo-a” para uma escala mais humana, mais agradável, apropriável e mesmo doméstica/ habitada.

Portanto, nesse trabalho será verificado se o conforto e adequação ambiental dos espaços públicos abertos, proporcionado pela existência de mobiliário, equipamentos e vegetação adequados, estaria afetando a apropriação, a intensidade de uso e a permanência de indivíduos nestes locais e, conseqüentemente, a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos.

#### **2.5.4 Percepção de segurança**

O sentimento de segurança nos espaços públicos tem sido identificado como um importante pré-requisito para o uso, uma vez que a preocupação com a segurança tem aumentado e influenciado na escolha de espaços públicos para realização de atividades de lazer, ou seja, os locais considerados inseguros tendem a ser evitados. Segundo alguns autores (por exemplo, HILLIER e HANSON, 1984; FRANCIS, 1987; JACOBS, 2000), a percepção de insegurança em locais públicos pode estar ligada, principalmente, a fatores relacionados ao crime e ao trânsito. De acordo com Rigatti (1993), as questões ligadas ao problema da violência urbana, marginalidade social e insegurança generalizada têm se mostrado como um componente extramorfológico nas possibilidades de vivência dos espaços públicos e vêm interferindo de forma acentuada no comportamento social das pessoas. Dessa forma, a percepção de insegurança pode levar ao enclausuramento dentro das casas, à perda de contato com os espaços públicos abertos no dia a dia e à busca de espaços alternativos mais controlados como, por exemplo, shopping centers, utilizados para o consumo e lazer.

Hillier e Hanson (1984), comentando a relação entre morfologia e segurança, consideram que o princípio de segurança e da vivência urbana é fruto da forma como os tipos de relações são construídos pelo espaço. Assim, os estranhos não são excluídos, mas controlados. O que, de forma semelhante, foi exposto por Jacobs (2000), quando observou que é a passagem controlada de estranhos e o contato direto com os habitantes que criam a segurança urbana. Rigatti (1993) reforça o papel da presença controlada de estranhos em policiar o espaço, pois se existir a exclusão de estranhos e apenas a vigilância espacial por habitante, o espaço urbano não será seguro.

A monofuncionalidade e a utilização de amplos territórios apenas em períodos determinados do dia da semana têm levado ao esvaziamento de vivências em espaços que, do ponto de vista da sua morfologia – relações espaciais, níveis de integração (acessibilidade topológica) e grau de constituição (conexões funcionais) – poderiam indicar condições favoráveis a um amplo campo de encontro social. Nesse sentido, autores (por exemplo, NEWMAN, 1972 apud DEL RIO 1990; RIGATTI, 1993; JACOBS, 2000) sugerem que a multifuncionalidade de usos e a integração das funções econômicas, sociais, de trabalho, de moradia, de cultura e de lazer são fundamentais para um equilíbrio e para o monitoramento dos espaços públicos. Um requisito básico da vigilância é um número substancial de estabelecimentos e locais públicos dispostos ao longo das calçadas, sobretudo espaços que sejam utilizados de noite. Lojas, bares e restaurantes, por exemplo, atuam de forma bem variada e complexa para aumentar a segurança nas calçadas, uma vez que a presença contínua de usuários nos espaços urbanos e o número de encontros diminuem o risco de crimes (JACOBS, 2000). Em outros termos, Hillier (1988) coloca que um padrão constante de movimento, caracterizando espaços com presenças de pessoas, aumentaria a segurança dos usuários dos espaços urbanos.

Outro elemento importante para a percepção de segurança é a iluminação. Jacobs (2000) argumenta que o valor da iluminação adequada nas ruas de áreas apagadas e desvitalizadas vem da percepção de segurança que ela proporciona às pessoas que precisam andar nas calçadas ou, gostariam de andar, e não o fariam sem boa iluminação. Para a autora, as luzes induzem as pessoas a contribuir com seus olhos para a manutenção da rua, pois a boa iluminação amplia cada par de olhos, ou seja, faz com que o alcance dos olhos seja maior. Portanto, uma boa iluminação tem importante valor para a segurança, pois permite a utilização do espaço público por períodos mais prolongados para a realização de atividades

esportivas e de socialização, mantendo o local constantemente ocupado (por exemplo, BASSO, 2001).

Em relação à segurança quanto ao trânsito, estudos (por exemplo, CASTELLO, 2008; SILVA, 2009) sustentam que o tráfego de veículos em baixa velocidade tende a causar uma sensação de segurança nos indivíduos, favorecendo o uso das ruas por pedestres e, portanto, a interação entre os moradores. Segundo Carr et al. (1992), existe uma relação inversa entre intensidade de veículos e vida pública, pois o uso intenso do automóvel, como principal meio de transporte e sem controle de velocidade, pode trazer consigo, além do perigo no uso das ruas, outras consequências negativas, tais como: isolamento das pessoas, prejuízo do tecido social das comunidades, diminuição da beleza dos espaços, grandes áreas reservadas a estacionamentos, barulho e poluição, fatores que podem contribuir para a diminuição da vitalidade das ruas (CRAWFORD, 2000 apud BASSO, 2001). Nesse trabalho, será verificado se a percepção de segurança dos espaços públicos abertos estaria afetando a apropriação e a intensidade de uso destes locais.

Com base no exposto acima, considera-se que as características fisicoespaciais dos espaços públicos abertos podem influenciar o uso e permanência de indivíduos nestes locais e, conseqüentemente, para a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos. Dessa forma, esses atributos serão considerados neste trabalho para verificar se os resultados relativos à influência das características de implantação dos conjuntos na interação social podem ou não ter sido influenciados por eles.

## **2.6 Características socioeconômicas e interação social**

Segundo a literatura, as características individuais dos moradores podem influenciar no estabelecimento de prioridades das necessidades e afetar o tipo e a intensidade de uso dos espaços públicos abertos, pois diferentes pessoas têm percepções, expectativas e avaliações diferentes dos espaços, de acordo, entre outras coisas, com seu ciclo de vida, nível socioeconômico e escolaridade, que somados, determinam o seu estilo de vida.

O estilo de vida pode ser entendido como um conjunto de regras que as pessoas adotam e os comportamentos específicos que elas tendem a exibir em determinados ambientes (LANG, 1987). Refere-se à maneira como as pessoas vivem, incluindo seus padrões de atividades e de relações, lugares e necessidades para manter essas atividades. Segundo Rapoport (1977 apud BASSO, 2001), estilo de vida pode ser uma das variáveis essenciais na organização da cidade através da maneira como se estabelecem as relações entre pessoas de

diferentes religiões, classes sociais, raça ou origem, pois refletem as diferentes culturas e subculturas da cidade.

Estudos apontam a tendência de as pessoas agruparem-se com outras que possuam estilo de vida semelhante ao seu, ou seja, os grupos dispõem de uma rede homogênea de relações (por exemplo, RAPOPORT, 1978; BASSO, 2001; SILVA, 2009). Além disso, o tempo de moradia também caracteriza o estilo de vida dos moradores, sendo associado à realização de atividades sociais nas ruas próximas à residência, pois é uma variável importante na formação de relações de amizades locais e senso de comunidade (BASSO, 2001).

O estudo realizado por Basso (2001) indica que um ambiente com casas mais próximas, onde as aberturas oferecem uma oportunidade para a vigilância natural da rua, com diversidade de usos, pode facilitar o movimento de pedestres e as interações sociais. Esse tipo de ambiente é coerente com um estilo de vida que dê mais ênfase às interações de grupo do que às ações individuais (BASSO, 2001; NETTO, 2009). Através das evidências obtidas, a autora ilustra as relações existentes entre estilo de vida e os padrões de comportamento culturalmente diferenciados, no que se refere a hábitos de compras, de trabalho e recreação, sendo que o espaço público torna-se um local importante para a população de menor renda, por ser mais facilmente acessível que outros espaços, para ir e para encontrar outras pessoas.

A literatura destaca o papel do ciclo de vida no uso de espaços públicos, apropriados por pessoas em todas as fases da vida: crianças, adolescentes, adultos e idosos. No entanto, determinados locais possibilitam ou atraem a apropriação por indivíduos de determinada faixa etária. Portanto, parece ser importante manter oportunidades de estímulos, através de atividades em todos os ciclos de vida (ver CARR et al., 1992). A faixa etária em que o indivíduo está inserido modifica sua forma de usar os espaços públicos, pois suas necessidades (por equipamentos, por tipos de atividades de recreação, por diferentes níveis de privacidade), tempo disponível e preferências são diferenciadas pela etapa no ciclo de vida em que se encontra (ver FRANCIS, 1987; BASSO, 2001). Assim, a faixa etária evidencia-se como um dos elementos condicionantes no processo de apropriação dos espaços públicos por diversos autores, devido às questões relacionadas à motivação, mobilidade, percepção de segurança, entre outras, que são expressas diferentemente por indivíduos em diferentes faixas etárias (por exemplo, CARR et al., 1992; BASSO, 2001).

As crianças, por exemplo, são, potencialmente, os principais usuários de espaços com possibilidades de lazer, pois passam boa parte do dia brincando. Elas precisam de espaço para

desenvolver suas habilidades cognitivas e competências e de uma boa quantidade de locais onde possam brincar e aprender, ter oportunidades para praticar esportes e se exercitar. Crianças pequenas necessitam de oportunidades para brincar perto de casa, com possibilidade de vigilância dos pais, pois a falta de segurança nos espaços públicos pode afastar as crianças do perigo das ruas, pais podem limitá-los ao espaço de dentro de casa ou do apartamento (MARCELLINO, 1983 apud SILVA, 2009). O estudo realizado por Frúgoli (1995) também salienta o papel importante das crianças na aproximação inter-étnica, ao ultrapassarem seus territórios, na busca de socialização.

Por sua vez, os adolescentes passam a valorizar o grupo de amizades e necessitam de espaços agradáveis para se encontrar e participar de atividades. Esses locais podem ser próximos de suas casas, desde que seja preservada a tranquilidade dos outros grupos. Os adultos são mais móveis e independentes do que as outras faixas etárias, podendo escolher os lugares de lazer e convívio social que irão frequentar. Já os idosos, por sua mobilidade limitada, gostam de observar as atividades da vizinhança e possuem um estilo de vida mais restrito, todavia, desejando mais áreas comunitárias e de interação intensa (por exemplo, BASSO, 2001). Segundo estudos (CARR et al., 1992; JACOBS, 2000), grupos de idosos costumam usar os espaços públicos de lazer, geralmente, nos períodos que oferecem mais sol e menos competição com crianças, adolescentes e adultos. Frequentemente os idosos se concentram em áreas próximas do perímetro de espaços públicos de lazer, porque gostam de estar em locais confortáveis e seguros, onde possam apreciar o movimento da vizinhança. No entanto, os idosos necessitam de um espaço que lhes propicie maior conforto, por exemplo, com mobiliário urbano adequado onde possam permanecer sentados.

Um outro importante aspecto considerado na literatura é o nível socioeconômico, que exerce influência na definição do local da residência na cidade, nível de instrução, estilo de vida e o tempo disponível para realizar atividades de lazer, além das oportunidades de deslocamento e apropriação dos espaços públicos e demais espaços de lazer e convívio social (por exemplo, BASSO, 2001; NETTO, 2009). Por exemplo, é mencionado que para grupos de maior renda, capazes de ter maiores gastos com transporte e consumo, os locais de atividades tendem a ser menos dependentes de uma localização específica. Nesses casos, o principal fator de construção de relações sociais e da rede social pessoal não é mais a proximidade, mas a mobilidade (por exemplo, BASSO, 2001; BRANDÃO, 2005; NETTO, PASCHOALINO e PINHEIRO, 2010). A capacidade de mobilidade espacial e acesso social permitem que os

atores se envolvam em um número maior de atividades, sendo que cada um desses locais são pontos de encontro potenciais.

Nesse sentido, os estudos realizados por Basso (2001) e Gambim (2007) ilustram como pessoas com muitos recursos econômicos, por terem acesso a mais atividades distribuídas pela cidade, parecem apresentar menor ligação com a vizinhança e menor necessidade de acesso ao comércio e serviços locais do que pessoas com menos recursos. Nas classes altas, as relações entre familiares, amigos ou grupos especiais tendem a ser mais importantes do que a vida da vizinhança, enquanto nos bairros da classe trabalhadora ocorrem muitos tipos de dependências e de inter-relações na própria vizinhança (RAPOPORT, 1977 apud GAMBIM, 2007). Segundo Keller (1979 apud RIGATTI, 1995), quanto mais autossuficiente é uma comunidade ou mais centrado em si mesmo o indivíduo ou um grupo, menor é a confiança nos vizinhos e mais fraca são as relações de vizinhança.

Holanda (2002) confirma que a cidade “funciona” de maneira diferente para as pessoas, dependendo da classe social a que pertencem. Por exemplo, o autor coloca que os trabalhadores manuais usam sua própria casa e os espaços públicos e, portanto, são mais fortemente baseados no espaço, ao contrário da classe média, que desenvolve um sistema de encontros transpaciais. Netto (2009) salienta as questões culturais relacionadas ao comportamento da classe de baixa renda, que tende a utilizar os espaços próximos de suas residências, porém a capacidade de movimentação decorrente do poder aquisitivo é um fator determinante. Confirmando tal informação, a pesquisa de Basso (2001) afirma que a intensidade de uso das ruas para a sociabilidade é inversamente proporcional a faixa de renda familiar, de modo que quanto maior a renda, menor era a intensidade de uso dos espaços públicos. A autora ainda destaca que a falta de opções de lazer e de conforto dentro de casa faz com que famílias pertencentes a faixas de rendas menores, utilizem a rua como espaço de lazer e passem a considerá-la como uma extensão de sua casa. Ainda, Brandão (2005) complementa que a população de baixa renda se utiliza com mais frequência dos espaços abertos por se constituírem na opção quase única de desenvolvimento das práticas sociais.

Milton Santos (1996 apud EGLER, 2000) verificou que nos bairros populares, o movimento das pessoas é mais intenso, as casas mais próximas e as interações mais espontâneas e, portanto, o encontro é uma forma de ação social que faz o estar junto uma prática social expressiva e construtora de qualidades do cotidiano. De forma semelhante, Keller (1979 apud RIGATTI, 1995) sustenta em seus estudos a importância dos valores e das relações sociais para os bairros de baixa renda.

Já em relação à escolaridade, pesquisas indicam que o nível das atividades praticadas no tempo livre também estaria relacionado ao grau de formação escolar e a obtenção de uma visão de mundo mais ampla. Estima-se que os indivíduos que têm acesso amplo e fácil à educação, são menos vulneráveis – o que não quer dizer imunes – ao conformismo, tendo maiores possibilidades de práticas críticas e criativas do lazer (MARCELLINO, 1983 apud SILVA, 2009). Silva (2009) comenta uma pesquisa realizada nos parques públicos da cidade de São Paulo onde foi descoberto que o grupo que apresentava maior frequência de uso desses espaços possuía ensino médio ou fundamental completo, demonstrando uma menor frequência daqueles que possuem formação superior, sugerindo que os parques públicos são mais utilizados por indivíduos com menor escolaridade.

Com base no exposto acima, considera-se que as características socioeconômicas dos moradores das áreas de estudo podem afetar o tipo e a intensidade de uso dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, afetar a interação social nos conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos. Essas variáveis serão consideradas neste trabalho para verificar se os resultados relativos à influência das características de implantação dos conjuntos na interação social podem ou não ter sido influenciados por elas.

## **2.7 Considerações finais**

Na revisão da literatura foram identificados os fatores que podem promover ou inibir a interação social em conjuntos habitacionais. Considerando que o foco do trabalho é investigar a influência das características de implantação de conjuntos habitacionais na interação social, as características fisioespaciais e as características socioeconômicas serão consideradas para verificar se os resultados relativos à influência das características de implantação dos conjuntos na interação social não estariam sendo mascarados por elas. Assim, serão exploradas as seguintes relações:

- a) Em relação à dimensão do conjunto habitacional, será verificado se quanto menor a dimensão do conjunto, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato e vice-versa.
- b) Em relação à configuração do conjunto habitacional, será verificado se a integração do conjunto na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade.
- c) Em relação à localização dos conjuntos habitacionais, será verificado se quanto mais distante da área urbana consolidada o conjunto habitacional estiver, menor é a interação com

o entorno imediato e maior a interação intraconjunto, ou seja, maior interação entre os moradores do próprio conjunto (coesão social), do que conjuntos habitacionais localizados em áreas centrais.

Para a verificação dessas relações, serão investigados conjuntos habitacionais de interesse social e seus entornos. No próximo capítulo será apresentada a estrutura metodológica para operacionalização das hipóteses de trabalho. Será abordado o estudo de caso, com os critérios para definição da amostra e os conjuntos habitacionais selecionados. Por fim, são definidos os métodos de coleta, registro e análise dos dados.



## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 Introdução**

No capítulo anterior foram identificados os fatores mais comumente mencionados na literatura que podem influenciar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores de conjuntos habitacionais e entre conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

Neste capítulo, a partir de uma breve descrição do problema de pesquisa e seus objetivos, é estabelecida a estrutura metodológica para operacionalização das hipóteses de trabalho. É abordado o estudo de caso, com os critérios para definição da amostra, bem como os conjuntos habitacionais selecionados, seguido da descrição dos procedimentos metodológicos, fundamentados no campo de estudos de Ambiente e Comportamento. Por fim, uma breve caracterização dos conjuntos e seus respectivos entornos, e a descrição dos métodos de análise de dados.

### **3.2 Problema de pesquisa e objetivos**

O problema de pesquisa trata da necessidade de compreender o processo de interação social entre os moradores de conjuntos habitacionais e entre o conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Destaca, para tanto, conjuntos habitacionais de interesse social, produzidos pelo poder público, com diferentes características de implantação.

Conforme identificado na literatura, as características de implantação, tais como a dimensão, configuração e localização, de conjuntos habitacionais podem ter efeitos na identificação da imagem do lugar e na definição dos padrões de uso e comportamento. Ainda, semelhanças e diferenças nas características fisioespaciais e socioeconômicas desses conjuntos habitacionais tendem a estar associadas com a interação social, no sentido de favorecer ou inibir o encontro e a permanência de indivíduos nos espaços públicos abertos e, desta forma, influenciar a interação entre as pessoas.

Assim, partindo da premissa de que as características de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social podem ter influência no tipo e na intensidade de interação social, este estudo tem por objetivo compreender de que maneira a implantação de conjuntos habitacionais, no tocante a dimensão, configuração e localização, afeta a interação social entre os moradores do próprio conjunto e a interação dos moradores do conjunto com o entorno

imediate e com a cidade. Serão levadas em consideração as características físicoespaciais do ambiente construído e as características socioeconômicas dos moradores para se certificar de que os resultados relativos à influência das características de implantação dos conjuntos na interação social não sejam mascarados por elas.

### 3.3 Hipóteses de trabalho

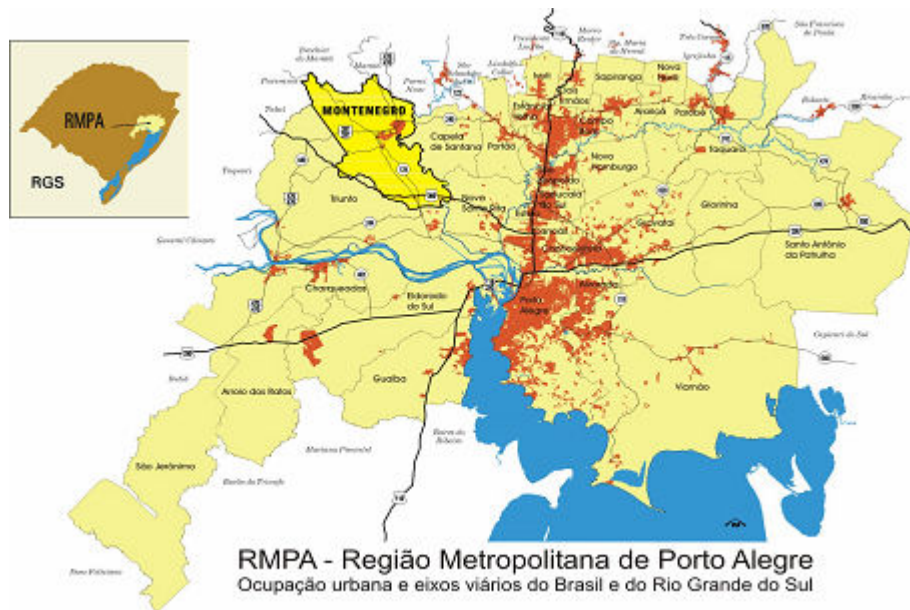
A partir da revisão da literatura, foi possível estabelecer as hipóteses de trabalho relativas às características de implantação de conjuntos habitacionais, no tocante a dimensão, configuração e localização, e sua influência na interação social entre os moradores do próprio conjunto e na interação dos moradores do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Será investigado se:

- a) Quanto menor a dimensão do conjunto habitacional, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato e vice-versa.
- b) Quanto mais integrado estiver o conjunto habitacional na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, maior será a integração dos moradores com o bairro/ cidade e maior o reconhecimento como pertencentes à cidade.
- c) Quanto mais distante da área urbana consolidada o conjunto habitacional estiver, menor é a interação com o entorno imediato e maior a interação intraconjunto, ou seja, maior interação entre os moradores do próprio conjunto (coesão social), do que conjuntos habitacionais localizados em áreas centrais.

A operacionalização das hipóteses foi realizada através de um estudo de caso. Foram analisadas as relações existentes entre conjuntos habitacionais de diferentes dimensões, configurações e localizações na cidade com o nível de interação social existente entre os moradores do conjunto e o nível de interação dos moradores do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Além disso, foram analisadas as características físicoespaciais dos espaços públicos abertos, as relações com as edificações do entorno, a qualidade da infraestrutura, serviços, comércio e equipamentos comunitários existentes, as características morfológicas dos conjuntos e seus respectivos entornos e as características socioeconômicas dos moradores dos conjuntos e entornos.

### 3.4 Estudo de caso

O estudo de caso consiste de conjuntos habitacionais produzidos pela COHAB – Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul, localizados na cidade de Montenegro – RS, de porte médio, pertencente à região metropolitana de Porto Alegre/RS (Figura 01). A escolha desta cidade se deu, também, por questões operacionais, para viabilizar a coleta de dados. Por ser a cidade onde reside a pesquisadora, a proximidade aos conjuntos habitacionais estudados facilitou os deslocamentos diários para coleta dos dados necessários.



**Figura 01** - Região Metropolitana de Porto Alegre. Fonte: Metroplan, 2004

O município de Montenegro possui, segundo o Censo Demográfico de 2010, uma população de 59.436 habitantes, concentrada basicamente na zona urbana. É também integrante da região do Vale do Caí, concentrando cerca de um terço da população desta região e desempenhando uma função de centro comercial e de serviços. De acordo com dados da Prefeitura Municipal, o território atual de Montenegro é de 424,01km<sup>2</sup>, encontra-se a 34m, acima do nível do mar, sendo que, alguns pontos da cidade, como o morro São João, chega aos 210m de altitude. O município apresenta os seguintes limites: ao Norte: Brochier e Maratá; ao Sul: Triunfo; à Leste: São José do Sul, Pareci Novo, Capela de Santana e Nova Santa Rita; à Oeste: Brochier, Paverama e Triunfo.

A cidade de Montenegro é dividida em 26 bairros e apresenta grandes vazios urbanos e grandes áreas de preservação permanente (por exemplo, o rio Caí e suas extensas áreas alagáveis, o morro São João e os inúmeros cursos de água natural que cortam a cidade) que

impossibilitam uma ocupação urbana mais concentrada, fazendo com que a cidade fosse ocupada de forma dispersa. O morro São João divide a cidade em dois lados: o lado leste, onde a cidade surgiu e se desenvolveu inicialmente e o lado oeste que vem se desenvolvendo nas últimas décadas. Cabe ressaltar que até o final da década de 70, a cidade se concentrava basicamente no lado leste do morro São João e o lado oeste ainda era zona rural. Será adotada a terminologia bairro Centro (centro da cidade antiga, ou seja, leste do morro São João) e bairro Timbaúva (centro da cidade nova, ou seja, oeste do morro São João).

Este estudo tem o foco na casa isolada no lote, que é a tipologia predominante no município. Sabe-se que essa tipologia tende a apresentar menos problemas em termos de desempenho dos conjuntos habitacionais, quando comparada com outras tipologias (LAY, 1992). O pátio individualizado, característico dessa tipologia, permite maior flexibilidade em termos de possibilidade de ampliações das residências, além de maior controle territorial, em função da maior clareza de hierarquia espacial. Por outro lado, de acordo com o porte do conjunto, faz-se necessário áreas maiores para implantação, geralmente áreas distantes, localizadas na periferia urbana.

Os critérios para definição da amostra foram:

- Conjuntos com diferentes dimensões, de pequeno porte (até 50 unidades habitacionais), de porte médio (de 51 a 200 unidades habitacionais) e de grande porte (mais de 201 unidades habitacionais);
- Conjuntos com diferentes configurações e níveis de integração na malha urbana, medidos através do mapa axial de integração local e global e da análise da conexão do tecido do conjunto com o tecido do entorno imediato;
- Conjuntos com diferentes localizações, ou seja, diferentes distâncias em relação à área urbana consolidada da cidade.

Com base nesses critérios e no mapa axial da cidade de Montenegro (Figura 03 e 04) elaborado para identificar os níveis de integração global e local, os conjuntos produzidos pela COHAB foram classificados da seguinte maneira:

- Conjunto Habitacional Cinco de Maio: conjunto de porte médio, localizado próximo do centro da cidade antiga em termos de distância, não integrado ao entorno/ cidade conforme indica o mapa axial e a análise da conexão do tecido do conjunto com o tecido do entorno imediato (*conjunto médio x próximo x não integrado*).

- Conjunto Habitacional Vila Popular: conjunto de porte médio, localizado próximo do centro da cidade antiga e do centro da cidade nova em termos de distância, integrado ao entorno/ cidade por possuir uma via central que serve de ligação entre bairros, com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema, conforme indica o mapa axial (*conjunto médio x próximo x integrado*).
- Conjunto Habitacional Vila São Pedro: conjunto de porte pequeno, localizado próximo do centro da cidade nova em termos de distância, integrado ao entorno/ cidade por estar dentro de loteamento existente, conforme análise da conexão do tecido do conjunto com o tecido do entorno imediato (*conjunto pequeno x próximo x integrado*).
- Conjunto Habitacional Germano Henck: conjunto de grande porte, localizado distante do centro da cidade antiga e do centro da cidade nova em termos de distância, não integrado ao entorno/ cidade, conforme indica o mapa axial e análise da conexão do tecido do conjunto com o tecido do entorno imediato (*conjunto grande x distante x não integrado*).

Tabela 01: Síntese das características dos conjuntos selecionados

Conjunto Habitacional	Dimensão – nº de unidades residenciais	Localização - distância em relação à cidade	Configuração – integração na malha existente
Cinco de Maio	porte médio - 172 unidades	próximo do centro da cidade antiga	não integrado ao entorno/ cidade
Vila Popular	porte médio - 107 unidades	próximo dos centros da cidade antiga e da cidade nova	integrado ao entorno/ cidade
Vila São Pedro	pequeno porte - 20 unidades	próximo do centro da cidade nova	integrado ao entorno/ cidade
Germano Henck	grande porte - 366 unidades	distante dos centros da cidade antiga e da cidade nova	não integrado ao entorno/ cidade



**Figura 02** - Área urbana da cidade de Montenegro, com indicação da localização dos quatro conjuntos habitacionais e dos principais pontos de referência. Fonte: Google Earth, data da imagem: 2009



**Figura 03** - Mapa axial de Montenegro, Integração Global, Programa Mindwalk



**Figura 04** - Mapa axial de Montenegro, Integração Local R3, Programa Mindwalk

Nota: 1=Conjunto Cinco de Maio; 2=Conjunto Vila Popular; 3=Conjunto Vila São Pedro; 4=Conjunto Germano Henck. As linhas mais integradas apresentam cores mais quentes (vermelho e amarelo), enquanto que as linhas mais segregadas apresentam cores mais frias (verde e azul). Os mapas representam o ponto de vista do pedestre.

Os mapas axiais permitiram confirmar os diferentes níveis de integração global e local entre os conjuntos selecionados. Ficou evidenciado o valor de integração (acessibilidade topológica) elevado da via central do conjunto Vila Popular; a integração e conexão do conjunto Vila São Pedro com o entorno; assim como a segregação dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck.

### **3.5 Procedimentos metodológicos**

Os métodos a serem utilizados estão inseridos na área de estudos Ambiente e Comportamento, que permitiram medir como o ambiente construído afeta o comportamento dos indivíduos e vice-versa, de forma a produzir conhecimento que venha a auxiliar na compreensão das reações frente ao ambiente construído, assim como gerar subsídios para a produção de conjuntos habitacionais mais qualificados (por exemplo, LAY e REIS, 2005).

Foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos. Enquanto métodos qualitativos focalizam na determinação da validade da investigação (pela possibilidade de confronto proporcionada entre a situação real em estudo e a descrição, compreensão e interpretação da situação específica), os métodos quantitativos investigam uma maior variedade de fenômenos e determinam a confiabilidade das medidas adotadas, o que possibilita a generalização dos resultados. Segundo Lay e Reis (2005a), o uso simultâneo de múltiplos métodos possibilitam ressaltar a validade dos resultados e afirmar a confiabilidade, credibilidade e qualidade da pesquisa. Desta forma, foram aplicados os seguintes procedimentos:

#### **3.5.1 Levantamento de arquivo**

Este foi o ponto de partida da pesquisa, realizado no segundo semestre de 2009, para verificação dos dados existentes sobre a implantação dos conjuntos habitacionais e sobre a evolução das áreas de estudo (conjuntos e seus respectivos entornos). Através do Departamento de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Montenegro, foram coletadas informações sobre os projetos originais dos conjuntos habitacionais. No entanto, é importante destacar que a Prefeitura possui poucos registros sobre a implantação e evolução das áreas de estudo. Também foram realizadas conversas informais com antigos funcionários da Secretaria de Obras da Prefeitura e com os primeiros moradores dos conjuntos, para resgatar a memória e complementar os dados sobre a situação das áreas de estudo na época da implantação dos conjuntos habitacionais.

### 3.5.2 Levantamento físico

O levantamento físico realizado para atualizar as plantas das áreas de estudo foi executado nos meses de dezembro 2009, janeiro, fevereiro e março de 2010, a partir da via pública. Os registros do levantamento foram digitalizados através do software AutoCAD. Foram levantados os usos, altura, material construtivo e ocupação das edificações, tipo de fechamento dos lotes, características fiscoesaciais dos espaços públicos abertos, tais como vegetação, pavimentação e mobiliário, e os equipamentos comunitários existentes no conjunto habitacional e no entorno.

Para complementação dos dados coletados no levantamento físico também foram utilizadas as imagens disponíveis no Google Earth (no caso de Montenegro, as imagens são de 2009) e levantamento fotográfico. A extensão de cada área de estudo teve como base a distância de 400 metros lineares medidos a partir dos limites dos conjuntos, indicada na literatura (por exemplo, GEHL, 1987; GAMBIM, 2007) como aceitável para percorrer ou realizar uma atividade cotidiana e entendida, neste trabalho, como locais passíveis da interação social entre os moradores.

### 3.5.3 Aplicação de mapas mentais com entrevistas

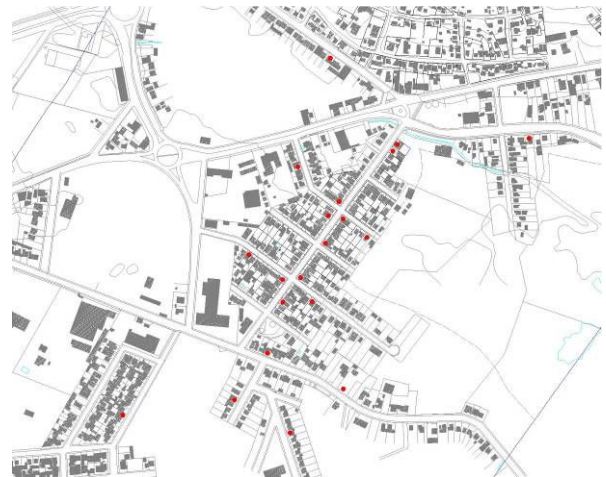
Foram aplicados mapas mentais (por exemplo, LYNCH, 1980), durante os meses de junho e julho de 2010, com o objetivo de verificar o território percebido e a percepção de pertencimento no conjunto, no bairro ou na cidade, para auxiliar no entendimento da imagem ambiental percebida pelos usuários. A partir da imagem ambiental construída pelos moradores, foi possível identificar os elementos estruturadores relevantes na leitura do espaço construído e os atributos mais fortemente percebidos, desejáveis ou indesejáveis, aferindo-lhes importância e significado.

Juntamente com os mapas mentais, foram realizadas 72 entrevistas estruturadas com moradores dos conjuntos e com moradores dos entornos, em uma amostra de 20 entrevistas em cada área de estudo, sendo 10 entrevistas com moradores do conjunto e 10 com moradores do entorno. Os entrevistados foram aleatoriamente selecionados de forma que a amostra abrangesse toda a área de estudo e as entrevistas foram realizadas no local de moradia dos entrevistados (ver Figuras 05, 06, 07 e 08). No Conjunto Germano Henck, que não possui moradores regulares no entorno imediato (são ocupações irregulares), foram entrevistados 10 moradores do conjunto e 2 moradores que fazem parte de um quarteirão onde os lotes foram vendidos separadamente e as casas foram construídas pelos próprios moradores.





**Figura 05** – Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Cinco de Maio e entorno



**Figura 06** – Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Vila Popular e entorno



**Figura 07** – Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Vila São Pedro e entorno



**Figura 08** – Indicação amostra de entrevistados do Conjunto Germano Henck e entorno

As entrevistas (ver Anexo A) incluíram perguntas sobre:

- a) os limites percebidos do bairro – para verificar se existem diferenças na percepção dos limites de cada bairro, entre os moradores do conjunto e do entorno. Foi solicitado que fizessem uma descrição dos limites percebidos, que foram posteriormente espacializados.
- b) as ruas que consideram mais importantes - para identificar as ruas mais importantes (e, portanto, com maior imageabilidade) em relação ao local de moradia do entrevistado.
- c) percepção de qualidade da infraestrutura e serviços do bairro e percepção de qualidade dos espaços públicos abertos (ruas, calçadas, praças e áreas verdes).
- d) relacionamento na vizinhança – para identificar o relacionamento na vizinhança e os espaços preferidos para realizar os encontros sociais com amigos e vizinhos.
- e) sobre os locais que consideram mais agradáveis e desagradáveis – para espacializar e

identificar os espaços avaliados mais positivamente e mais negativamente e as principais referências espaciais e associações com a configuração do conjunto e conexões com o entorno. Algumas respostas não se referem imediatamente a espaços sendo que, nestes casos, há uma maior ênfase nos comportamentos sociais nos espaços.

Os resultados das entrevistas serviram de subsídio para a elaboração dos questionários.

#### **3.5.4 Observações de manifestações comportamentais e de traços físicos**

As observações sistemáticas de uso dos espaços abertos foram registradas em mapas comportamentais (registro em plantas baixas digitalizadas em Autocad, de categorias de usuários segundo seus comportamentos e o local onde ocorrem) para verificar o nível de interação social existente entre os moradores do conjunto e o nível de interação dos moradores do conjunto com o entorno imediato. Conforme Lay e Reis (1995) a observação sistemática de pessoas utilizando o ambiente construído permite produzir informações sobre as atividades dos usuários, sobre regularidades de comportamento, sobre usos e lugares onde acontecem, permitindo, assim, inferir onde e como o ambiente interfere na ocorrência de comportamentos e atividades dos usuários.

As observações foram realizadas em duas etapas. Na primeira etapa foram efetuadas observações preliminares, para identificar os horários de maior intensidade de uso. Na segunda etapa, foram efetuadas observações mais aprofundadas para reconhecer os comportamentos mais marcantes nos espaços públicos. Segundo a literatura, analisar o comportamento registrado em mapas pode dar ao investigador uma visão geral do que está acontecendo no espaço como um todo, em determinado momento, ou, com a sobreposição das informações de diversos dias, identificar as atividades que se repetem em lugares específicos, facilitando a análise da relação do comportamento com o espaço físico (por exemplo, BASSO, 2001; GAMBIM, 2007).

As observações de traços físicos indicam vestígios deixados por atividades e comportamentos, por exemplo, indicação de trajetos alternativos criados por moradores ou quando caminhos previstos não são utilizados. Assim, foi possível inferir como o ambiente construído chegou às condições atuais, como ele é usado e manipulado em resposta às condições físicas impostas pelo projeto, como os usuários se sentem em relação ao ambiente e, de certa maneira, permite avaliar até que ponto o ambiente construído preenche ou não as necessidades dos usuários.

Na compreensão do sistema de atividades relativo a um grupo, Rapoport (1986 apud GAMBIM, 2007) destaca como básica a definição das classes de atividades a serem observadas. Portanto, sendo o objetivo a identificação da interação social entre moradores dos conjuntos e seus entornos, as atividades foram definidas em seis categorias: (1) parado em pé; (2) sentado; (3) em deslocamento; (4) brincar/ jogar; (5) andar de bicicleta; e (6) realizar trabalhos (manutenção, jardinagem ou outras atividades).

A categorização dos usuários a serem observados foi baseada no ciclo de vida (faixa etária) dos moradores: crianças (até 13 anos); jovens (de 14 a 20 anos); adultos (de 21 a 59 anos) e idosos (acima de 60 anos). Cabe destacar que as pessoas não eram questionadas sobre suas idades, portanto, a categorização foi feita de forma aproximada. Quando existia dúvida em relação à faixa etária, foi representado no mapa como sendo adulto.

Os percursos para observação do comportamento foram definidos conforme os seguintes aspectos: vias mais mencionadas nas entrevistas, vias mais integradas conforme o mapa axial, localização de equipamentos comunitários, tais como escolas e creches, localização das praças/ áreas verdes, locais utilizados para lazer e paradas de ônibus.

A definição dos períodos de observação consistiu na pré-verificação de horários com maior frequência de uso pelos moradores durante manhãs e tardes. As observações foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2010, durante duas semanas, nos sete dias da semana, duas vezes ao dia, pela manhã (entre 10 e 11 horas) e pela tarde (entre 17 e 18 horas), em cada uma das áreas de estudo (Tabela 02), totalizando 112 mapas comportamentais. As saídas de campo que ficaram inviabilizadas pela chuva foram recuperadas em dezembro de 2010.

Tabela 02: Cronograma das observações comportamentais

Conjunto Habitacional	Semana 1	Semana 2	Percurso (em metros)
Cinco de Maio	03/11 a 09/11	01/12 a 07/12	1.400
Vila Popular	10/11 a 16/11	01/12 a 07/12	520
Vila São Pedro	17/11 a 23/11	08/12 a 14/12	1.100
Germano Henck	24/11 a 30/11	08/12 a 14/12	1.060

Nota: A recuperação dos dias perdidos, devido às chuvas, ocorreu nas semanas de 15/12 até 28/12.

### 3.5.5 Questionários

A aplicação de questionários é um método que permite a identificação de regularidades entre grupos de pessoas através da comparação e quantificação das respostas individuais, considerando um número significativo de respondentes. É um método apropriado

para medir atitudes e níveis de satisfação dos usuários em relação a diversos aspectos técnicos, funcionais ou comportamentais do ambiente construído, permitindo coletar grande quantidade de dados, os quais através da comparação e análise estatística possibilitam produzir generalizações (LAY e REIS, 1995).

A definição do questionário foi baseada nas variáveis da pesquisa. As questões formuladas buscaram medir percepções, atitudes e aspirações dos moradores com relação a: atividades que costumam realizar nas horas de lazer; locais que costumam utilizar para as atividades de lazer e convívio social; percepção de adequação das calçadas, ruas, praças e áreas verdes; usos das calçadas, praças e áreas verdes e equipamentos comunitários; satisfação com o local onde moram e com o bairro; relacionamento com os vizinhos; comportamento territorial; além das informações sobre os respondentes.

Os questionários, como método quantitativo, foram utilizados para possibilitar a generalização dos resultados obtidos (LAY e REIS, 2005a), sendo aplicados aos moradores do conjunto e aos moradores do entorno. Foram compostos predominantemente por questões fechadas de múltipla escolha. Cabe destacar que a intenção era manter uma amostra de, pelo menos, 30 moradores do conjunto e 30 moradores do entorno para cada uma das áreas estudadas, conforme recomendação da literatura, para garantir a aplicação de testes estatísticos. No entanto, não foi possível completar as amostras do entorno do Conjunto Habitacional Cinco de Maio e do entorno do Conjunto Habitacional Vila Popular, por tratar-se de áreas irregulares que apresentaram problemas de segurança para a pesquisadora. No Conjunto Habitacional Germano Henck, existem poucas ocupações no entorno e todas irregulares, por isso, a amostra também foi reduzida.

Primeiramente, foi aplicada uma versão preliminar (piloto) do questionário a duas pessoas com o perfil dos moradores do bairro, para verificação do tempo de duração e de aspectos gerais de compreensão da estrutura e vocabulários utilizados. Com base nas informações obtidas no piloto, as questões foram reformuladas (ver Anexo B).

Os respondentes foram selecionados aleatoriamente de forma que a amostra abrangesse toda a área de estudo (distribuição dos respondentes por quadras diversas, abrangendo toda a área) e de acordo com a disposição dos moradores em participar (ver Figuras 09, 10, 11 e 12). Os questionários foram aplicados diretamente pela pesquisadora, no local de moradia dos respondentes, paralelamente às observações comportamentais (em horários alternados), constituindo a amostra de respondentes conforme mostra a Tabela 03. A aplicação de cada questionário durou entre 15 e 20 min, mas dependendo da disposição do

respondente, a conversa se estendia na busca de mais informações sobre a evolução da área e da formação da vizinhança.



**Figura 09** – Indicação amostra de respondentes do Conjunto Cinco de Maio e entorno



**Figura 10** – Indicação amostra de respondentes do Conjunto Vila Popular e entorno



**Figura 11** – Indicação amostra de respondentes do Conjunto Vila São Pedro e entorno



**Figura 12** – Indicação amostra de respondentes do Conjunto Germano Henck e entorno

Tabela 03: Distribuição das amostras por conjunto/ entorno

Conjunto Habitacional	Unidades (conjunto)	Amostra (conjunto)	Unidades (entorno)	Amostra (entorno)	Total
Cinco de Maio	172	30 (17%)	148	24 (16%)	54
Vila Popular	107	30 (28%)	207	24 (12%)	54
Vila São Pedro	20	20 (100%)	394	31 (8%)	51
Germano Henck	366	40 (11%)	50	11 (22%)	51
Total		120		90	210

Nota: Unidades= Foram consideradas para o cálculo as unidades residenciais unifamiliares.

O perfil composicional dos respondentes foi verificado através dos seguintes questionamentos: gênero do respondente, tempo de moradia no local, escolaridade, faixa etária e faixa de renda (Tabela 04).

Tabela 04: Perfil composicional dos respondentes

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
<b>Gênero</b>								
masculino	12 (40,0)	9 (37,5)	6 (20,0)	10 (41,7)	8 (40,0)	6 (19,4)	15 (37,5)	2 (18,2)
feminino	18 (60,0)	15 (62,5)	24 (80,0)	14 (58,3)	12 (60,0)	25 (80,6)	25 (62,5)	9 (81,8)
<b>Tempo de moradia</b>								
até 2 anos	0 (0,0)	2 (8,3)	6 (20,0)	4 (16,7)	1 (5,0)	1 (3,2)	3 (7,5)	2 (18,2)
de 3 a 10 anos	6 (20,0)	2 (8,3)	5 (16,7)	5 (20,8)	1 (5,0)	7 (22,6)	5 (12,5)	3 (27,3)
de 11 a 20 anos	1 (3,3)	6 (25,0)	2 (6,7)	5 (20,8)	4 (20,0)	4 (12,9)	10 (25,0)	5 (45,5)
de 21 a 30 anos	4 (13,3)	10 (41,7)	6 (20,0)	6 (25,0)	2 (10,0)	3 (9,7)	22 (55,0)	1 (9,1)
mais de 31 anos	19 (63,3)	4 (16,7)	11 (36,7)	4 (16,7)	12 (60,0)	16 (51,6)	0 (0,0)	0 (0,0)
<b>Escolaridade</b>								
fund. incompleto	19 (63,3)	6 (25,0)	14 (46,7)	10 (41,7)	8 (40,0)	9 (29,0)	16 (40,0)	5 (45,5)
fund. completo	2 (6,7)	4 (16,7)	3 (10,0)	3 (12,5)	2 (10,0)	3 (9,7)	12 (30,0)	2 (18,2)
médio incompleto	2 (6,7)	1 (4,2)	2 (6,7)	1 (4,2)	2 (10,0)	1 (3,2)	3 (7,5)	1 (9,1)
médio completo	5 (16,7)	10 (41,7)	5 (16,7)	1 (4,2)	7 (35,0)	3 (9,7)	8 (20,0)	2 (18,2)
superior incompleto	1 (3,3)	1 (4,2)	3 (10,0)	3 (12,5)	1 (5,0)	3 (9,7)	0 (0,0)	0 (0,0)
superior completo	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (3,3)	5 (20,8)	0 (0,0)	9 (29,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
analfabeto	1 (3,3)	1 (4,2)	2 (6,7)	1 (4,2)	0 (0,0)	3 (9,7)	1 (2,5)	1 (9,1)
<b>Faixa etária</b>								
até 20 anos	1 (3,3)	2 (8,3)	2 (6,7)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (7,5)	1 (9,1)
de 21 a 59 anos	16 (53,3)	18 (75,0)	13 (43,3)	19 (79,2)	12 (60,0)	22 (71,0)	29 (72,5)	9 (81,8)
acima de 60 anos	13 (43,3)	4 (16,7)	15 (50,0)	4 (16,7)	8 (40,0)	9 (29,0)	8 (20,0)	1 (9,1)
<b>Faixa de renda</b>								
até 3 SM	18 (60,0)	16 (66,7)	22 (73,3)	16 (66,7)	13 (65,0)	15 (48,4)	38 (95,0)	9 (81,8)
de 3 a 5 SM	11 (36,7)	6 (25,0)	7 (23,3)	4 (16,7)	6 (30,0)	10 (32,3)	2 (5,0)	2 (18,2)
de 5 a 10 SM	1 (3,3)	2 (8,3)	1 (3,3)	2 (8,3)	1 (5,0)	4 (12,9)	0 (0,0)	0 (0,0)
de 10 a 19 SM	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	2 (6,5)	0 (0,0)	0 (0,0)
mais de 20 SM	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

Nota: Os valores entre parênteses indicam os percentuais. SM= salário mínimo.

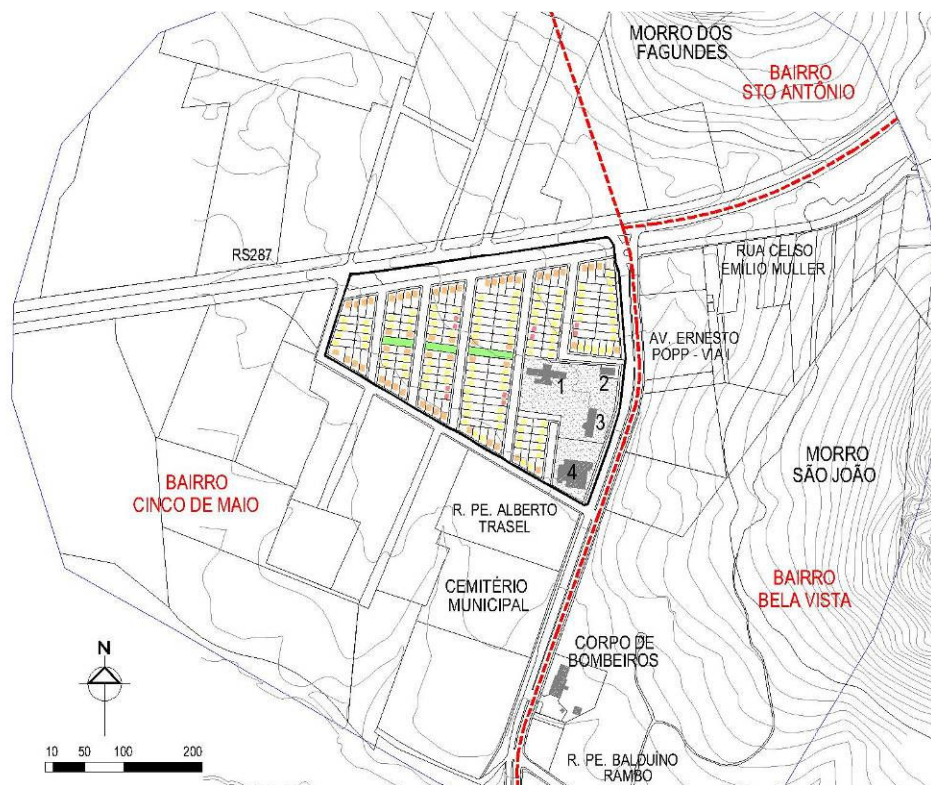
### 3.6 Caracterização das áreas de estudo

#### 3.6.1 ÁREA DE ESTUDO 1 - Conjunto Habitacional Cinco de Maio e entorno

O Conjunto Habitacional Cinco de Maio foi implantado em 1979, com 172 unidades habitacionais. Conforme os critérios de seleção adotados, o conjunto é de porte médio (entre 51 e 200 unidades habitacionais), localiza-se próximo do centro da cidade antiga em termos de distância, mas não é integrado com o entorno. Uma das vias periféricas do conjunto, a Via I - avenida Ernesto Popp, faz parte do sistema viário estrutural do município. Ao sul, o conjunto conecta-se com duas vias que não tem continuidade e são segregadas do sistema.

O conjunto foi implantado numa área de 7,80 hectares, localizado no bairro Cinco de Maio (Figura 13). Possuía apenas uma unidade comercial projetada e dois equipamentos comunitários: uma creche e uma associação comunitária. Junto a esses dois equipamentos, estavam previstas duas quadras de esporte, dois playground, uma praça e alguns espaços de

convívio. Ainda, estava prevista em projeto uma passagem de pedestres com 10,00m de largura na extensão dos três quarteirões centrais, equipada com bancos e floreiras, que serviriam de espaço de convívio social. Os lotes residenciais têm, em média, área de 241,98m<sup>2</sup>. As casas, isoladas no lote, foram construídas seguindo três padrões: (1) com 22,79m<sup>2</sup>, sala e dormitório integrado, cozinha e banheiro (10 unidades); (2) com 30,75m<sup>2</sup>, dois dormitórios, sala, cozinha e banheiro (106 unidades) e (3) com 40,70m<sup>2</sup>, dois dormitórios, circulação com beliche, sala, cozinha e banheiro (56 unidades). Dessa forma, as unidades habitacionais do conjunto tinham taxa de ocupação média de 14%.



**Figura 13** - Mapa da Área de Estudo 1, conforme implantação. Fonte: autora, 2011

Nota: Casa amarela= casa padrão 30,75m<sup>2</sup>; casa laranja= casa padrão 40,70m<sup>2</sup>; casa vermelha= casa padrão 22,79m<sup>2</sup>. Linha azul representa o entorno considerado; linha vermelha indica limite dos bairros; linha em destaque indica limite do conjunto habitacional; hachura verde indica passagem de pedestre. 1= Creche Municipal Cinco de Maio; 2= Comércio projetado; 3= Associação Comunitária; 4= Escola Municipal de Educação Infantil Cinco de Maio.

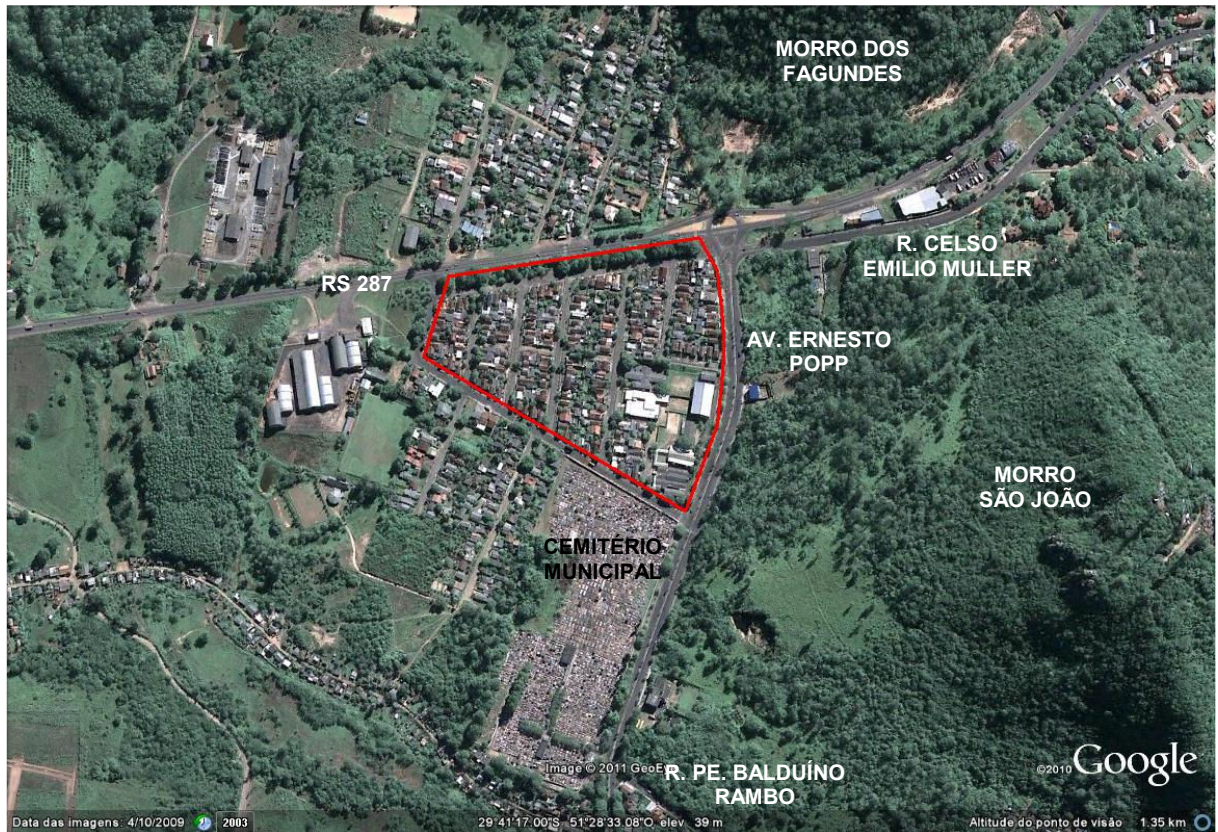
O conjunto estava conectado ao centro da cidade antiga através da avenida Ernesto Popp que, na época, existia apenas como um caminho e pela rua Padre Balduino Rambo, que existia para dar acesso ao Cemitério Municipal, não tendo continuação até o conjunto. Outra possibilidade era pela estrada Maurício Cardoso, atual RS 287. Através de conversas com um antigo funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura, soube-se que a estrada Maurício Cardoso - RS 287, principal acesso para a área, até o final da década de 50, era uma estrada de chão estreita, sendo alargada e asfaltada apenas no final da década de 60. Existiam, ao norte

da RS 287, algumas ocupações lindeiras à estrada, em função dessa estrada existente, que ligava o Município a outras localidades. Ao sul do conjunto, existia o Cemitério Municipal e, a oeste do cemitério, duas estradas de chão com poucas residências. Ainda segundo o funcionário, o projeto do conjunto habitacional já existia desde o final da década de 50, de propriedade particular, mas nunca foi implantado em função da falta de vias abertas que conectassem o conjunto à cidade.

Com a vinda do Pólo Petroquímico, no final da década de 70, foi elaborado o primeiro Plano Diretor Urbano de Montenegro (Lei Municipal nº 2.095/1978), que reestruturou o sistema viário. Através do Projeto Cura (Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada) foram executadas as principais vias determinadas no Plano, tais como a rua Celso Emílio Muller (que permitiu um acesso direto do conjunto ao centro da cidade antiga, contornando, ao norte, o morro São João) e a avenida Ernesto Popp (que permitiu o fechamento do anel de contorno do morro São João, além de ligar a RS 287 a outros bairros da cidade). Essas novas vias permitiram a implantação do conjunto nessa área, que foi adquirida pela COHAB (Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul). Através de conversas com os moradores, soube-se que, quando o conjunto foi entregue, as ruas não eram pavimentadas, só tinha o meio-fio e um arame demarcando os lotes. Não existiam calçadas, nem vegetação. A escola e o comércio projetados foram construídos logo depois.

O Conjunto Habitacional Cinco de Maio localiza-se, conforme o Plano Diretor, na Zona Mista, onde são permitidos diversos usos, com exceção de indústrias de grande porte; o índice de aproveitamento permitido é de 2,0 e a taxa de ocupação máxima prevista é de 70%. Ao norte, foram criados lotes de forma irregular (invasões e ocupações regulares), dentro da Zona de Conservação Natural e, nos trechos mais ao norte, a declividade é superior a 30%, o que configura Área de Preservação Permanente (ver Figura 14).

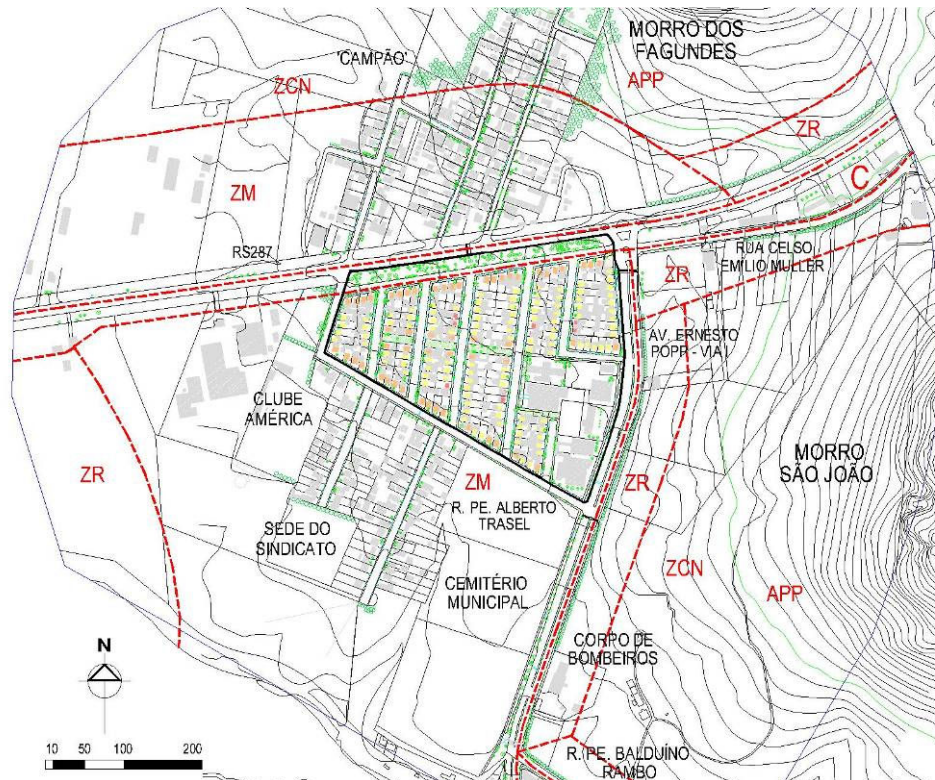




**Figura 14** – Área de Estudo 1. Fonte: Google Earth, data da imagem: 2009

Nota: A linha vermelha indica o limite da área da COHAB.

A maior parte das unidades habitacionais foi modificada e, com as ampliações ocorridas, as casas passaram a ter, em média, área de  $113,37\text{m}^2$ , alcançando a taxa de ocupação média de 46%, ainda dentro do índice estabelecido pelo Plano Diretor (Figuras 15 e 16). Algumas casas apresentam taxa de ocupação superior a 70%, sendo possível perceber que a maioria dessas ampliações foi executada sem nenhum critério técnico, afetando, desta forma, as condições de habitabilidade. Ao sul, embora os lotes tenham sido subdivididos, a taxa de ocupação permanece baixa (média de 26%), pois as edificações possuem área média de  $136,17\text{m}^2$  e os lotes possuem área média de  $569,03\text{m}^2$ . Da mesma forma, ao norte, embora os lotes tenham sido subdivididos, a taxa de ocupação permanece baixa (média de 30%), pois as edificações possuem área média de  $144,53\text{m}^2$  e os lotes possuem área média de  $491,44\text{m}^2$ .



**Figura 15** - Mapa da Área de Estudo 1. Fonte: autora, 2011

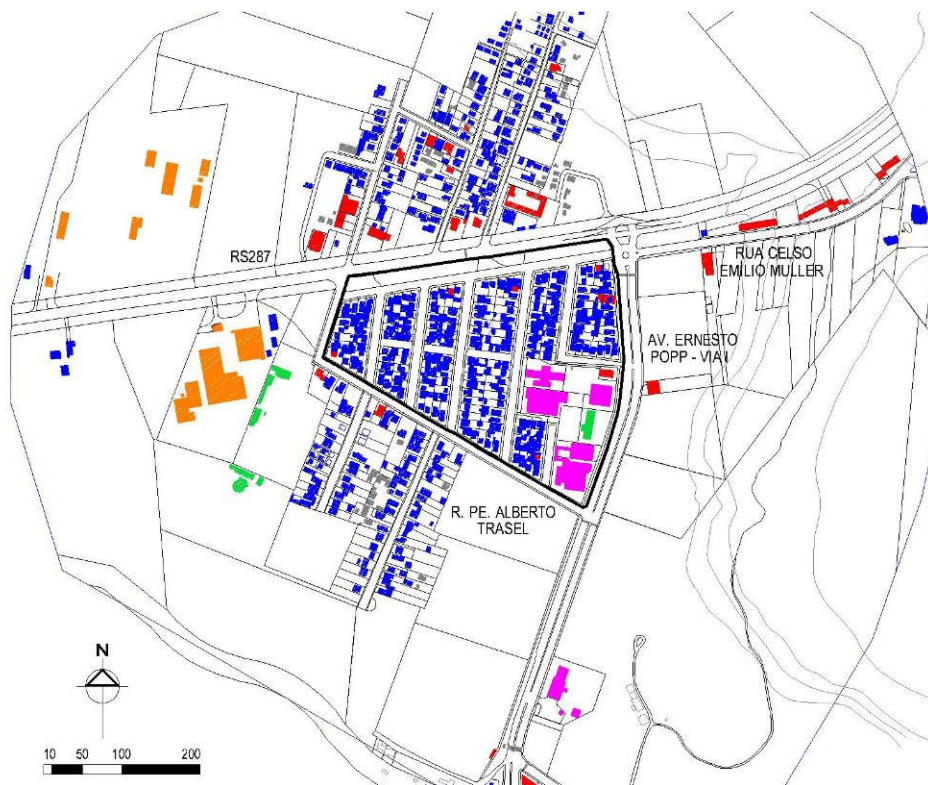
Nota: APP=Área de Preservação Permanente; ZCN=Zona de Conservação Natural; ZM=Zona Mista; ZR=Zona Residencial; C=Contensão; linha azul representa o entorno considerado; linha verde indica limite das APP; linha vermelha indica limite das zonas; linha em destaque indica limite do conjunto.



**Figura 16** - Mapa do Conjunto Habitacional Cinco de Maio. Fonte: autora, 2011

Nota: 1= Creche Maria Laurinda; 2=Ginásio Municipal; 3=Ampliação da Escola Municipal de Educação Infantil; 4='Campinho'; 5=Área verde na faixa de domínio do DAER.

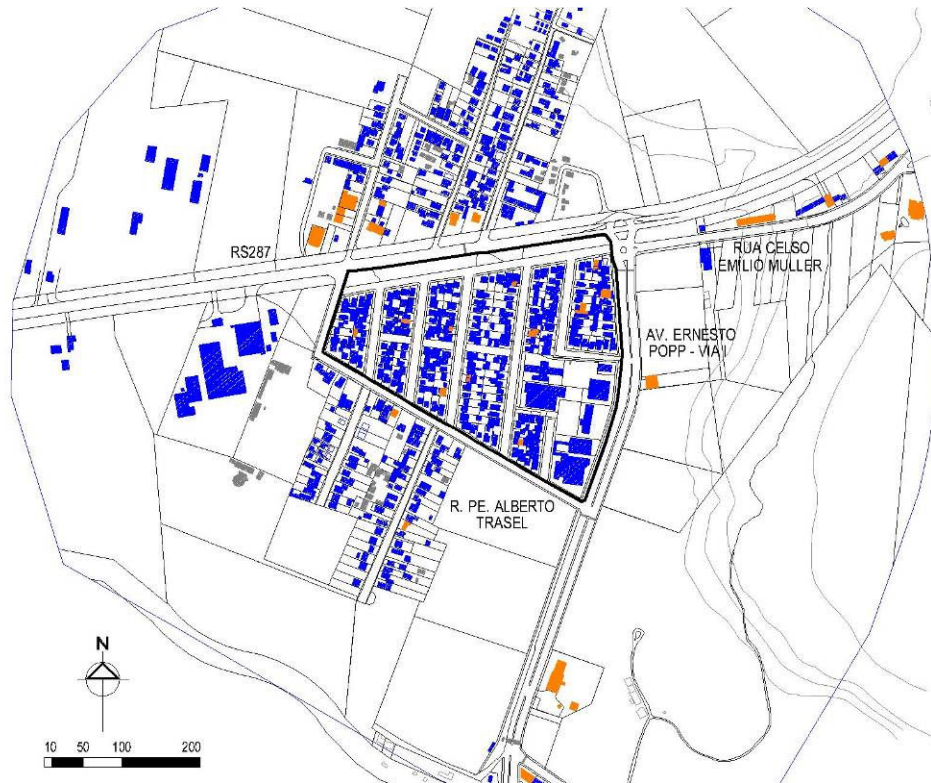
Embora o uso predominante no conjunto seja residencial (96,51%), foram criadas algumas atividades de comércio e prestação de serviços nas residências, tais como dois mercados, dois salões de beleza e uma loja, além da unidade comercial projetada pela COHAB e dos equipamentos comunitários. No entorno ao sul do conjunto, o uso predominante é residencial (96,55%), mas existem atividades de comércio e prestação de serviços junto às residências situadas na rua Padre Alberto Trasel (rua periférica do conjunto), além da Sede Campestre do Sindicato da Alimentação, o Clube América de futebol e o cemitério. No entorno ao norte do conjunto, o uso predominante é residencial (84,44%), mas existem atividades de comércio e prestação de serviços nas quadras lindeiras à RS 287, tais como um mercado, um salão de beleza, duas serralherias, uma oficina de chapeação, um motel, além de vendas informais. No entorno à leste do conjunto, existe apenas um comércio/residência e o Corpo de Bombeiros. Na rua Celso Emílio Muller, o uso predominante é comercial e na RS 287 o uso predominante é comercial e industrial (Figura 17).



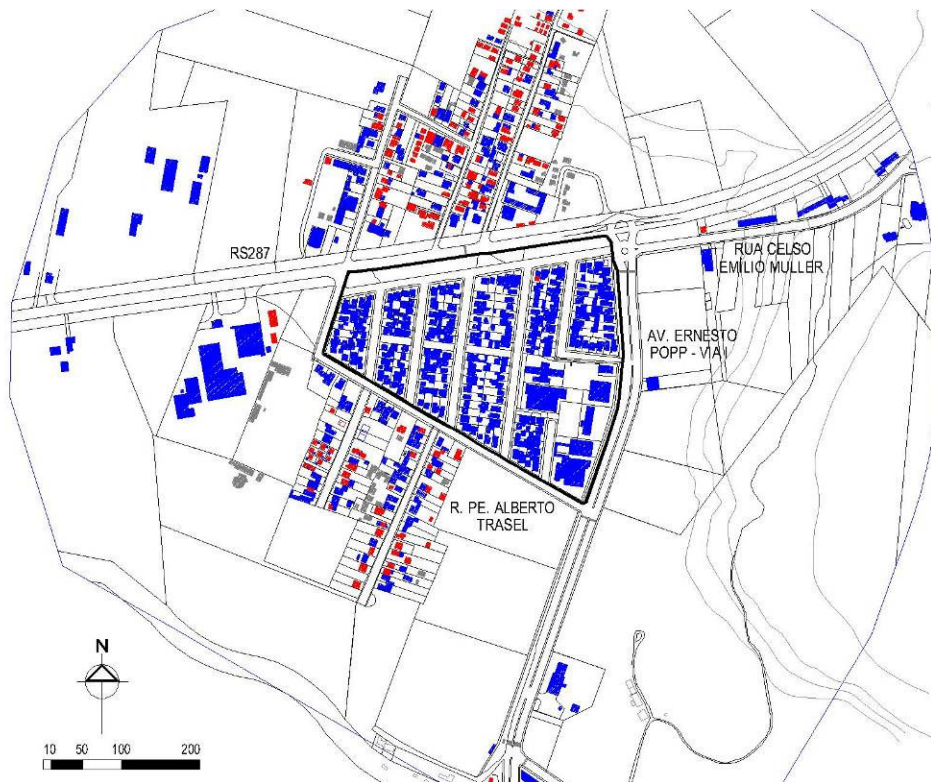
**Figura 17** - Mapa da Área de Estudo 1, com indicação do uso das edificações. Fonte: autora, 2011

Nota: Azul=residencial; vermelho=comércio/ serviço; laranja=industrial; magenta= institucional; verde=clube/associação.

As edificações do conjunto são, predominantemente, de 01 pavimento (93,02%). Da mesma forma, no entorno ao sul do conjunto, 96,55% das edificações e, no entorno ao norte do conjunto, 92,22% das edificações são de 01 pavimento. É possível perceber que a maioria das edificações com mais de um pavimento se concentra nas vias estruturais (Figura 18).



**Figura 18** - Mapa da Área de Estudo 1, com indicação da altura das edificações. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=01 pavimentos; laranja=02 pavimentos.



**Figura 19** - Mapa da Área de Estudo 1, com indicação do material construtivo. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=alvenaria; vermelha=madeira.

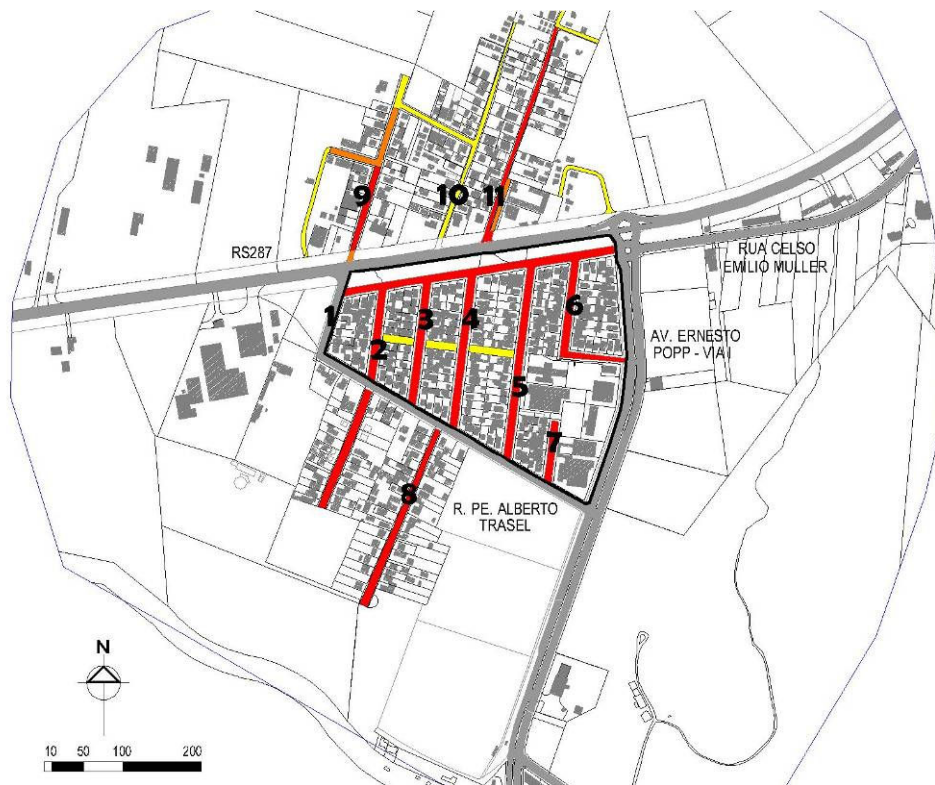
Em relação ao material construtivo, 99,40% das ampliações das unidades habitacionais do conjunto foram executadas em alvenaria, sendo que apenas 4 (2,32%) não tiveram ampliação. Já no entorno ao sul do conjunto, 51,72% das edificações são de alvenaria e, no entorno ao norte do conjunto, 43,33% são de alvenaria. Esses percentuais possivelmente indicam uma faixa de renda menor no entorno do conjunto (Figura 19, acima).

Conforme o levantamento físico realizado, as calçadas do conjunto são claramente delimitadas e possuem 2,50m de largura. Foi constatado que 87,79% das calçadas são pavimentadas, executadas com diferentes tipos de materiais, sendo que cada lote resolveu individualmente seu acesso à garagem e, como resultado, há uma grande descontinuidade física dos passeios ao longo das vias. No entorno ao sul do conjunto, as calçadas são delimitadas e estreitas (em torno de 1,20m). Já no entorno ao norte do conjunto, não há delimitação clara das calçadas. Cabe ressaltar que existem poucas árvores nas vias do entorno norte, no entanto, por estar na base de um morro, existem muitas árvores dentro dos lotes, no recuo de ajardinamento. Os lotes situados na Zona de Conservação Natural, junto ao morro dos Fagundes, são excessivamente arborizados. Foi constatado que apenas 24,14% das calçadas do entorno ao sul do conjunto e 18,89% das calçadas do entorno ao norte do conjunto são pavimentadas. Existem, também, três passagens de pedestres ao norte, perpendiculares às vias, muito estreitas (em torno de 1,00m), abertas de forma irregular (*clandestina*) e sem pavimentação.

No local onde estavam previstas, no projeto do conjunto habitacional, quadras de esportes, playground e praça, existia uma praça com brinquedos infantis e campo de futebol, que foram eliminados para a construção da creche, ginásio e ampliação da escola. A passagem para pedestres prevista no projeto como espaço de convívio social não foi equipada e está abandonada. Em alguns quarteirões, são utilizadas como estacionamento ou acesso a garagem. Cabe ressaltar que as edificações lindeiras são voltadas para a via pública e não para essa passagem, gerando paredes cegas laterais. Existe o ‘campinho’, nos fundos da unidade comercial da COHAB, sem equipamento, mobiliário ou árvores para sombreamento. Na faixa de domínio exigida pelo DAER (Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem), que serve de amortecedor do desnível entre a RS e a via periférica do conjunto, foi criada uma área verde, separando o conjunto da RS 287. A área é bastante arborizada, não possui equipamento/ mobiliário e apresenta muitas restrições de uso em função da declividade acentuada. Cabe destacar que, por estar localizada numa rua periférica do conjunto, além de ser uma linha axial integrada, a área verde é facilmente acessível, não apenas aos moradores

do conjunto, mas também os moradores do entorno. No entorno do conjunto, não existe nenhuma praça ou área verde.

As vias do conjunto são pavimentadas e possuem gabarito de 15,00m, sendo 10,00m de pista de rolamento. No entorno ao sul do conjunto, as vias são pavimentadas e possuem gabarito em torno de 12,40m e 10,40m, sendo, respectivamente, 10,00m e 8,00m de pista de rolamento. No entorno ao norte do conjunto, boa parte das vias não são pavimentadas e possuem gabarito em torno de 12,00m, 8,00m e 7,50m, sendo, respectivamente, 8,00m, 6,00m e 5,50m de pista de rolamento. Todas essas vias do entorno possuem gabarito inferior ao estabelecido pela Lei Municipal de Parcelamento do Solo Urbano (Lei 1971/1973), que é 14,00m para vias secundárias. A Via I – avenida Ernesto Popp, que faz parte do sistema viário estrutural, é asfaltada e possui 28,00m de largura (Figura 20).



**Figura 20** - Mapa da Área de Estudo 1, com indicação da pavimentação das ruas. Fonte: autora, 2011

Nota: Cinza=asfalto; vermelho=paralelepípedo; laranja=brita; amarelo=chão batido; Ruas: 1= Georgina Neves; 2=Júlia Rosa; 3=Bento da Rosa; 4=Dora Pereira; 5=Barão do Jacuí; 6=Gustavo Koetz; 7=Figueira; 8=Padre Miguel Kellner; 9= Iru Carneiro; 10=Artidor da Costa; 11=Albino Hoffmeister.

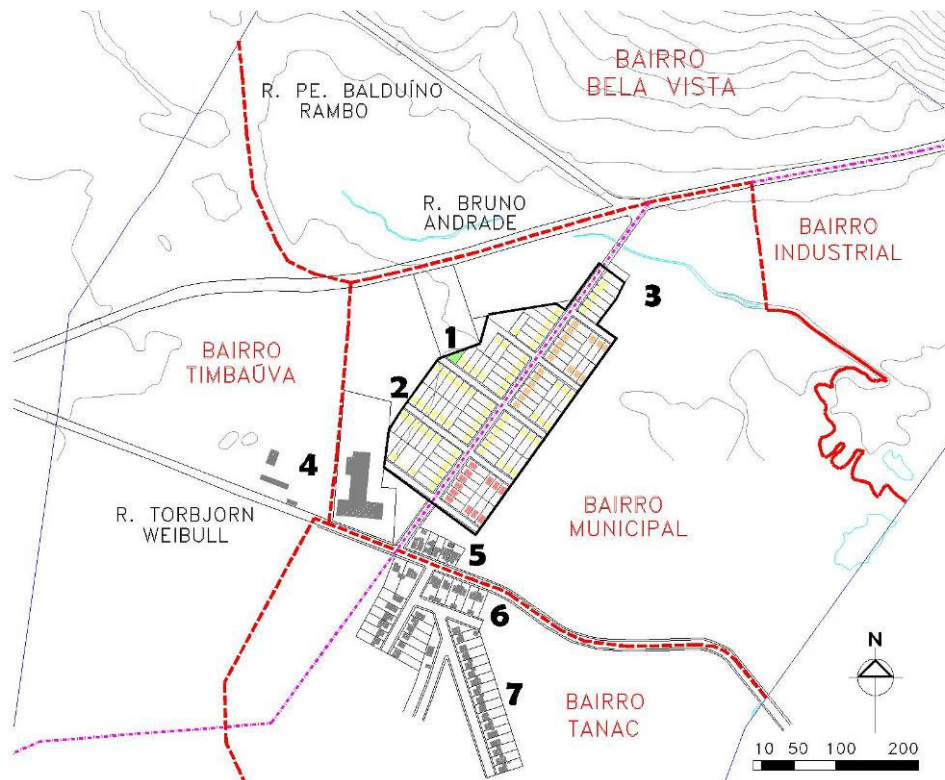
Foram construídos, no conjunto habitacional, os seguintes equipamentos comunitários: a Creche Municipal Cinco de Maio, a Escola Municipal de Educação Infantil Cinco de Maio, a Associação Comunitária, a Creche Maria Laurinda e o Ginásio Municipal, além da unidade comercial projetada. No entorno do conjunto não existem equipamentos comunitários. Existem alguns estabelecimentos de comércio/ serviços no conjunto, localizados nas ruas

periféricas, que são as linhas axiais mais integradas, tornando os estabelecimentos facilmente acessíveis não apenas aos moradores do conjunto, mas também aos moradores do entorno. No entorno do conjunto existem poucos estabelecimentos de comércio/ serviços.

### 3.6.2 ÁREA DE ESTUDO 2 - Conjunto Habitacional Vila Popular e entorno

O Conjunto Habitacional Vila Popular foi implantado em 1968, com 107 unidades habitacionais. Conforme os critérios de seleção adotados, o conjunto é de porte médio (entre 51 e 200 unidades habitacionais), localiza-se próximo dos centros da cidade antiga e da cidade nova em termos de distância e é integrado ao entorno, por possuir uma via central que serve de ligação entre bairros, com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema.

O conjunto foi implantado numa área de aproximadamente 4,20 hectares, localizado no bairro Municipal (Figura 21). No projeto, estavam previstas uma escola e uma pequena área residual chamada área verde. Ressalta-se que o conjunto foi implantado dentro da cota de inundação (áreas atingidas pelas cheias do Rio Cai).



**Figura 21** - Mapa da Área de Estudo 2, conforme implantação. Fonte: autora, 2011

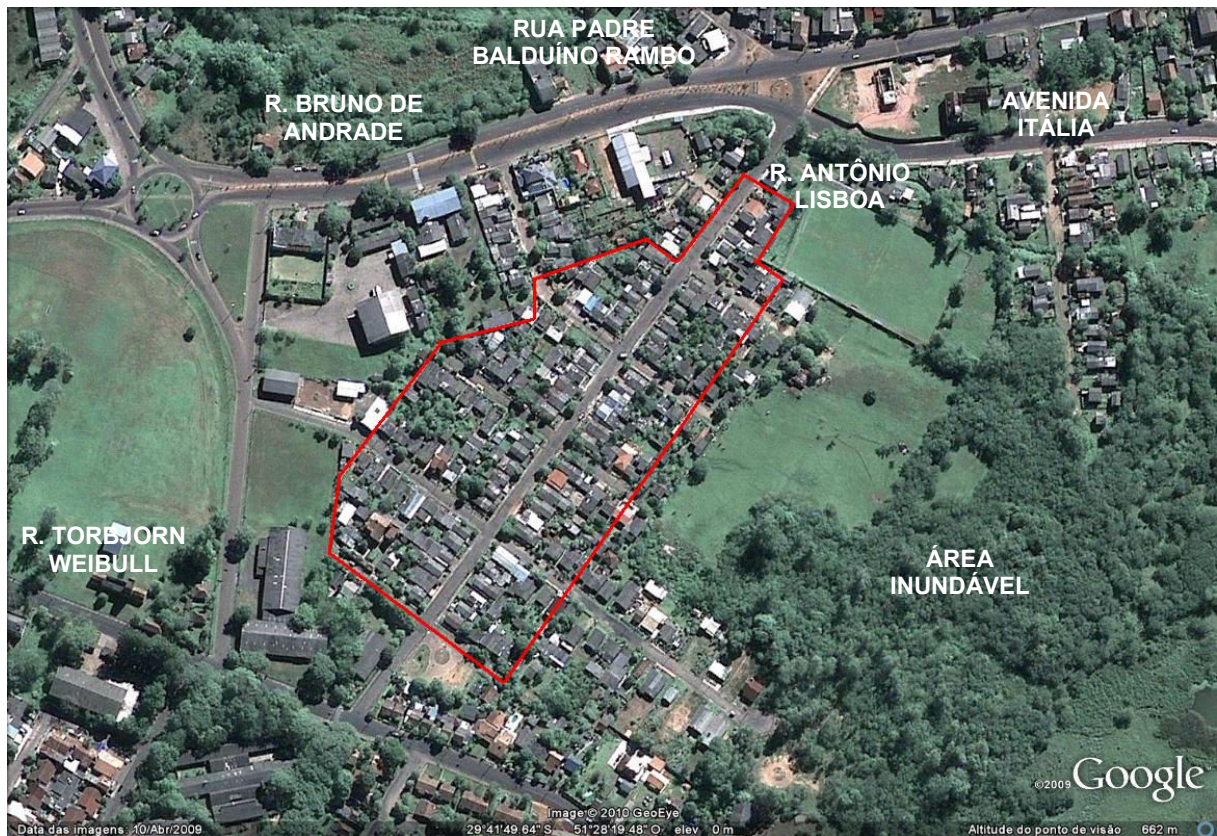
Nota: Casa amarela= casa padrão 30,75m<sup>2</sup>; casa laranja= casa padrão 40,70m<sup>2</sup>; casa vermelha= casa padrão 49,50m<sup>2</sup>. Linha azul representa entorno considerado; linha magenta indica limite da cota de inundação; linha vermelha indica limite dos bairros; linha em destaque indica limite do conjunto habitacional. A área verde (1) e a escola (2) projetadas não foram implantadas. 3=Grêmio Esportivo Municipal; 4=Fundação Comunidade Tanac; 5=Conjunto Brigada Militar; 6=Conjunto Tanac (diretores); 7=Conjunto Tanac (funcionários).

Os lotes residenciais têm, em média, uma área de 303,13m<sup>2</sup>. As casas, isoladas no lote, foram construídas seguindo três padrões. Não existe registro na Prefeitura sobre os padrões adotados, mas, a partir do levantamento foi possível identificar: (1) com 30,75m<sup>2</sup>, dois dormitórios, sala, cozinha e banheiro (77 unidades); (2) com 40,70m<sup>2</sup>, dois dormitórios, circulação com beliche, sala, cozinha e banheiro (18 unidades) e (3) com 49,50m<sup>2</sup>, três dormitórios, sala, cozinha e banheiro (12 unidades). As edificações do conjunto tinham, no projeto, taxa de ocupação média de 11%.

O conjunto estava conectado ao centro da cidade antiga através da rua Bruno de Andrade, que contorna ao sul o morro São João e pela rua Torbjorn Weibull, que segue em direção ao Rio Caí, onde iniciou a cidade. Através de conversas com um antigo funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura, soube-se que nessa área situava-se a chácara da Prefeitura, área que foi cedida para a COHAB, para o empreendimento. Existiam, ao norte do conjunto, edificações residenciais ao longo da rua Bruno de Andrade e da rua Padre Balduino Rambo. Ao sul do conjunto, existiam pequenos conjuntos habitacionais dos diretores (casas de alvenaria) e funcionários (casas de madeira) da Tanac (indústria de tanino fundada em 1948) e, ainda, um pequeno conjunto habitacional da Brigada Militar (casas de madeira), além de poucas ocupações ao longo da rua Torbjorn Weibull. À nordeste, existia o Grêmio Esportivo Municipal – Praça de Desporto e à oeste, a Fundação Comunidade Tanac, com o Estádio Ernesto Popp e o Grupo Esportivo Acácia Negra (áreas pertencentes à indústria Tanac).

O Conjunto Habitacional Vila Popular localiza-se, conforme o Plano Diretor, na Zona Mista, onde são permitidos diversos usos, com exceção de indústrias de grande porte; o índice de aproveitamento permitido é de 2,0 e a taxa de ocupação máxima prevista é de 70%. Ao norte, existem edificações que ocuparam o leito da rede ferroviária extinta e avançaram em direção ao morro São João. Essas construções são irregulares e possuem restrições ambientais, sendo que parte delas está dentro da Zona de Conservação Natural. Nos trechos mais ao norte, a declividade é superior a 30%, o que configura Área de Preservação Permanente. À leste, foram criados diversos lotes, de forma irregular, situados dentro de outra Zona de Conservação Natural e da cota de inundação (ver Figura 22).

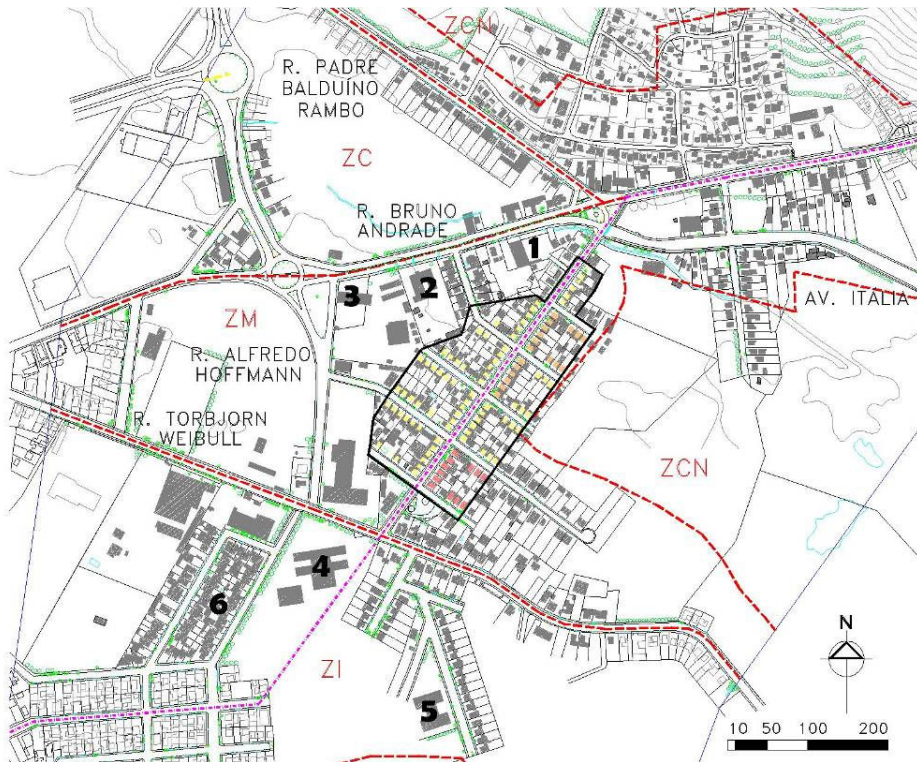




**Figura 22** - Conjunto Habitacional Vila Popular. Fonte: Google Earth, data da imagem: 2009

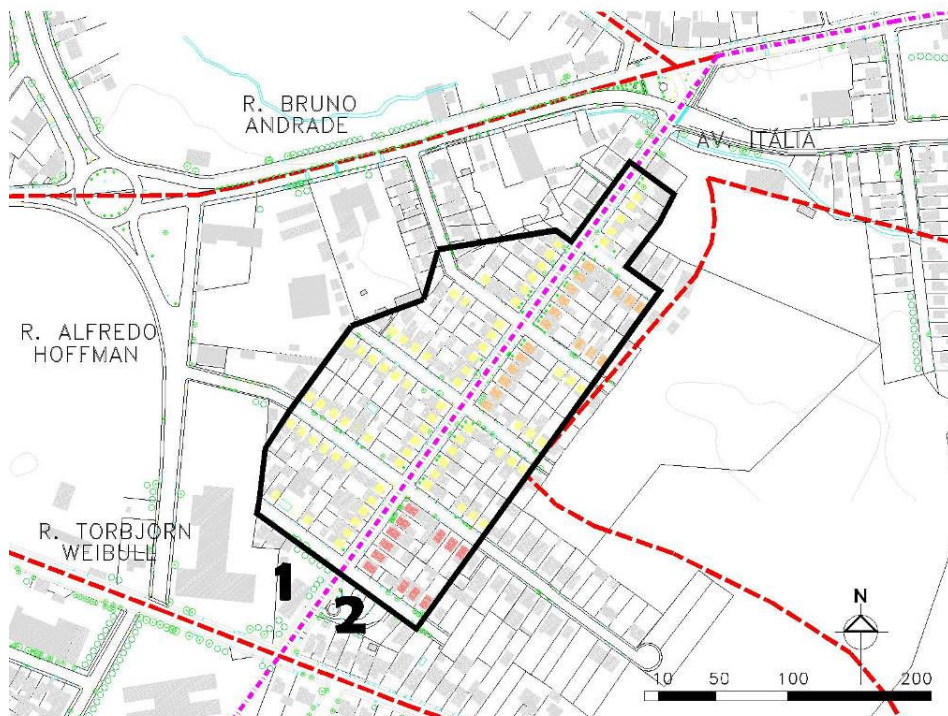
Nota: A linha vermelha indica o limite da área da COHAB.

Todas as unidades foram modificadas e, com as ampliações ocorridas, as casas têm área média de 118,60m<sup>2</sup>, alcançando a taxa de ocupação média de 38%, dentro do valor estabelecido pelo Plano Diretor (Figuras 23 e 24). Algumas casas apresentam taxa de ocupação superior a 70%, sendo possível perceber que a maioria dessas ampliações foi executada sem critério técnico, afetando as condições de habitabilidade. Ao sul existem distintas situações, mas a taxa de ocupação permanece baixa: no conjunto habitacional privado (área média dos lotes 238,09m<sup>2</sup>, área média das edificações 113,19m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 48%); no conjunto habitacional da Tanac (área média dos lotes 391,82m<sup>2</sup>, área média das edificações 77,98m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 20%) e nas edificações da rua Torbjorn Weibull (área média dos lotes 593,00m<sup>2</sup>, área média das edificações 140,21m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 29%). No prolongamento das vias do conjunto, os lotes têm área média de 309,21m<sup>2</sup>, as edificações têm área média de 92,73m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 32%. Ao norte, excluindo as edificações no morro, onde não é possível identificar a separação de lotes, os lotes têm área média de 436,77m<sup>2</sup>, as edificações têm área média de 138,80m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 29%. Nas edificações institucionais, os lotes têm área média de 7959,22m<sup>2</sup>, as edificações têm área média de 1748,10m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 22%.



**Figura 23** - Mapa da Área de Estudo 2. Fonte: autora, 2011

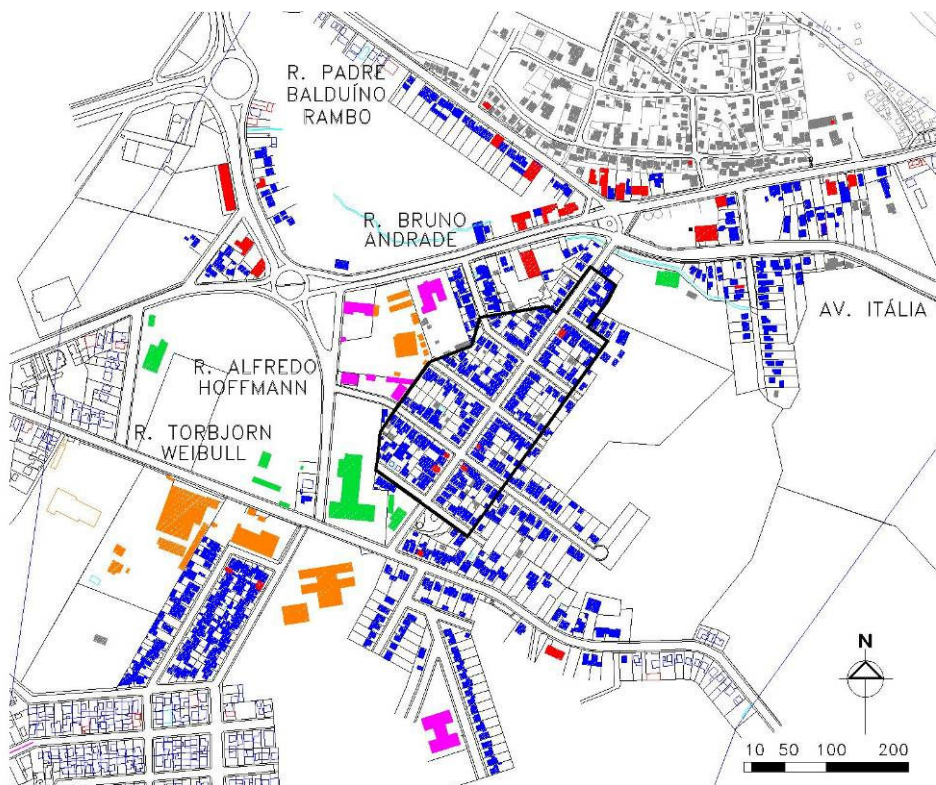
Nota: ZCN=Zona de Conservação Natural; ZM=Zona Mista; ZC=Zona Comercial; ZI=Zona Industrial; linha azul representa o entorno considerado; linha magenta indica limite da cota de inundação; linha vermelha indica limite das zonas; linha em destaque indica limite do conjunto; 1=Quadra de Escola de Samba; 2=Creche Municipal Lar do Menor; 3=Presídio; 4=Colégio Estadual Dr. Paulo Ribeiro Campos (Polivalente); 5=Escola Estadual de Ensino Fundamental Tanac; 6=Conjunto Habitacional privado.



**Figura 24** - Mapa do Conjunto Habitacional Vila Popular . Fonte: autora, 2011

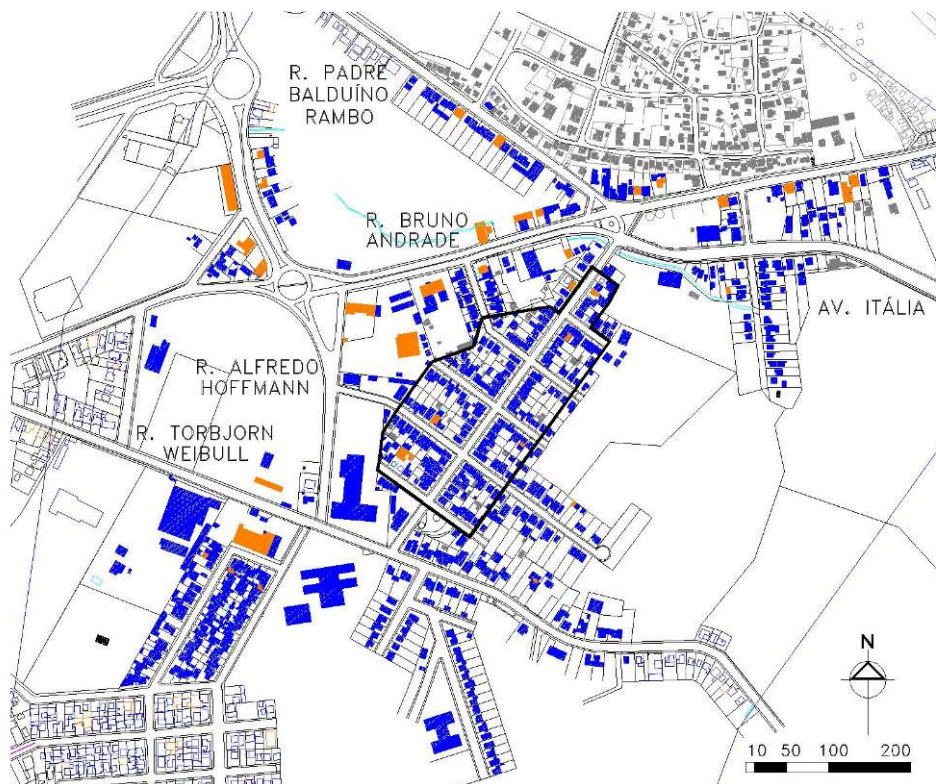
Nota: 1= Associação Comunitária; 2=Praça.

Embora o uso predominante no conjunto seja residencial (96,26%), foram criadas algumas atividades de comércio e prestação de serviços junto às residências, tais como uma mercearia, um cabeleireiro, um mercado e uma loja, ao longo da via central (rua Antônio Lisboa). No entorno ao sul do conjunto, o uso predominante é residencial, tanto no conjunto habitacional privado (96,83%), como no conjunto habitacional da Tanac (100,00%), como nas edificações ao longo da rua Torbjorn Weibull (92,31%), mas existem atividades de comércio e prestação de serviços e três indústrias ao longo da rua Torbjorn Weibull, além de duas escolas e da Fundação Comunidade Tanac. No entorno meio (ou seja, no prolongamento das vias do conjunto), todas as edificações são de uso residencial. No entorno ao norte do conjunto, o uso predominante é residencial (78,05%), mas existem atividades de comércio e prestação de serviços ao longo das ruas Bruno de Andrade e Padre Balduino Rambo. Existe, também, um templo religioso na rua Padre Balduino Rambo; uma creche e o presídio (antigo presídio municipal e agora albergue para os presos em regime semiaberto) na rua Bruno de Andrade (Figura 25).

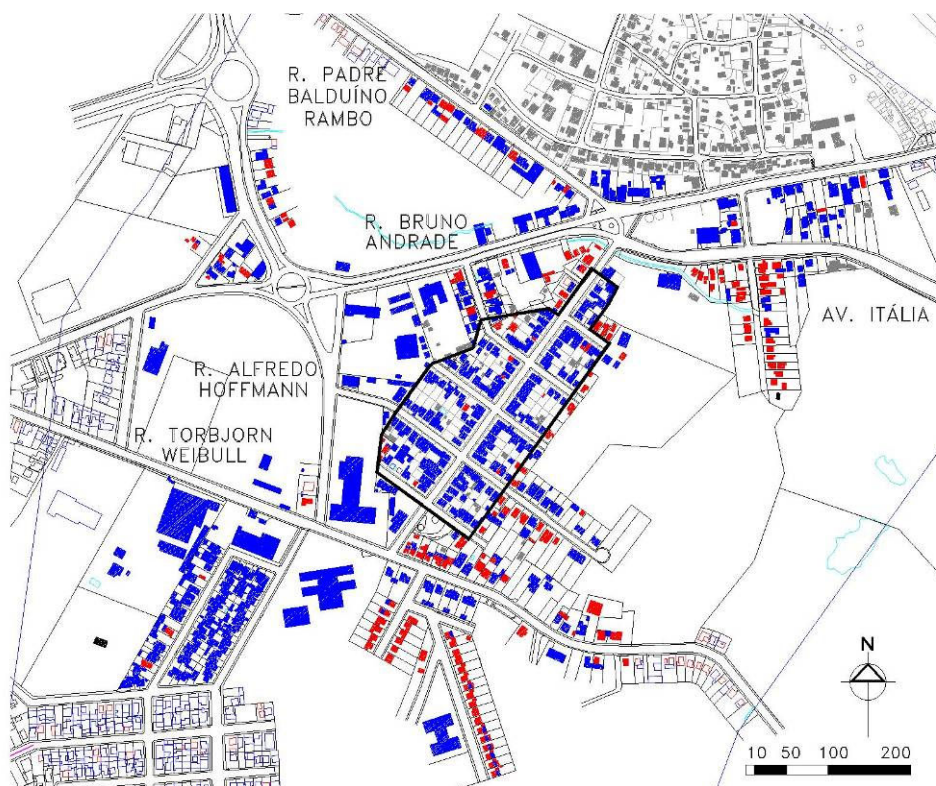


**Figura 25** - Mapa da Área de Estudo 2, com indicação do uso das edificações. Fonte: autora, 2011

Nota: Azul=residencial; vermelho=comércio/ serviço; laranja=industrial; magenta= institucional; verde=clube/associação.



**Figura 26** - Mapa da Área de Estudo 2, com indicação da altura das edificações. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=01 pavimentos; laranja=02 pavimentos.



**Figura 27** - Mapa da Área de Estudo 2, com indicação do material construtivo. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=alvenaria; vermelha=madeira.

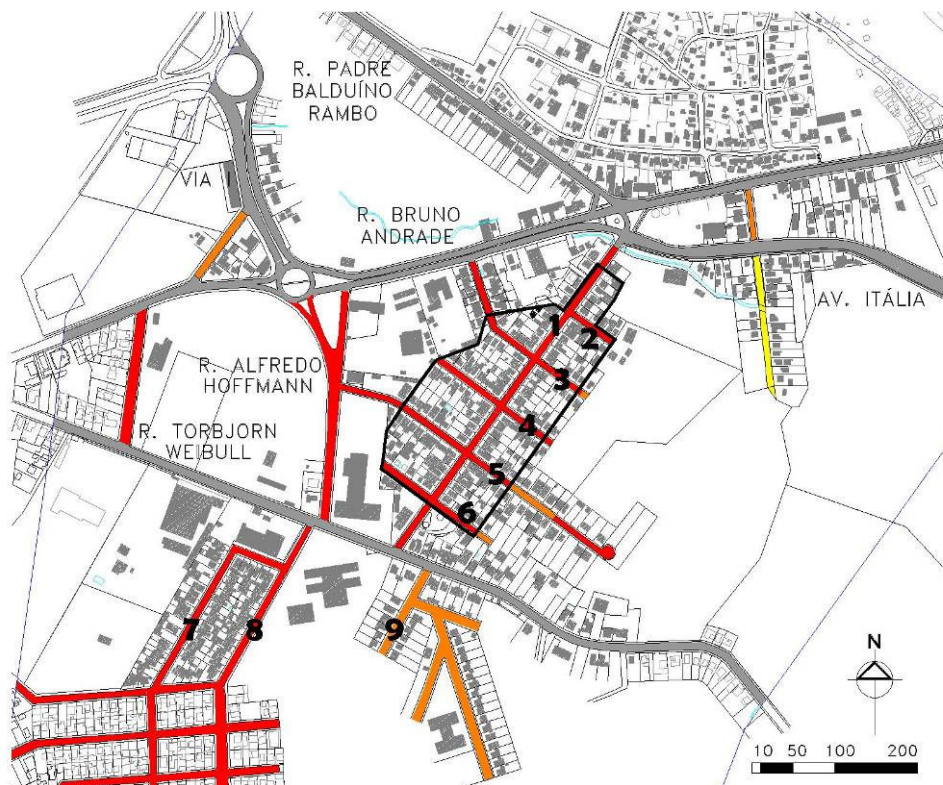
As edificações do conjunto são, predominantemente, de 01 pavimento (94,39%). Da mesma forma, no entorno ao sul do conjunto, tanto no conjunto habitacional privado (93,65%), como no conjunto habitacional da Tanac (100,00%), como nas edificações ao longo da rua Torbjorn Weibull (96,15%) as edificações são, predominantemente, de 01 pavimento. No entorno meio (96,67%) e no entorno ao norte do conjunto (81,71%) as edificações também são, predominantemente, de 01 pavimento, sendo que 80,00% das edificações que possuem 02 pavimentos estão localizadas nas ruas Bruno de Andrade e Padre Balduino Rambo (Figura 26, acima). Em relação ao material construtivo, 91,59% das ampliações das edificações do conjunto foram executadas em alvenaria. No entorno ao sul do conjunto, 95,24% das edificações do conjunto habitacional privado, 21,62% das edificações do conjunto habitacional da Tanac e 42,31% das edificações ao longo da rua Torbjorn Weibull são de alvenaria. No entorno meio, 56,67% das edificações são de alvenaria e no entorno ao norte do conjunto, 59,76% são de alvenaria (Figura 27, acima).

Conforme levantamento físico realizado, as calçadas do conjunto são claramente delimitadas e estreitas (as calçadas da rua principal possuem em torno de 2,00m e as demais possuem em torno de 1,50m). Foi constatado que 88,79% das calçadas são pavimentadas, executadas com diferentes tipos de materiais, sendo que cada lote resolveu individualmente seu acesso à garagem, gerando uma grande descontinuidade física dos passeios ao longo das vias. Cabe destacar que os moradores comentaram, nas entrevistas, sobre a irregularidade e existência de muitos buracos e colocaram que a rede de esgoto pluvial é muito antiga e passa por baixo das calçadas, motivo pelo qual muitos trechos são ocos e afundam. Também comentaram que, quando chove, as calçadas e pátios enchem de água. No entorno ao sul do conjunto, as calçadas são delimitadas e estreitas (possuem a medida padrão de 2,00m de largura), com exceção das calçadas do conjunto habitacional da Tanac que são mais largas (possuem em torno de 3,0m). No entorno ao norte do conjunto, as calçadas são delimitadas e estreitas (possuem a medida padrão de 2,00m de largura), com exceção das ocupações irregulares, onde as calçadas tampouco são delimitadas. Foi constatado que, no entorno ao sul do conjunto, 96,83% das calçadas do conjunto habitacional privado, 91,89% das calçadas do conjunto habitacional da Tanac e 80,77% das demais calçadas são pavimentadas. No entorno ao norte do conjunto, excetuando as ocupações do morro, 65,85% das calçadas são pavimentadas e, no entorno meio, apenas 43,33% das calçadas são pavimentadas.

A área verde prevista no projeto original do conjunto habitacional não foi implantada. A área foi dividida em lotes e ocupada, de forma irregular, por residências. Nos lotes lindeiros

ao conjunto, ao sul, foi implantada uma praça, com alguns brinquedos infantis e bancos, no entanto, a praça não possui nenhuma árvore de porte/ sombreamento. Cabe destacar que, por estar localizada na rua central do conjunto, que é uma linha axial com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado, a área verde é facilmente acessível, tanto pelos moradores do conjunto, como pelos moradores do entorno. No entorno do conjunto, não existe nenhuma praça ou área verde.

No projeto original, as vias do lado leste da rua Antônio Lisboa foram previstas com pista de rolamento de 4,00m e 3,00m de passeio de cada lado, totalizando 10,00m. No entanto, foram executadas como as demais, com pista de rolamento de 7,00m e 1,50m de passeio de cada lado, totalizando 10,00m. Com essa largura de pista de rolamento (7,00m), não há possibilidade de estacionamento em nenhuma de suas laterais, nem possibilidade de manobra, uma vez que não foram executadas praças de retorno (ver Figura 28).



**Figura 28** - Mapa da Área de Estudo 2, com indicação da pavimentação das ruas. Fonte: autora, 2011  
 Nota: Cinza=asfalto; vermelho=paralelepípedo; laranja=brita; amarelo=chão batido; Ruas: 1=Antônio Lisboa; 2=Jardim; 3=Jari; 4=La Paz; 5=La Salle; 6=Leblon; 7=Palmeira; 8=Acácia; 9= Antônio Moogen.

A via principal (rua Antônio Lisboa) foi prevista com pista de rolamento de 8,00m e 2,00 de calçada de cada lado, totalizando 12,00m. Cabe ressaltar que, por estar dentro da cota de inundação, quando tem enchente, as águas do rio Caí avançam até a metade do conjunto e, então os veículos precisam se deslocar para o centro fazendo um longo trajeto (pela rua

Alfredo Hoffmann, Via I e contornando o morro São João ao norte). Já as vias do entorno do conjunto são pavimentadas e possuem gabaritos diversos: as vias do conjunto habitacional privado e a rua Padre Balduino Rambo possuem 12,00m, sendo 8,00m de pista de rolamento e, portanto, com medida inferior ao estabelecido pela Lei Municipal de Parcelamento do Solo Urbano. As vias do conjunto habitacional da Tanac e as ruas Alfredo Hoffmann, Bruno de Andrade e Torbjorn Weibull possuem 14,00m, sendo 9,00m de pista de rolamento. A avenida Itália possui 16,00m, sendo 11,00m de pista de rolamento. Nas áreas irregulares, as vias são estreitas e sem pavimentação.

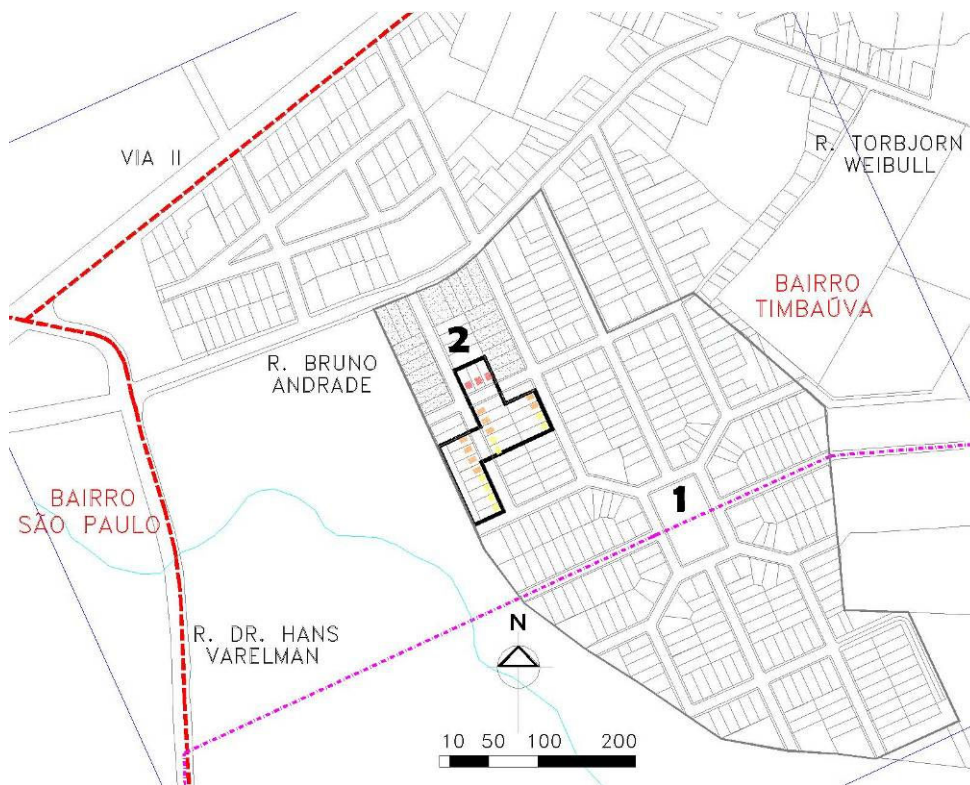
A escola prevista no projeto original do conjunto habitacional não foi construída, mas, no entorno ao sul do conjunto, existe a Escola Estadual de Ensino Fundamental Tanac e o Colégio Estadual Dr. Paulo Ribeiro Campos (Polivalente). Também existem no entorno: a Creche Municipal Lar do Menor, na rua Bruno de Andrade; a Associação Comunitária, na rua Antônio Lisboa e um templo religioso, na rua Padre Balduino Rambo. Além desses, tem a Fundação Comunidade Tanac, espaço recreativo da Indústria Tanac, que possui o Estádio Ernesto Popp e o Grupo Esportivo Acácia Negra, com campo de futebol, que é utilizado pela comunidade para as atividades esportivas. O levantamento físico mostrou a existência de poucos estabelecimentos de comércio/ serviços no conjunto e entorno, que estão localizados nas ruas mais integradas, tornando os estabelecimentos facilmente acessíveis não apenas aos moradores do conjunto, mas também aos moradores do entorno.

### **3.6.3 ÁREA DE ESTUDO 3 - Conjunto Habitacional Vila São Pedro e entorno**

O Conjunto Habitacional Vila São Pedro foi implantado em 1970, com 20 unidades habitacionais, inserido no loteamento Vila São Pedro. Conforme os critérios de seleção adotados, o conjunto é de porte pequeno (até 50 unidades habitacionais), localiza-se próximo ao centro da cidade nova e é integrado ao entorno por estar dentro de loteamento e malha urbana existente.

O loteamento Vila São Pedro, aprovado em 1954, de propriedade da Urbanizadora Montenegrina Ltda, foi implantado numa área de 17,10 hectares, localizado no bairro Timbaúva que, na época, era zona rural, com 316 lotes e uma área verde central (Figura 29). O conjunto habitacional gerenciado pela COHAB estava inserido dentro de três quarteirões desse loteamento e possuía 20 lotes já parcelados. Através de conversas com moradores, soube-se que, no final da década de 1950, portanto, anterior ao período do BNH, foram implantadas 25 casas populares de madeira neste mesmo loteamento, junto com a Escola

Estadual Yara Ferraz Gaia. Os lotes residenciais possuem área média de 327,80m<sup>2</sup>, sendo 12 unidades de 363,00m<sup>2</sup> e 8 unidades de 275,00m<sup>2</sup>. Conforme dados da prefeitura, as casas, isoladas no lote, foram construídas seguindo três padrões: (1) com 39,20m<sup>2</sup>, dois dormitórios, circulação com beliche, sala, cozinha e banheiro (3 unidades); (2) com 34,04m<sup>2</sup>, dois dormitórios, sala, cozinha e banheiro (9 unidades) e (3) com 30,65m<sup>2</sup>, dois dormitórios, sala, cozinha e banheiro (8 unidades). As edificações do conjunto tinham, no projeto, taxa de ocupação média de 10%.



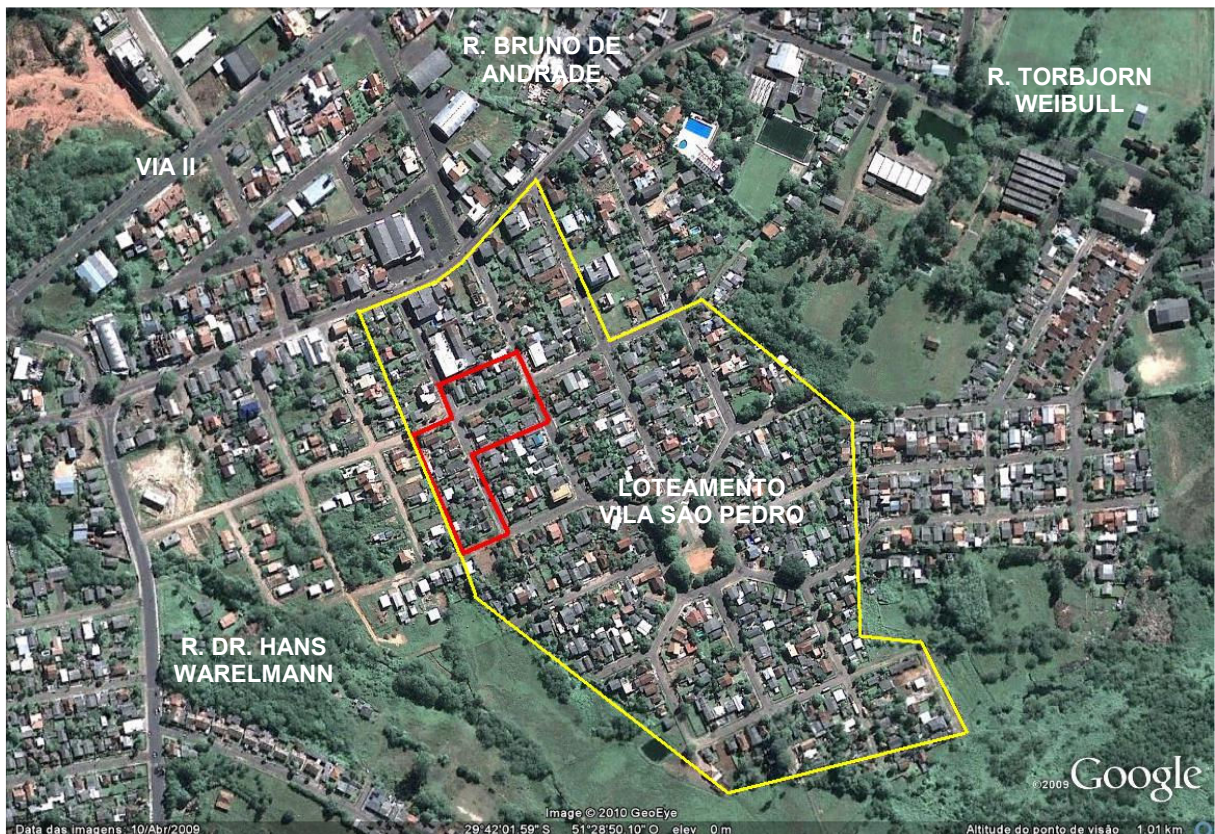
**Figura 29** - Mapa da Área de Estudo 3, conforme implantação. Fonte: autora, 2011

Nota: Casa vermelha= casa padrão 39,20m<sup>2</sup>; casa laranja= casa padrão 34,04m<sup>2</sup>; casa amarela= casa padrão 30,65m<sup>2</sup>. Linha azul representa entorno considerado; linha magenta indica limite da cota de inundação, linha vermelha indica limite dos bairros; linha em destaque preta indica limite do conjunto habitacional; linha em destaque cinza indica limite do loteamento Vila São Pedro; hachura indica lotes com casas populares de madeira. 1=área verde; 2=Escola Estadual Yara Ferraz Gaia.

O loteamento estava conectado ao centro da cidade antiga através da rua Bruno de Andrade, que contorna ao sul o morro São João e pela rua Torbjorn Weibull, que segue em direção ao Rio Caí, onde iniciou a cidade. Existiam, além das 25 casas populares de madeira, poucas edificações residenciais no próprio loteamento Vila São Pedro e ao longo da rua Bruno de Andrade. Através de conversas com moradores, soube-se que, quando o conjunto foi entregue aos moradores, não tinha calçamento e era abastecido por água de poço artesiano localizado em um dos lotes e, por isso, todas as casas tinham reservatório de água.



O Conjunto Habitacional Vila São Pedro localiza-se, conforme o Plano Diretor, na Zona Mista, onde são permitidos diversos usos, com exceção de indústrias de grande porte; o índice de aproveitamento permitido é de 2,0 e a taxa de ocupação máxima prevista é de 70%. Boa parte do loteamento Vila São Pedro foi implantada dentro da cota de inundação (área atingida pelas cheias do Rio Cai) e parte dentro da Zona de Conservação Natural. A oeste, existe um loteamento irregular em processo de regularização (ver Figura 30).



**Figura 30** - Conjunto Habitacional Vila São Pedro. Fonte: Google Earth, data da imagem: 2009

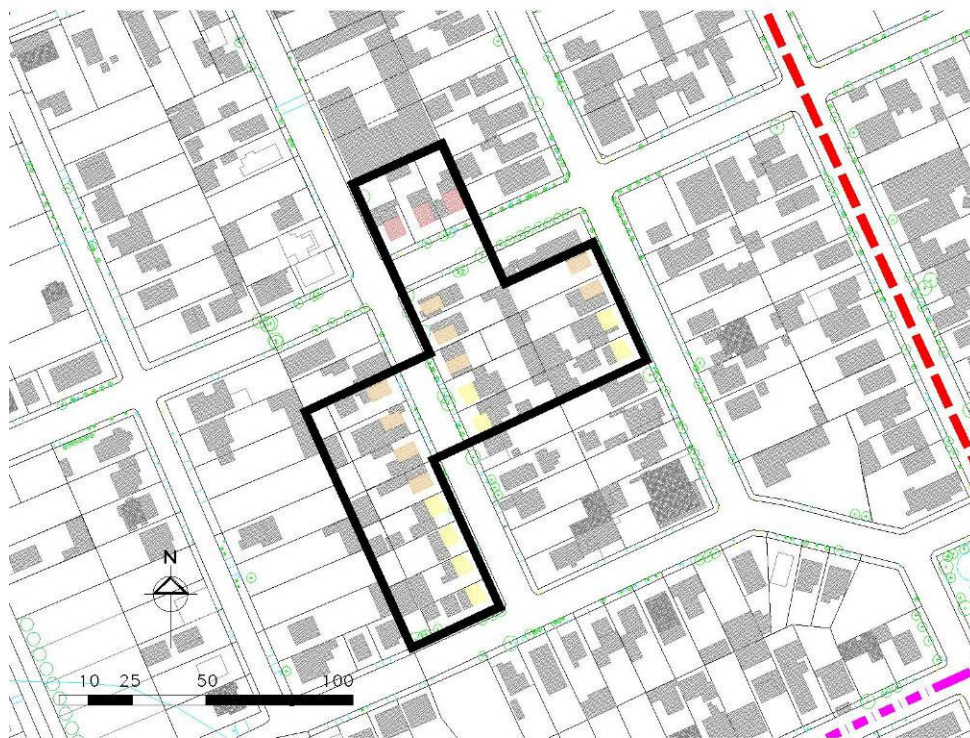
Nota: linha vermelha indica área dos lotes do conjunto habitacional da COHAB; linha amarela indica limite do Loteamento da Vila São Pedro, da Urbanizadora Montenegrina Ltda.

Todas as unidades habitacionais foram modificadas e a aparência das casas foi totalmente alterada, tornando difícil identificá-las como integrante do conjunto habitacional da COHAB. Com as ampliações ocorridas, as unidades habitacionais têm, em média, área de 132,16m<sup>2</sup>, alcançando a taxa de ocupação de 38%, ainda dentro do valor estabelecido pelo Plano Diretor (Figuras 31 e 32). Ao sul (sul da rua Bruno de Andrade), os lotes possuem área média de 426,79m<sup>2</sup>, área média das edificações de 156,24m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 34%. Ao norte (norte da rua Bruno de Andrade), os lotes têm área média de 645,77m<sup>2</sup>, as edificações têm área média de 303,72m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 39%.



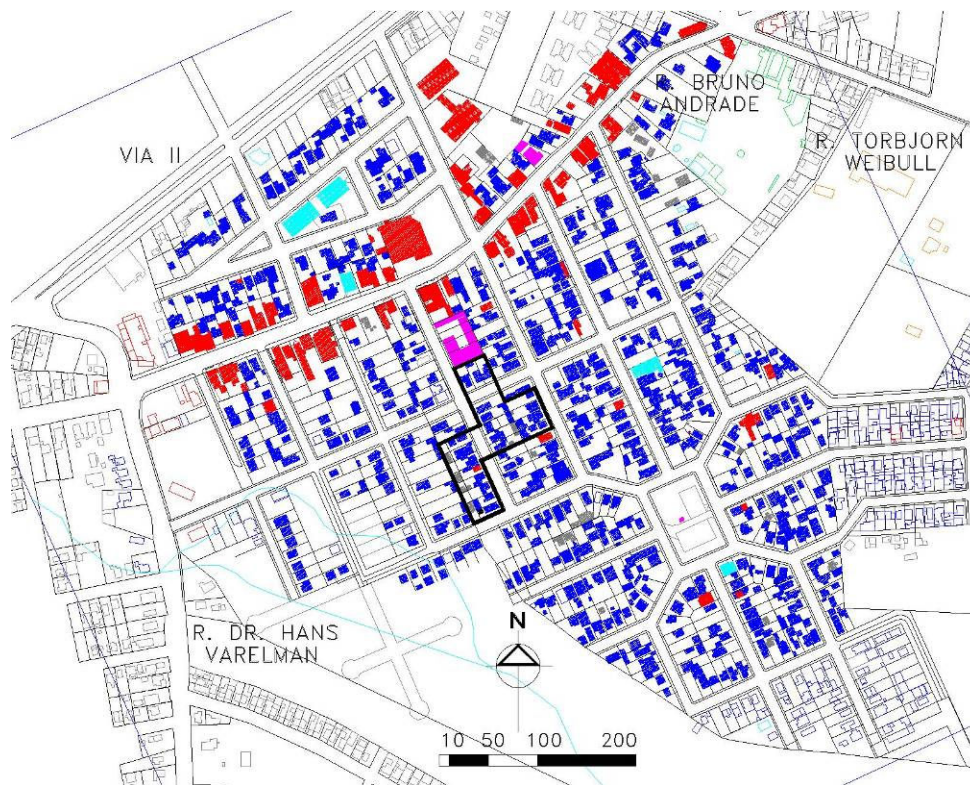
**Figura 31** - Mapa da Área de Estudo 3. Fonte: autora, 2011

Nota: ZCN=Zona de Conservação Natural; ZM=Zona Mista; ZR=Zona Residencial; ZC=Zona Comercial; ZI=Zona Industrial; linha azul representa o entorno considerado; linha magenta indica limite da cota de inundação e linha vermelha indica limite das zonas; 1=Mercado Natally; 2=Praça da Bíblia; 3=Igreja Católica e salão paroquial; 4=Clube Grêmio Gaúcho; 5=Bar Faustino; 6=Loteamento Nova São Pedro.



**Figura 32** - Mapa do Conjunto Habitacional Vila São Pedro. Fonte: autora, 2011

O uso predominante das edificações no conjunto é residencial (95,0%) e foi criado apenas um estabelecimento de prestação de serviços junto à residência (salão de beleza). No entorno sul, o uso predominante é residencial (94,98%), mas existem atividades de comércio e prestação de serviços, dois templos religiosos e uma escola. No entorno norte, o uso predominante é residencial (90,48%), mas existem atividades de comércio e prestação de serviços e dois templos religiosos. Já na rua Bruno de Andrade, o uso predominante é comercial/ serviços (67,19%), indicando a acessibilidade/ centralidade dessa via e sua característica de centro comercial (Figura 33).



**Figura 33** - Mapa da Área de Estudo 3, com indicação do uso das edificações. Fonte: autora, 2011

Nota: Azul=residencial; azul claro=templo religioso; vermelho=comércio/ serviço; laranja=industrial; magenta= institucional; verde=clube/associação.

As edificações do conjunto são de 01 pavimento (100,0%). No entorno, tanto as edificações da rua Bruno de Andrade (56,25%), como as edificações do entorno sul (86,62%), e as edificações do entorno norte (57,14%), são, predominantemente, de 01 pavimento (Figura 34). Em relação ao material construtivo, 90,0% das ampliações das edificações do conjunto foram executadas em alvenaria. No entorno sul, 63,83% das edificações são de alvenaria e no entorno norte, 97,37% são de alvenaria. Esses números possivelmente indicam um poder aquisitivo maior no entorno norte (Figura 35).



**Figura 34** - Mapa da Área de Estudo 3, com indicação da altura das edificações. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=01 pavimento; laranja=02 pavimentos.

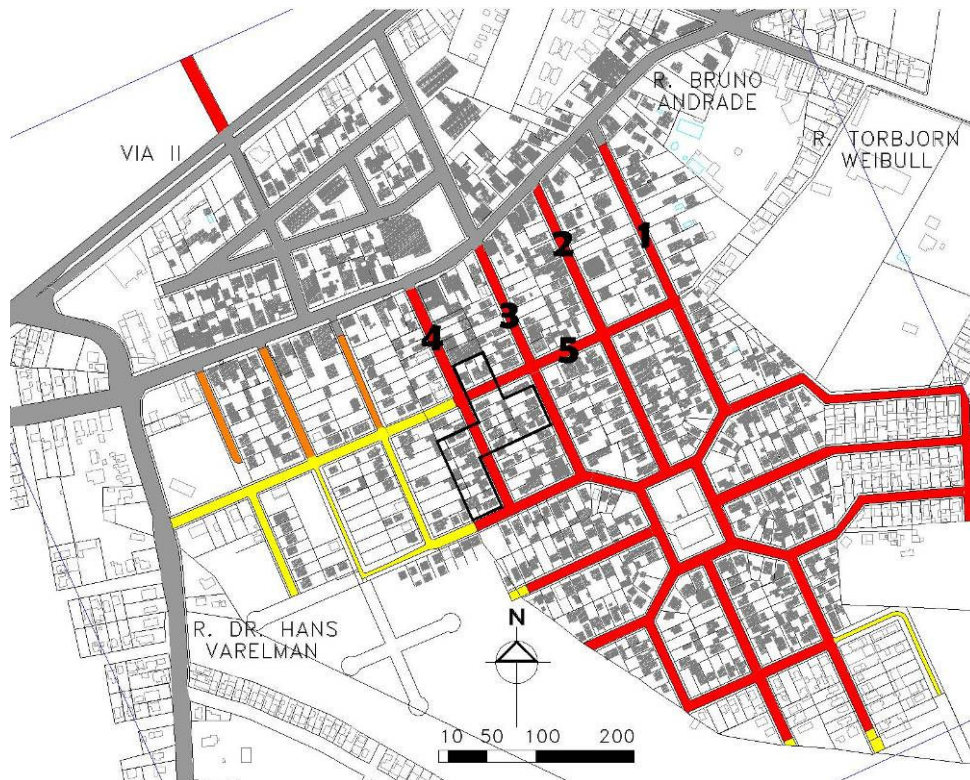


**Figura 35** - Mapa da Área de Estudo 3, com indicação do material construtivo. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=alvenaria; vermelha=madeira.

Conforme levantamento físico realizado, as calçadas do conjunto são claramente delimitadas e estreitas (em torno de 2,00m). Foi constatado que 95,00% das calçadas do conjunto são pavimentadas, executadas com diferentes tipos de materiais, sendo que cada lote resolveu individualmente seu acesso à garagem, gerando descontinuidade física dos passeios ao longo da via. Cabe destacar que os moradores comentaram, nas entrevistas, sobre a irregularidade e existência de muitos buracos e colocaram que a rede de esgoto pluvial é muito antiga e passa por baixo das calçadas, motivo pelo qual muitos trechos são ociosos e afundam. No entorno do conjunto, as calçadas são delimitadas e estreitas (possuem a medida padrão de 2,00m de largura), com exceção de alguns trechos à oeste do conjunto (loteamento irregular), onde as calçadas tampouco são delimitadas. Foi constatado que, 60,82% das calçadas do entorno sul e 84,32% das calçadas do entorno norte são pavimentadas. No entanto, os moradores comentaram, nas entrevistas, que na rua Bruno de Andrade existem muitas árvores antigas, com raízes que levantaram a pavimentação das calçadas, deixando-as irregulares e perigosas.

A área verde do loteamento Vila São Pedro prevista foi implantada e é arborizada, possuindo um campo de futebol, uma quadra de basquete, poucos brinquedos infantis e bancos ao longo das calçadas. No entorno do conjunto, ao norte, existe uma pequena área verde arborizada chamada Praça da Bíblia (triângulo), sem nenhum equipamento ou mobiliário urbano. No entroncamento da rua Torbjorn Weibull e Bruno de Andrade também existe uma área verde arborizada, sem equipamento ou mobiliário urbano.

As vias do loteamento são pavimentadas e possuem em torno de 14,00m, sendo 10,00 de pista de rolamento, atendendo a medida estabelecida pela Lei Municipal de Parcelamento do Solo. Percebe-se que o conjunto habitacional da COHAB (20 unidades), por estar inserido em um loteamento existente, se integra com o entorno, pois suas vias têm continuidade com a malha viária existente. As vias do entorno possuem gabaritos distintos: as vias ao sul da rua Bruno de Andrade (prolongamento das vias do loteamento) tem pavimentação irregular e possuem 14,00m; as vias ao norte da rua Bruno de Andrade e a rua Dr. Hans Varelmann são asfaltadas e possuem 15,00m e a Via II, que faz parte do sistema viário estrutural, é asfaltada e possui 28,00m (Figura 36).



**Figura 36** - Mapa da Área de Estudo 3, com indicação da pavimentação das ruas. Fonte: autora, 2011  
 Nota: Cinza=asfalto; vermelho=paralelepípedo; laranja=brita; amarelo=chão batido; Ruas: 1=Gustavo Mottin; 2=Cap. Fernando Schneider; 3=Cap. Jacinto José Fernandes; 4=Cap. Jacob Franzen; 5=Mário Inácio.

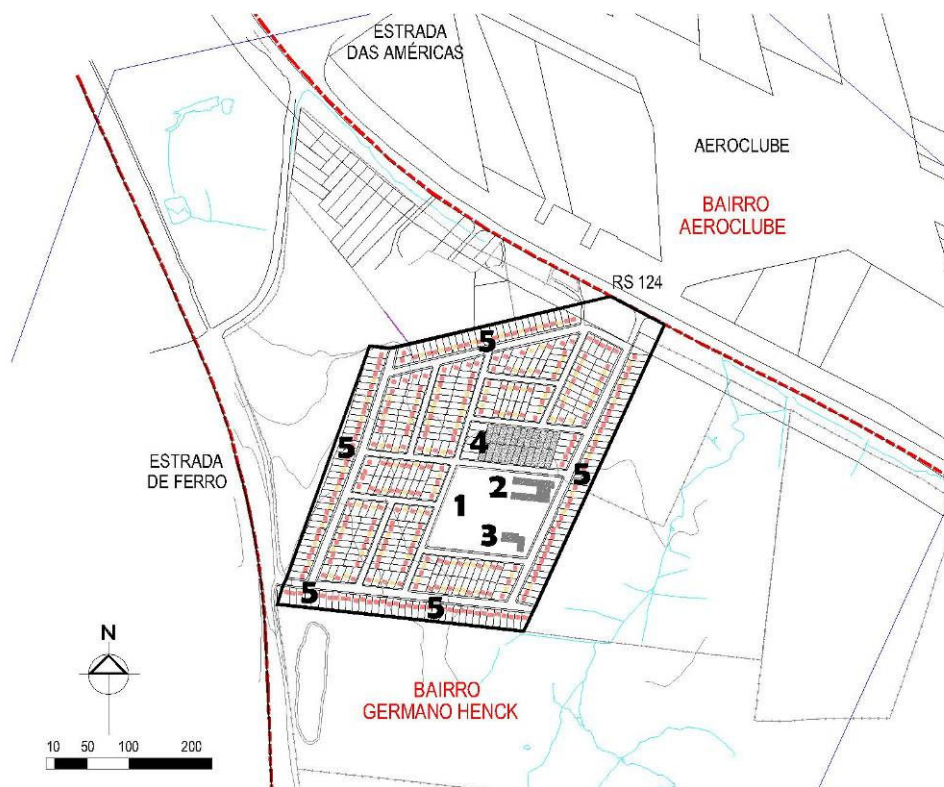
A Escola Estadual Yara Gaia Ferraz foi ampliada. No entorno do conjunto, existem 4 templos religiosos e, junto à Igreja Católica, existe um pavilhão paroquial. No entroncamento da Via II com a rua Hans Varelmann existe a Assistência Social (com posto de saúde). O levantamento físico mostrou a existência de muitos estabelecimentos de serviços/ comércio, que estão localizados ao longo de uma linha axial bastante integrada (rua Bruno de Andrade), que é periférica ao loteamento e atende não apenas os moradores do loteamento, mas também os moradores do entorno e da cidade. A rua Bruno de Andrade se tornou um novo centro de comércio e serviços da cidade, o centro da cidade nova (lado oeste do Morro São João).

#### 6.3.4. ÁREA DE ESTUDO 4 - Conjunto Habitacional Germano Henck e entorno

O Conjunto Habitacional Germano Henck foi implantado em 1984, com 366 unidades habitacionais. Conforme os critérios de seleção adotados, esse conjunto é de grande porte (acima de 200 unidades habitacionais), localiza-se distante do centro da cidade antiga e do centro da cidade nova em termos de distância, e não é integrado ao entorno.

O conjunto foi implantado numa área de aproximadamente 11,80 hectares, localizado no bairro Germano Henck (Figura 37). O projeto previa uma área verde central, 5 lotes destinados para o comércio e 22 lotes reservados, que foram vendidos separadamente pela

COHAB e as casas foram construídas posteriormente pelos próprios moradores. Os lotes residenciais tinham área média de 188,81m<sup>2</sup> e, portanto, possuem área inferior ao estabelecido pela Lei Municipal de Parcelamento do Solo Urbano, que estabelece a medida mínima de 200,00m<sup>2</sup> e, para lotes de esquina, 250,00m<sup>2</sup>. As casas, isoladas no lote, foram construídas seguindo dois padrões: (1) com 17,94m<sup>2</sup>, sala dormitório e cozinha integrados e banheiro (100 unidades) e (2) com 22,79m<sup>2</sup>, sala e dormitório integrados, cozinha e banheiro (266 unidades). As edificações do conjunto tinham, no projeto, taxa de ocupação média de 11%.



**Figura 37** - Mapa da Área de Estudo 4, conforme implantação. Fonte: autora, 2011

Nota: Casa amarela= casa padrão 22,79m<sup>2</sup>; casa laranja= casa padrão 17,94m<sup>2</sup>. Linha azul representa entorno considerado; linha vermelha indica limite dos bairros; linha em destaque indica limite do conjunto. 1=área verde; 2=Escola Estadual Núcleo Habitacional Promorar; 3=Creche Municipal; 4=lotes destinados para o comércio; hachura cinza indica lotes que foram vendidos individualmente; 5=reserva técnica.

O conjunto conectava-se aos centros da cidade através da RS 124 e Via II (avenida Júlio Renner). Outra possibilidade era através da RS 124, Estrada das Américas e rua Dr. Hans Varelmann que, então, dá acesso à rua Bruno de Andrade. Através de conversas com um antigo funcionário da Secretaria de Obras da Prefeitura, soube-se que esta área pertencia ao município e foi cedida para um grupo de empresários que fizeram um autódromo. Este chegou a funcionar por um período, mas, em função dos altos custos de manutenção e investimentos necessários, o autódromo foi abandonado. Então, mais tarde, essa área foi cedida para a COHAB. Através de conversas com os moradores, soube-se que, quando o conjunto foi

entregue, não existia iluminação pública, nem calçamento. A pavimentação foi executada há apenas dois ou três anos. O comércio previsto no projeto foi instalado em 1986, dois anos após a implantação do conjunto.

O conjunto habitacional Germano Henck localiza-se, conforme o Plano Diretor, na Zona de Expansão Urbana, ou seja, fora do perímetro urbano. Conforme informação da Prefeitura, são adotados os índices urbanísticos de ZR2 (Zona Residencial 2), pois é a zona mais próxima, onde são permitidos diversos usos, com exceção de indústrias de médio e grande porte, comércio atacadista, oficina mecânica, transportadora e depósitos; o índice de aproveitamento permitido é de 2,0 e a taxa de ocupação máxima prevista é de 70%. Ao norte, existem algumas residências de um loteamento irregular em processo de regularização e o Aeroclube (ver Figura 38).



**Figura 38** - Área de Estudo 4. Fonte: Google Earth, data da imagem: 2009

Nota: A linha vermelha indica o limite da área da COHAB

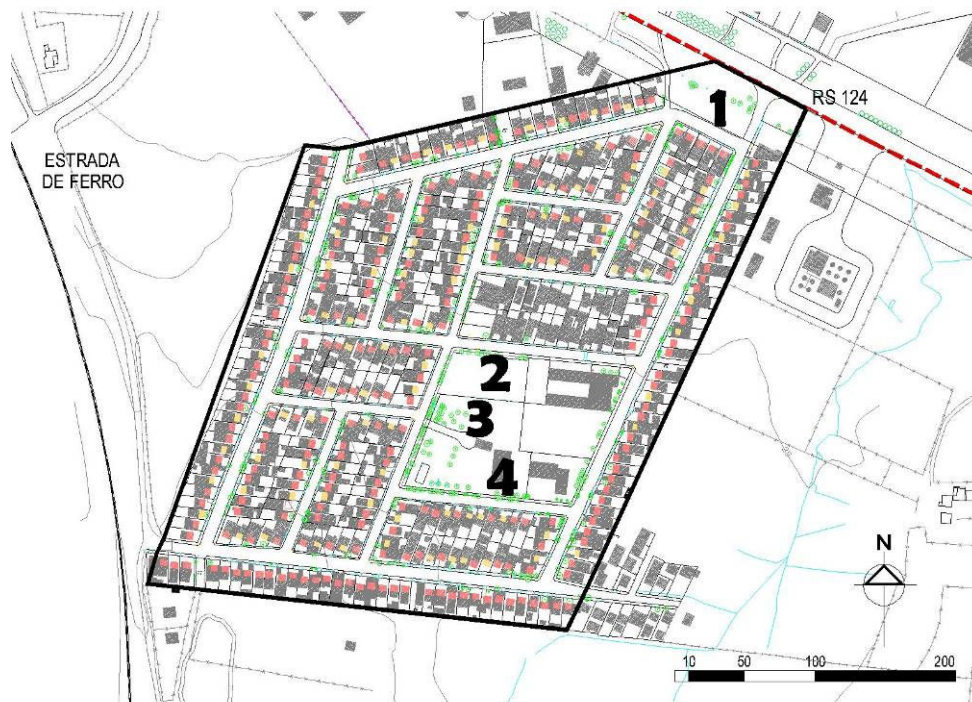
Apenas uma unidade habitacional não foi modificada e, com as ampliações ocorridas, as casas têm, em média, área de 95,63m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 49%, ainda dentro do valor estabelecido pelo Plano Diretor (Figuras 39 e 40).





**Figura 39** - Mapa da Área de Estudo 4. Fonte: autora, 2011

Nota: Linha azul representa o entorno considerado; linha vermelha indica limite das zonas; linha em destaque indica limite do conjunto habitacional; ZC=Zona de Contensão

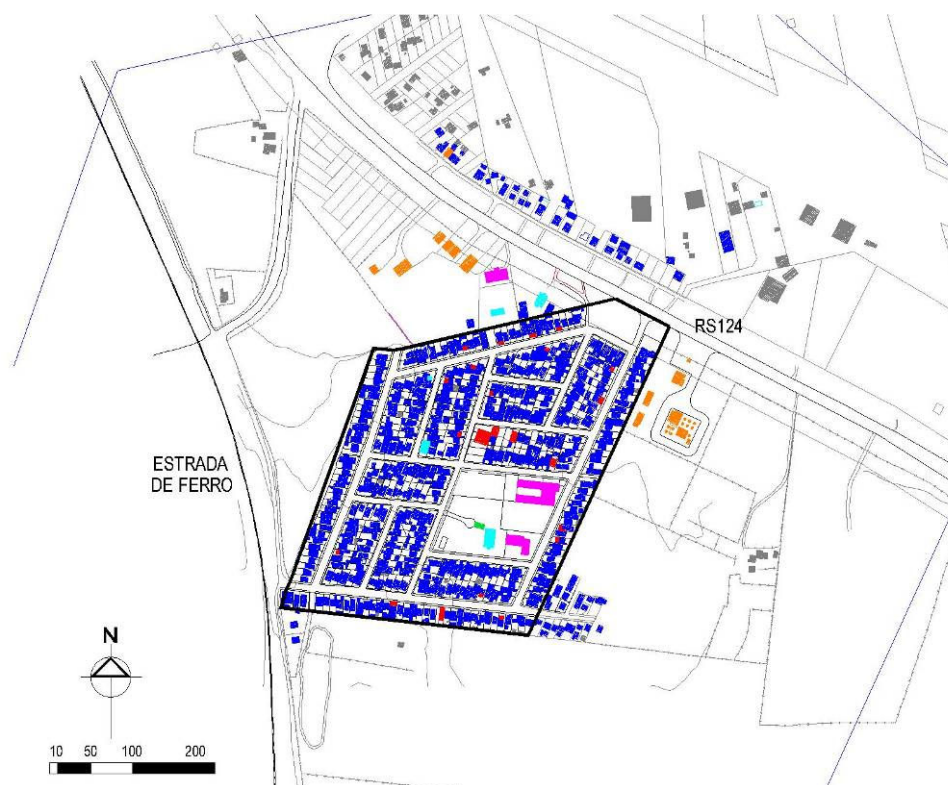


**Figura 40** - Mapa do Conjunto Habitacional Germano Henck. Fonte: autora, 2011

Nota: 1=Área Verde; 2=campo de futebol; 3=Associação comunitária em construção; 4=Igreja em construção.

Cabe destacar que essa metragem corresponde a mais de uma economia no lote, mas não foi possível delimitar as economias, porque muitas vezes trata-se de compartimentos da mesma edificação. Algumas edificações apresentam taxa de ocupação superior a 70%, sendo possível perceber que a maioria das ampliações foi executada sem nenhum critério técnico, afetando, desta forma, as condições de habitabilidade. No entorno sul (sul da RS 124, no prolongamento de uma via do conjunto) os lotes possuem área média dos lotes de 308,37m<sup>2</sup>, área média das edificações de 77,32m<sup>2</sup> e taxa de ocupação média de 31%. No entorno norte (norte da RS 124), os lotes têm área média de 386,40m<sup>2</sup>, as edificações área média de 112,17m<sup>2</sup> e a taxa de ocupação média de 30%. No entorno meio (quadra onde os lotes foram vendidos separadamente), a área média dos lotes é de 183,36m<sup>2</sup>, as edificações, que não seguiram nenhum padrão, têm área média de 102,60m<sup>2</sup> e a taxa de ocupação média de 56%.

Embora o uso predominante das edificações no conjunto seja residencial (94,81%), foram criadas algumas atividades de comércio e prestação de serviços junto às residências, além dos equipamentos comunitários. No entorno sul e entorno norte, todas as edificações são de uso residencial. Existem, ao longo da RS, 6 indústrias, um posto de saúde e 2 templos religiosos. No entorno meio, o uso predominante é residencial (86,36%), mas existem atividades de comércio junto às residências (Figura 41).



**Figura 41** - Mapa da Área de Estudo 4, com indicação do uso das edificações. Fonte: autora, 2011

Nota: Azul=residencial; azul claro=templo religioso; vermelho=comércio/ serviço; laranja=industrial; magenta= institucional; verde=clube/associação.



**Figura 42** - Mapa da Área de Estudo 4, com indicação da altura das edificações. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=01 pavimento; laranja=02 pavimentos.



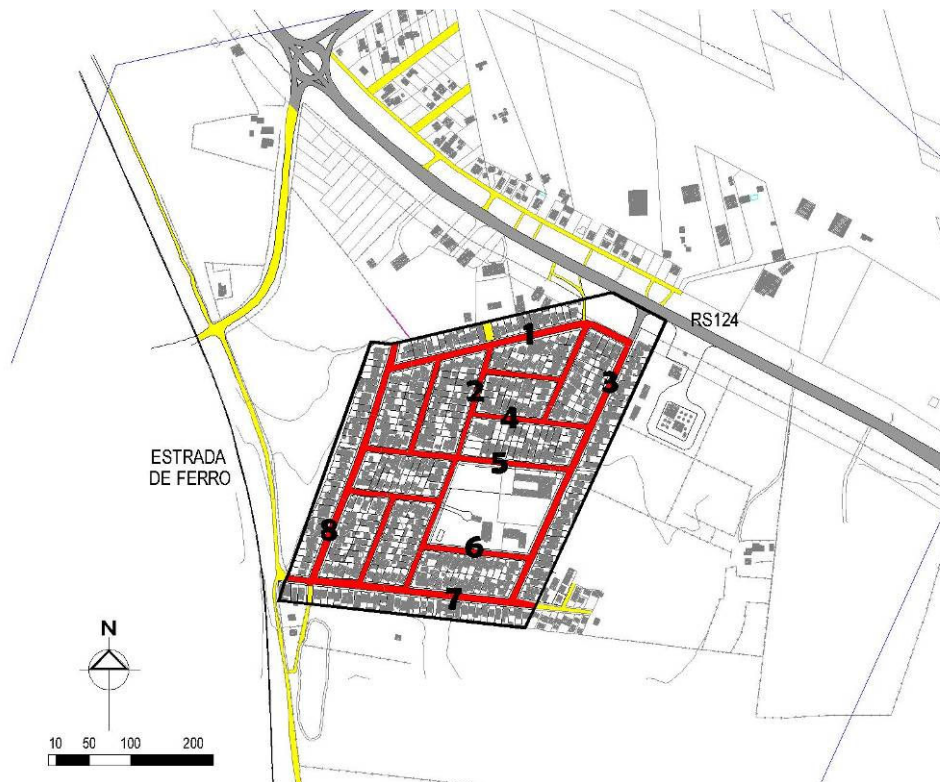
**Figura 43** - Mapa da Área de Estudo 4, com indicação do material construtivo. Fonte: autora, 2011  
Nota: Azul=alvenaria; vermelha=madeira.

As edificações do conjunto são predominantemente de 01 pavimento (96,99%). No entorno, tanto as edificações do entorno sul (100,0%), como as do entorno norte (100,0%) como as do entorno meio (90,91%) são, predominantemente, de 01 pavimento (Figura 42, acima). Em relação ao material construtivo, 92,08% das ampliações das edificações do conjunto foram executadas em alvenaria. No entorno, 37,50% do entorno sul, 38,46% do entorno norte e 95,45% do entorno meio são de alvenaria (Figura 43, acima).

Conforme o levantamento físico realizado, as calçadas das ruas do contorno do conjunto possuem 2,00m e as demais possuem 1,25m de largura. Foi constatado que apenas 57,46% das calçadas do conjunto são pavimentadas, executadas com diferentes tipos de materiais, sendo que cada lote resolveu individualmente seu acesso à garagem, gerando uma grande descontinuidade física dos passeios ao longo da via. No entorno meio, apenas 59,09% das calçadas são pavimentadas. No entorno sul e norte, as calçadas não são delimitadas.

A área verde prevista no projeto original do conjunto habitacional foi implantada e é bastante arborizada, possuindo um campo de futebol com iluminação, um campinho de areia com cestas de basquete e poucos bancos. Existe também uma área verde na entrada do conjunto habitacional que não possui equipamento/ mobiliário e árvores adequadas para o sombreamento. Os moradores lindeiros a esta área têm se organizado e colocaram alguns bancos. No entorno do conjunto, não existe nenhuma praça ou área verde.

As vias do contorno do conjunto habitacional (ruas Terezina, Natal, Porto Alegre e Maceió) são pavimentadas e possuem gabarito de 12,00m, sendo 8,00m de pista de rolamento e as demais vias são pavimentadas e possuem 9,00m, sendo 6,50m de pista de rolamento e, portanto, com medida inferior ao estabelecido pela Lei Municipal de Parcelamento do Solo Urbano. Com essa largura de pista de rolamento (6,50m), não há possibilidade de estacionamento em nenhuma de suas laterais e tampouco possibilidade de manobra. As vias do quarteirão que não faz parte do empreendimento da COHAB, mas está dentro do conjunto, possui o mesmo gabarito das vias do conjunto, ou seja, 9,00m, sendo 6,50m de pista de rolamento. Já as vias do entorno sul e norte são de ocupações irregulares, bastante estreitas e com pavimentação irregular (Figura 44).



**Figura 44** - Mapa da Área de Estudo 4, com indicação da pavimentação das ruas. Fonte: autora, 2011  
 Nota: Cinza=asfalto; vermelho=paralelepípedo; laranja=brita; amarelo=chão batido; Ruas: 1=Terezina; 2=Goiânia 3=Maceió; 4=Salvador; 5=Vitória; 6=Curitiba; 7=Porto Alegre; 8=Natal.

No conjunto existem a Escola Estadual Núcleo Habitacional Promorar, uma Creche Municipal, dois templos religiosos, além de estarem em construção uma Associação Comunitária e uma Igreja. Segundo informações dos moradores, essas obras estão paralizadas há bastante tempo. No entorno existem um posto de saúde e mais dois templos religiosos. O levantamento físico mostrou a existência de poucos estabelecimentos de comércio/ serviço no conjunto, que estão localizados nas ruas mais integradas, mas mesmo assim, são interiorizados, pois servem exclusivamente aos moradores locais. No entorno não existem estabelecimentos de serviços/ comércio.

### 3.7 Análise dos dados

Conforme Kruskal e Wish (1978 apud LAY, 1992), a utilização de múltiplos meios é válida e útil, pois favorece a complementaridade de compreensão de dados e aumenta a validade dos resultados. Nesse sentido, dados obtidos através de levantamentos físicos, mapas mentais, observações de comportamento, entrevistas e questionários foram quantificados e analisados através de instrumentos apropriados e disponíveis.

Para efetuar a análise estatística dos dados coletados de natureza quantitativa, foi utilizado o programa estatístico computacional SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Através da verificação das frequências das respostas e da realização de testes de estatística não-paramétrica, como Kruskal-Wallis e Spearman, foi possível inferir relações e correlações entre variáveis, em função de sua natureza nominal ou ordinal. Para os testes de correlação Spearman foram adotados os intervalos representados na Tabela 05, conforme adaptação da classificação de Rowntree, sugerida por Lay e Reis (2005).

Tabela 05: Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman

Intensidade de correlação	Classificação
0,0 a 0,3	Fraca, baixa
0,3 a 0,5	Moderada
0,5 a 0,7	Forte, alta
0,7 a 0,9	Muito forte, muito alta
0,9 a 1	Excepcional

Os dados obtidos nos testes estatísticos foram sintetizados em tabelas para melhor representação dos resultados e compreensão da análise (ver Anexo D). Os dados com valores de significância iguais ou superiores a 0,05 foram considerados estatisticamente relevantes.

### 3.7.1 Mapa figura-fundo

A partir do levantamento de arquivo e levantamento físico, foi analisada a evolução da ocupação, para comparar as ligações do conjunto com a cidade no momento da implantação do conjunto e no momento atual, e a relação entre os espaços abertos e edificados do conjunto e entorno, através do mapa figura-fundo. O mapa figura-fundo é uma técnica que auxilia na identificação de relações entre domínios público e privado, assim como outras relações morfológicas importantes como distâncias e acessibilidade, relação entre cheios e vazios, continuidade dos tecidos e homogeneidade das áreas. Em outros termos, a linguagem do mapa figura-fundo facilita a leitura do tecido, de seus elementos componentes e suas relações compositivas (ver DEL RIO, 1990).

### 3.7.2 Mapa de barreiras com indicação das constituições (conexões funcionais)

São desenhos que registram os diversos tipos de barreiras ao movimento de pedestres sobre o chão, ou seja, qualquer tipo de obstáculo que restrinja o movimento. As barreiras ficam em preto nas ilustrações e o sistema de espaços abertos que sobrou delas, em branco. Assim, é possível identificar os espaços convexos e as constituições (conexões funcionais)

existentes, para uma análise aprofundada das relações locais, por exemplo, o potencial para interações no âmbito público da vida cotidiana (ver HOLANDA, 2002).

### 3.7.3 Análise sintática

A utilização da análise sintática, no contexto da estrutura urbana, tem demonstrado que aqueles espaços mais facilmente acessíveis para o estranho são os espaços mais integrados ou rasos, enquanto que aqueles que tendem a desestimular o fluxo de passagem são espaços mais segregados e profundos. Assim, as diferentes características de implantação dos conjuntos habitacionais estudados, possibilitaram que, em conjunto com a pesquisa empírica, fosse testada esta técnica de avaliação do desempenho do espaço urbano, tendo como foco principal a identificação dos atributos morfológicos responsáveis pela distribuição espacial das atividades e sua conseqüente influência na presença de pessoas nos espaços públicos.

A análise sintática foi utilizada para medir os níveis de integração local e global e avaliar o potencial de movimento do sistema global (toda a cidade de Montenegro), apoiando outras análises. As medidas sintáticas dos sistemas axiais (integração global e integração local) foram produzidas a partir do software MINDWALK 2.0, e definidas em termos de mapas axiais (mapa de cores) e gráficos (informação alfanumérica). Cabe destacar que as medidas sintáticas são endereçadas e calculadas a cada uma das linhas do sistema global (toda a cidade), no entanto, como a investigação proposta trata da análise de áreas selecionadas do contexto urbano, foram produzidos tabelas e mapas parciais dos subsistemas definidos. Os mapas de axialidade processados aparecem com as linhas mais integradas sempre nas cores mais quentes (vermelho e amarelo) e que correspondem àqueles espaços mais acessíveis ao sistema como um todo, enquanto que as linhas mais segregadas apresentam cores mais frias (verde e azul).

Com este procedimento tornou-se possível uma análise visual da localização dos espaços mais integrados e segregados da cidade. Ainda, os resultados das entrevistas/ mapas mentais foram comparados com os resultados da análise sintática para examinar quais características configuracionais podem afetar a imageabilidade das ruas, bem como a percepção de locais agradáveis e desagradáveis e a escolha por locais para realizar encontros sociais. Salienta-se que, neste trabalho, não foram utilizadas todas as técnicas sintáticas disponíveis desenvolvidas por esta teoria. Foi utilizada a técnica da axialidade que permite abstrair, de um espaço urbano ou de uma edificação, eixos ou linhas axiais que representam as

---

linhas de acessibilidade e visibilidade dos espaços abertos e contínuos da malha urbana, assim como suas conexões.

No próximo capítulo será analisado o desempenho de cada área de estudo, através da avaliação dos níveis de satisfação dos moradores com o bairro e o local onde moram, também será verificado se existe relação entre as características físicas e de implantação de cada conjunto no tipo e intensidade de interação social existente entre os moradores no bairro. Serão comparados os conjuntos habitacionais estudados e seus respectivos entornos e verificada a sustentação ou não das hipóteses propostas.



## **4 ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DE IMPLANTAÇÃO DE CONJUNTOS HABITACIONAIS E INTERAÇÃO SOCIAL**

### **4.1 Introdução**

Neste capítulo são apresentados e analisados os resultados da investigação realizada nos quatro conjuntos habitacionais de interesse social produzidos pela COHAB, conforme indicado no capítulo anterior. Pressupondo que as características de implantação dos conjuntos habitacionais podem influenciar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores de conjuntos habitacionais e entre conjunto com o entorno imediato e com a cidade, foi investigado se:

- a) Quanto menor a dimensão do conjunto habitacional, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato e vice-versa.
- b) Quanto mais integrado estiver o conjunto habitacional na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, maior será a integração dos moradores com o bairro/ cidade e maior o reconhecimento como pertencentes à cidade.
- c) Quanto mais distante da área urbana consolidada o conjunto habitacional estiver, menor é a interação com o entorno imediato e maior a interação intraconjunto, ou seja, maior interação entre os moradores do próprio conjunto (coesão social), do que conjuntos habitacionais localizados em áreas centrais.

Primeiramente, é analisado o desempenho de cada área de estudo, através da avaliação dos níveis de satisfação dos moradores com o bairro e o local onde moram, e é verificado se existe relação entre as características físicas e de implantação de cada conjunto no tipo e intensidade de interação social existente entre os moradores no bairro. Em seguida, são comparados os conjuntos habitacionais estudados e seus respectivos entornos e verificadas as hipóteses de trabalho, verificando a influência da dimensão, configuração e localização dos conjuntos habitacionais na interação social entre os moradores do próprio conjunto, do conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

### **4.2 ÁREA DE ESTUDO 1: Conjunto Habitacional Cinco de Maio e entorno**

O conjunto habitacional Cinco de Maio é representativo de conjunto habitacional de porte médio, localizado próximo do centro da cidade e não integrado com o entorno/ cidade,

conforme pode ser constatado através do mapa axial e da análise da conexão do tecido do conjunto com o tecido do entorno imediato (Figuras 03 e 04). As figuras abaixo ilustram algumas características dos espaços públicos do conjunto (Figuras 45, 46 e 47).



**Figura 45** – Área verde



**Figura 46** – Passagem de pedestres

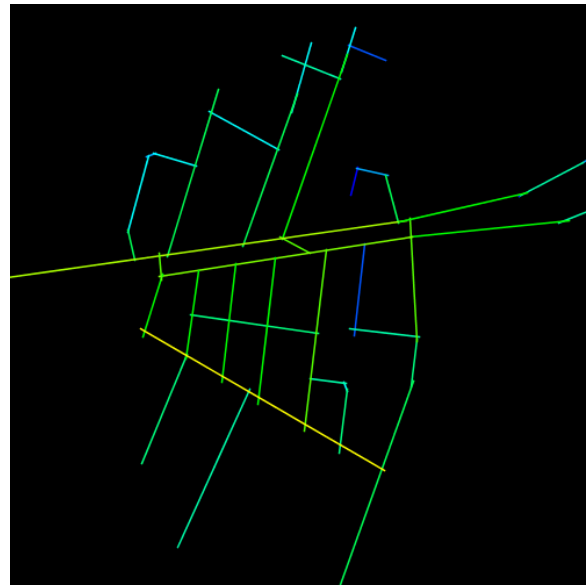
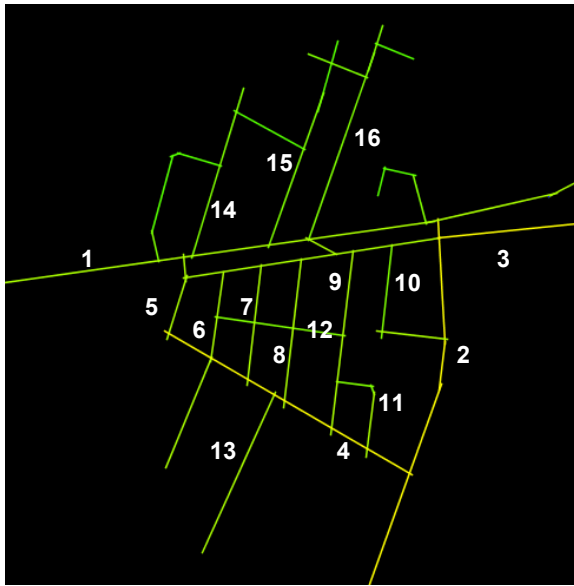


**Figura 47** – Associação comunitária

#### **4.2.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial**

As ruas consideradas mais importantes (e, portanto, com maior imageabilidade) pelos moradores do conjunto foram a Via I, a rua Padre Alberto Trasel, a rua Celso Emílio Muller e a rua Barão do Jacuí (ver Figura 20). Entre os motivos apontados para essas indicações estavam: ruas onde moram, trajeto do ônibus (rua Padre Alberto Trasel e Via I) e rua das creches (Barão do Jacuí). As ruas mais citadas pelos moradores do entorno ao sul do conjunto foram a rua Padre Alberto Trasel, a Via I, a rua Barão do Jacuí e a rua Padre Miguel Kellner. Pode-se perceber que a relação da ocupação ao sul do conjunto apresenta-se mais forte com o lado sul do conjunto, sem que eles mencionassem as ruas ao norte da RS 287. Já os moradores do entorno ao norte do conjunto citaram, principalmente, a RS 287, a Via I, a rua Artidor R. da Costa e a rua Iru Carneiro. Foi mencionado que, por serem estreitas, as ruas Artidor R. da Costa e Iru Carneiro servem de alçada, ou seja, “entram por uma rua e saem pela outra”. Uma moradora ressaltou a importância da RS 287 “porque ela dá acesso a tudo”, o que pode ser confirmado nos mapas axiais abaixo. Pode-se perceber que a relação da ocupação ao norte do conjunto apresenta-se mais forte com a RS 287, estrada que conecta a ocupação ao norte do conjunto ao bairro e à cidade.

Analisando o mapa axial de integração global e local constata-se que as vias do conjunto não apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) elevados em relação ao sistema (toda a cidade), sendo que a Via I - av. Ernesto Popp, rua Celso Emílio Muller, rua Padre Alberto Trasel e RS 287 apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) superiores às demais vias desta área, conforme ilustram as Figuras 48 e 49 e a Tabela 06.



**Figura 48** - Mapa axial da Área de Estudo 1, Integração Global, recortado da Figura 03

**Figura 49** - Mapa axial da Área de Estudo 1, Integração local R3, recortado da Figura 04

Nota: as linhas mais integradas apresentam cores mais quentes (vermelho e amarelo), enquanto que as linhas mais segregadas apresentam cores mais frias (verde e azul). Os mapas representam o ponto de vista do pedestre.

Tabela 06: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 1

NOME DAS RUAS	ID	Integração Global	Integração Local
1 RS 287	462/ 422	0,509/ 0,527	2,5/ 1,937
2 Via I – av. Ernesto Popp	1195/ 1196/ 1197	0,537/ 0,537/ 0,56	2,027/ 1,438/ 1,733
3 Celso Emílio Muller	872/ 873	0,526/ 0,536	2,444/ 1,834
4 Padre Alberto Trasel	451	0,529	2,545
5 Georgina N. de C. Neto	457	0,52	1,886
6 Júlia Rosa	455/ 456	0,516/ 0,502	1,959/ 1,545
7 Bento R. da Rosa	454	0,516	1,896
8 Dora Pereira	453	0,516	1,896
9 Barão do Jacuí	452	0,516	2,099
10 Gustavo Koetz	448/449	0,492/ 0,502	1,545/ 1,241
11 Figueira	450	0,495	1,541
12 Passagem de pedestres	1192/ 1193	0,484/ 0,484	1,472/ 1,262
13 Padre Miguel Kellner	463	0,495	1,33
14 Iru Carneiro	459	0,477	1,727
15 Artidor R. da Costa	460	0,477	1,726
16 Albino F. Hoffmeister	461	0,486	1,884

Verifica-se uma relação direta entre o nível de integração (acessibilidade topológica) das vias e as atividades desempenhadas ao longo destas. As atividades relacionadas com o atendimento dos moradores, tais como comércio e prestação de serviços, concentram-se nas três vias de maior acessibilidade do conjunto, fazendo uso das vantagens de acessibilidade oferecidas por essas localizações. Ainda, constata-se que a rua Georgina Neves de C. Neto e as demais vias do conjunto, paralelas a esta, apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) superiores aos valores das vias do entorno, tanto das duas vias ao sul tanto das três vias ao norte. As ruas Gustavo Koetz e Figueira apresentam valores de integração

(acessibilidade topológica) mais baixos que as demais vias do conjunto, em função da falta de continuidade. A passagem de pedestres do conjunto também apresenta valor de integração (acessibilidade topológica) mais baixo que as demais vias do conjunto, mas a inexistência de acessos às edificações através da passagem torna esse espaço isolado, com redução nas possibilidades de geração de copresença e com muita dificuldade de ser utilizada de forma plena pelos moradores. Essa constatação confirma que tecidos urbanos com estas características usualmente são associados com áreas de baixo controle e, portanto, inseguros para os usuários que, intuitivamente, evitam esses espaços.

Relacionando esses dados com as respostas dos entrevistados, observa-se uma coerência entre o fluxo de pessoas nos espaços abertos, a localização das atividades e a estrutura sintática da cidade. Percebe-se que as ruas mais citadas são as vias mais integradas e que, embora a rua Barão do Jacuí tenha o mesmo valor de integração (acessibilidade topológica) que as demais vias paralelas do conjunto (na integração local, esta via aparece com valor um pouco mais elevado que as demais vias do conjunto), ela se apresenta como uma das vias mais importantes, implicando em maior fluxo de pedestres e veículos, em função da movimentação gerada pela existência de duas creches (atratores).

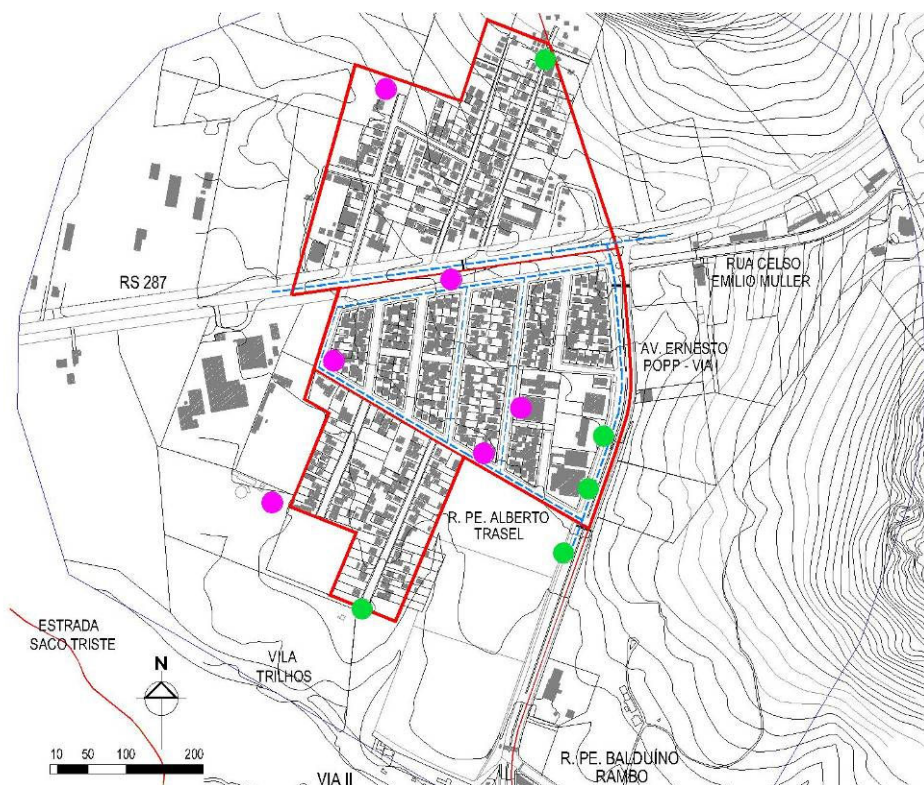
#### **4.2.2 Percepção de limite do bairro/ local onde moram**

Através da aplicação das entrevistas e mapas mentais, foi constatado que existem diferenças na percepção de limites do bairro entre os moradores do conjunto e entre os moradores do entorno, o que pode estar relacionado com as características de implantação do conjunto e, ainda, que podem afetar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores no bairro (Figura 50).

Ao desenhar ou descrever os limites do bairro onde vivem, 40,0% dos moradores do conjunto consideraram que o bairro coincide com o conjunto, enquanto que para os demais a percepção do território é mais ampla: 30% consideram as ocupações nos dois lados da RS 287 e 30,0% consideram o bairro avançando até a Estrada Saco Triste e a Via II, possivelmente, relacionando aos limites oficiais do bairro. Uma moradora comentou que, em função dos limites oficiais do bairro serem amplos, “tudo de ruim que acontece na cidade é no bairro Cinco de Maio”, indicando que os moradores não gostam de ter a imagem do local onde vivem associada a locais considerados inseguros ou perigosos.

Dentre os moradores do entorno ao sul do conjunto, 60,0% consideram que o bairro é constituído pelo local onde moram somado ao conjunto, ou seja, a ocupação ao sul da RS 287,

e 40,0% consideram também o lado norte da RS 287. Uma moradora da rua Padre Miguel Kellner manifestou insatisfação com a proximidade da Vila Trilhos (ao sul do conjunto), vila irregular que invadiu o leito da rede ferroviária extinta, por tratar-se de local perigoso, em condições precárias e de renda muito baixa, confirmando que as conotações sociais são bastante significativas quando se trata de delimitar regiões. Cabe ressaltar que a entrevistada que mora a leste do conjunto, embora pertença ao bairro Bela Vista, se considera pertencente ao bairro Cinco de Maio, devido à proximidade ao conjunto e ao isolamento em que se encontra. Já dentre os moradores do entorno ao norte do conjunto, 40,0% consideram apenas o local onde moram e afirmam que “o lado de cá é bem diferente”, mostrando a delimitação em função da RS 287. Por outro lado, 60,0% consideram os dois lados da RS 287, pois afirmam que “dependem do outro lado”, no sentido de utilizar os serviços existentes no conjunto.

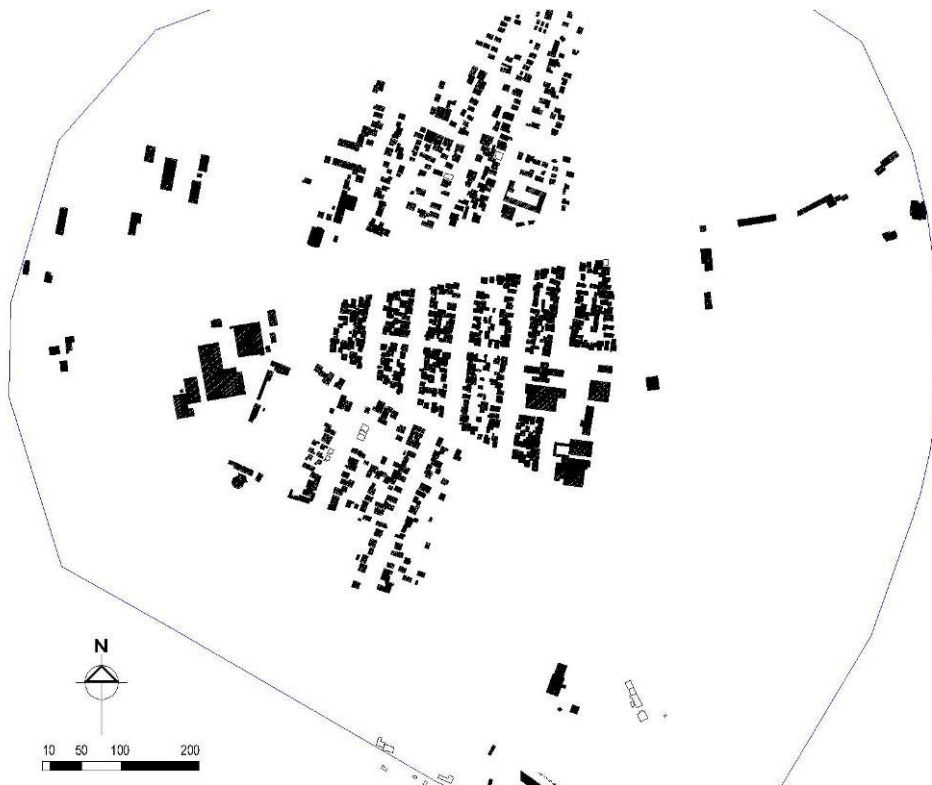


**Figura 50** – Mapa da Área 1, com dados das entrevistas e mapas mentais. Fonte: autora, 2011

Nota: As linhas vermelhas indicam os limites do bairro; as linhas azuis indicam as ruas mais importantes; círculos verde=lugares desagradáveis; círculos magenta=lugares agradáveis.

Percebe-se que o conjunto, por estar geograficamente no centro das ocupações ao norte e ao sul, faz parte da imagem mental de boa parte dos moradores do entorno (80,0%), nos dois lados da RS 287. Ainda, fica evidente que, tanto a rodovia RS 287 como a Via I, por serem vias estruturais, largas e com bastante movimentação de veículos, geram uma barreira

física e interferem na percepção dos limites, conforme mostra o mapa figura-fundo (Figura 51). A rua Padre Alberto Trasel que separa o conjunto Cinco de Maio da ocupação ao sul, mesmo tendo grande movimentação de veículos, não foi apontada como barreira física, possivelmente, por caracterizar-se como uma via local, confirmando que alguns limites podem ser mais uma costura de união do que propriamente uma barreira isoladora.



**Figura 51** - Mapa figura-fundo da Área de Estudo . Fonte: autora, 2011

Nota: O fundo branco indica os espaços não edificadas – de domínio público e privado.

No entanto, esta questão foi retomada através dos questionários e ficou ainda mais clara, uma vez que a grande maioria dos moradores do conjunto (73,3%) percebe os limites do território mais restritos (apenas o conjunto) e a minoria (26,6%) considera as ocupações nos dois lados da RS 287. Alguns acham que ‘o lado de lá’ (entorno norte) é pior e outros nem sabem como é ‘o lado de lá’, mostrando a delimitação em função da RS e a falta de interação dos moradores do conjunto com o entorno ao norte da RS. Pode-se perceber que o percentual de entrevistados que responderam, nas entrevistas, que os limites do bairro eram amplos – oficiais – já relacionavam os serviços e infraestrutura apenas do conjunto e, neste momento, consideram apenas o conjunto. Entre os moradores do entorno ao sul do conjunto, 33,3% consideram apenas o lado sul da RS, mas a maioria (66,7%) considera os dois lados da RS, sendo que alguns acham que ‘o lado de lá’ (entorno norte) é pior e outros nem sabem como é

‘o lado de lá’. Possivelmente, essa diferença com as respostas dos entrevistados em relação à percepção mais abrangente dos limites do bairro pode ser justificada pela diferença no tamanho da amostra. Já entre os moradores do entorno ao norte do conjunto, 33,3% consideram apenas o local onde moram, mas a maioria (66,7%) considera os dois lados da RS, sendo que alguns acham que ‘o lado de lá’ (entorno sul) é melhor e alguns acham que é ‘a mesma coisa’ nos dois lados.

A percepção de território também foi medida através do questionamento sobre quando se sentiam ‘em casa’, e 50,0% dos moradores do conjunto reconhecem o território quando chegam no bairro; 33,3% quando chegam na própria casa e 16,7% quando estão próximos ao local onde moram. Já os moradores do entorno reconhecem o território quando chegam no bairro (37,5%); quando estão próximo ao local onde moram (33,3%) ou quando chegam na própria casa (29,2%). Constata-se que os moradores do conjunto, quando comparados aos moradores do entorno, percebem melhor a ‘unidade’ do bairro, possivelmente pela maior clareza na definição do conjunto como limite do bairro. Essa constatação também pode estar relacionada à imagem ambiental positiva dos moradores do conjunto em relação ao próprio conjunto e negativa em relação ao entorno, o que acaba refletindo na interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno. Já a imagem ambiental do conjunto pelos moradores do entorno é positiva, indicando uma pré-disposição para a interação social.

#### **4.2.3 Níveis de satisfação com o bairro**

Foi constatado que quase a totalidade dos moradores do conjunto está satisfeita com o bairro onde moram (93,4%). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação em morar no bairro dos moradores do conjunto e entorno é influenciado pela aparência do bairro (Spearman,  $c=.522$ ,  $sig=.000$ ), assim como pela qualidade das calçadas (Spearman,  $c=.464$ ,  $sig=.000$ ) e pela qualidade das praças/ áreas verdes (Spearman,  $c=.386$ ,  $sig=.004$ ). Foi também constatado que os moradores do conjunto estão satisfeitos com a aparência do bairro (70,0%), com a qualidade dos serviços/ comércio (66,6%) e com a ligação entre o bairro e a cidade (60,0%). Cabe destacar que, apesar da proximidade do conjunto ao centro da cidade, o percentual de moradores que estão satisfeitos com a ligação entre o bairro e a cidade não é maior, possivelmente, pelas características de configuração do conjunto (não integrado) e pela topografia acentuada, que dificulta o deslocamento para o centro da cidade. Por outro lado, a percepção de segurança (46,7%), a qualidade das calçadas (43,4%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (66,7%) são avaliados mais negativamente. É interessante

notar que os moradores estão insatisfeitos com os itens que mais poderiam afetar a interação entre os moradores do conjunto – os espaços públicos abertos e a percepção de segurança.

Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que a maioria dos respondentes está satisfeita com o bairro onde moram (75,0%), assim como boa parte está satisfeita com a qualidade dos serviços/ comércio (54,2%) e com a ligação entre o bairro e a cidade (54,2%). Por outro lado, a percepção de segurança (45,9%), a aparência do bairro (37,5%), a qualidade das calçadas (54,2%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (62,5%) são avaliadas negativamente. Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul do conjunto estão menos insatisfeitos do que os moradores do entorno ao norte do conjunto, com exceção da percepção de segurança e da satisfação com a qualidade de comércio/ serviços, onde os moradores do entorno ao norte do conjunto estão mais satisfeitos. Quanto à percepção de segurança, possivelmente o percentual mais elevado de insatisfação entre os moradores do entorno sul está relacionada ao que foi comentado nas entrevistas, onde os moradores mencionaram a percepção de insegurança exatamente em relação às ocupações irregulares ao norte da RS (morro dos Fagundes). Quanto à qualidade de comércio/ serviços, os moradores do entorno norte tem menos opções no local onde moram e, possivelmente ao considerar todo o bairro, estão mais satisfeitos porque ampliam as opções de estabelecimentos.

Quando comparados os níveis de satisfação com o bairro dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno, com exceção da percepção de segurança e da qualidade das praças/ áreas verdes, onde os moradores do entorno apresentam um percentual um pouco menor de insatisfação.

#### **4.2.4 Níveis de satisfação com o local onde moram**

Foi constatado que quase a totalidade dos moradores do conjunto está satisfeita com o local onde moram (93,3%) e com a qualidade dos serviços/ comércio existentes no bairro (90,0%). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação com o local onde moram dos moradores do conjunto e entorno é influenciado pela aparência do local onde moram (Spearman,  $c=.477$ ,  $sig.=.000$ ), assim como é influenciado pela qualidade das calçadas (Spearman,  $c=.466$ ,  $sig.=.000$ ) e pela qualidade das praças/ áreas verdes (Spearman,  $c=.394$ ,  $sig.=.003$ ). Foi também constatado que os moradores avaliam positivamente a aparência do local onde moram (90,0%), fortemente influenciados pelo nível de manutenção das ruas percebido pelos moradores (Spearman,  $c=.636$ ,  $sig.=.000$ ). Em relação à percepção



de adequação das calçadas do local onde moram, apenas 43,3% avaliam positivamente, fortemente influenciados pela facilidade para circular (Spearman,  $c=.693$ ,  $sig.=.000$ ), pela capacidade para acolher atividades de convívio social (Spearman,  $c=.632$ ,  $sig.=.000$ ) e pela boa iluminação (Spearman,  $c=.526$ ,  $sig.=.000$ ). Por outro lado, a qualidade das calçadas é avaliada negativamente quando existe a percepção de falta de conforto ambiental decorrente de pouca vegetação de porte existente ao longo das calçadas (Spearman,  $c=.565$ ,  $sig.=.000$ ) e pela falta de manutenção, provavelmente associada à irregularidade da pavimentação (Spearman,  $c=.737$ ,  $sig.=.000$ ). Em relação à qualidade das praças/ áreas verdes, os moradores do conjunto avaliam negativamente (56,6%), confirmando o que o levantamento físico já indicava sobre a falta de mobiliário e equipamentos necessários para desempenhar atividades de convívio social da área verde (faixa de domínio do DAER). Verificou-se que a insatisfação com a qualidade das praças/ áreas verdes do local onde moram é influenciada pela quantidade insuficiente de praças/ áreas verdes (Spearman,  $c=.449$ ,  $sig.=.001$ ), reforçando o que foi comentado nas entrevistas, que a área verde existente serve apenas aos moradores lindeiros. Ainda, um percentual expressivo de moradores do conjunto está insatisfeito com a segurança do local onde moram (40,0%), influenciados pela percepção de insegurança quanto ao crime das ruas (Spearman,  $c=.596$ ,  $sig.=.000$ ). Cabe ressaltar que, conforme o levantamento físico, 60,5% dos lotes do conjunto habitacional possuem fechamento das testadas alto (muro e/ ou grade 2,00m de altura) e pode estar associado a essa percepção de insegurança (Figura 52).

Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que a maioria dos respondentes está satisfeita com o local onde moram (83,3%), mas, por outro lado, 50,0% estão insatisfeitos em relação à segurança no local onde moram. Apesar da percepção de insegurança, tanto no entorno ao sul do conjunto (74,1%) como no entorno ao norte do conjunto (76,7%), a maior parte dos fechamentos das testadas são baixos (sem fechamento, muro e/ ou grade de 1,00m), o que pode estar relacionado com o baixo poder aquisitivo dos moradores do entorno, sem recursos para executar fechamentos para aumentar a proteção contra crimes. Os moradores do entorno do conjunto também avaliam negativamente a aparência do local onde moram (33,3%), a qualidade das calçadas (70,9%), a qualidade das praças/ áreas verdes (75,0%) e a qualidade dos serviços/ comércio (50,0%). Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul do conjunto estão menos insatisfeitos do que os moradores do entorno ao norte do conjunto em todos os itens avaliados.



**Figura 52** - Mapa da Área 1, com indicação do fechamento das testadas. Fonte: autora, 2011

Nota: azul claro tracejado= grade 1,0m; azul contínuo= muro 1,0m; verde tracejado= grade 2,0m; tracejado vermelho= muro +grade 2,0m; magenta contínuo= muro 2,0m.

Quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto habitacional estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno em todos os itens avaliados. Ainda, quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram e os níveis de satisfação com o bairro, constata-se que os moradores do conjunto estão mais satisfeitos com o local onde moram do que com o bairro (possivelmente, para aqueles onde a percepção de limite do bairro é maior do que o conjunto) em todos os itens avaliados. Cabe destacar que a área verde, assim como os equipamentos comunitários e os estabelecimentos de comércio/ serviços estão localizados no conjunto habitacional e, assim, os moradores do entorno estão menos insatisfeitos em relação ao bairro, quando comparado com o local onde moram, com exceção da satisfação em morar no local/ bairro. Na satisfação com a aparência, os moradores do entorno também apresentam um percentual um pouco mais elevado de insatisfação com o bairro.

#### 4.2.5 Imagem ambiental e atributos percebidos

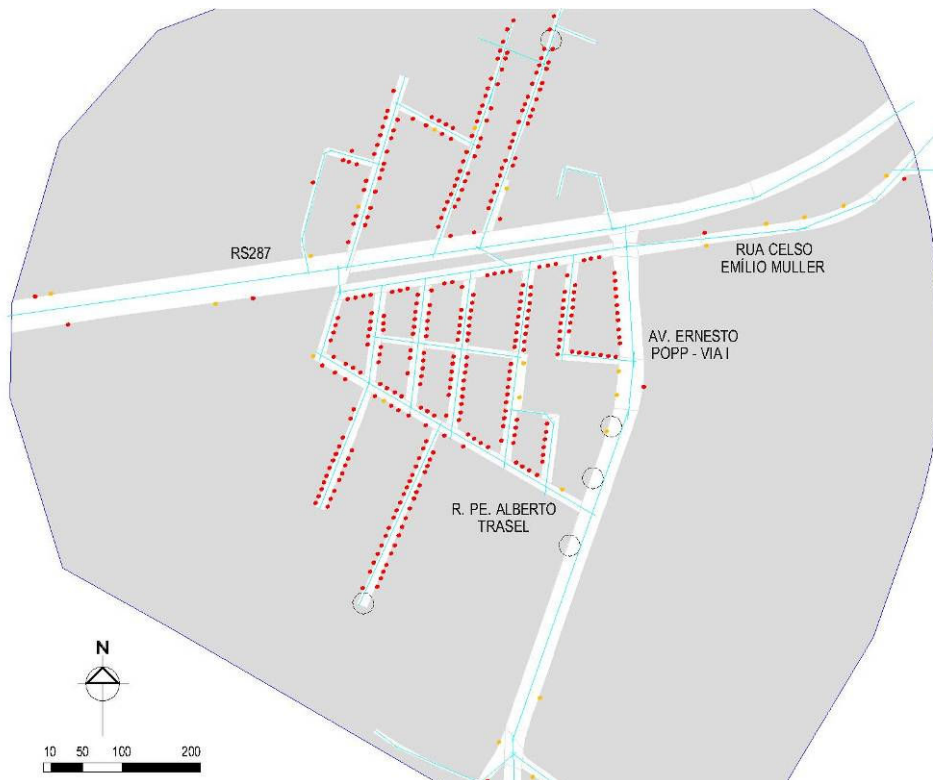
Com as informações obtidas sobre os espaços avaliados mais positivamente e mais negativamente, as principais referências espaciais, associações com a configuração do conjunto e conexões com o entorno, constatou-se que os atributos percebidos estão relacionados com as características de implantação do conjunto e, ainda, que podem influenciar a apropriação dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, afetar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores.

Quando solicitados para indicar os locais mais agradáveis do bairro (Figura 50, acima), os moradores do conjunto mencionaram a área verde (40,0%); a própria casa (20,0%); a creche/ escola e a vista do morro São João, mas, por outro lado, 40,0% dos moradores acham que não tem local agradável no bairro. Alguns comentaram que a área verde é bonita, mas é mais “usada pelo pessoal de lá”, ou seja, pelos moradores lindeiros, que tem acessibilidade visual com a área. Já entre os moradores do entorno, os locais considerados mais agradáveis variam ainda mais: 30,0% consideram a área verde e 30,0% acham que não tem local agradável. Os demais citaram o sindicato, a parada de ônibus, a própria casa e o “campão”. O “campão” é uma propriedade particular existente ao norte da RS, equipada com copa e lancheria e utilizada para jogos de futebol. Segundo relato de uma moradora, os vizinhos se encontram lá nos fins de semana e, às vezes, fazem churrasco. Pode-se perceber que os motivos apontados para a indicação dos locais mais agradáveis do bairro referem-se aos locais que propiciam algum tipo de convívio social e, no caso da área verde, os motivos também estão relacionados à questão estética.

Dentre os locais identificados como mais desagradáveis do bairro (Figura 50, acima), 40,0% dos moradores do conjunto mencionaram a esquina da Via I com a rua Padre Alberto Trasel, pois este local se estabeleceu como ponto de drogas e prostituição e, ainda, falam em “certo constrangimento ao transitar nesse local”. Dois moradores dizem que não existe lugar desagradável no bairro, mas, por outro lado, uma moradora discorda e comenta sobre o uso de drogas nas ruas, à noite, por jovens e a falta de policiamento, reforçando a percepção de insegurança nas ruas. Outra moradora identifica o fim da rua Padre Miguel Kellner como local perigoso, pois tem muito mato e faz ligação com a ocupação irregular ao sul do conjunto (Vila Trilhos) e, ainda, uma moradora considera perigoso passar à noite em frente da associação comunitária, pois “não tem nada, é isolado e escuro”, mas ressalta que na frente do cemitério é ainda pior, onde frequentemente ocorrem assaltos. Esses resultados confirmam estudos que destacam que usos institucionais, comerciais ou industriais presentes no ambiente

residencial, não garantem uma ocupação contínua e podem causar, nos períodos em que não há uso, sentimentos de insegurança.

Os moradores do entorno do conjunto também mencionaram como local desagradável a esquina da Via I com a rua Padre Alberto Trasel (40,0%), pelo mesmo motivo dos moradores do conjunto; o fim da rua Padre Miguel Kellner; o “outro lado da faixa”, referindo-se ao lado norte da RS 287, assim como os terrenos vazios com mato e as ocupações irregulares no morro. Alguns moradores do entorno sul consideram o bairro perigoso, por estar localizado no meio de duas vilas de ocupação irregular, de renda muito baixa e com ocorrências criminais. O mapa de barreiras com indicação das constituições (conexões funcionais) evidencia a falta de constituições nos locais apontados como mais desagradáveis (Figura 53).



**Figura 53** - Mapa de barreiras com indicação das constituições da Área 1. Fonte: autora, 2011

Nota: Vermelho= residenciais; laranja= não residenciais; azul claro= linhas axiais; cinza= ilhas espaciais; círculo tracejado cinza= locais mais desagradáveis.

Em geral, os motivos apontados para as indicações dos locais mais desagradáveis do bairro referem-se à questão da insegurança e estão relacionados com a configuração espacial, pois tratam-se de locais mais segregados ou locais integrados sem constituições (conexões funcionais). Cabe ressaltar que a Via I, apesar de apresentar valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema, apresenta fluxo intenso de

veículos, mas não de pedestres, indicando que não existe uma relação linear entre integração (acessibilidade topológica) e níveis de copresença, e que a copresença pode ser mais influenciada pela distância geométrica.

#### **4.2.6 Apropriação e características fisicoespaciais**

É observado no mapa comportamental (Figura 54) que as pessoas caminham pelas ruas em muitos trechos, tanto no conjunto como nas ruas do entorno ao sul do conjunto. A rua Padre Miguel Kellner, que é uma rua bastante segregada, sem trânsito de veículos, é utilizada pelas crianças para brincar. Foi também constatada a utilização da rua, como extensão da calçada, em alguns trechos, como por exemplo, a rua Georgina Neves de C. Neto, que é utilizada diariamente por um grupo de idosos do conjunto para atividades passivas de contemplação e socialização. Essa constatação confirma estudos que sugerem que os moradores poderiam recuperar o protagonismo da rua, convertendo-a em algo mais do que uma passagem, mas num local onde se possa estar e compartilhar.

As calçadas do conjunto, assim como o recuo de ajardinamento, como extensão da calçada, são utilizadas para a realização de atividades passivas de contemplação, socialização e recreação infantil, principalmente nas ruas apontadas como as mais importantes, provavelmente, porque são mais movimentadas. Destaca-se o uso mais intenso das calçadas na rua da Figueira, onde os moradores utilizam apenas a frente do seu lote, e das calçadas na Via I esquina rua Gustavo Koetz, onde os vizinhos se encontram diariamente para conversar, tomar chimarrão e olhar o movimento. É importante notar que as calçadas mais utilizadas são as que apresentam vegetação de porte, proporcionando maior conforto ambiental pela possibilidade de sombreamento. As calçadas do entorno ao sul do conjunto não são utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização.



Figura 54 – Mapa Comportamental da Área de Estudo 1. Fonte: autora, 2011

Nota: Linha vermelha indica percurso das observações comportamentais; C= Comércio; S= Serviço; P= Parada de ônibus. 1= Rua Gustavo Koetz; 2= Rua Figueira; 3= Rua Padre Miguel Kellner.

A passagem de pedestres, central no conjunto, não é utilizada para atividades de convívio social conforme prevista no projeto, o que pode estar relacionado à falta de constituições (conexões funcionais). Em apenas um trecho, foi constatado o uso pelos moradores lindeiros, que também são os responsáveis pela manutenção. As observações de traços físicos evidenciaram a falta de uso da passagem, pela vegetação rasteira existente no local. Da mesma forma, foi constatado que o ‘caminho’ não é utilizado para atividades de convívio social conforme mencionado por alguns moradores. Foi também constatado, nas observações comportamentais, que a área verde (faixa de domínio do DAER) é utilizada principalmente pelos moradores lindeiros, possivelmente, pela proximidade e facilidade de levar cadeiras para sentar, uma vez que não existem bancos no local.

Foi verificada uma movimentação mais intensa nos arredores dos equipamentos comunitários, por exemplo, as creches e a escola, principalmente nos horários de início e término das aulas. Os pais dos alunos ficam aguardando seus filhos e acabam interagindo, diariamente, com outros pais. No entorno dos estabelecimentos de comércio/ serviços também é constatada uma movimentação mais intensa, confirmando a importância da inserção de atratores que podem gerar maior potencial de copresença do que vias com valor de integração elevado. No mercado/ bar localizado na rua Padre Alberto Trasel, que é uma rua bastante integrada, foi identificado um agrupamento de homens conversando, bebendo e olhando o movimento diariamente. Nas paradas de ônibus, observa-se uma concentração de usuários.

Ressalta-se que os locais mais desagradáveis indicados pelos moradores estão localizados no entorno da escola que, durante o dia, tem uma movimentação intensa, mas, por outro lado, à noite fica abandonado, provavelmente pela falta de diversidade de usos e pela falta de constituições (conexões funcionais). É possível observar a baixa utilização das calçadas, inclusive para deslocamentos, no trecho entre o Ginásio Municipal e a Escola, apesar da Via I possuir valor de integração (acessibilidade topológica) elevado. Nos locais mencionados por alguns jovens como mais agradáveis, por exemplo, a parada de ônibus da rua Padre Alberto Trasel e a esquina da rua Padre Alberto Trasel com a rua Georgina Neves de C. Neto, não foi constatado o uso, o que pode estar relacionado aos horários de utilização pelos jovens, não coincidentes com os horários das observações comportamentais. Da mesma forma, algumas mulheres comentaram que fazem caminhadas nas ruas do contorno do conjunto no início da manhã.

#### 4.2.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio

A apropriação dos espaços públicos abertos também foi verificada através dos questionários. Os respondentes – moradores do conjunto e moradores do entorno – foram questionados sobre as atividades que costumam realizar nas horas de lazer, os locais que costumam utilizar para as atividades de lazer e convívio no bairro e os locais onde as crianças costumam brincar (ver Tabela 07).

Tabela 07: Atividades e locais de lazer e convívio

	atividades		locais		crianças	
Conjunto	passar	20,0%	praça	60,0%	praça	16,7%
Total: 30 respondentes	conversar	70,0%	calçadas	63,3%	calçadas	20,0%
	esportes	40,0%	vizinhos	6,7%	vizinhos	3,3%
	ativ. em casa	66,7%	casa	60,0%	casa	13,3%
	chimarrão	56,7%	clube	3,3%	clube	0,0%
	contemplar	6,7%	associação	3,3%	não tem	70,0%
	brincadeiras	20,0%	outro local	3,3%	outro local	0,0%
	trab. manuais	0,0%				
	ativ. em grupo	3,3%				
	outra atividade	0,0%				
Entorno	passar	33,3%	praça	8,3%	praça	8,3%
Total: 24 respondentes	conversar	29,2%	calçadas	33,3%	calçadas	0,0%
	esportes	12,5%	vizinhos	4,2%	vizinhos	0,0%
	ativ. em casa	75,0%	casa	91,7%	casa	33,3%
	chimarrão	12,5%	clube	4,2%	clube	4,2%
	contemplar	8,3%	associação	12,5%	não tem	62,5%
	brincadeiras	0,0%	outro local	0,0%	outro local	0,0%
	trab. manuais	4,2%				
	ativ. em grupo	4,2%				
	outra atividade	0,0%				

Foi constatado que, embora o percentual de atividades em casa dos moradores do conjunto também seja elevado, eles realizam mais atividades e com mais intensidade quando comparados com os moradores do entorno, que basicamente realizam atividades em casa. Foi também constatado que existe um percentual elevado de moradores do conjunto que utilizam os espaços públicos abertos, mesmo não apresentando condições adequadas para atividades de lazer e convívio social. A tabela acima evidencia o papel instrumental da calçada maior do que da área verde. Ainda, alguns entrevistados comentaram sobre a falta um local apropriado para o encontro dos vizinhos, confirmando que os próprios moradores percebem a importância do território onde a população cria vínculos, estabelece relações e organiza seus sistemas de produção e reprodução das práticas sociais. Foi comentado que quando a associação comunitária permanecia aberta, as pessoas podiam se encontrar e as crianças podiam brincar e andar de bicicleta, no entanto, agora só abre para eventos e festas.



Entre os moradores do entorno, existe um percentual elevado de moradores que utilizam a própria casa, o que pode estar relacionado à inexistência de espaços públicos abertos próximos ao local onde moram que apresentem quesitos necessários para o desempenho de atividades sociais. Segundo as entrevistas, os jovens gostam de ficar em locais mais movimentados, como por exemplo, na parada de ônibus da rua Padre Alberto Trasel, porque é “agitado”, “para acompanhar o movimento de carros e pessoas” e na mureta na esquina da rua Padre Alberto Trasel com a rua Georgina Neves de C. Neto, pelo mesmo motivo, mas acrescentam o fato da mureta de fechamento do lote servir de banco. Cabe ressaltar que essas vias estão entre as mais integradas, confirmando que a presença de pessoas paradas em determinados espaços, tais como paradas de ônibus, é influenciada pela grande acessibilidade em relação ao sistema espacial. Verificou-se um percentual elevado de respondentes do conjunto e do entorno que não possuem criança em casa, mas, entre os que possuem, existe um percentual expressivo de crianças que utilizam a própria casa para brincar, indicando novamente a falta de locais adequados para atividades de lazer e convívio social. No entanto, ressalta-se que as crianças do conjunto utilizam mais os espaços públicos abertos (calçadas e praças), quando comparados com os moradores do entorno.

#### 4.2.6.2 Apropriação das ruas e calçadas

Provavelmente devido ao baixo fluxo de veículos nas ruas do conjunto, 60,0% dos moradores avaliam positivamente a segurança quanto ao trânsito, mas, por outro lado, 63,3% avaliam negativamente a segurança quanto ao crime. Embora exista a expectativa de lugares inseguros quanto ao crime serem avaliados negativamente quanto à aparência, 70,0% dos moradores avaliam positivamente a aparência/ manutenção das ruas. Já a maioria dos moradores do entorno avaliam negativamente a segurança quanto ao trânsito (62,5%); a segurança quanto ao crime (58,3%) e a aparência/ manutenção das ruas (62,5%). Os resultados indicam que os moradores do entorno norte estão mais insatisfeitos em relação à aparência/ manutenção devido à falta de pavimentação e infraestrutura (por exemplo, rede de esgoto), quando comparados com os moradores do entorno sul.

Foi constatado, através das observações comportamentais e das entrevistas, que os moradores do conjunto preferem caminhar pela rua, pois, em alguns trechos a sarjeta tem asfalto e apresenta mais regularidade do que as calçadas. Essa prática pode estar relacionada à manutenção inadequada (43,4% têm avaliação negativa) e a largura das calçadas que, conforme o levantamento físico, além de serem estreitas, possuem árvores e equipamentos que dificultam o uso em alguns trechos, inclusive para circulação, apesar da unanimidade dos

moradores do conjunto considerar adequadas e avaliar positivamente a largura das calçadas do local onde moram para circular. As calçadas do conjunto, assim como o recuo de ajardinamento, são utilizadas pelos moradores para a realização de atividades passivas de contemplação, socialização e recreação infantil. Essa constatação corrobora o que os moradores citaram como as principais atividades realizadas nas calçadas (ver Tabela 08). A utilização das calçadas para essas atividades pode estar relacionada à percepção de adequação da largura das calçadas para atividades de convívio social (83,3%) e da iluminação (93,3%). Embora a vegetação existente seja percebida como deficiente por 33,3% dos moradores do conjunto, foi constatado que os locais mais utilizados são os que apresentam vegetação de porte na calçada, que proporcionam sombra.

Tabela 08: Principais usos das calçadas do local onde moram

	deslocamentos	caminhadas	socialização	brincadeiras	outros usos
Conjunto	36,7%	36,7%	40,0%	3,3%	0,0%
Entorno	58,3%	12,5%	20,8%	0,0%	0,0%

Foi constatado, através das observações comportamentais e entrevistas, que os moradores do entorno caminham pela rua, confirmando o que o levantamento físico já indicava, sobre a dificuldade de uso das calçadas do entorno, inclusive para deslocamento. No entanto, as calçadas são avaliadas positivamente pela metade dos moradores do entorno (50,0%) em relação à largura para circular, mas, por outro lado, 54,2% avaliam negativamente a aparência/ manutenção das calçadas. Mais especificamente, no entorno ao sul do conjunto, 75,0% dos moradores consideram adequada a largura das calçadas para circular, apesar de ter sido constatado através do levantamento físico que as calçadas são estreitas. Possivelmente, a avaliação foi positiva porque a prefeitura recentemente pavimentou a rua e colocou o meio-fio delimitando as calçadas, o que já representou uma melhora. No entorno ao norte do conjunto, boa parte das ruas não tem calçadas (58,3%) e, entre as que possuem, apenas 25,0% são avaliadas positivamente quanto à largura para circular. Os moradores comentaram durante as entrevistas que no único trecho onde existem calçadas, essas são irregulares, com larguras diferentes, algumas sem pavimentação, representando perigo para os pedestres. Os resultados indicam que os moradores do entorno norte estão mais insatisfeitos em relação à percepção de adequação das calçadas do que os moradores do entorno sul. Também foi constatado, que os moradores do entorno não utilizam as calçadas para atividades passivas de contemplação e socialização, confirmando o que foi verificado nas observações, assim como o que os moradores citaram como principais atividades das calçadas. Essa constatação também pode estar relacionada à avaliação negativa dos moradores do entorno em relação à largura das

calçadas para atividade de convívio social (29,2%); adequação em relação à vegetação/ sombreamento (50,0%); assim como com a adequação quanto à aparência/ manutenção (54,2%). Por outro lado, 58,3% dos moradores do entorno avaliam positivamente a iluminação das calçadas, que confere com o número de postes de iluminação pública.

Ainda, quando perguntados se usariam mais as calçadas para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 70,0% dos moradores do conjunto e 83,3% dos moradores do entorno responderam que sim, indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.2.6.3 Apropriação das praças e áreas verdes

Foi confirmado, através das observações comportamentais e entrevistas, que a área verde (faixa de domínio do DAER) é utilizada principalmente pelos moradores lindeiros. Essa constatação corrobora o que os moradores do conjunto citaram como principais atividades realizadas na área verde (Tabela 09), assim como a baixa frequência de uso indicada (Tabela 10), confirmando que a avaliação positiva dos moradores não garante a intensa utilização da área verde, que é percebida pelos moradores como sendo agradável, mas pouco estimulante ao desenvolvimento de suas atividades de socialização.

Tabela 09: Principais usos da área verde do local onde moram

	brincadeiras	socialização	esportes	outros usos	não usa
Conjunto	20,0%	53,3%	0,0%	0,0%	43,3%
Entorno	0,0%	8,3%	0,0%	0,0%	91,7%

Tabela 10: Frequência de uso da área verde do local onde moram

	diariamente	fim semana	3 a 4x/ mês	2x por mês	não usa
Conjunto	13,3%	16,7%	0,0%	26,7%	43,3%
Entorno	0,0%	4,2%	0,0%	4,2%	91,7%

A localização da área verde no bairro é avaliada negativamente por 40,0% dos moradores do conjunto, em função da proximidade com a RS e de acidentes já ocorridos e 83,3% estão insatisfeitos em relação à quantidade de praças/ áreas verdes no bairro. Em relação à área verde existente (faixa de domínio do DAER), os moradores do conjunto avaliam satisfatoriamente a vegetação/ sombreamento (96,7%) e a manutenção/ conservação (70,0%). Conforme relatado nas entrevistas, as árvores foram plantadas pelos moradores que também se responsabilizam pela manutenção, confirmando que a responsabilidade da conservação das praças/ áreas verdes existentes nos conjuntos com tipologia casa é reforçada por moradores organizados dentro da própria comunidade, principalmente aqueles que

possuem suas residências no entorno. Por outro lado, os moradores avaliam negativamente a iluminação (46,7%); a quantidade de locais para sentar (86,7%); a quantidade de ambientes de estar (90,0%); a quantidade de espaços destinados a diferentes atividades (96,6%) e os locais para criança brincar (93,3%). A falta de equipamento/ mobiliário percebida pelos moradores corresponde ao que o levantamento físico já revelava, sobre a ausência de equipamentos/ mobiliário. Nesse sentido, os moradores foram unânimes em responder que não consideram a área verde como praça, pois apesar de ser agradável, “não tem bancos e brinquedos para crianças, somente árvores”, confirmando estudos que indicam que a qualidade de um espaço público de lazer pode ser medida, antes de mais nada, pelo número de lugares confortáveis e convenientes para que os usuários possam sentar. Quanto à percepção de segurança, 73,3% dos moradores estão satisfeitos com a segurança durante o dia, mas, por outro lado, 66,7% estão insatisfeitos com a segurança durante a noite, influenciados pela iluminação inadequada.

Dentre os moradores do entorno, apenas 58,3% estão satisfeitos quanto à localização da área verde no bairro. Os resultados indicam que os moradores do entorno ao norte do conjunto estão bem mais satisfeitos com a localização da área verde do que os moradores do entorno ao sul do conjunto, evidenciando a relação do entorno sul apenas com o lado sul do conjunto, assim como a ‘passagem’ dos moradores do entorno norte pelo conjunto/ área verde. As observações de traços físicos evidenciaram a circulação de moradores do entorno norte pela área verde, pois existem alguns caminhos informais bem demarcados. A quantidade de praças/ áreas verdes no bairro é insuficiente para 75,0% dos moradores do entorno, sendo que os moradores do entorno norte estão mais insatisfeitos do que os moradores do entorno sul, conforme o que foi mencionado nas entrevistas, devido à necessidade de ter uma praça/ área verde no lado norte da RS 287. Segundo os moradores do entorno, a área verde existente (faixa de domínio do DAER) tem vegetação/ sombreamento (87,5%) e manutenção/ conservação (66,7%) satisfatórios. Por outro lado, a iluminação (25,0%); a quantidade de locais para sentar (91,7%); a quantidade de ambientes de estar (91,6%), a quantidade de atividades (91,6%) e os locais para criança brincar (91,7%) são avaliados negativamente. Quanto à percepção de segurança, 79,2% dos moradores do entorno estão satisfeitos quanto à segurança durante o dia, mas, por outro lado, 58,4% estão insatisfeitos quanto à segurança durante a noite. É importante notar que existe um percentual elevado de respondentes que não sabem avaliar a iluminação e a segurança à noite.

Questionados se usariam mais as praças/ áreas verdes para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 86,7% dos moradores do conjunto e 91,7% dos moradores

do entorno responderam que sim, novamente indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.2.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços

Em relação ao uso dos equipamentos comunitários existentes no bairro (ver Tabela 11), é importante destacar que os equipamentos comunitários citados pelos moradores do entorno estão localizados no conjunto, evidenciando mais uma vez que os moradores do entorno circulam pelo conjunto e, de certa forma, interagem com os moradores do conjunto. Por outro lado, a ausência de equipamentos comunitários e estabelecimentos de comércio e serviços no entorno pode fazer com que os moradores do conjunto não circulem pelo entorno. O templo religioso mencionado na Tabela 11 se refere às missas que acontecem no ginásio municipal, pois não existe nenhum templo religioso nesta área de estudo.

Tabela 11: Uso dos equipamentos comunitários do bairro

	escola	creche	centro	posto	templo	clube	outro
Conjunto	33,3%	13,3%	16,7%	0,0%	26,7%	3,3%	0,0%
Entorno	33,3%	8,3%	16,7%	0,0%	16,7%	4,2%	8,3%

Nota: Centro= Centro comunitário; Posto= Posto de saúde; Templo= Templo religioso.

No momento das entrevistas, boa parte dos moradores do conjunto e do entorno (60,0%) avaliaram negativamente a qualidade da infraestrutura e serviços do bairro, manifestando insatisfação com a dependência do bairro Centro para tudo, pois, apesar da proximidade, o acesso é difícil para o deslocamento à pé, em função da topografia acentuada. No entanto, alguns moradores comentaram que existem muitos horários de ônibus, indicando maiores possibilidades de deslocamentos, o que é considerado favorável, uma vez que quando vieram para o conjunto, só existia um horário de ônibus por dia. Foi constatado que os serviços mencionados pelos moradores do entorno sul estão localizados no conjunto, mas, por outro lado, a maioria dos moradores do entorno norte não inclui os serviços existentes no conjunto como opção para utilizar no dia a dia, reforçando a questão da RS como barreira física isoladora.

Porém, no momento dos questionários, a quase totalidade dos moradores avaliou positivamente a qualidade dos serviços/ comércio. Esta mudança de opinião pode ter sido influenciada pela reabertura da unidade comercial projetada pela COHAB ocorrida entre a aplicação das entrevistas e da aplicação dos questionários, fato que agradou os moradores.

Tabela 12: Indicador socioeconômico

	hábitos de compra		meios de locomoção		local de trabalho	
Conjunto	bairro	60,0%	à pé	36,7%	bairro	30,0%
Total: 30 respondentes	Centro	30,0%	bicicleta	6,7%	Centro	13,3%
	Timbaúva	36,7%	motocicleta	0,0%	Timbaúva	3,3%
	outro	3,3%	carro	56,7%	não trabalha	50,0%
			ônibus	33,3%	outros bairros	0,0%
			outro	0,0%	fora da cidade	3,3%
					outro	0,0%
Entorno	bairro	54,2%	à pé	41,7%	bairro	16,7%
Total: 24 respondentes	Centro	41,7%	bicicleta	29,2%	Centro	33,3%
	Timbaúva	29,2%	motocicleta	8,3%	Timbaúva	4,2%
	outro	4,2%	carro	45,8%	não trabalha	33,3%
			ônibus	54,2%	outros bairros	8,3%
			outro	0,0%	fora da cidade	4,2%
					outro	0,0%

Os hábitos de compra no dia a dia podem estar relacionados aos meios de locomoção e ao local de trabalho dos moradores (ver Tabela 12, acima). Por exemplo, o número de respondentes do entorno que trabalham no bairro Centro é maior, quando comparados com os moradores do conjunto e, possivelmente por isso, utilizam mais os estabelecimentos de comércio/ serviços do bairro Centro. Dentre os moradores do entorno, os resultados indicam que os moradores do entorno norte estão mais insatisfeitos do que os moradores do entorno sul, pois, possivelmente devido à proximidade, os moradores do entorno sul utilizam os serviços existentes no conjunto. É possível constatar que os moradores do entorno utilizam menos o carro e mais os outros meios de locomoção, quando comparados aos moradores do conjunto. O uso do carro está relacionado à faixa de renda, mas afeta diretamente a mobilidade e possibilidade de deslocamentos, ampliando a percepção do território.

#### 4.2.7 Relacionamento de vizinhança

Em geral, os moradores do conjunto têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram (93,3%), sendo que entre esses, 43,3% dizem que o relacionamento é muito bom. Foi constatado que 80,0% dos moradores do conjunto têm bom relacionamento com os vizinhos do bairro, sendo que 30,0% dizem que o relacionamento é muito bom, influenciando, dessa forma, o nível de satisfação com o bairro (Spearman,  $c=.378$ ,  $sig=.005$ ). Na opinião desses respondentes, bom vizinho é aquele que ajuda quando precisa (66,7%), portanto, é mais solidário, ou simplesmente aquele que não incomoda (33,3%). A partir dos dados coletados, verificou-se que o relacionamento com os vizinhos do local onde moram, tanto por parte dos moradores do conjunto quanto dos moradores do entorno, influencia a percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram (Spearman,

c.=.535, sig.=.000). O tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram é percebido principalmente como de amizade (63,3%); de comunidade (20,0%) ou de indiferença (13,3%). Já o tipo de relação entre os vizinhos no bairro é percebido principalmente como de amizade (53,3%); de indiferença (33,3%) ou de comunidade (10,0%). Observa-se que a percepção de relação de indiferença cresce ao considerar o bairro, reforçando a distinção feita entre os dois lados da RS 287. Verificou-se que o tipo de relação entre os vizinhos no bairro percebido pelos moradores influencia o nível de satisfação com o relacionamento entre vizinhos no bairro (Spearman, c.=.632, sig.=.000) e o nível de satisfação em morar no bairro (Spearman, c.=.309, sig.=.023). Em relação às amizades, moradores do conjunto dizem ter mais amigos no local onde moram (63,3%) do que fora do bairro (36,7%), indicando que se relacionam menos com o entorno, portanto, ressaltando além da segregação física, a segregação social.

Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que 83,3% têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram, dos quais 33,3% consideram que o relacionamento é muito bom. Os moradores ao sul do conjunto se relacionam melhor do que os moradores do entorno ao norte do conjunto. O relacionamento com os vizinhos do bairro também é predominantemente positivo (58,3%), sendo que entre esses, 20,8% consideram o relacionamento é muito bom. Na opinião desses respondentes, bom vizinho é aquele que ajuda quando precisa (25,0%) ou simplesmente aquele que não incomoda (75,0%). Os resultados indicam que os moradores do entorno são menos solidários entre si, quando comparados com os moradores do conjunto e também indicam que os moradores do entorno norte apresentam menor expectativa de solidariedade entre vizinhos do que os moradores do entorno sul. O tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram é percebido principalmente como de amizade (50,0%); de indiferença (29,2% - 7 de 24, sendo os 7 do entorno norte) ou de comunidade (12,5% - 3 de 24, sendo os 3 do entorno sul). Os resultados indicam que o relacionamento entre os vizinhos no entorno sul é de maior proximidade do que entre os vizinhos do entorno norte. Entre os vizinhos no bairro, predomina a percepção de relação de indiferença (54,2%), seguido da de amizade (33,3%). Dois moradores do entorno sul percebem uma relação de isolamento em relação ao bairro, indicando novamente o afastamento colocado em relação aos moradores do lado norte da RS 287. Os moradores do entorno possuem mais amigos fora do bairro (33,3%); mais amigos no local (29,2% - 7 de 24, sendo os 7 do entorno sul) ou amigos distribuídos no local, no bairro e fora do bairro (29,2%). Os resultados indicam que os moradores do entorno sul se relacionam mais com o local onde moram e interagem pouco com o entorno, ressaltando também, a segregação física e social.

Foi constatado, através das entrevistas, que 60,0% dos moradores do conjunto e 80,0% dos moradores do entorno têm bom relacionamento com os vizinhos mais próximos e moradores do bairro em geral, embora superficial (sem se visitar). Entre os moradores do conjunto, 40,0% mantêm bom relacionamento, costumam se encontrar, fazem caminhadas e tomam chimarrão, possivelmente, porque existem muitos moradores antigos e, por isso, se conhecem e mantêm contato mais próximo. A partir dos dados coletados, verificou-se que os moradores do conjunto Cinco de Maio estão entre os que residem há mais tempo na moradia. Mesmo assim, a maioria, tanto dos moradores do conjunto quanto dos moradores do entorno, considera ter um bom relacionamento, mas destaca o fato de ter pouco contato.

### 4.3 ÁREA DE ESTUDO 2: Conjunto Habitacional Vila Popular e entorno

O conjunto habitacional Vila Popular é representativo de conjunto habitacional de porte médio, localizado próximo do centro da cidade e integrado com o entorno/ cidade, conforme pode ser constatado através do mapa axial (Figuras 03 e 04). As figuras abaixo ilustram algumas características dos espaços públicos do conjunto (Figuras 55, 56 e 57).



Figura 55 – Praça



Figura 56 – rua Antônio Lisboa



Figura 57 – Assoc. comunitária

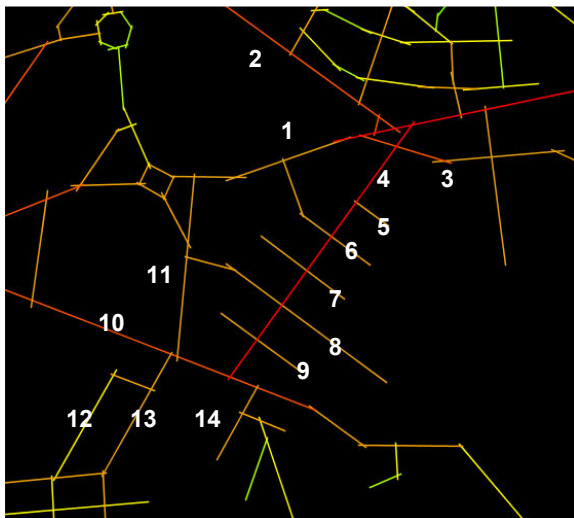
#### 4.3.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial

Os moradores do conjunto foram unânimes em citar a rua Antônio Lisboa como a rua mais importante e, portanto, com maior imageabilidade. Além dessa, as ruas mais citadas foram a Torbjorn Weibull, a Bruno de Andrade e a La Salle (ver Figura 28). Cabe ressaltar que não existe uma rótula que permita o acesso direto de veículos da rua Bruno de Andrade para a rua Antônio Lisboa (acesso ao norte do conjunto) e o acesso se dá pelas ruas La Salle e Jari, à noroeste do conjunto. Para os moradores do entorno, as ruas mais importantes são a Antônio Lisboa, a Torbjorn Weibull e a Bruno de Andrade. Os moradores do conjunto e os moradores do entorno ao norte do conjunto ressaltaram que a rua Bruno de Andrade é o “trajeto para o centro”. Já os moradores do entorno ao sul do conjunto também destacaram a

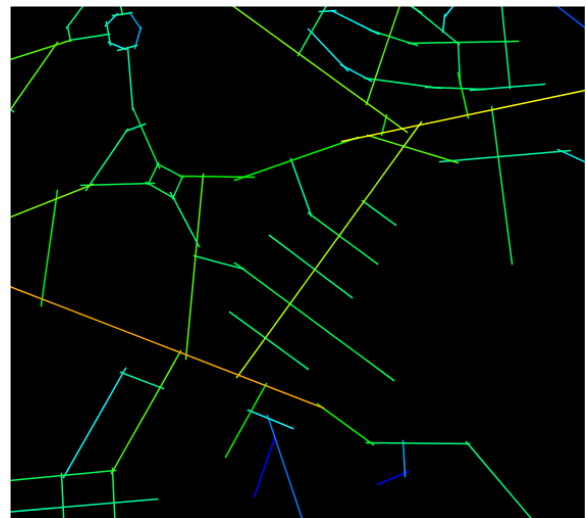


rua Antônio Lisboa, pelo mesmo motivo, confirmando o papel desta via central no conjunto que serve de ligação entre bairros.

Analisando o mapa axial de integração global e local constata-se que o conjunto é integrado ao entorno/ cidade através de sua via central, rua Antônio Lisboa, porém, as vias secundárias previstas no projeto não tinham conexão com o sistema viário (ruas sem saída). Duas dessas vias secundárias do conjunto (ruas La Salle e Jari) foram prolongadas e conectadas ao sistema viário e, assim, essas novas ligações modificaram as formas de relação do conjunto com o entorno e, de certa forma, romperam com o ‘enclausuramento’ do conjunto. A rua Bruno de Andrade, rua Antônio Lisboa e rua Torbjorn Weibull apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) elevados em relação à cidade, conforme ilustram as Figuras 58 e 59 e a Tabela 13, sendo que essas três vias estão entre as seis vias mais integradas de toda a cidade. Segundo Holanda (2002), as linhas do núcleo integrador (conjunto de linhas dotadas dos mais altos graus de acessibilidade num determinado sistema) são as mais utilizadas pelas pessoas e também aquelas nas quais os equipamentos mais dependentes do espaço, tais como comércio/ serviços, estão localizados. O efeito do núcleo é estruturar o caminho dos estranhos através do assentamento e ao mesmo tempo mantê-los em forte interface com os habitantes que se movem dentro da cidade. Ainda segundo Holanda (2002), a maximização da integração maximiza igualmente o controle em favor do estranho ao lugar em detrimento do controle do habitante, ou seja, a via central de elevado valor de integração (acessibilidade topológica) intensifica o fluxo do estranho e diminui o controle do morador e, assim, a interação entre os moradores do próprio conjunto.



**FIGURA 58** - Mapa Axial da Área de Estudo 2, Integração Global, recortado da Figura 03



**Figura 59** – Mapa axial da Área de Estudo 2, Integração local R3, recortado da Figura 04

Nota: as linhas mais integradas apresentam cores mais quentes (vermelho e amarelo), enquanto que as linhas mais segregadas apresentam cores mais frias (verde e azul). Os mapas representam o ponto de vista do pedestre.

Tabela 13: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 2

NOME DAS RUAS	ID	Integração Global	Integração Local
1 Bruno de Andrade	428/ 427	0,69/ 0,634	2,675/ 1,945
2 Pe. Balduino Rambo	425	0,643	2,333
3 Av. Itália	156/ 1157	0,655/ 0,604	2,03/ 1,346
4 Antônio Lisboa	426	0,679	2,498
5 Jardim	433	0,623	1,499
6 Jari	432/ 431	0,624/ 0,604	1,609/ 1,286
7 La Paz	434	0,623	1,499
8 La Salle	435/ 874	0,624/ 0,596	1,622/ 1,4
9 Leblon	436	0,623	1,499
10 Torbjorn Weibull	173/ 172	0,669/ 0,616	2,771/ 1,853
11 Alfredo Hoffman	467	0,616	2,071
12 Palmeira	489	0,539	1,106
13 Acácia	483	0,617	2,075
14 Antônio Moggen	437	0,615	1,798

Verifica-se uma relação direta entre o grau de integração (acessibilidade topológica) das vias e as atividades desempenhadas ao longo destas. As atividades relacionadas com o atendimento do conjunto da população, tais como comércio e prestação de serviços, concentram-se nas ruas Antônio Lisboa e Bruno de Andrade, fazendo uso das vantagens de acessibilidade oferecida por essas localizações. Constata-se, também, que as vias do conjunto que se conectam ao sistema viário (ruas La Salle e Jari) apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) um pouco superior aos valores das demais vias do conjunto que não tem continuidade. Cabe salientar que a av. Itália e a rua Padre Balduino Rambo também apresentam valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação à cidade, reforçando a boa acessibilidade de toda área de estudo. Na integração local, além dessas vias, também aparecem com valores elevados a rua Alfredo Hoffman, a rua Acácia (que conecta o conjunto habitacional privado à rua Torbjorn Weibull) e a rua Antônio Moogen (que conecta o conjunto habitacional da Tanac à rua Torbjorn Weibull). O conjunto habitacional da Tanac apresenta estrutura semelhante ao que Alexander (1965) chamou de estrutura em árvore, conectado com o sistema em apenas um ponto. Já o conjunto habitacional privado apresentava estrutura semelhante, mas teve novas ligações criadas com o loteamento Vila São Pedro.

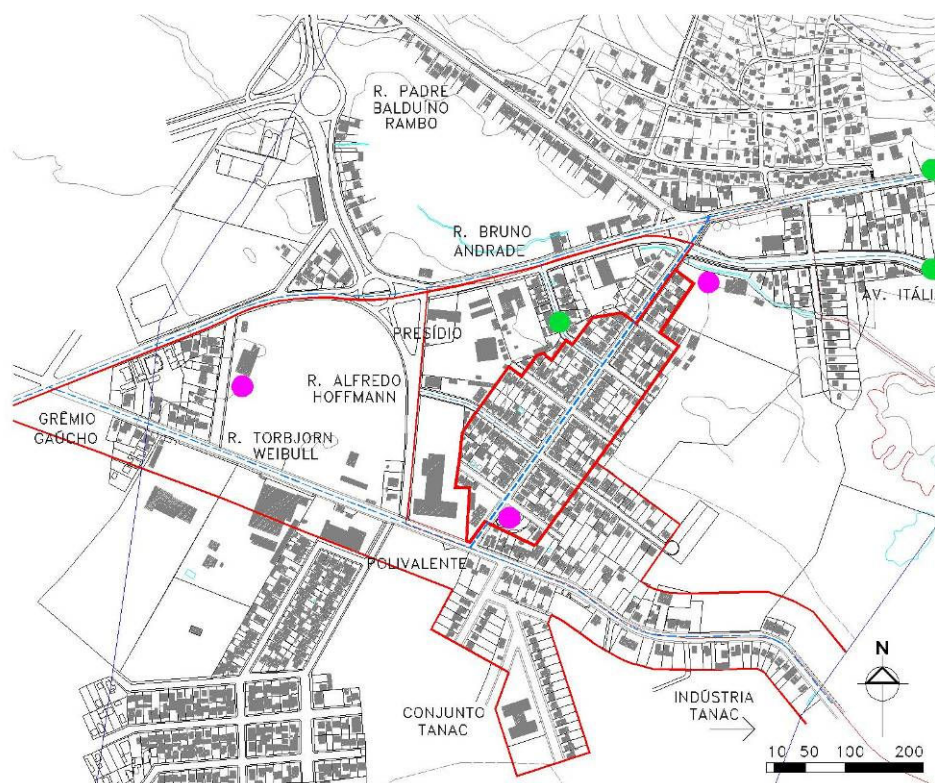
Relacionando esses dados com as respostas dos entrevistados, percebe-se que as ruas mais citadas são as vias mais integradas e que, embora a rua La Salle e rua Jari apresentem o mesmo valor de integração (acessibilidade topológica), a rua La Salle é considerada mais importante em função das características da via, pois muitos entrevistados relatam a imagem negativa da rua Jari, que é escura e perigosa, pela existência de muitos cachorros soltos na rua e pelo uso de drogas.

### 4.3.2 Percepção de limite do bairro/ local onde moram

Através da aplicação das entrevistas e mapas mentais, foi constatado que existem diferenças na percepção de limites do bairro entre os moradores do conjunto e entre os moradores do entorno, o que pode estar relacionado com as características de implantação do conjunto e, ainda, que podem afetar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores no bairro (Figura 60).

Ao desenhar ou descrever os limites do bairro onde vivem, 70,0% dos moradores do conjunto consideraram que o bairro coincide com o conjunto, enquanto que para os demais (30,0%) a percepção do território é mais ampla, pois consideram o bairro como a ocupação que vai da Indústria Tanac até o Clube Grêmio Gaúcho. Dentre os moradores do entorno, 20,0% consideraram que o bairro é o conjunto até o presídio (rua Alfredo Hoffman), ou seja, a ocupação concentrada entre as ruas Bruno de Andrade e Torbjorn Weibull, porém, os demais respondentes tiveram percepções bem diferentes. Um morador se considera pertencente ao bairro Timbaúva, um morador se considera pertencente ao bairro Bela Vista, um considera apenas o conjunto e outra considera o conjunto somado ao conjunto habitacional da Tanac. Ainda, uma moradora considera o local onde vive somente o conjunto habitacional da Tanac e salienta a sensação de morar em um condomínio. Essa percepção pode estar associada à falta de continuidade dessa ocupação, uma vez que suas vias estão conectadas à cidade em apenas um trecho, o que a torna bastante segregada.

Percebe-se um afastamento/ isolamento entre as ocupações que podem influenciar na percepção dos limites do bairro e, assim, os limites do bairro onde vive está mais claro para os moradores do conjunto, possivelmente por ser uma ocupação concentrada e voltada para sua rua central, conforme mostra o mapa figura-fundo (Figura 61). A percepção dos limites também está relacionada com as vias estruturais, tais como a rua Torbjorn Weibull e a rua Bruno de Andrade que, por serem largas e com bastante movimentação de veículos, geram uma barreira física. Cabe ressaltar que, oficialmente, o bairro Municipal se estende até a rua Alfredo Hoffman, rua Bruno de Andrade e Torbjorn Weibull (equivalente aos que responderam até o presídio) e, também, o bairro se estende até a indústria Tanac, como foi mencionado por alguns entrevistados, porém, apenas no lado norte da rua Torbjorn Weibull.



**Figura 60** – Mapa da Área 2, com dados das entrevistas e mapas mentais. Fonte: autora, 2011

Nota: As linhas vermelhas indicam os limites do bairro; as linhas azuis indicam as ruas mais importantes; círculos verde=lugares desagradáveis; círculos magenta=lugares agradáveis.

No entanto, esta questão foi retomada através dos questionários e ficou ainda mais clara, uma vez que a quase totalidade dos moradores do conjunto (90,0%) percebe os limites do território mais restritos (apenas o conjunto) e apenas 10,0% consideram os dois lados das ruas Bruno de Andrade/ Torbjorn Weibull. Alguns acham que é ‘tudo igual’ e outros acham que fora do conjunto é pior, ou seja, as condições de infraestrutura fora do conjunto seriam piores do que as condições do conjunto. Entre os moradores do entorno sul (sul da rua Torbjorn Weibull), as percepções de limite novamente são bem distintas: 10,0% acham que pertencem ao bairro Timbaúva, 50,0% acham que pertencem ao bairro Tanac, 30,0% acham que pertencem ao bairro Municipal e é ‘tudo igual’ e 10,0% consideram os dois lados das ruas Bruno de Andrade/ Torbjorn Weibull, no entanto, acham que no conjunto as condições de infraestrutura são melhores. Os quatro moradores do entorno meio (ou seja, prolongamento das vias do conjunto), da mesma forma que os moradores do conjunto, consideram que o bairro coincide com o conjunto (100,0%). Já entre os moradores do entorno norte (norte da avenida Itália), 40,0% acham que pertencem ao bairro Municipal (os respondentes que moram ao sul da rua Bruno de Andrade) e 60,0% acham que pertencem ao bairro Bela Vista, sendo que estes consideram que o conjunto é melhor, no sentido de apresentar melhor infraestrutura.



**Figura 61** - Mapa Figura-fundo da Área de Estudo 2. Fonte: autora, 2011

Nota: O fundo branco indica os espaços não edificadas – de domínio público e privado.

A percepção de território também foi medida através do questionamento sobre quando se sentiam ‘em casa’, e 56,7% dos moradores do conjunto reconhecem o território quando chegam no bairro; 30,0% quando chegam em casa e 13,3% quando estão próximo ao local onde moram. Já os moradores do entorno reconhecem o território quando estão próximo ao local onde moram (50,0%); quando chegam em casa (29,2%) ou quando chegam no bairro (20,8%). É importante destacar que os moradores do entorno sul não se sentem ‘em casa’ quando chegam no bairro: 50% se sente ‘em casa’ quando está próximo e 50% quando está em casa. Constata-se que os moradores do conjunto, quando comparados com os moradores do entorno, percebem melhor a ‘unidade’ do bairro, possivelmente pela maior clareza na definição do conjunto como limite do bairro. Essa constatação pode estar relacionada às características de implantação do conjunto (ocupação concentrada e voltada para uma rua central), refletindo na interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno.

#### 4.3.3 Níveis de satisfação com o bairro

Foi constatado que quase a totalidade dos moradores do conjunto está satisfeita com o bairro onde moram (90,0%) e, a partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação em morar no bairro dos moradores do conjunto e do entorno é influenciado pelo

nível de satisfação com a qualidade dos serviços (Spearman,  $c.=.448$ ,  $sig.=.001$ ). Foi também constatado que a maioria dos moradores do conjunto está satisfeita com a percepção de segurança (66,7%), assim como com a aparência (63,3%), com a qualidade dos serviços/comércio (76,7%) e com a ligação entre o bairro e a cidade (80,0%). Mas, por outro lado, a qualidade das calçadas (86,6%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (40,0%) são avaliadas negativamente, confirmando o que o levantamento físico já indicava sobre a precariedade dos espaços públicos abertos do conjunto.

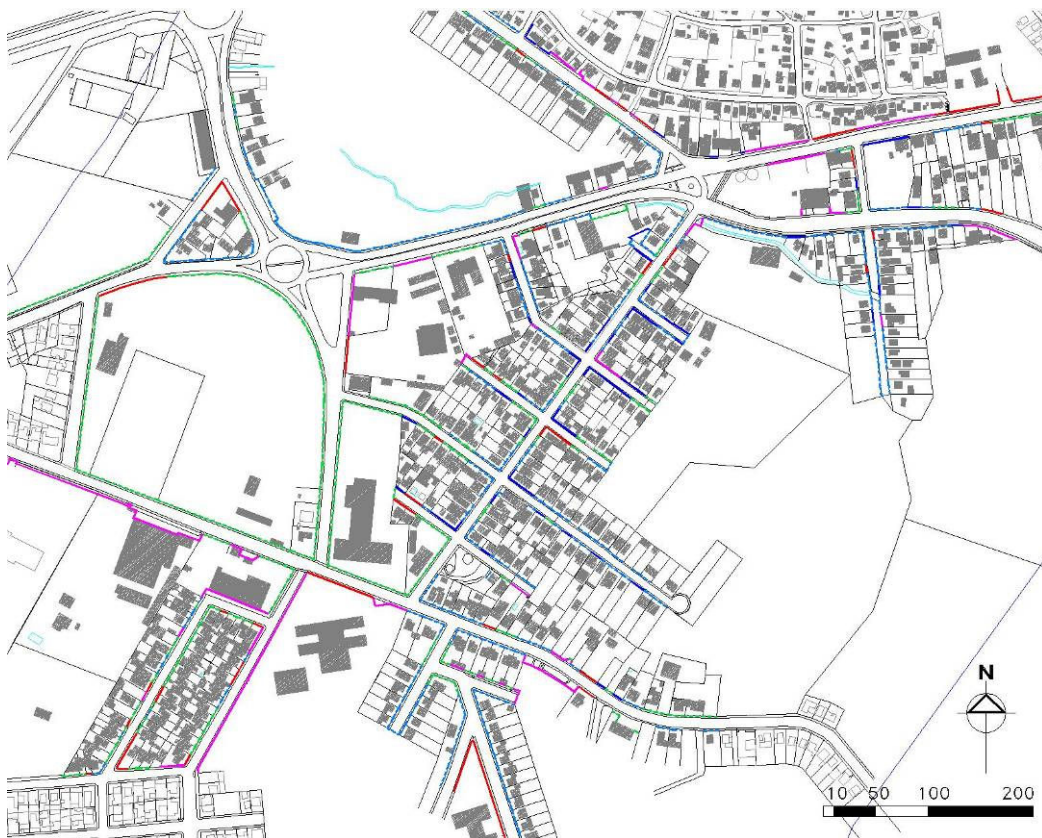
Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que a grande maioria dos respondentes está satisfeita com o bairro onde moram (87,5%), assim como boa parte está satisfeita com a aparência (62,5%), com a qualidade dos serviços/comércio (62,5%) e a com ligação entre o bairro e a cidade (83,3%). Por outro lado, a percepção de segurança (33,3%), a qualidade das calçadas (66,7%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (41,7%) são avaliadas negativamente. É interessante notar que os moradores estão insatisfeitos com os itens que mais poderiam afetar a interação social entre os moradores – os espaços públicos abertos e a percepção de segurança. Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul do conjunto estão mais insatisfeitos do que os moradores do entorno ao norte, principalmente nas questões relacionadas à acessibilidade, tais como, qualidade dos serviços/comércio, ligação entre o bairro e a cidade e, conseqüentemente, na satisfação em morar no bairro.

Quando comparados os níveis de satisfação com o bairro dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno, com exceção da satisfação com a qualidade das calçadas, onde os moradores do entorno estão menos insatisfeitos. Quanto à ligação entre o bairro e a cidade, os moradores do entorno ao norte do conjunto estão mais satisfeitos do que os moradores do conjunto e os moradores do entorno ao sul do conjunto, possivelmente pela maior proximidade ao centro da cidade.

#### **4.3.4 Níveis de satisfação com o local onde moram**

Foi constatado que quase a totalidade dos moradores do conjunto está satisfeita com o local onde moram (90,0%) e que a maioria está satisfeita com a qualidade dos serviços/comércio existentes no bairro (76,7%). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação com o local onde moram dos moradores do conjunto e entorno é influenciado pela qualidade dos serviços/comércio (Spearman,  $c.=.422$ ,  $sig.=.001$ ), assim como pelo nível de satisfação com a segurança das ruas do local onde moram (Spearman,  $c.=.710$ ,  $sig.=.000$ ).

Foi também constatado que 66,7% dos moradores do conjunto estão satisfeitos em relação à segurança. Cabe destacar que 64,49% dos lotes do conjunto possuem fechamento das testadas baixo (sem fechamento, muro e/ ou grade 1,00m de altura) e pode estar associado a essa percepção de segurança (Figura 62). Em relação à aparência, 66,3% estão satisfeitos, mas, por outro lado, 83,3% estão insatisfeitos em relação à qualidade das calçadas, fortemente influenciados pela insatisfação com a aparência das calçadas, provavelmente associada à irregularidade da pavimentação (Spearman,  $c=.607$ ,  $sig.=.000$ ). A qualidade das praças/ áreas verdes é avaliada negativamente por 36,7% dos moradores, sendo que nas entrevistas a insatisfação apresentada era ainda maior (70,0%), confirmando o que o levantamento já indicava sobre a falta de equipamentos e vegetação adequados para o uso. Verificou-se que o nível de satisfação com a qualidade das praças/ áreas verdes do local onde moram é influenciada pela quantidade de praças/ áreas verdes (Spearman,  $c=.401$ ,  $sig.=.003$ ).



**Figura 62** - Mapa da Área 2, com indicação do fechamento das testadas. Fonte: autora, 2011

Nota: azul claro tracejado= grade 1,0m; azul contínuo= muro 1,0m; verde tracejado= grade 2,0m; tracejado vermelho= muro +grade 2,0m; magenta contínuo= muro 2,0m.

Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que a quase totalidade dos respondentes está satisfeita com o local onde moram (91,7%), mas, por outro lado, um percentual expressivo de respondentes está insatisfeito quanto à segurança no local onde

moram (29,2%). Cabe ressaltar que, no entorno sul, 77,8% dos lotes do conjunto habitacional privado possuem fechamento das testadas alto (muro e/ ou grade 2,00m de altura), mas 89,19% dos lotes do conjunto habitacional Tanac e 53,85% dos lotes da rua Torbjorn Weibull possuem fechamento das testadas baixo (sem fechamento, muro e/ ou grade 1,00m de altura), assim como 69,51% do entorno norte e 76,67% do entorno meio possuem fechamento das testadas baixo. Foi constatado também que os moradores do entorno avaliam positivamente a aparência (75,0%) e a qualidade dos serviços/ comércio (58,3%), mas, por outro lado, a qualidade das calçadas (54,2%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (66,6%) são avaliadas negativamente. Os resultados indicam que os moradores do entorno ao norte do conjunto estão menos insatisfeitos do que os moradores do entorno ao sul do conjunto, com exceção da aparência, onde os moradores do entorno sul estão mais satisfeitos.

Quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno em relação à qualidade dos serviços/ comércio e percepção de segurança e menos insatisfeitos em relação à qualidade das praças/ áreas verdes, possivelmente relacionado ao fato dos estabelecimentos de comércio e da praça estarem localizados no conjunto. Por outro lado, os moradores do entorno estão mais satisfeitos com o local onde moram e com a aparência e menos insatisfeitos com a qualidade das calçadas, confirmando o que o levantamento já indicava sobre as piores condições das calçadas do conjunto. Ainda, quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram e os níveis de satisfação com o bairro, constata-se que os moradores do conjunto apresentam uma avaliação um pouco melhor da aparência e da qualidade das praças/ áreas verdes do local onde moram, uma vez que a única praça desta área está localizada no conjunto. Já os moradores do entorno estão mais satisfeitos com o local onde moram do que com o bairro, com exceção da qualidade dos serviços/ comércio e das praças, onde apresentam avaliação melhor sobre o bairro. Cabe destacar que no entorno ao sul do conjunto não existem estabelecimentos comerciais, o que influencia na avaliação.

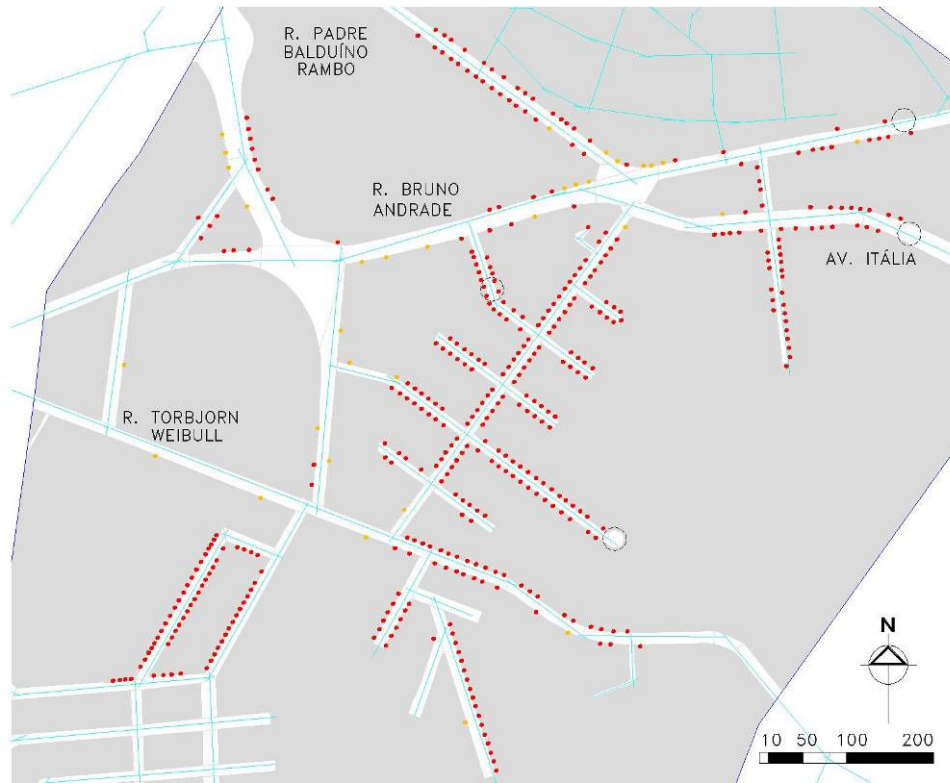
#### **4.3.5 Imagem ambiental e atributos percebidos**

Quando solicitados para indicar os locais mais agradáveis do bairro (Figura 60, acima), a maioria dos moradores do conjunto (60,0%) considera não ter lugar agradável. Os demais mencionaram o campo de futebol da Fundação Comunidade Tanac, para assistir jogos nos fins de semana, ou a própria casa/ pátio. Alguns moradores colocaram que, atualmente, a associação comunitária só abre para eventos e festas, mas, há alguns anos, ela oferecia muitas



atividades de convívio social. Por exemplo, existia uma cancha de bocha, onde aconteciam vários torneios que aproximavam os atletas de toda cidade e, também, eram realizados bailes e jantares, sem fins lucrativos, para reunir a vizinhança. Já entre os moradores do entorno, 20,0% consideram a praça e 30,0% consideram a sua própria casa, sendo que 30,0% consideram que não tem local agradável. Também foi mencionado o campo de futebol (Grêmio Esportivo Municipal) e alguns moradores colocaram que a praça poderia ser um lugar agradável, se estivesse em boas condições. Pode-se perceber que um percentual expressivo de moradores respondeu que não tem lugar agradável no bairro e os motivos apontados para a indicação dos locais mais agradáveis referem-se aos locais que propiciam algum tipo de convívio social.

Dentre os locais identificados como mais desagradáveis do bairro (Figura 60, acima), os moradores do conjunto mencionaram a rua Jari (40,0%); a volta do morro (30,0%) e avenida Itália (30,0%). Também foram citados o presídio, bar da esquina da rua La Salle, por juntar 'bêbados', e o final da rua La Salle, por ser perigoso, possivelmente, por ser segregado e com poucas constituições (conexões funcionais). No entanto, 20,0% dos moradores do conjunto discordam e comentam que não tem lugar desagradável no bairro. Segundo os respondentes, a rua Jari é muito perigosa, pois é muito escura, com muitos cachorros soltos e uso de droga, assim como a volta do morro é muito perigosa em função do tráfico de drogas e de ocorrências criminais e a av. Itália, além desses motivos, é muito 'abandonada'. Os moradores do entorno também mencionaram como local desagradável a volta do morro (30,0%) e a rua Jari (20,0%), pelos mesmos motivos citados pelos moradores do conjunto. Também foram mencionados: a praça, em função dos drogados que a frequentam; a rua Padre Balduino Rambo, por ser perigosa e o colégio em função da venda de drogas. Por outro lado, 20,0% dos moradores do entorno discordam e acham que não tem lugar desagradável. O mapa de barreiras com indicação das constituições (conexões funcionais) evidencia a falta de constituições nos locais apontados como mais desagradáveis (ver Figura 63).



**Figura 63** - Mapa de barreiras da Área 2, com indicação das constituições. Fonte: autora, 2011

Nota: Vermelho= residenciais; laranja= não residenciais; azul claro= linhas axiais; cinza= ilhas espaciais; círculo tracejado cinza= locais mais desagradáveis.

Em geral, os motivos apontados para a indicação dos locais mais desagradáveis do bairro referem-se à questão da insegurança e estão relacionados com a configuração espacial, pois boa parte dos locais indicados, embora integrados, não tem constituições (conexões funcionais). A indicação da rua Jari está relacionada à conexão inadequada do conjunto com o entorno, que gerou áreas residuais que foram invadidas, além da falta de iluminação pública que, possivelmente, possibilita a venda de drogas, influenciando na percepção de insegurança dessa rua. Os demais locais mencionados (presídio, bar da esquina, entre outros) estão relacionados com o significado, ou seja, um dos aspectos da imagem do lugar.

#### 4.3.6 Apropriação e características físicoespaciais

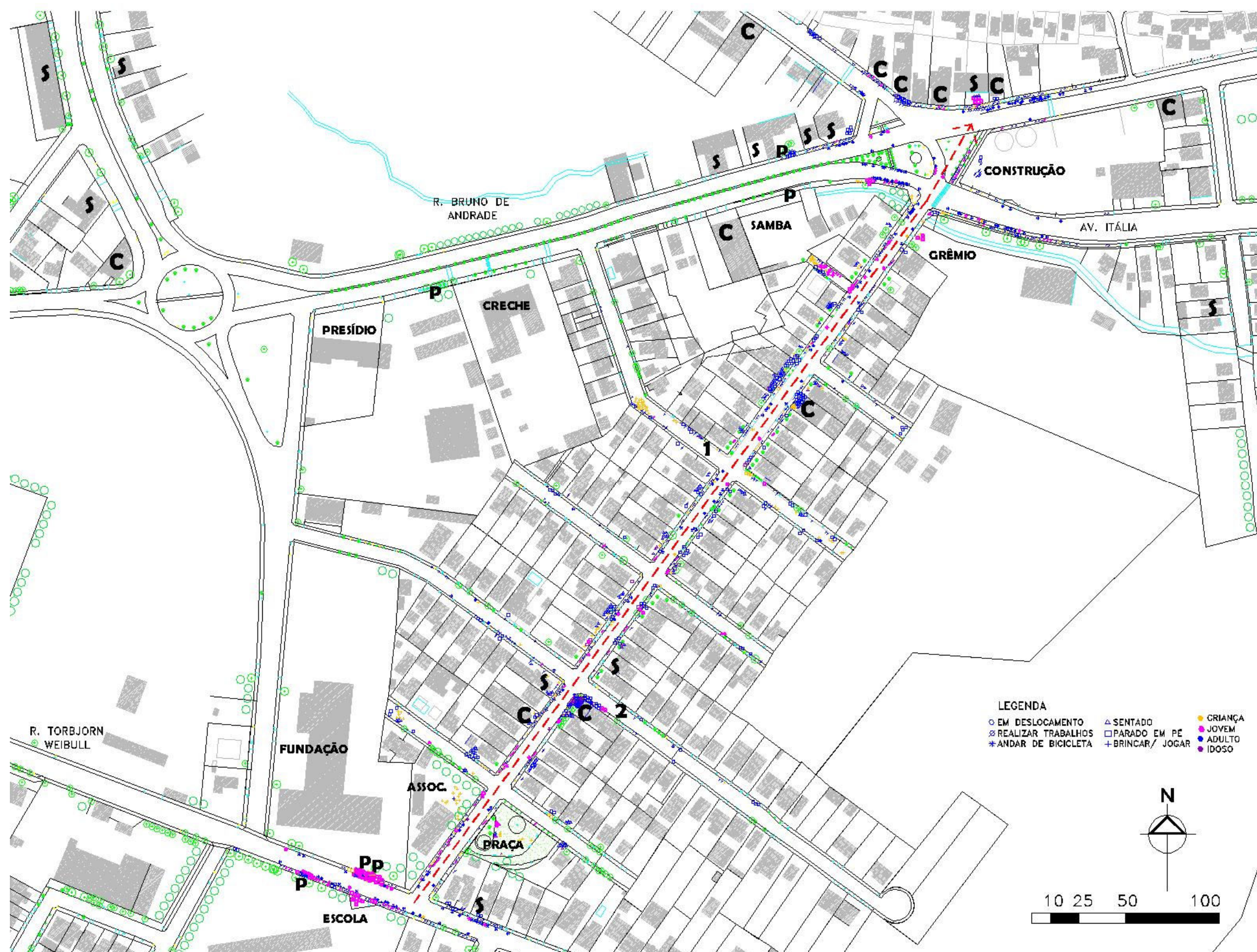
É observado no mapa comportamental (Figura 64) que as pessoas caminham pelas ruas na maior parte do conjunto, tanto nas ruas secundárias como na via central. Algumas ruas secundárias, que são segregadas e sem trânsito de veículos, são utilizadas pelas crianças para brincar, pelos jovens para praticar esportes, assim como pelos adultos e idosos para atividades de socialização. A rua Jari tem continuidade e apresenta valor de integração (acessibilidade topológica) um pouco superior aos valores das demais vias do conjunto que não têm continuidade, mas, mesmo assim, é intensamente utilizada para brincadeiras pelas crianças.

Cabe ressaltar que esta via é indicada como um dos locais mais desagradáveis do bairro por ser considerada perigosa, o que faz com que o fluxo de veículos e pedestres seja evitado e, assim, possibilita essa utilização para brincadeiras das crianças que moram no local.

As calçadas do conjunto não são utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização e, para isso, os recuos de ajardinamento são mais utilizados, principalmente na via central, provavelmente, porque é bastante movimentada. As calçadas do entorno ao norte do conjunto (rua Bruno de Andrade e av. Itália) são intensamente utilizadas para deslocamento. As calçadas do entorno ao sul do conjunto, na rua Torbjorn Weibull, são intensamente utilizadas para encontro dos jovens, pela proximidade da escola. As ruas do conjunto habitacional da Tanac, apesar de serem mais largas, não são utilizadas para atividades de socialização. Cabe lembrar que as vias do entorno (Bruno de Andrade, Itália e Torbjorn Weibull) possuem valores de integração (acessibilidade topológica) elevados em relação ao sistema e apresentam intenso fluxo de veículos e pedestres.

A praça existente localizada na via central do conjunto, apesar de indicada como um dos locais mais agradáveis do bairro, é pouco utilizada para atividades de convívio social, provavelmente devido à inexistência de vegetação de porte que proporcione sombreamento. Cabe destacar que as observações comportamentais foram realizadas no período de calor intenso (novembro e dezembro) e, portanto, a dificuldade de permanência no local sem sombreamento adequado. Se as observações tivessem sido realizadas no período do inverno, talvez a praça fosse mais utilizada, na busca de locais ensolarados nos dias mais frios. Foi também constatado o uso do pátio da associação comunitária, que é bastante arborizado, pelas crianças para brincadeiras e jogos de futebol. Ainda, foi confirmando o uso da associação comunitária para encontro das mulheres, adultas e idosas, para socialização e realização de trabalhos manuais.

Foi verificada uma movimentação mais intensa nos arredores da escola, principalmente nos horários de início e término das aulas. Os jovens ficam conversando, assim como os pais dos alunos ficam aguardando seus filhos e, de certa forma, interagindo com outros pais. No entorno dos estabelecimentos de comércio e serviços também é constatada uma movimentação mais intensa.



**Figura 64** – Mapa Comportamental da Área de Estudo 2. Fonte: autora, 2011

Nota: Linha vermelha indica percurso das observações comportamentais; C= Comércio; S= Serviço; P= Parada de ônibus. 1= Rua Jari; 2= Rua La Salle.

No mercado/ bar localizado na esquina das ruas Antônio Lisboa e La Salle, foi identificado um agrupamento de homens adultos e idosos conversando, bebendo e olhando o movimento diariamente. Na loja, também localizada na rua Antônio Lisboa, foi verificado um agrupamento de mulheres conversando e tomando chimarrão diariamente. Nas paradas de ônibus da rua Torbjorn Weibull, observa-se uma concentração diária de usuários, principalmente de jovens, o que provavelmente está associado ao uso da escola.

#### 4.3.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio

A apropriação dos espaços públicos abertos também foi verificada através dos questionários. Os respondentes – moradores do conjunto e moradores do entorno – foram questionados sobre as atividades que costumam realizar nas horas de lazer, os locais que costumam utilizar para as atividades de lazer e convívio no bairro e os locais onde as crianças costumam brincar (ver Tabela 14).

Tabela 14: Atividades e locais de lazer e convívio

	atividades		locais		crianças	
Conjunto	passar	33,3%	praça	36,7%	praça	23,3%
Total: 30 respondentes	conversar	46,7%	calçadas	16,7%	calçadas	16,7%
	esportes	20,0%	vizinhos	20,0%	vizinhos	0,0%
	ativ. em casa	53,3%	casa	73,3%	casa	23,3%
	chimarrão	36,7%	clube	0,0%	clube	3,3%
	contemplar	6,7%	associação	20,0%	não tem	70,0%
	brincadeiras	23,3%	outro local	0,0%	outro local	0,0%
	trab. manuais	3,3%				
	ativ. em grupo	6,7%				
	outra atividade	0,0%				
Entorno	passar	16,7%	praça	20,8%	praça	16,7%
Total: 24 respondentes	conversar	37,5%	calçadas	25,0%	calçadas	16,7%
	esportes	20,8%	vizinhos	0,0%	vizinhos	0,0%
	ativ. em casa	79,2%	casa	91,7%	casa	50,0%
	chimarrão	25,0%	clube	4,2%	clube	4,2%
	contemplar	0,0%	associação	8,3%	não tem	45,8%
	brincadeiras	16,7%	outro local	0,0%	outro local	0,0%
	trab. manuais	4,2%				
	ativ. em grupo	12,5%				
	outra atividade	4,2%				

Foi constatado que os moradores do entorno realizam mais ‘atividades em casa’ do que os moradores do conjunto. Foi também constatado que existe um percentual elevado de moradores, tanto do conjunto como do entorno, que utilizam a própria casa para a realização de atividades de lazer e convívio, o que pode estar relacionado à inexistência de espaços públicos abertos que apresentem quesitos necessários para o desempenho dessas atividades, conforme já constatado no levantamento físico. Alguns entrevistados comentaram que ocorrem

jogos de futebol, nos fins de semana, no Grêmio Esportivo Municipal e os moradores se encontram para olhar os jogos e conversar. Outros comentaram que algumas senhoras se encontram, semanalmente, para realizar trabalhos manuais e conversar na associação comunitária. Também foi comentado que alguns vizinhos e amigos, 'inclusive algumas pessoas mais velhas' (indicando a interação entre diferentes grupos etários) se encontram na esquina da rua Antônio Lisboa com a av. Itália, nos finais de tarde, para ver o movimento e tomar chimarrão, confirmando que as pessoas gostam de entreter-se olhando o movimento da rua e que o prazer das pessoas de ver o movimento e outras pessoas é evidente em todas as cidades. No entanto, não foi constatado esse uso, o que pode estar relacionado aos horários de utilização pelos jovens não coincidentes com os horários das observações comportamentais. Verificou-se um percentual elevado de respondentes do conjunto e do entorno que não possuem criança em casa, mas, entre os que possuem, existe um percentual expressivo de crianças que utilizam a própria casa para brincar, indicando novamente a falta de locais adequados para a realização de atividades de lazer e convívio.

#### 4.3.6.2 Apropriação das ruas e calçadas

Boa parte dos moradores do conjunto (46,6%) está insatisfeita em relação à segurança quanto ao trânsito das ruas do local onde moram, o que pode estar relacionada à largura da rua (estreita) e por comportar intenso fluxo de veículos, reforçado pelo fato dos pedestres utilizarem, na maior parte, a própria rua para caminhar. Foi constatado que algumas ruas secundárias sem saída são utilizadas para brincadeiras com crianças e para atividades de socialização, confirmando que vias sem saída, segregadas, apresentam baixo fluxo de veículos e, portanto, permitem a realização dessas atividades. A rua Jari, apesar de apresentar valor de integração (acessibilidade topológica) mais elevado, em função de outras características relatadas acima, também apresenta baixo fluxo de veículos e, portanto, permite a realização de outras atividades. Em relação à segurança quanto ao crime, 66,7% dos moradores estão satisfeitos, mas, por outro lado, quanto à aparência/ manutenção das ruas, 36,7% estão insatisfeitos. Já os moradores do entorno avaliam negativamente a segurança quanto ao trânsito (54,2%); a aparência/ manutenção das ruas (41,7%) e a segurança quanto ao crime (45,8%). Os resultados indicam que os moradores do entorno norte estão bem mais insatisfeitos (70,0%) do que os moradores do entorno sul (30,0%) em relação à segurança, o que pode estar relacionado às ocupações irregulares existentes ao norte, de renda muito baixa e com ocorrências criminais.

A prática constatada através das observações comportamentais de caminhar pela rua pode estar relacionada à manutenção inadequada (86,7% têm avaliação negativa) e a largura das calçadas que, conforme o levantamento físico, além de serem estreitas, possuem árvores e equipamentos que dificultam o uso, em muitos trechos, inclusive para circulação, apesar da maioria dos moradores do conjunto (80,0%) considerar adequadas e avaliar positivamente a largura das calçadas do local onde moram para circular. As calçadas não são utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização e, para isso, os recuos de ajardinamento são mais utilizados, pois, conforme alguns moradores, apresentam mais segurança. Essa constatação corrobora o que os moradores citaram como principais atividades das calçadas (ver Tabela 15). A não utilização das calçadas para essas atividades também pode estar relacionada à percepção de inadequação da largura das calçadas para atividades de convívio social (36,7%) e da vegetação/ sombreamento (46,6%). Já quanto à iluminação, 93,3% dos moradores do conjunto avaliam positivamente as calçadas, o que confere com o número de postes de iluminação pública existentes.

Tabela 15: Principais usos das calçadas do local onde moram

	deslocamentos	caminhadas	socialização	brincadeiras	outros usos
Conjunto	70,0%	20,0%	13,3%	10,0%	0,0%
Entorno	70,8%	12,5%	16,7%	4,2%	0,0%

Foi constatado, através das observações comportamentais, que os moradores do entorno também não utilizam as calçadas para atividades passivas de contemplação e socialização, confirmando o que o levantamento físico indicava, sobre a dificuldade de uso das calçadas do entorno, inclusive para deslocamento e corroborando o que os moradores citaram como principais atividades das calçadas. Embora 70,8% tenham avaliação positiva em relação à largura para circular, os moradores do entorno avaliam negativamente a largura para atividade de convívio social (62,5%); a vegetação/ sombreamento (66,6%) e a aparência/manutenção (50,0%). Já quanto à iluminação, a maioria dos moradores do entorno (66,7%) avalia positivamente as calçadas. Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul do conjunto estão menos insatisfeitos com as calçadas, com exceção da iluminação, que os moradores do entorno ao norte do conjunto estão mais satisfeitos.

Ainda, quando perguntados se usariam mais as calçadas para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 60% dos moradores do conjunto e 54,2% dos moradores do entorno responderam que sim, indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.3.6.3 Apropriação das praças e áreas verdes

Foi confirmado, através das observações comportamentais, que a praça existente (localizada na rua central do conjunto) é pouco utilizada para atividades de convívio social, corroborando o que os moradores do conjunto citaram como principais atividades realizadas na praça (Tabela 16), assim como a baixa frequência de uso indicada (Tabela 17). A partir dos dados coletados, verificou-se que a frequência de uso da praça é influenciada pelo nível de satisfação dos moradores do conjunto e do entorno com a manutenção da praça (Spearman,  $c.=.312$ ,  $sig.=.022$ ).

Tabela 16: Principais usos da praça do local onde moram

	brincadeiras	socialização	esportes	outros usos	não usa
Conjunto	20,0%	33,3%	0,0%	3,3%	53,3%
Entorno	12,5%	20,8%	0,0%	0,0%	75,0%

Tabela 17: Frequência de uso da praça do local onde moram

	diariamente	fim semana	3 a 4x/ mês	2x por mês	não usa
Conjunto	6,7%	16,7%	6,7%	13,3%	56,7%
Entorno	0,0%	12,5%	8,3%	4,2%	75,0%

A localização da praça no bairro é avaliada positivamente por 93,3% dos moradores do conjunto, reforçando o fato da praça estar localizada na via central do conjunto, bastante integrada e 83,3% estão satisfeitos com a quantidade de praças/ áreas verdes no bairro. Em relação à praça existente, 86,6% dos moradores estão insatisfeitos quanto à vegetação/ sombreamento, confirmando o que foi constatado no levantamento físico e comentado nas entrevistas sobre a inexistência de árvore de porte/ sombreamento, o que dificulta a permanência no local. No entanto, os moradores do conjunto estão satisfeitos com a quantidade de locais para sentar (90,0%) e com a iluminação (56,7%), mas, por outro lado, estão insatisfeitos com a quantidade de ambientes de estar (63,3%); com a quantidade de espaços destinados a diferentes atividades (83,3%); com os locais para criança brincar (76,7%) e com a manutenção/ conservação (33,4%). Nas entrevistas, foi ressaltado pelos moradores que a praça já esteve em bom estado e era mais utilizada, mas, por falta de manutenção e vandalismo, ela não apresenta boas condições de uso. Quanto à percepção de segurança, 80,0% dos moradores do conjunto estão satisfeitos com a segurança durante o dia e 46,6% estão insatisfeitos com a segurança durante a noite. É importante notar o percentual elevado de respondentes que não sabem avaliar a iluminação e a segurança durante a noite.

Dentre os moradores do entorno, 75,0% estão satisfeitos com a localização da praça no bairro, sendo que os moradores do entorno ao sul do conjunto estão mais satisfeitos do que os



moradores do entorno norte. Por outro lado, 70,9% estão insatisfeitos com a quantidade de praças/ áreas verdes no bairro, reforçando o que foi comentado nas entrevistas, que a praça existente atende apenas o conjunto, e que seria necessário outras praças/ áreas verdes para atender os entornos sul e norte, o que também pode estar relacionado à percepção de limite do local onde moram. Em relação à praça existente, 70,9% dos moradores estão insatisfeitos com a vegetação/ sombreamento, mas, por outro lado, 70,8% estão satisfeitos quanto aos locais para sentar. Quanto à iluminação, 58,3% não sabem e apenas 29,2% têm avaliação positiva. Os moradores avaliam negativamente a quantidade de ambientes de estar (75,0%); a quantidade de atividades (75,0%); os locais para criança brincar (62,5%) e a manutenção/ conservação (29,2%). Quanto à percepção de segurança, 70,8% estão satisfeitos com a segurança durante o dia e 37,5% estão insatisfeitos com a segurança durante a noite, sendo que 50,0% não sabem. É importante notar o percentual elevado de respondentes que não sabem avaliar a iluminação e segurança durante a noite. Cabe ressaltar que os moradores do entorno sul ‘passam’ pelo conjunto como acesso ao centro, mas os moradores do entorno norte não precisam ‘passar’ pelo conjunto e, por isso, muitos desconhecem as condições da praça.

Quando perguntados se usariam mais as praças/ áreas verdes para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 66,7% dos moradores do conjunto e 87,5% dos moradores do entorno responderam que sim, novamente indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.3.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços

Em relação ao uso de equipamentos comunitários existentes no bairro (ver Tabela 18), é importante destacar que os equipamentos comunitários citados estão localizados no conjunto e no entorno, evidenciando que os moradores circulam por toda a área e, de certa forma, interagem com os demais moradores do bairro. O templo religioso mencionado na Tabela 18 se refere às missas que acontecem na associação comunitária. É interessante notar que apesar dos moradores terem comentado, nas entrevistas, sobre o uso da associação comunitária, ela não está entre os equipamentos utilizados citados.

Tabela 18: Uso dos equipamentos comunitários do bairro

	escola	creche	centro	posto	templo	clube	outro
Conjunto	23,3%	3,3%	26,7%	0,0%	16,7%	0,0%	3,3%
Entorno	16,7%	0,0%	16,7%	0,0	4,2%	0,0%	0,0%

Nota: Centro= Centro comunitário; Posto= Posto de saúde; Templo= Templo religioso.

No momento das entrevistas, 70,0% dos moradores do conjunto e 30,0% dos moradores do entorno avaliaram negativamente a qualidade da infraestrutura e serviços do bairro. Os moradores do conjunto (70,0%) e os moradores do entorno (60,0%) disseram que utilizam, no dia a dia, tanto o bairro Centro como o bairro Timbaúva, sendo que 40,0% utilizam somente o bairro Centro. No entanto, essa avaliação negativa está relacionada à existência de comércio/ serviços no próprio bairro, pois os entrevistados ressaltaram a satisfação por estarem localizados próximo aos dois centros da cidade.

No entanto, no momento dos questionários, boa parte (76,7%) dos moradores do conjunto avaliou positivamente a qualidade dos serviços/ comércio do local onde moram. Os moradores disseram que utilizam tanto o próprio bairro, como o bairro Centro e o bairro Timbaúva para as compras do dia a dia, reforçando a boa acessibilidade da área e a proximidade aos dois centros da cidade. Os hábitos de compra no dia a dia também podem estar relacionados aos principais meios de locomoção e ao local de trabalho dos moradores (ver Tabela 19). Dentre os moradores do entorno, os resultados indicam que a maioria (58,3%) está satisfeita com a qualidade dos serviços/ comércio, sendo que os moradores do entorno sul estão bem menos satisfeitos, possivelmente porque estão mais segregados e mais distantes dos estabelecimentos de comércio existentes.

Tabela 19: Indicador socioeconômico

	hábitos de compra		meios locomoção		local de trabalho	
<b>Conjunto</b>	bairro	43,3%	à pé	50,0%	bairro	20,0%
Total: 30 respondentes	Centro	50,0%	bicicleta	13,3%	Centro	10,0%
	Timbaúva	40,0%	motocicleta	0,0%	Timbaúva	3,3%
	outro	3,3%	carro	43,3%	não trabalha	53,3%
			ônibus	13,3%	outros bairros	3,3%
			outro	6,7%	fora da cidade	0,0%
					outro	10,0%
<b>Entorno</b>	bairro	33,3%	à pé	45,8%	bairro	12,5%
Total: 24 respondentes	Centro	41,7%	bicicleta	25,0%	Centro	16,7%
	Timbaúva	54,2%	motocicleta	12,5%	Timbaúva	4,2%
	outro	0,0%	carro	54,2%	não trabalha	37,5%
			ônibus	8,3%	outros bairros	16,7%
			outro	4,2%	fora da cidade	8,3%
					outro	4,2%

É possível constatar o percentual elevado de respondentes que se deslocam à pé, tanto do conjunto como do entorno, confirmando novamente a boa acessibilidade da área e a proximidade aos centros comerciais da cidade (bairro Centro e bairro Timbaúva).

#### 4.3.7 Relacionamento de vizinhança

Em geral, os moradores do conjunto têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram (96,7%), sendo que entre esses, 40,0% dizem que o relacionamento é muito bom. A partir dos dados coletados, verificou-se que o bom relacionamento dos moradores do conjunto e do entorno existente entre os vizinhos no local onde moram influencia o nível de satisfação com o local onde moram (Spearman,  $c=.432$ ,  $sig=.001$ ) e a percepção do tipo de relação do local onde moram (Spearman,  $c=.445$ ,  $sig=.001$ ). Da mesma forma, 96,7% dos moradores têm bom relacionamento com os vizinhos do bairro, dos quais 36,7% dizem que o relacionamento é muito bom. Verificou-se que o bom relacionamento existente entre os vizinhos no bairro influencia o nível de satisfação em morar no bairro (Spearman,  $c=.480$ ,  $sig=.000$ ) e a percepção do tipo de relação do bairro (Spearman,  $c=.660$ ,  $sig=.000$ ). Na opinião desses respondentes, bom vizinho é aquele que simplesmente não incomoda (50,0%); aquele que ajuda quando precisa (46,7%) ou, ainda, aquele que mantém contato próximo (3,3%). O tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram é percebido pelos moradores principalmente como de amizade (70,0%); de indiferença (16,7%) ou de comunidade (13,3%), sendo verificado que o tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram percebido pelos moradores influencia o nível de satisfação com o local onde moram (Spearman,  $c=.469$ ,  $sig=.000$ ). Já o tipo de relação entre os vizinhos no bairro é percebido principalmente como de amizade (66,7%); de indiferença (20,0%) ou de comunidade (13,3%), sendo verificado que o tipo de relação entre os vizinhos no bairro percebido pelos moradores influencia o nível de satisfação com o bairro (Spearman,  $c=.446$ ,  $sig=.001$ ). Em relação às amizades, os moradores do conjunto dizem ter mais amigos no local (50,0%) do que fora do bairro (36,7%).

Entre os moradores do entorno do conjunto, 91,7% têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram, sendo que entre esses, 37,5% consideram que o relacionamento é muito bom. Já com vizinhos do bairro, 70,8% dos moradores têm bom relacionamento, mas apenas 12,5% consideram que o relacionamento é muito bom, sendo que os moradores do entorno norte estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno sul, reforçando o isolamento dos moradores do entorno sul em relação aos moradores do bairro. Na opinião desses respondentes, bom vizinho é aquele que simplesmente não incomoda (50,0%); aquele que ajuda quando precisa (41,7%) ou aquele que mantém contato próximo (8,3%). O tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram é percebido principalmente como de amizade (70,8%); de indiferença (16,7%) ou de comunidade (12,5%). Já o tipo de

relação entre os vizinhos no bairro é percebido principalmente como de amizade (58,3%) ou de indiferença (37,5%). Pode-se perceber que a relação de indiferença aumenta ao considerar o bairro, indicando que a percepção do tipo de relação entre os vizinhos do local onde moram é de maior amizade e proximidade. Os moradores do entorno possuem mais amigos no local onde moram (54,2%); mais amigos fora do bairro (33,3%) ou amigos distribuídos no local onde moram, no bairro e fora do bairro (12,5%).

Foi constatado, através das entrevistas, que 100,0% dos moradores do conjunto e 50,0% dos moradores do entorno têm bom relacionamento com os vizinhos mais próximos e moradores do bairro em geral, embora superficial, sem se visitar e 50,0% dos moradores do entorno mantêm bom relacionamento e que costumam se visitar. Esse contato mais próximo pode estar associado à percepção de limite do local onde moram, pois os moradores do conjunto habitacional Tanac mencionaram a sensação de morar em um condomínio. Muitos moradores do conjunto também comentaram que a vizinhança é bem prestativa quando precisam de alguma coisa, indicando maior solidariedade e confirmando a importância dos valores e das relações sociais para os bairros de baixa renda.

#### 4.4 ÁREA DE ESTUDO 3: Conjunto Habitacional Vila São Pedro e entorno

O conjunto habitacional Vila São Pedro é representativo de conjunto habitacional de porte pequeno, localizado próximo do centro da cidade e integrado com o entorno/ cidade, conforme pode ser constatado através do mapa axial e da análise da conexão do tecido do conjunto com o tecido do entorno imediato (Figuras 03 e 04). As figuras abaixo ilustram algumas características dos espaços públicos do conjunto (Figuras 65, 66 e 67).



Figura 65 – Área verde



Figura 66 – Área verde



Figura 67 – Escola

##### 4.4.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial

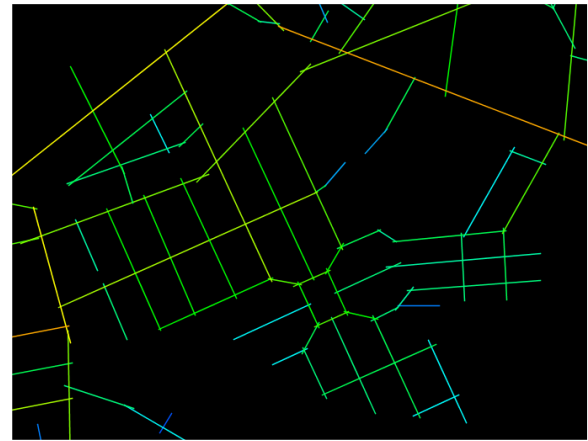
As ruas consideradas mais importantes (e, portanto, com maior imageabilidade) pelos moradores do conjunto foram a Bruno de Andrade, a Capitão Jacob Franzen e a Via II (ver Figura 36). Entre os moradores do entorno, as ruas mais citadas foram a Bruno de Andrade, a

Via II, a Capitão Jacob Franzen e a Capitão Jacinto José Fernandes. O motivo apontado para a indicação da rua Bruno de Andrade foi por ela concentrar os estabelecimentos de serviços e comércio do bairro, com intenso fluxo de veículos e pedestres; para a Via II foi por ela ser uma importante via estrutural da cidade e também pelos estabelecimentos de serviços e comércio existentes; para a rua Capitão Jacob Franzen foi por ela ser uma das primeiras vias abertas do loteamento, por ser a rua da escola e trajeto do ônibus e para a rua Capitão Jacinto José Fernandes foi por ela ligar o loteamento Vila São Pedro diretamente à Via II. Pode-se perceber que as vias mais importantes para os moradores do conjunto e para os moradores do entorno são praticamente as mesmas.

Analisando o mapa axial de integração global e local constata-se a homogeneidade da área e que o conjunto é integrado ao entorno por estar localizado dentro de um loteamento e, portanto, dentro da malha urbana existente. As ruas Bruno de Andrade, Torbjorn Weibull, Via II e Hans Varelmann apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) elevados em relação à cidade, conforme ilustram as Figuras 68 e 69 e a Tabela 20.



**FIGURA 68** - Mapa Axial da Área 3, Integração Global, recortado da Figura 03



**Figura 69** – Mapa axial da Área 3, Integração local R3, recortado da Figura 04

Nota: as linhas mais integradas apresentam cores mais quentes (vermelho e amarelo), enquanto que as linhas mais segregadas apresentam cores mais frias (verde e azul). Os mapas representam o ponto de vista do pedestre.

Tabela 20: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 3

NOME DAS RUAS	ID	Integração Global	Integração Local
1 Bruno de Andrade	478/ 519	0,626/ 0,61	2,333/ 2,275
2 Torbjorn Weibull	173	0,669	2,771
3 Via II	1203	0,646	2,6
4 Hans Varelmann	588/ 589	0,601/ 0,576	2,613/ 2,302
5 Gustavo Mottin	498	0,595	2,059
6 Cap. Fernando Schneider	493	0,526	1,39
7 Cap. Jacinto J. Fernandes	509	0,606	2,52
8 Cap. Jacob Franzen	513	0,569	1,888
9 Mário Inácio	512	0,587	2,362

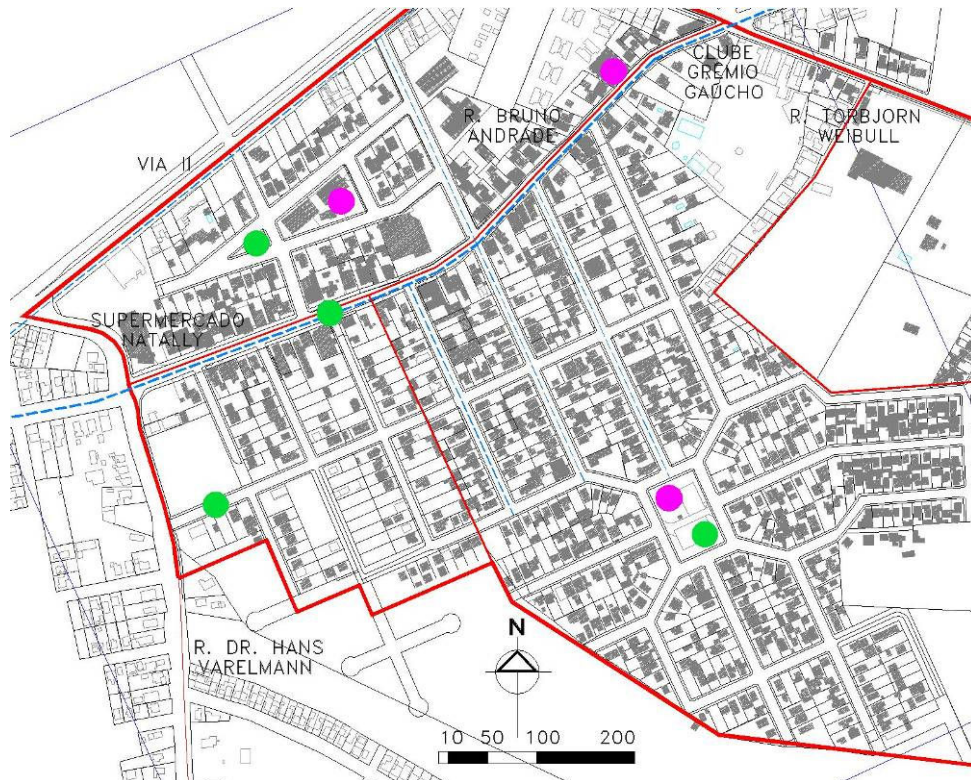
Verifica-se uma relação direta entre o grau de integração (acessibilidade topológica) das vias e as atividades desempenhadas ao longo destas. As atividades relacionadas com o atendimento do conjunto da população, tais como comércio e prestação de serviços, concentram-se na rua Bruno de Andrade, fazendo uso das vantagens de acessibilidade oferecida por essa localização. Constata-se, também, que as ruas Capitão Jacinto José Fernandes, Gustavo Mottin e Mário Inácio apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) superiores aos valores das demais vias do loteamento e, apesar das demais vias do loteamento apresentarem valores de integração (acessibilidade topológica) menores, os valores ainda são elevados em relação à cidade.

Relacionando esses dados com as respostas dos entrevistados, percebe-se que as ruas mais citadas são as vias mais integradas e que, embora a rua Capitão Jacob Franzen não apresente valor de integração (acessibilidade topológica) elevado, ela se apresenta como uma das vias mais importantes, implicando em maior fluxo de pedestres e veículos, em função da movimentação gerada pela existência da escola (atrator).

#### **4.4.2 Percepção de limite do bairro/ local onde moram**

Através da aplicação das entrevistas e mapas mentais, foi constatado que existem diferenças na percepção de limites do bairro entre os moradores do conjunto e entre os moradores do entorno, o que pode estar relacionado com as características de implantação do conjunto e, ainda, que podem afetar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores no bairro (Figura 70).

Ao desenhar ou descrever os limites do bairro onde vivem, 30% dos moradores do conjunto consideraram que o bairro coincide com o loteamento Vila São Pedro, enquanto que para os demais a percepção de território é mais ampla: 30% consideraram o bairro sendo do Clube Grêmio Gaúcho ao Supermercado Natally, até a Via II e outros 20% consideraram o bairro sendo do Colégio Polivalente ao Supermercado Natally, até a Via II. Dentre os moradores do entorno, 20% consideraram o bairro sendo do Clube Grêmio Gaúcho ao Supermercado Natally, até a rua Bruno de Andrade (ou seja, coincide com o loteamento Vila São Pedro), enquanto que para os demais a percepção do território é mais ampla: 40% consideraram o bairro sendo do Clube Grêmio Gaúcho ao Supermercado Natally, até a Via II e 20% consideraram o bairro sendo do Colégio Polivalente ao Supermercado Natally, até a Via II. Cabe ressaltar que o limite oficial do bairro corresponde à indicação de apenas 20% dos entrevistados – sendo do Colégio Polivalente ao Supermercado Natally, até a Via II.



**Figura 70** – Mapa da Área 3 com dados das entrevistas e mapas mentais. Fonte: autora, 2011

Nota: As linhas vermelhas indicam os limites do bairro; as linhas azuis indicam as ruas mais importantes; círculos verde=lugares desagradáveis; círculos magenta=lugares agradáveis.



**Figura 71** - Mapa Figura-fundo da Área de Estudo 3. Fonte: autora, 2011

Nota: O fundo branco indica os espaços não edificados – de domínio público e privado.

No entanto, esta questão foi retomada através dos questionários e ficou ainda mais clara, pois, entre os moradores do conjunto, todos consideraram o bairro sendo do Clube Grêmio Gaúcho ao Supermercado Natally, sendo que 55,0% consideram até a Via II e 45,0% consideram até a rua Bruno de Andrade. Essa similaridade na percepção dos limites do bairro pode estar relacionada à homogeneidade da área constatada no mapa acima (Figura 71). Da mesma forma, entre os moradores do entorno ao sul da rua Bruno de Andrade, todos consideraram o bairro sendo do Clube Grêmio Gaúcho ao Supermercado Natally, sendo 54,5% consideram até a Via II e 45,5% consideram até a rua Bruno de Andrade. A maioria dos moradores considera é a mesma coisa nos dois lados da rua Bruno de Andrade, ou seja, as condições de infraestrutura são semelhantes. Entre os moradores do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade, 44,4% percebem os limites mais restritos (consideram apenas o “miolo” - norte da rua Bruno de Andrade até a Via II) e ressaltam que ao sul da rua Bruno de Andrade as condições de infraestrutura são piores, e 55,6% consideram os dois lados da rua Bruno de Andrade. Essa percepção da unidade do “miolo” já tinha sido apontada nas entrevistas, possivelmente porque o padrão de renda dessa ocupação é mais elevado, refletindo na aparência das edificações e na manutenção das calçadas.

A percepção de território também foi medida através do questionamento sobre quando se sentiam ‘em casa’, e a grande maioria (85,0%) dos moradores do conjunto reconhecem o território quando chegam no bairro; 10,0% quando chegam na própria casa e 5,0% quando estão próximos ao local onde moram. Já os moradores do entorno reconhecem o território quando chegam no bairro (71,0%); quando estão próximo ao local onde moram (22,6%) e quando chegam em casa (6,5%). Os resultados indicam uma boa percepção da ‘unidade’ do bairro, tanto pelos moradores do conjunto como pelos moradores do entorno, o que pode estar relacionada à imagem ambiental positiva dos moradores em relação ao bairro, refletindo na interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno.

#### **4.4.3 Níveis de satisfação com o bairro**

Foi constatado que a totalidade dos moradores do conjunto está satisfeita com o bairro onde moram (100,0%), assim como com a qualidade dos serviços/ comércio (100,0%) e a quase totalidade está satisfeita com a ligação entre o bairro e a cidade (95,0%). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação dos moradores do conjunto e do entorno com o bairro é influenciado pela ligação entre o bairro e a cidade (Spearman,  $c=.365$ ,  $sig.=.008$ ) e pela qualidade dos serviços/ comércio (Spearman,  $c=.463$ ,  $sig.=.001$ ). Foi também constatado que os moradores do conjunto estão satisfeitos com a segurança (85,0%) e



com a aparência (80,0%), mas, por outro lado, estão mais insatisfeitos com a qualidade das calçadas (70,0%) e com a qualidade das praças/ áreas verdes (30,0%).

Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado o percentual elevado de respondentes satisfeitos com o bairro onde moram (96,8%), com a ligação entre o bairro e a cidade (90,3%), assim como com a qualidade dos serviços/ comércio (100,0%). Foi também constatado que a maioria dos moradores do entorno avalia positivamente a segurança (54,8%) e a aparência (83,9%), mas, por outro lado, avaliam negativamente a qualidade das calçadas (41,9%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (45,2%). Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul da rua Bruno de Andrade estão menos insatisfeitos do que os moradores do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade, com exceção da satisfação com a aparência, onde os moradores do entorno norte estão mais satisfeitos, o que pode estar relacionado ao poder aquisitivo mais alto que se reflete na aparência em geral.

Quando comparados os níveis de satisfação com o bairro dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno, com exceção da aparência, onde os moradores do entorno estão um pouco mais satisfeitos, assim como com a qualidade das praças/ áreas verdes, onde os moradores do entorno estão menos insatisfeitos. Ainda, os resultados indicam um percentual elevado de satisfação com o bairro onde moram, tanto dos moradores do conjunto quanto dos moradores do entorno.

#### **4.4.4 Níveis de satisfação com o local onde moram**

Os moradores do conjunto foram unânimes na avaliação satisfatória com o local onde moram (100,0%) e com a qualidade dos serviços/ comércio (100,0%). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação dos moradores do conjunto e do entorno com a qualidade dos serviços/ comércio influencia o nível de satisfação com o local onde moram (Spearman,  $c=.463$ ,  $sig.=.001$ ), confirmando o que os moradores comentaram durante as entrevistas. Foi também constatado que 90,0% dos moradores do conjunto estão satisfeitos em relação à segurança no local onde moram, influenciados pela satisfação com a segurança quanto ao crime das ruas do local onde moram (Spearman,  $c=.392$ ,  $sig.=.004$ ). Cabe ressaltar que 70,0% dos lotes do conjunto possuem fechamento das testadas baixo (sem fechamento, muro e/ou grade 1,00m de altura), o que pode estar associado a essa percepção de segurança (Figura 72). Em relação à aparência, 80,0% estão satisfeitos, mas, em relação à qualidade das calçadas, 75,0% estão insatisfeitos, influenciados pelo nível de manutenção das calçadas

percebido pelos moradores (Spearman,  $c=.578$ ,  $sig.=.000$ ). A qualidade das praças/ áreas verdes foi avaliada negativamente por 30,0% dos moradores do conjunto, influenciados pela percepção de adequação da quantidade de praças (Spearman,  $c=.405$ ,  $sig.=.003$ ); da vegetação/ sombreamento (Spearman,  $c=.380$ ,  $sig.=.006$ ); da quantidade de locais para sentar (Spearman,  $c=.452$ ,  $sig.=.001$ ); da quantidade de ambientes de estar (Spearman,  $c=.412$ ,  $sig.=.003$ ); da quantidade de espaços para a realização de diferentes atividades (Spearman,  $c=.344$ ,  $sig.=.013$ ); dos locais para as crianças brincar (Spearman,  $c=.546$ ,  $sig.=.000$ ) e da manutenção/ conservação (Spearman,  $c=.553$ ,  $sig.=.000$ ).



**Figura 72** - Mapa da Área 3, com indicação do fechamento das testadas. Fonte: autora, 2011

Nota: azul claro tracejado= grade 1,0m; azul contínuo= muro 1,0m; verde tracejado= grade 2,0m; tracejado vermelho= muro +grade 2,0m; magenta contínuo= muro 2,0m.

Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que a quase totalidade dos respondentes está satisfeita com o local onde moram (96,8%) e com a qualidade dos serviços/ comércio (96,7%). Os moradores do entorno também avaliam positivamente a aparência (87,1%) e a segurança do local onde moram (67,7%). Cabe ressaltar que, conforme o levantamento físico, 43,17% dos lotes do entorno sul e 71,05% dos lotes do entorno norte possuem fechamento das testadas alto (muro e/ou grade 2,00m de altura). Por outro lado, os moradores do entorno avaliam negativamente a qualidade das calçadas (45,1%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (41,9%). Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul

da rua Bruno de Andrade (loteamento Vila São Pedro) estão menos insatisfeitos do que os moradores do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade em todos os itens avaliados.

Quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto habitacional estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno, com exceção da aparência, onde os moradores do entorno estão mais satisfeitos, assim como com a qualidade das praças/ áreas verdes, onde os moradores do entorno estão menos insatisfeitos. Os resultados indicam um percentual elevado de satisfação com o local onde moram e com o bairro, tanto dos moradores do conjunto quanto dos moradores do entorno. Ainda, quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram e os níveis de satisfação com o bairro, constata-se que os moradores do conjunto estão mais satisfeitos com o local onde moram do que com o bairro, com exceção da satisfação com a qualidade das calçadas, onde os respondentes estão menos insatisfeitos quando considerado o bairro. Os moradores do entorno também estão mais satisfeitos com o local onde moram do que com o bairro, com exceção da satisfação com a qualidade das calçadas e da qualidade dos serviços/ comércio, onde os respondentes estão mais satisfeitos com o bairro.

#### **4.4.5 Imagem ambiental e atributos percebidos**

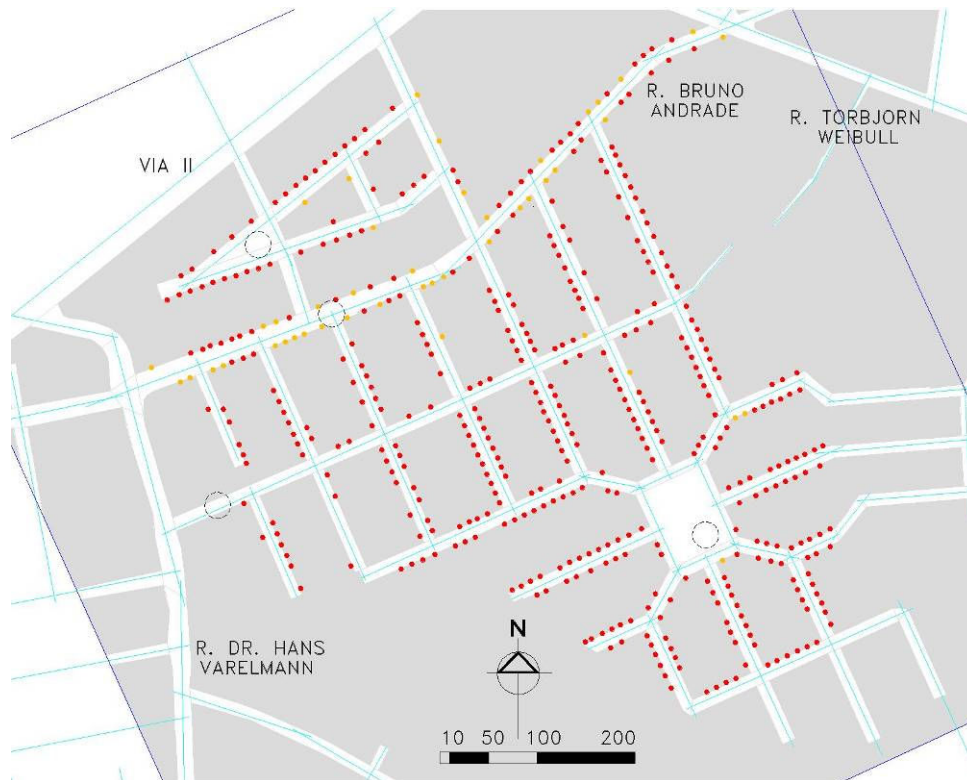
Com as informações obtidas sobre os espaços avaliados mais positivamente e mais negativamente, as principais referências espaciais, associações com a configuração do conjunto e conexões com o entorno, constatou-se que os atributos percebidos estão relacionados com as características de implantação do conjunto e, ainda, que podem influenciar a apropriação dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, afetar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores.

Quando solicitados para indicar os locais mais agradáveis do bairro (Figura 70, acima), os moradores do conjunto mencionaram a área verde (40,0%) e a Igreja Católica (30,0%), sendo que 20,0% dos moradores dizem não ter lugar agradável no bairro. Também foi mencionada a rua Bruno de Andrade, por se concentrar os estabelecimentos de serviços e comércio do bairro (centro comercial) e o bar Faustino (localizado na rua Capitão Fernando Schneider), pois os amigos do bairro se encontram diariamente neste local para beber e conversar. Os moradores que mencionaram a área verde a consideram um 'lugar aprazível', pois gostam do verde das árvores e do sombreamento que elas proporcionam. Entre os moradores do entorno, 40,0% consideram a área verde e 20,0% consideram a rua Bruno de Andrade, sendo que 30,0% consideram que não tem lugar agradável no bairro. Ainda, um

morador cita o bar Faustino, por ser o ponto de encontro dos amigos do bairro e um morador cita a Praça da Bíblia (triângulo), por ser um local bonito em função da vegetação existente. Os entrevistados disseram que a área verde é um lugar agradável mesmo sem estar em perfeitas condições. Percebe-se que os motivos apontados para a indicação dos locais mais agradáveis do bairro referem-se aos locais que propiciam algum tipo de convívio social e também estão relacionados à questão estética.

Dentre os locais identificados como mais desagradáveis do bairro (Figura 70, acima), os moradores do conjunto mencionaram a área verde à noite (20,0%), em função do uso de drogas; a rua Bruno de Andrade à noite (20,0%); a continuação da rua Mário Inácio (20,0%) e um morador mencionou o perigo da movimentação de carros na rua Bruno de Andrade, sendo que 30% dos moradores mencionaram que não tem lugar desagradável no bairro. Cabe ressaltar que a largura da rua Bruno de Andrade é inadequada para o intenso fluxo de veículos que comporta, principalmente no horário de início e término das aulas nas escolas. Ainda, ressalta-se que o uso dessa rua é predominantemente comercial e, por isso, fica abandonada à noite, questão já destacada por Jacobs (2000) sobre a importância da diversidade de usos e a insegurança gerada por áreas monofuncionais. O mapa de barreiras com indicação das constituições (conexões funcionais) evidencia essa monofuncionalidade e a falta de constituições em vários trechos, inclusive na área verde (ver Figura 73). Os moradores que mencionaram a rua Mário Inácio disseram que é perigoso de passar neste trecho do loteamento irregular, no lado oeste do conjunto, pois tem poucas casas, muito mato e iluminação pública inadequada.

Dentre os moradores do entorno do conjunto, a maioria (70,0%) considera que não tem lugar desagradável no bairro, mas, por outro lado, 20% mencionaram a praça à noite, porque, segundo os respondentes, mesmo tendo iluminação, alguns lugares ficam escuros e são perigosos. Uma moradora lamentou que, na tardinha, não pode permanecer com o filho na praça, pois “alguns drogados se encontram e fica perigoso”. Nesse sentido, é possível perceber certa indignação, pela impossibilidade de usufruir dos espaços públicos abertos por questões de segurança. Outro morador diz que o local desagradável é a pequena área verde (Praça da Bíblia), em função do barulho que os jovens fazem durante a noite e madrugada, no entanto, salienta que não tem problema de roubos. Ainda, um morador diz que não tem lugar desagradável no bairro e comenta que, à noite, ‘qualquer lugar é perigoso’. Pode-se perceber que os motivos apontados para a indicação dos locais mais desagradáveis do bairro referem-se à questão da insegurança e estão relacionadas à questão da copresença nos espaços públicos.



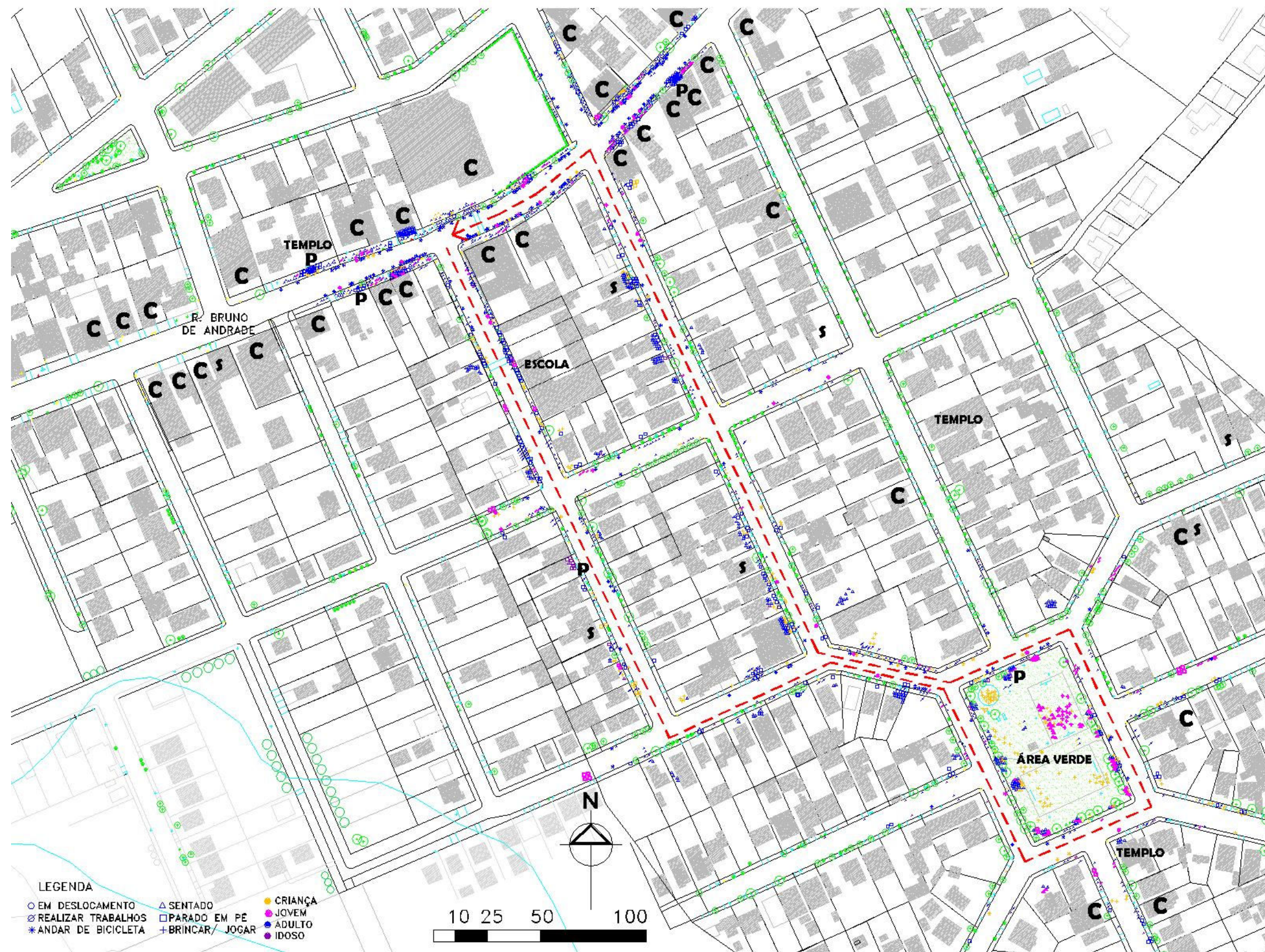
**Figura 73** - Mapa de barreiras da Área 3, com indicação das constituições. Fonte: autora, 2011

Nota: Vermelho= residenciais; laranja= não residenciais; azul claro= linhas axiais; cinza= ilhas espaciais; círculo tracejado cinza= locais mais desagradáveis.

É interessante notar que áreas verdes apontadas como locais mais agradáveis pela estética, também são apontadas como locais mais desagradáveis por questões de insegurança. Por exemplo, o próprio morador do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade, indicou a Praça da Bíblia como local mais agradável e como local mais desagradável. Da mesma forma, a rua Bruno de Andrade foi apontada como local mais agradável pela vitalidade em função da quantidade e diversidade de estabelecimentos de comércio, mas também foi apontada como local mais desagradável pela insegurança gerada em função da movimentação acentuada de veículos, assim como pelo ‘abandono’ à noite.

#### 4.4.6 Apropriação e características fisioespaciais

É observado no mapa comportamental (Figura 74) que as pessoas caminham pelas ruas em muitos trechos, tanto no conjunto como no entorno. Foi constatado o intenso fluxo de veículos, pedestres e bicicletas na Bruno de Andrade, confirmando seu valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação à cidade.



**Figura 74** – Mapa Comportamental da Área de Estudo 3. Fonte: autora, 2011

Nota: Linha vermelha indica percurso das observações comportamentais; C= Comércio; S= Serviço; P= Parada de ônibus.

Foi confirmado que as calçadas do conjunto e do entorno não são utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização e, para isso, os recuos de ajardinamento são mais utilizados. As pessoas ficam sentadas nos recuos, tomando chimarrão e conversando diariamente. Já as calçadas da rua Bruno de Andrade são intensamente utilizadas pelos bares para acomodar os jovens e adultos que ficam bebendo e olhando o movimento.

A área verde existente é intensamente utilizada pelos moradores, apesar de não possuir muitos equipamentos e mobiliário urbano. Tanto as quadras de esportes e os brinquedos por crianças e jovens, como os bancos ao longo das calçadas da área verde por jovens, adultos e idosos, facilitando o convívio social entre os moradores do conjunto e entorno imediato. Os pais das crianças ficam aguardando seus filhos nas brincadeiras e acabam interagindo com outros pais, confirmando o papel importante das crianças na aproximação da vizinhança.

Foi verificada uma movimentação mais intensa nos arredores da escola, principalmente nos horários de início e término das aulas. Os pais dos alunos ficam aguardando seus filhos e acabam interagindo, diariamente, com outros pais. No entorno dos estabelecimentos de comércio e serviços também é constatada uma movimentação mais intensa, especialmente na rua Bruno de Andrade. Da mesma forma, verifica-se uma concentração de usuários nas paradas de ônibus, especialmente na rua Bruno de Andrade.

#### 4.4.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio

A apropriação dos espaços públicos abertos também foi verificada através dos questionários. Os respondentes – moradores do conjunto e do entorno – foram questionados sobre as atividades que costumam realizar nas horas de lazer, os locais que costumam utilizar para as atividades de lazer e convívio no bairro e os locais onde as crianças costumam brincar (ver Tabela 21).

Foi constatado que, embora o percentual de atividades em casa dos moradores do conjunto e do entorno seja elevado, o percentual das demais atividades também é expressivo. Foi também constatado que apesar do percentual elevado de moradores que utilizam a própria casa para a realização das atividades de convívio social, também existe um percentual elevado de moradores que utilizam os espaços públicos abertos, mesmo não apresentando condições adequadas para atividades de lazer e convívio social. Cabe ressaltar que o clube/ associação mencionado na Tabela 21 se refere ao salão paroquial da Igreja Católica, que funciona como uma associação comunitária. Verificou-se um percentual elevado de respondentes do conjunto e entorno que não possuem criança em casa, mas, entre os que possuem, existe um percentual

expressivo de crianças que utilizam a própria casa para brincar, indicando novamente a falta de locais adequados para atividades de lazer e convívio social.

Tabela 21: Atividades e locais de lazer e convívio

	atividades		locais		crianças	
Conjunto	passar	30,0%	praça	50,0%	praça	25,0%
Total: 20 respondentes	conversar	65,0%	calçadas	35,0%	calçadas	20,0%
	esportes	20,0%	vizinhos	0,0%	vizinhos	0,0%
	ativ. em casa	70,0%	casa	85,0%	casa	45,0%
	chimarrão	40,0%	clube	10,0%	clube	0,0%
	contemplar	0,0%	associação	0,0%	não tem	50,0%
	brincadeiras	35,0%	outro local	5,0%	outro local	0,0%
	trab. manuais	15,0%				
	ativ. em grupo	10,0%				
	outra atividade	5,0%				
Entorno	passar	45,2%	praça	32,3%	praça	16,1%
Total: 31 respondentes	conversar	48,4%	calçadas	22,6%	calçadas	6,5%
	esportes	38,7%	vizinhos	9,7%	vizinhos	3,2%
	ativ. em casa	77,4%	casa	80,6%	casa	32,3%
	chimarrão	45,2%	clube	3,2%	clube	0,0%
	contemplar	0,0%	associação	0,0%	não tem	58,1%
	brincadeiras	25,8%	outro local	3,2%	outro local	0,0%
	trab. manuais	19,4%				
	ativ. em grupo	6,5%				
	outra atividade	0,0%				

#### 4.4.6.2 Apropriação das ruas e calçadas

Provavelmente devido ao baixo fluxo de veículos nas ruas do conjunto, a maioria dos moradores avalia positivamente a segurança quanto ao trânsito (75,0%) e a segurança quanto ao crime (80,0%). Já quanto à aparência/ manutenção das ruas, apenas 55,0% avaliam positivamente. Dentre os moradores do entorno, boa parte dos respondentes avalia negativamente a segurança quanto ao tráfego (58,1%); a segurança quanto ao crime (35,5%) e a aparência/ manutenção das ruas (64,5%). Foi constatado que os moradores do entorno ao sul da rua Bruno de Andrade estão menos insatisfeitos com a segurança quanto ao trânsito do que os moradores do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade, o que pode estar relacionado com o fato das ruas ao norte serem asfaltadas, o que permite o deslocamento de veículos com maior velocidade, pois as ruas apresentam a mesma largura.

Foi também constatado através das observações comportamentais que as pessoas caminham pela rua em muitos trechos, provavelmente relacionado à manutenção das calçadas (65,0% têm avaliação negativa) e a largura das calçadas que, conforme constatado no levantamento físico, além de serem estreitas, possuem árvores e equipamentos que dificultam o uso em alguns trechos, inclusive para circulação. No entanto, a grande maioria dos



moradores do conjunto está satisfeita com a largura das calçadas para circular (95,0%) e com a largura para atividades de convívio social (85,0%). Por outro lado, os moradores do conjunto estão insatisfeitos com a vegetação/ sombreamento (65,0%), o que também pode estar relacionado à pouca utilização das calçadas para atividades passivas de contemplação e socialização. Essa constatação corrobora o que os moradores citaram como principais atividades das calçadas (ver Tabela 22). Já quanto à iluminação das calçadas, 85,0% dos moradores do conjunto estão satisfeitos.

Tabela 22: Principais usos das calçadas do local onde moram

	deslocamentos	caminhadas	socialização	brincadeiras	outros usos
Conjunto	55,0%	10,0%	35,0%	15,0%	0,0%
Entorno	64,5%	35,5%	12,9%	3,2%	0,0%

As calçadas do entorno do conjunto são ainda menos utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização, confirmando o que os moradores citaram como principais atividades das calçadas. No entanto, a maioria dos moradores do entorno está satisfeita com a largura para circular (90,3%) e com a largura para atividades de convívio social (71,0%). Os resultados indicam que os moradores do entorno sul estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno norte apesar das calçadas apresentarem a mesma largura, possivelmente relacionado com as características das vias no entorno norte, que são asfaltadas e possuem maior fluxo de veículos, representando maior insegurança em relação ao trânsito e, portanto, menor possibilidade de uso das calçadas. Os moradores do entorno avaliam negativamente a vegetação/ sombreamento (67,8%) e a aparência/ manutenção (58,1%), mas por outro lado, 77,4% avaliam positivamente a iluminação das calçadas. Os resultados indicam que os moradores do entorno norte estão menos insatisfeitos quanto à aparência e mais satisfeitos quanto à iluminação.

Ainda, quando perguntados se usariam mais as calçadas para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 75,0% dos moradores do conjunto e 67,7% dos moradores do entorno responderam que sim, indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.4.6.3 Apropriação das praças e áreas verdes

Foi confirmado, através das observações comportamentais, que a área verde (central no loteamento Vila São Pedro) é intensamente utilizada pelos moradores, apesar de não possuir muitos equipamentos e mobiliário urbano. Tanto as quadras de esportes por crianças e jovens, como os bancos ao longo das calçadas por jovens, adultos e idosos, facilitando o

convívio social entre os moradores do conjunto e entorno imediato. Ainda, segundo as entrevistas, a escola realiza atividades com seus alunos, tais como educação física, na própria área verde. Essa constatação corrobora o que os moradores do conjunto citaram como principais atividades realizadas na área verde existente (ver Tabela 23), assim como a frequência de uso indicada (Tabela 24). A partir dos dados coletados, verificou-se que a frequência de uso dos moradores do conjunto e entorno é influenciada pelo nível de satisfação com a vegetação/ sombreamento (Spearman,  $c=.386$ ,  $sig.=.005$ ); pela quantidade de locais para sentar (Spearman,  $c=.325$ ,  $sig.=.020$ ); pela quantidade de ambientes de estar (Spearman,  $c=.423$ ,  $sig.=.002$ ); pela quantidade de espaços para a realização de diferentes atividades (Spearman,  $c=.339$ ,  $sig.=.015$ ); pela manutenção/ conservação (Spearman,  $c=.316$ ,  $sig.=.024$ ) e pela segurança durante o dia (Spearman,  $c=.423$ ,  $sig.=.002$ ). Dentre os moradores do entorno, constata-se um percentual mais elevado de respondentes que não utilizam a área verde.

Tabela 23: Principais usos da área verde do local onde moram

	brincadeiras	socialização	esportes	outros usos	não usa
Conjunto	35,0%	50,0%	0,0%	5,0%	40,0%
Entorno	22,6%	35,5%	6,5%	0,0%	61,3%

Tabela 24: Frequência de uso da área verde do local onde moram

	diariamente	fim semana	3 a 4x/ mês	2x por mês	não usa
Conjunto	5,0%	20,0%	10,0%	25,0%	40,0%
Entorno	6,5%	12,9%	12,9%	6,5%	61,3%

A localização da área verde do local onde moram é avaliada positivamente pela totalidade dos moradores do conjunto (100%), assim como a maioria (75,5%) avalia positivamente a quantidade de praças/ áreas verdes no bairro. Em relação à área verde existente, os moradores do conjunto avaliam satisfatoriamente a vegetação/ sombreamento (90,0%); a quantidade de locais para sentar (80,0%); a quantidade de ambientes de estar (80,0%); a quantidade espaços para a realização de diferentes atividades (75,0%) e os locais para criança brincar (75,0%). No entanto, 60,0% dos respondentes estão insatisfeitos com a manutenção/ conservação da área verde. Cabe destacar que, no momento das entrevistas, os moradores comentaram que a área verde era boa, mas pela falta de manutenção e vandalismo, não está em boas condições de uso. Foi mencionado que alguns moradores ajudam a manter a praça, pois recolhem, periodicamente, o lixo deixado pelos usuários. Quanto à percepção de segurança, 75,0% dos moradores avaliam positivamente a segurança durante o dia e 40,0% avaliam negativamente a segurança durante a noite, sendo que 50,0% não sabem responder. A

percepção de insegurança durante a noite pode estar relacionada com a iluminação inadequada, pois 30,0% avaliam negativamente e 55,0% não sabem responder. Os moradores comentaram que a área verde é muito perigosa durante a noite, em função do uso de drogas. Ainda, é importante notar o percentual elevado de respondentes que não sabem avaliar a iluminação e segurança durante a noite.

Dentre os moradores do entorno do conjunto, os respondentes estão satisfeitos com a localização das praças/ áreas verdes no bairro (93,5%) e com a quantidade de praças/ áreas verdes no bairro (80,6%). Foi constatado que os moradores do entorno ao sul da rua Bruno de Andrade estão mais satisfeitos com a quantidade de praças/ áreas verdes no bairro do que os moradores do entorno norte, o que pode estar associada à percepção de limite do bairro. Segundo os moradores do entorno, a área verde existente tem vegetação/ sombreamento (83,9%) e quantidade de locais para sentar (67,7%) satisfatórios. Por outro lado, a quantidade de ambientes de estar (38,7%); a quantidade de espaços para a realização de diferentes atividades (41,9%); os locais para criança brincar (64,5%) e a manutenção/ conservação (74,2%) são avaliados negativamente. Quanto à percepção de segurança, 67,7% dos moradores avaliam positivamente a segurança durante o dia e 71,0% avaliam negativamente a segurança durante a noite, sendo que 16,2% não sabem responder. A percepção de insegurança durante a noite pode estar relacionada com a iluminação inadequada, onde 29,0% avaliam negativamente e 22,6% não sabem responder. Os resultados indicam que os moradores do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade estão bem mais insatisfeitos do que os moradores do entorno ao sul da rua Bruno de Andrade em todos os itens avaliados. É importante notar que apenas dois moradores do entorno norte mencionaram a existência e uso eventual da Praça da Bíblia (no entorno ao norte da rua Bruno de Andrade).

Ainda, quando perguntados se usariam mais as praças/ áreas verdes para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 65,0% dos moradores do conjunto e 77,4% dos moradores do entorno responderam que sim, novamente indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.4.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços

Em relação ao uso de equipamentos comunitários existentes no bairro (ver Tabela 25), é importante destacar que os equipamentos comunitários citados estão localizados no entorno do conjunto, evidenciando que os moradores circulam por toda a área e, de certa forma, interagem com os demais moradores do bairro. O centro comunitário citado na Tabela 25 se refere ao salão paroquial da Igreja Católica e o posto de saúde citado está localizado na junção

das ruas Hans Varelmann e Via II, portanto, fora da área de estudo, mas bem próximo. Ainda, dois moradores mencionaram que utilizam a Associação Comunitária do Bairro Municipal, para atividades em grupo.

Tabela 25: Uso dos equipamentos comunitários do bairro

	escola	creche	centro	posto	templo	clube	outro
Conjunto	25,0%	0,0%	10,0%	20,0%	65,0%	0,0%	0,0%
Entorno	38,7%	3,2%	0,0%	12,9%	51,6%	3,2%	12,9%

Nota: Centro= Centro comunitário; Posto= Posto de saúde; Templo= Templo religioso.

No momento das entrevistas, os moradores do conjunto e do entorno foram unânimes na avaliação positiva quanto à qualidade da infraestrutura e serviços do bairro e a quase totalidade (90,0%) dos moradores do conjunto e entorno disseram utilizar o próprio bairro Timbaúva para as compras do dia a dia. Foi mencionado que tem tudo no bairro (escola, banco, lojas, mercados, padarias, oficinas, farmácias) e que os moradores não precisam mais se deslocar para o centro antigo da cidade. Os moradores também salientam que tem bastante variedade e, cada vez mais, as opções no bairro têm aumentado, mas alguns moradores discordam e colocam que ainda faltam lojas de roupas e sapatos, assim como destacam a necessidade de ter mais um banco, por exemplo, a Caixa Econômica Federal, para receber a aposentadoria. É possível perceber que este bairro (especialmente a rua Bruno de Andrade) se tornou um novo centro comercial, quase independente do centro antigo da cidade, pois a diversidade de atividades existentes no bairro, supre as necessidades diárias dos moradores.

Tabela 26: Indicador socioeconômico

	hábitos de compra		meios locomoção		local de trabalho	
Conjunto	bairro	100,0%	à pé	25,0%	bairro	25,0%
Total: 20 respondentes	Centro	5,0%	bicicleta	20,0%	Centro	20,0%
	Timbaúva	100,0%	motocicleta	10,0%	Timbaúva	0,0%
	outro	0,0%	carro	40,0%	não trabalha	40,0%
			ônibus	45,0%	outros bairros	15,0%
			outro	0,0%	fora da cidade	0,0%
				outro	0,0%	
Entorno	bairro	100,0%	à pé	41,9%	bairro	51,6%
Total: 31 respondentes	Centro	12,9%	bicicleta	12,9%	Centro	3,2%
	Timbaúva	100,0%	motocicleta	0,0%	Timbaúva	3,2%
	outro	0,0%	carro	54,8%	não trabalha	32,3%
			ônibus	35,5%	outros bairros	6,5%
			outro	3,2%	fora da cidade	0,0%
				outro	3,2%	

Os resultados dos questionários confirmam que 100,0% dos moradores do conjunto e do entorno utilizam o próprio bairro, ou seja, o bairro Timbaúva, para as compras do dia a dia. Dentre os moradores do entorno, apenas 12,9% disseram que também utilizam o bairro

Centro. Os hábitos de compra no dia a dia dos moradores do conjunto podem estar relacionados aos principais meios de locomoção e ao local de trabalho (ver Tabela 26, acima). É possível constatar o percentual elevado de respondentes que se deslocam à pé, principalmente entre os moradores do entorno, confirmando a boa acessibilidade da área, assim como a adequada infraestrutura e condições de serviços no próprio bairro.

#### **4.4.7 Relacionamento de vizinhança**

Em geral, os moradores do conjunto têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram (95,0%), sendo que entre esses, 60,0% responderam que o relacionamento é muito bom. Da mesma forma, 95,0% dos moradores têm bom relacionamento com os vizinhos do bairro, dos quais 50,0% consideram que o relacionamento é muito bom. A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação, tanto por parte dos moradores do conjunto quanto do entorno, com o relacionamento entre vizinhos no bairro influencia a percepção do tipo de relação do bairro (Spearman,  $c=.460$ ,  $sig.=.001$ ). Na opinião desses respondentes, bom vizinho é aquele que ajuda quando precisa, portanto, mais solidário (60,0%); aquele que simplesmente não incomoda (35,0%) ou aquele que mantém contato próximo (5,0%). O tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram é percebido principalmente como de amizade (80,0%) ou de comunidade (20,0%). Já o tipo de relação entre os vizinhos no bairro é percebido principalmente como de amizade (80,0%); de comunidade (10,0%) ou de indiferença (10,0%). Pode-se perceber uma pequena diferença na percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) no local onde moram e no bairro, onde o percentual de percepção de relação de comunidade diminui quando considerado o bairro. Em relação às amizades, os moradores do conjunto dizem ter mais amigos no local (40,0%); mais amigos fora do bairro (35,0%) e amigos distribuídos no local, no bairro e fora do bairro (20,0%).

Dentre os moradores do entorno do conjunto, 100,0% têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram, sendo que entre esses, 71,0% dizem que o relacionamento é muito bom. O relacionamento com os vizinhos do bairro também é predominantemente bom (80,7%), dos quais 48,4% dizem que o relacionamento é muito bom. Os resultados indicam que os moradores do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade estão bem mais satisfeitos com o relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro do que os moradores do entorno ao sul da rua Bruno de Andrade. Na opinião dos moradores do entorno, bom vizinho é aquele que ajuda quando precisa (54,8%); aquele que simplesmente não incomoda (35,5%) ou aquele que mantém contato próximo (9,7%). O tipo de relação

entre os vizinhos no local onde moram é percebido principalmente como de amizade (67,7%) ou de comunidade (29,0%). Já o tipo de relação entre os vizinhos no bairro é percebido principalmente como de amizade (54,8%); de comunidade (25,8%) ou de indiferença (19,4%). Os resultados indicam que um percentual mais elevado de moradores do entorno ao sul da rua Bruno de Andrade considera bom vizinho aquele que simplesmente não incomoda, ou seja, apresenta menor expectativa de solidariedade entre os vizinhos. Ainda, indicam que um percentual mais elevado de moradores do entorno ao norte da rua Bruno de Andrade considera a relação de comunidade no local onde moram, indicando que os moradores ao norte apresentam relacionamento de maior proximidade. Os moradores do entorno possuem mais amigos no local onde moram (48,4%); mais amigos fora do bairro (25,8%) ou amigos distribuídos no local, no bairro e fora do bairro (16,1%).

Foi constatado, através das entrevistas, que 60,0% dos moradores do conjunto e 70,0% dos moradores do entorno têm bom relacionamento com os vizinhos mais próximos e moradores do bairro em geral, embora superficial, sem se visitar.

#### 4.5 ÁREA ESTUDO 4: Conjunto Habitacional Germano Henck e entorno

O conjunto habitacional Germano Henck é representativo de conjunto habitacional de porte grande, localizado distante do centro da cidade e não integrado com o entorno/ cidade, conforme pode ser constatado através do mapa axial e da análise de conexão do tecido do conjunto com o tecido do entorno imediato (Figuras 03 e 04). As figuras abaixo ilustram algumas características dos espaços públicos do conjunto (Figuras 75, 76 e 77).



**Figura 75** – Área verde



**Figura 76** – Ruas e calçadas



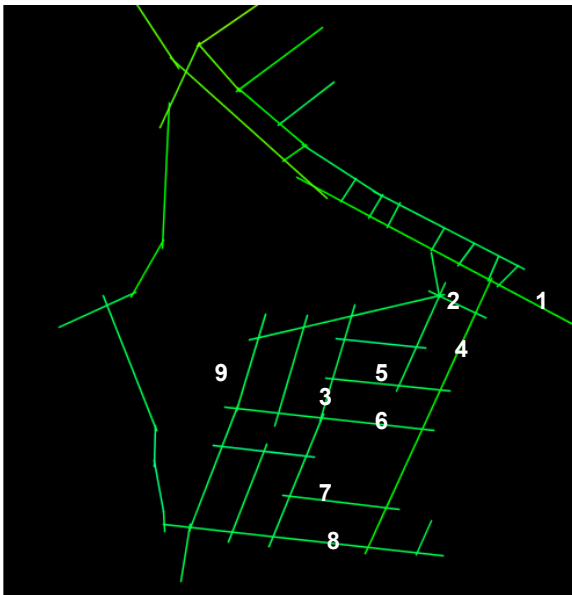
**Figura 77** – Acesso ao conjunto

##### 4.5.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial

As ruas consideradas mais importantes (e, portanto, com maior imageabilidade) pelos moradores do conjunto foram as “ruas do contorno”. Essas ruas contornam o conjunto e trocam de nome em cada segmento, sendo que alguns entrevistados nem sabiam seus nomes, mas as consideram mais importantes por ser o trajeto do ônibus, confirmando que a

continuidade das ruas facilita a identificação e a imagem ambiental dos moradores. Alguns moradores mencionaram a rua Vitória como a rua mais importante, por ser a rua da escola, além de ser uma via central, e outros citaram a rua Goiânia, também por ser uma via central, que atravessa o conjunto. Ainda, um morador ressaltou que não tem nenhuma via que considere mais importante do que as demais.

Analisando o mapa axial de integração global e local constata-se que o conjunto é bastante segregado em relação ao entorno/ cidade. A RS 124 e as ruas Maceió, Porto Alegre, Vitória, Salvador e Curitiba apresentam valores de integração (acessibilidade topológica) superiores aos valores das demais vias do conjunto, conforme ilustram as Figuras 78 e 79 e a Tabela 27. Na integração local, além destas vias, aparecem com valores um pouco mais elevados as ruas Terezina e Goiânia, mas por outro lado, os valores das ruas Salvador e Curitiba diminuem.



**FIGURA 78** - Mapa Axial da Área 4, Integração Global, recortado da Figura 03



**Figura 79** – Mapa axial da Área 4, Integração local R3, recortado da Figura 04

Nota: as linhas mais integradas apresentam cores mais quentes (vermelho e amarelo), enquanto que as linhas mais segregadas apresentam cores mais frias (verde e azul). Os mapas representam o ponto de vista do pedestre.

Tabela 27: Valores das medidas sintáticas da Área de Estudo 4

NOME DAS RUAS	ID	Integração Global	Integração Local
1 RS 124	841/ 836	0,403/ 0,422	2,377/ 2,066
2 Terezina	638/ 641	0,349/ 0,349	1,647/ 2,017
3 Goiânia	741/ 742	0,349/ 0,35	2,086/ 2,143
4 Maceió	646	0,384	2,588
5 Salvador	639	0,366	1,708
6 Vitória	642	0,366	1,985
7 Curitiba	645	0,366	1,563
8 Porto Alegre	722	0,366	2,079
9 Natal	745/ 744	0,349/ 0,35	1,738/ 1,875

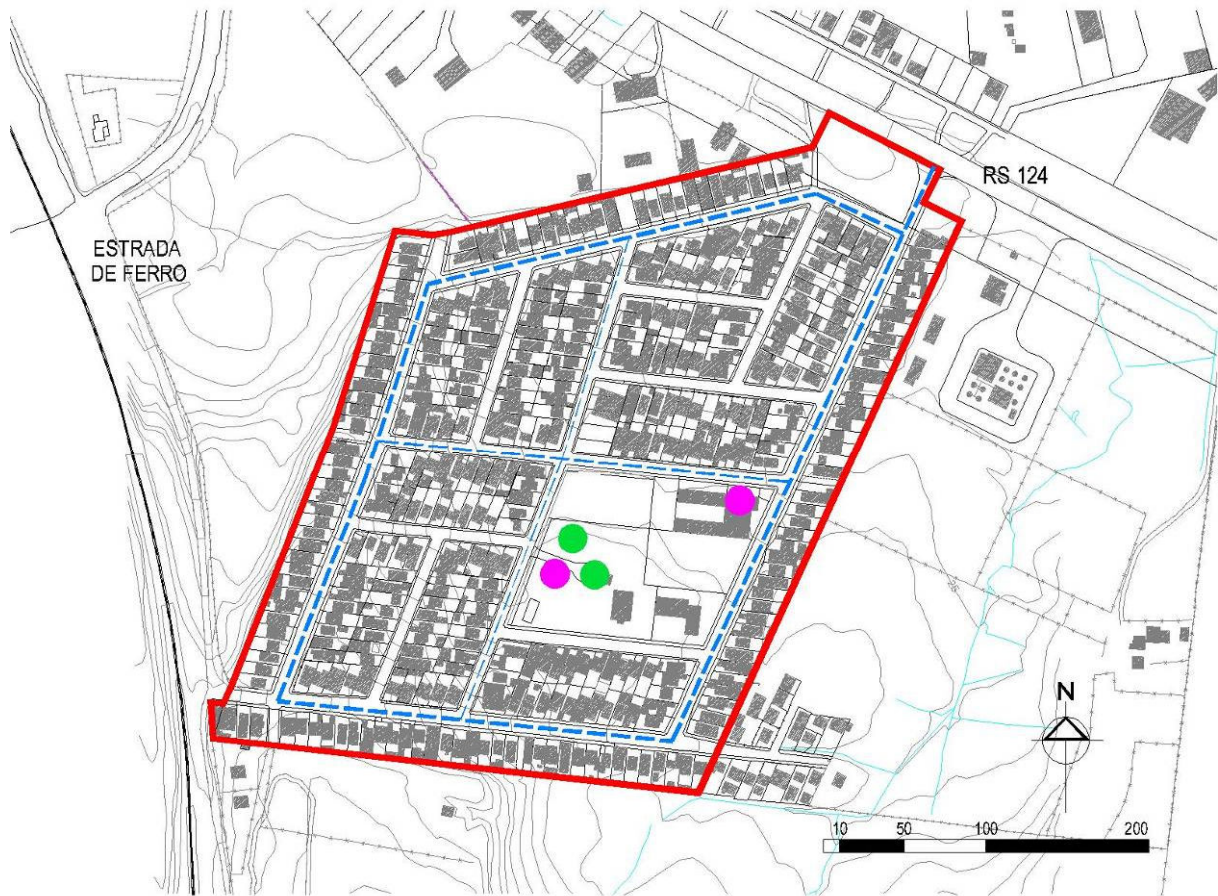
Verifica-se uma relação direta entre o grau de integração (acessibilidade topológica) das vias e as atividades desempenhadas ao longo destas. As atividades relacionadas com o atendimento do conjunto da população, tais como comércio e prestação de serviços, concentram-se nas vias de maior acessibilidade, ou seja, nas ruas que contornam o conjunto, fazendo uso das vantagens de acessibilidade oferecidas por essas localizações. Relacionando esses dados com as respostas dos entrevistados, percebe-se que as ruas mais citadas são as vias mais integradas e que, embora a RS 124 apresente valor de integração (acessibilidade topológica) mais elevado, ela não é mencionada como importante, pois está “fora” do conjunto, uma vez que o conjunto se conecta à RS 124 em apenas um trecho. Cabe salientar que a rua Maceió que faz a ligação do conjunto à RS 124 e a rua Porto Alegre, são dois trechos das “ruas de contorno” mais citadas pelos entrevistados.

Em relação à configuração do conjunto, percebe-se que ele se não se integra com o entorno, pois, além da distância em relação à área urbana consolidada, o conjunto está ligado à RS 124, que o conecta à cidade consolidada, em apenas um trecho. Essa estrutura é semelhante ao que Alexander (1965) chamou de estrutura em árvore, hierarquizada e limitada, estrutura interna da cidade artificial que, conforme Rigatti (1997), corresponde à estrutura de boa parte da produção da habitação social do Brasil. Nesse sentido, o conjunto se colocou, de certa forma, em oposição à cidade, não propiciando que seus moradores participem da vida urbana de modo amplo, por meio das relações econômicas, culturais, sociais e políticas. O fluxo de veículos e pedestres no conjunto se refere apenas aos habitantes e a eventuais visitantes. Magalhães (2007), ao estudar ruptura e contiguidade no urbanismo, exemplifica a ruptura com os conjuntos habitacionais produzidos pelo poder público no Rio de Janeiro e reforça esse isolamento que se deu por meio de expansões em grandes áreas vazias, localizadas além dos limites urbanos.

#### **4.5.2 Percepção de limite do bairro/ local onde moram**

Através da aplicação das entrevistas e mapas mentais, foi constatado que existem semelhanças na percepção de limites do bairro entre os moradores do conjunto e entre os moradores do entorno, o que pode estar relacionado com as características de implantação do conjunto e, ainda, que podem afetar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores no bairro (Figura 80).





**Figura 80** – Mapa da Área 4, com dados das entrevistas e mapas mentais. Fonte: autora, 2011

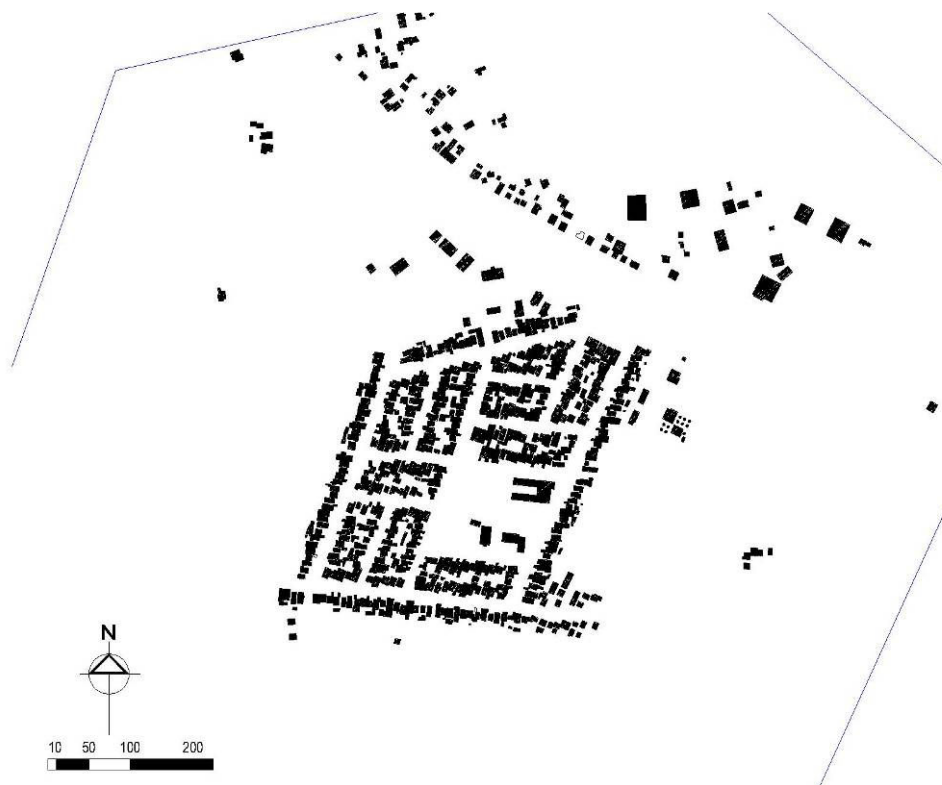
Nota: As linhas vermelhas indicam os limites do bairro; as linhas azuis indicam as ruas mais importantes; círculos verde=lugares desagradáveis; círculos magenta=lugares agradáveis.

Ao desenhar ou descrever o bairro onde vivem, todos os entrevistados, tanto os moradores do conjunto como os moradores do quarteirão que não faz parte do empreendimento, mas está localizado dentro do conjunto, consideram que o bairro coincide com o conjunto. Percebe-se que os limites do bairro onde vive estão muito claros para os entrevistados, possivelmente por ser uma ocupação concentrada, segregado do entorno (conectada em apenas um ponto) e com limites bem definidos, no caso a RS 124, que funciona como uma barreira física isoladora.

O mapa figura-fundo evidencia esse isolamento do conjunto em relação ao entorno (Figura 81). Segundo Lynch (1980), trata-se de uma ocupação “introvertida”, virada para si própria, com poucas referências à cidade em seu redor. Nesse sentido, Holanda (2002) coloca que há uma significativa evidência empírica que sugere que quanto mais profundo o sistema (baixa acessibilidade topológica, portanto) mais difícil a apropriação por parte do pedestre, particularmente pelos estranhos ao lugar que, em geral, são a maioria das pessoas nos espaços

públicos. O autor comenta que os estudos de Hillier quanto ao “efeito de gueto” dos conjuntos habitacionais em Londres são particularmente eloquentes nesse sentido. Esse “efeito de gueto” impede o estranho de penetrar naturalmente nas partes internas do lugar, maximizando, assim, o controle local em detrimento do controle do estranho. O autor destaca que a separação física acentua mais ainda esse isolamento categórico.

Autores (por exemplo, HOLANDA, 2002; FIGUEIREDO, 2010) ressaltam que a característica fundamental da urbanidade é o desempenho do espaço como mecanismo misturador e, assim, esse bairro não apresenta urbanidade. Em outros termos, Andrade (2010) utiliza o conceito de urbanidade como a ‘capacidade de acolhimento socioespacial dos lugares urbanos’ e, neste sentido, o conjunto deixa clara a sensação de estranho ao lugar, diferentemente de conjuntos integrados, onde há um movimento natural de moradores e estranhos que interagem mesmo sem se conhecer. Essa característica de implantação do conjunto Germano Henck (ocupação concentrada e isolada do entorno) permite muita clareza na definição dos limites do bairro, que acaba refletindo na percepção de segurança do local onde moram e, também, na interação entre os moradores do conjunto com o entorno.



**Figura 81** - Mapa Figura-fundo da Área de Estudo 4. Fonte: autora, 2011

Nota: O fundo branco indica os espaços não edificados, tanto os de domínio público, como os privados.

No momento dos questionários, esta questão foi retomada e, entre os moradores do conjunto, 97,5% consideram que o bairro coincide com a ocupação ao sul da RS 124, reforçando o isolamento gerado pela RS 124, e apenas 2,5% consideram também o outro lado da RS 124. Entre os moradores do entorno sul (sul da RS 124, ou seja, o quarteirão que não fez parte do empreendimento e o prolongamento da rua Porto Alegre), a totalidade dos moradores (100,0%) considera como limite do bairro a ocupação ao sul da RS 124. Já entre os moradores do entorno norte, 40,0% se consideram pertencentes ao bairro Aeroclub, no entanto, dizem que o conjunto Germano Henck apresenta melhores condições de infraestrutura, evidenciando a precariedade do entorno, e 60,0% se consideram pertencentes ao bairro Germano Henck, pela proximidade das ocupações.

A percepção de território também foi medida através do questionamento sobre quando se sentiam 'em casa', e a quase totalidade dos moradores do conjunto (90,0%) reconhecem o território quando chegam no bairro; 5,0% quando estão próximo ao local onde moram e 5,0% quando chegam em casa. Já os moradores do entorno reconhecem o território quando chegam no bairro (45,5%, sendo todos do entorno sul); quando estão próximo ao local onde moram (27,3%) ou quando chegam em casa (27,3%). Constata-se que os moradores do entorno ao sul da RS 124 se inserem no conjunto e apresentam a mesma percepção de limite de bairro que os moradores do conjunto e, ainda, que os moradores do conjunto, assim como os moradores do entorno ao sul da RS 124, percebem melhor a 'unidade' do bairro, possivelmente pela maior clareza na definição do conjunto como limite do bairro.

#### **4.5.3 Níveis de satisfação com o bairro**

Foi constatado que quase a totalidade dos moradores do conjunto está satisfeita com o bairro onde moram (97,5%), apesar da avaliação negativa em relação à ligação entre o bairro e a cidade (77,5%). Os moradores do conjunto também estão satisfeitos com a segurança (85,0%); com a qualidade dos serviços/ comércio (72,5%) e com a aparência (62,5%). Mas, por outro lado, a maioria está insatisfeita a qualidade das calçadas (77,5%) e a qualidade das praças/ áreas verdes (67,5%), confirmando o que o levantamento físico já indicava.

Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que a totalidade dos respondentes está satisfeita com o bairro onde moram (100,0%), apesar da avaliação negativa em relação à ligação entre o bairro e a cidade (54,6%) e da precariedade da infraestrutura constatada. Os moradores do entorno estão satisfeitos com a segurança (54,5%); com a aparência (54,5%) e com a qualidade dos serviços/ comércio (63,6%). Mas, por outro lado,

estão insatisfeitos com a qualidade das calçadas (63,6%) e com a qualidade das praças/ áreas verdes (45,5%). Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul da RS 124 estão bem mais satisfeitos do que os moradores ao norte da RS 124 em relação à segurança e à qualidade dos serviços/ comércio. No entanto, os moradores do entorno ao norte da RS 124 estão menos insatisfeitos nos demais itens avaliados, apesar de não ter calçadas nem praças/ áreas verdes no local onde moram, e da situação precária de infraestrutura e serviços, indicando, possivelmente, uma menor expectativa em relação ao local onde moram.

Quando comparados os níveis de satisfação com o bairro dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno em relação à segurança, aparência e qualidade dos serviços e comércio. No entanto, os moradores do entorno estão menos insatisfeitos com a ligação entre o bairro e a cidade, com a qualidade das calçadas e com a qualidade das praças e áreas verdes. Cabe ressaltar que a área verde, os equipamentos comunitários e os estabelecimentos de comércio e serviços estão localizados no conjunto habitacional. Os resultados ainda indicam que tanto os moradores do conjunto como os moradores do entorno estão bastante satisfeitos com o bairro onde moram.

#### **4.5.4 Níveis de satisfação com o local onde moram**

Foi constatado que quase a totalidade dos moradores do conjunto está satisfeita com o local onde moram (97,5%), assim como a maioria dos moradores estão satisfeitos com qualidade dos serviços/ comércio (75,0%). Foi também constatado que 85,0% dos moradores do conjunto estão satisfeitos em relação à segurança, fortemente influenciados pela satisfação com a segurança quanto ao crime das ruas do local onde moram (Spearman,  $c.=.874$ ,  $sig.=.000$ ). No levantamento físico foi constatado que 69,40% dos fechamentos das testadas dos lotes do conjunto é baixo (sem fechamento, muro e/ou grade 1,0m), refletindo essa percepção de segurança (Figura 82). Em relação à aparência, 62,5% dos moradores estão satisfeitos, sendo verificada a correlação entre o nível de satisfação dos moradores do conjunto e do entorno com a aparência das ruas e o nível de satisfação com a aparência no local onde moram (Spearman,  $c.=.462$ ,  $sig.=.001$ ). A qualidade das calçadas do local onde moram foi negativamente avaliada (77,5%) devido à falta de manutenção, provavelmente associada à irregularidade da pavimentação, conforme indica a correlação existente entre qualidade das calçadas e nível de manutenção (Spearman,  $c.=.362$ ,  $sig.=.009$ ), confirmando o que o levantamento físico indicava sobre a precariedade das calçadas. A qualidade das praças/ áreas verdes também foi avaliada negativamente (67,5%), influenciada pela falta de locais

para sentar (Spearman,  $c=.387$ ,  $\text{sig}=.005$ ); pela falta de ambientes de estar (Spearman,  $c=.501$ ,  $\text{sig}=.000$ ); pela falta de espaços para a realização de diferentes atividades (Spearman,  $c=.407$ ,  $\text{sig}=.003$ ) e pela falta de locais para as crianças brincar (Spearman,  $c=.348$ ,  $\text{sig}=.012$ ).



**Figura 82** - Mapa da Área 4, com indicação do fechamento das testadas. Fonte: autora, 2011

Nota: azul claro tracejado= grade 1,0m; azul contínuo= muro 1,0m; amarelo tracejado= grade 2,0m; tracejado vermelho= muro +grade 2,0m; magenta contínuo= muro 2,0m.

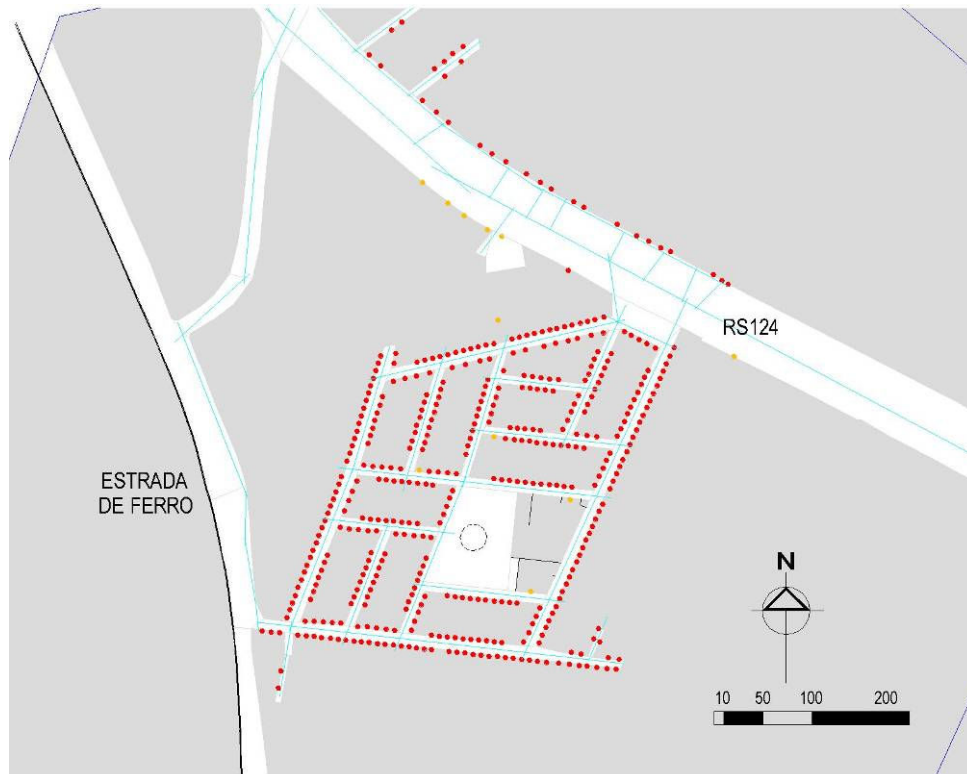
Entre os moradores do entorno do conjunto, foi constatado que a totalidade dos respondentes está satisfeita com o local onde moram (100,0%). Foi também constatado que apenas 36,4% estão satisfeitos com a aparência e apenas 36,4% estão satisfeitos em relação à segurança, sendo que os moradores do entorno ao sul da RS 124 estão bem mais satisfeitos do que os moradores do entorno ao norte. No levantamento físico foi constatado que 100,0% do fechamento das testadas dos lotes do entorno sul, 86,36% do entorno meio e 69,23% do entorno norte tem fechamento baixo (sem fechamento, muro e/ou grade 1,0m), apesar da percepção de insegurança, o que pode estar relacionado com o baixo poder aquisitivo dos moradores do entorno, sem recursos para executar fechamentos para aumentar a proteção contra crimes. Já em relação aos espaços públicos abertos, 100,0% dos moradores estão insatisfeitos com a qualidade das calçadas e 81,8% estão insatisfeitos com qualidade das praças/ áreas verdes, sendo verificado que os moradores do entorno ao norte da RS 124 estão

bem mais insatisfeitos do que os moradores ao sul da RS 124. Em relação à qualidade dos serviços/ comércio, 54,6% estão insatisfeitos, sendo que os moradores do entorno ao norte da RS 124 estão bem mais insatisfeitos. Cabe ressaltar novamente que não existem praças/ áreas verdes e estabelecimentos de comércio no entorno ao norte da RS 124.

Quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram dos moradores do conjunto com os níveis de satisfação dos moradores do entorno, constatou-se que os moradores do conjunto habitacional estão mais satisfeitos do que os moradores do entorno, com exceção da satisfação de morar no local, onde os moradores do entorno são unânimes na avaliação positiva. Ainda, quando comparados os níveis de satisfação com o local onde moram e os níveis de satisfação com o bairro, constata-se que os moradores do conjunto apresentam os mesmos percentuais de satisfação, em função da percepção de limite do bairro (apenas o conjunto). Os moradores do entorno estão mais satisfeitos com o bairro do que com o local onde moram em todos os itens avaliados, no entanto, na satisfação de morar no local e no bairro, os moradores do entorno são unânimes na avaliação positiva.

#### **4.5.5 Imagem ambiental e atributos percebidos**

Quando solicitados para indicar os locais mais agradáveis do bairro (Figura 80, acima), 33% dos moradores do conjunto acham que não tem um lugar agradável no bairro, mas, por outro lado, 33% disseram que é a própria casa; 25% disseram que é a calçada na frente da casa; um morador mencionou o colégio e outro mencionou a área verde. Alguns entrevistados mencionaram que o lugar agradável do bairro seria a área verde, para a realização de atividades de lazer e convívio social, no entanto, ressaltam que ela não tem o ‘conforto adequado nem para sentar’, confirmando estudos anteriores (por exemplo, WHYTE, 1980) que sustentam que a qualidade de um espaço público de lazer pode ser medida, antes de mais nada, pelo número de lugares confortáveis e convenientes para que os usuários possam sentar. Ainda, uma moradora colocou que todo bairro é agradável, pois considera um bairro tranquilo e bom de morar.



**Figura 83** - Mapa de barreiras da Área 4, com indicação das constituições. Fonte: autora, 2011

Nota: Vermelho= residenciais; laranja= não residenciais; azul claro= linhas axiais; cinza= ilhas espaciais; círculo tracejado cinza= locais mais desagradáveis.

Dentre os locais identificados como mais desagradáveis do bairro (Figura 80, acima), 50,0% dos entrevistados mencionaram que não tem lugar desagradável no bairro, mas 42,0% mencionaram a área verde, por ser perigosa em função dos grupos de drogas que se juntam e, ainda segundo os entrevistados, ‘os grandes tomam conta e não deixam as crianças brincar’. Alguns moradores comentaram que a área verde já melhorou um pouco em termos de segurança, depois que colocaram algumas luminárias. Em geral, os motivos apontados para a indicação dos locais mais desagradáveis do bairro referem-se à questão da insegurança e estão relacionados à copresença, conforme evidencia o mapa de barreiras com indicação das constituições (conexões funcionais) e, também, à falta de iluminação adequada na área verde, que influencia a percepção de insegurança (ver Figura 83, acima).

#### 4.5.6 Apropriação e características fisioespaciais

É observado no mapa comportamental (Figura 74) que as pessoas caminham pelas ruas, tanto nas vias secundárias como na maior parte das vias de contorno. É interessante notar que o fluxo de pedestres é intenso, especialmente nas ruas mais integradas localmente. Em alguns trechos das ruas mais segregadas, mas também nas ruas Porto Alegre e Maceió que são ruas mais integradas e trajeto do ônibus, as crianças brincam na própria rua. As

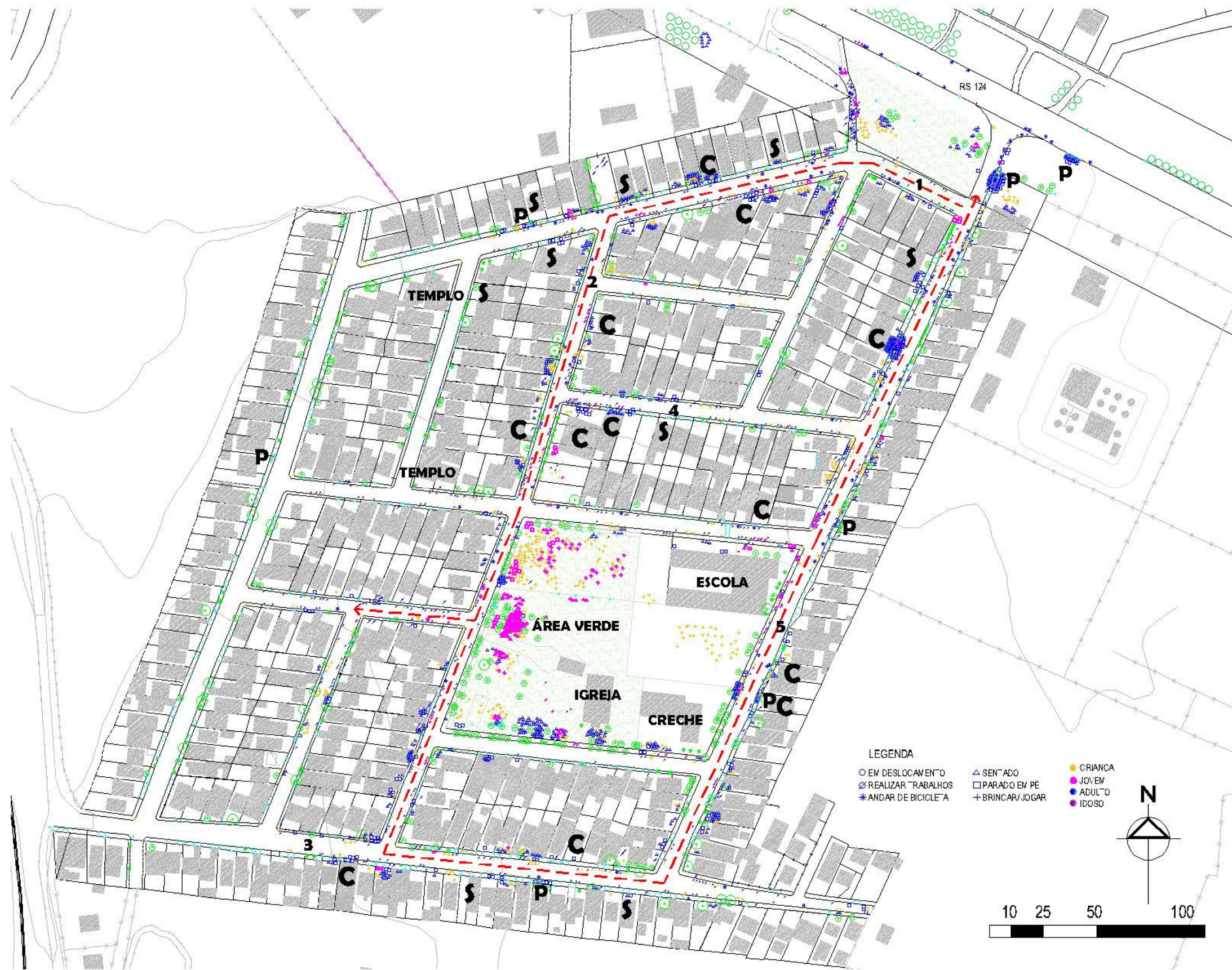
observações de traços físicos também evidenciaram o novo acesso ao conjunto criado pelos moradores, a oeste do acesso projetado, que encurta distância de deslocamentos e é mais utilizado pelos pedestres e ciclistas. No entorno, as pessoas também caminham pelas ruas, que não são pavimentadas e tampouco possuem demarcação das calçadas.

As calçadas do conjunto são pouco utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização e, para isso, os recuos de ajardinamento são mais utilizados. No entanto, foi constatado que nas calçadas ao lado e na frente da creche, que possuem árvores de porte, com sombreamento, os moradores colocaram bancos fixos e, diariamente, se encontram para conversar, tomar chimarrão e olhar o movimento.

A área verde existente, apesar de não possuir equipamentos e mobiliário urbano, é intensamente utilizada pelos moradores, principalmente, o campo de futebol por crianças e jovens. As calçadas ao longo da área verde são intensamente utilizadas pelos moradores lindeiros (jovens, adultos e crianças), possivelmente pela proximidade e facilidade de levar cadeiras para sentar, uma vez que não existem bancos no local. Foi também constatado um ambiente de estar, que possui os únicos bancos existentes na área verde, intensamente utilizado pelos jovens diariamente (território dos jovens). O espaço público aberto na entrada do conjunto não possui nenhum equipamento e mobiliário urbano, mas mesmo assim, os moradores lindeiros a utilizam: os adultos levam suas cadeiras para conversar e tomar chimarrão e as crianças para brincadeiras.

Foi verificada uma movimentação mais intensa nos arredores da escola, principalmente nos horários de início e término das aulas. No entorno dos estabelecimentos de comércio e serviços também é constatada uma movimentação mais intensa, tanto no comércio projetado (rua Salvador esquina rua Goiânia) como nos mercados das ruas Terezina e Porto Alegre. No bar/ lancheria localizado na rua Maceió, que é a rua mais integrada do conjunto, foi identificado um agrupamento de homens conversando, bebendo e olhando o movimento diariamente. Ainda, foi constatada a intensa utilização da parada de ônibus, na entrada do conjunto, assim como o fluxo de pedestres mais intenso nas proximidades da parada.





**Figura 84** – Mapa Comportamental da Área de Estudo 4. Fonte: autora, 2011

Nota: Linha vermelha indica percurso das observações comportamentais; C= Comércio; S= Serviço; P= Parada de ônibus. 1= Rua Terezina; 2= Rua Goiânia; 3= Rua Porto Alegre; 4= Rua Salvador; 5= Rua Maceió.

#### 4.5.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio

A apropriação dos espaços públicos abertos também foi verificada através dos questionários. Os respondentes – moradores do conjunto e moradores do entorno – foram questionados sobre as atividades que costumam realizar nas horas de lazer, os locais que costumam utilizar para as atividades de lazer e convívio no bairro e os locais onde as crianças costumam brincar (ver Tabela 28).

Tabela 28: Atividades e locais de lazer e convívio

	atividades		locais		crianças	
Conjunto	passar	30,0%	praça	47,5%	praça	20,0%
Total: 40 respondentes	conversar	52,5%	calçadas	42,5%	calçadas	12,5%
	esportes	15,0%	vizinhos	2,5%	vizinhos	0,0%
	ativ. em casa	65,0%	casa	70,0%	casa	32,5%
	chimarrão	45,0%	clube	0,0%	clube	0,0%
	contemplar	10,0%	associação	0,0%	não tem	55,0%
	brincadeiras	25,0%	outro local	0,0%	outro local	0,0%
	trab. manuais	5,0%				
	ativ. em grupo	10,0%				
	outra atividade	0,0%				
Entorno	passar	18,2%	praça	27,3%	praça	9,1%
Total: 11 respondentes	conversar	36,4%	calçadas	9,1%	calçadas	9,1%
	esportes	0,0%	vizinhos	9,1%	vizinhos	0,0%
	ativ. em casa	72,7%	casa	81,8%	casa	36,4%
	chimarrão	45,5%	clube	0,0%	clube	0,0%
	contemplar	0,0%	associação	0,0%	não tem	63,6%
	brincadeiras	0,0%	outro local	0,0%	outro local	0,0%
	trab. manuais	0,0%				
	ativ. em grupo	0,0%				
	outra atividade	0,0%				

Foi constatado que, embora o percentual de atividades em casa dos moradores do conjunto também seja elevado, eles realizam mais atividades e com mais intensidade quando comparados com os moradores do entorno. Foi também constatado que os moradores do conjunto utilizam mais os espaços públicos abertos do que os moradores do entorno, que basicamente utilizam a própria casa para as atividades de lazer e convívio social, o que estar associado à falta de locais adequados para a realização de atividades de lazer e convívio, conforme constatado no levantamento físico. Foi comentado pelos moradores que faz muita falta no bairro uma área de lazer, com pavilhão para festas e uma praça com brinquedos para crianças. Os moradores também reclamaram do prédio da Associação Comunitária que está em estado precário, com risco de desabamento, e da obra da Igreja que está parada há bastante tempo. Outros moradores comentaram que usam o próprio pátio para se reunir com os

vizinhos, pois é mais seguro para seus filhos brincarem dentro do pátio, uma vez que as calçadas e as ruas são muito estreitas.

Verificou-se um percentual elevado de respondentes do conjunto e entorno que não possuem criança em casa, mas entre as que possuem, existe um percentual expressivo de crianças que utilizam a própria casa para brincar, indicando novamente a inexistência de locais adequados para atividades de lazer e convívio social.

#### 4.5.6.2 Apropriação das ruas e calçadas

Apesar do baixo fluxo de veículos nas ruas do conjunto, 72,5% dos moradores do conjunto avaliam negativamente a segurança quanto ao trânsito e muitos respondentes mencionaram o fato das ruas serem estreitas e mal conservadas, entretanto, 87,5% têm avaliação positiva em relação à segurança quanto ao crime. Quanto à aparência/ manutenção das ruas, 62,5% têm avaliação negativa, dos quais 25% a consideram muito inadequada. Já os moradores do entorno avaliam negativamente a segurança quanto ao trânsito (63,6%) e a segurança quanto ao crime (27,3%). Os resultados indicam que os moradores ao norte da RS 124 estão mais insatisfeitos em relação à segurança quanto ao trânsito e à segurança quanto ao crime do que os moradores ao sul da RS 124. Ainda, 72,5% estão insatisfeitos com a aparência/ manutenção das ruas, sendo que entre esses, 54,5% a consideram muito inadequada. Os resultados indicam que os moradores ao norte da RS estão mais insatisfeitos em relação à aparência das ruas do que os moradores ao sul da RS, pois a totalidade dos moradores do entorno norte avaliam negativamente, devido à falta de pavimentação e infraestrutura (por exemplo, rede de esgoto).

Foi constatado através das observações comportamentais que os pedestres caminham pela rua na maior parte do conjunto e que as calçadas são pouco utilizadas para atividades de lazer e convívio social, com exceção das 'calçadas' ao longo da área verde, que são bastante utilizadas. Essa constatação corrobora o que os moradores citaram como principais atividades das calçadas (ver Tabela 29). Boa parte dos moradores já ressaltou nas entrevistas a precariedade das calçadas (estreitas, sem pavimentação e sem manutenção) e a dificuldade de circulação, também constatadas no levantamento físico. No momento dos questionários, os moradores do conjunto avaliaram negativamente a aparência/ manutenção das calçadas do local onde moram (72,5%); a largura das calçadas para circular (40,0%) e a largura para realização de atividades de convívio social (60,0%). Um morador relatou que, nos trechos onde há vegetação, não é possível caminhar pela calçada. Em relação à vegetação/ sombreamento, 75,0% dos moradores do conjunto estão insatisfeitos, confirmando o que o

levantamento físico indicava sobre o reduzido número de árvores nas calçadas. Já quanto à iluminação, 87,5% dos moradores do conjunto avaliam positivamente as calçadas.

Tabela 29: Principais usos das calçadas do local onde moram

	deslocamentos	caminhadas	socialização	brincadeiras	outros usos
Conjunto	55,0%	10,0%	37,5%	12,5%	2,5%
Entorno	27,3%	0,0%	9,1%	0,0%	0,0%

Foi também constatado que os moradores do entorno ao norte da RS 124, assim como os moradores do entorno ao sul da RS 124, caminham pelas ruas, que não são pavimentadas e tampouco existe demarcação das calçadas. Essa constatação confirma o que os moradores citaram como principais atividades das calçadas, onde 75,0% dos moradores que possuem calçadas apontaram o uso somente para deslocamentos. Cabe destacar que no entorno ao norte do conjunto, assim como no entorno sul (prolongamento da rua Porto Alegre) não existem calçadas, reforçando a precariedade do entorno. Ainda, no trecho onde existe calçada (quarteirão que não fez parte do empreendimento), 50,0% avaliam negativamente a largura das calçadas para circular e 75,0% avaliam negativamente a largura das calçadas para realização de atividades de convívio social. Da mesma forma, os moradores do entorno avaliam negativamente a vegetação/ sombreamento (75,0%) e aparência/ manutenção (75,0%). Já quanto à iluminação, 75,0% estão satisfeitos com as calçadas.

Ainda, quando perguntados se usariam mais as calçadas para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 85,0% dos moradores do conjunto e 81,8% dos moradores do entorno responderam que sim, indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.5.6.3 Apropriação das praças e áreas verdes

Foi confirmado através das observações comportamentais que a área verde (central no conjunto), apesar de possuir poucos equipamentos e mobiliário urbano, é bastante utilizada pelos moradores, principalmente, o campo de futebol por crianças e jovens. O espaço das calçadas em torno da área verde é bastante utilizado pelos moradores lindeiros (os moradores precisam levar suas cadeiras para poder sentar), tanto por jovens, como por adultos e idosos, facilitando o convívio social dos moradores entre si. Essas constatações corroboram o que os moradores do conjunto citaram como principais atividades realizadas na área verde (Tabela 30), assim como a frequência de uso indicada (Tabela 31). A partir dos dados coletados, verificou-se que a frequência de uso dos moradores do conjunto e entorno é influenciada pela quantidade de locais para sentar (Spearman,  $c=.342$ ,  $sig=.014$ ) e pela quantidade de

ambientes de estar (Spearman,  $c=.355$ ,  $sig.=.010$ ). Cabe destacar que, nas entrevistas, quase a totalidade dos moradores responderam que não consideram a área verde como praça, pela ausência de equipamentos, mobiliário e, principalmente, de brinquedos para crianças. Apesar da área verde estar localizada no centro, tanto em termos geométricos como topológicos, existem dificuldades de uso da área, pela estigmatização como área de encontro de marginais e de consumo de drogas, narradas pelos moradores.

Tabela 30: Principais usos da área verde do local onde moram

	brincadeiras	socialização	esportes	outros usos	não usa
Conjunto	27,5%	47,5%	5,0%	2,5%	52,5%
Entorno	0,0%	27,3%	0,0%	0,0%	72,7%

Tabela 31: Frequência de uso da área verde do local onde moram

	diariamente	fim semana	3 a 4x/ mês	2x por mês	não usa
Conjunto	7,5%	22,5%	10,0%	7,5%	52,5%
Entorno	0,0%	0,0%	0,0%	27,3%	72,7%

A localização da área verde no bairro é avaliada positivamente por 97,5% dos moradores do conjunto e 100,0% têm avaliação positiva quanto à quantidade de praças/ áreas verdes no bairro. Em relação à área verde existente, os moradores do conjunto avaliam positivamente a vegetação/ sombreamento (95,0%), mas, por outro lado, avaliam negativamente a iluminação (60,0%); a quantidade de locais para sentar (60,0%); a quantidade de ambientes de estar (75,0%); a quantidade de espaço para a realização de diferentes atividades (80,0%); os locais para criança brincar (92,5%) e a manutenção/ conservação (52,5%). Quanto à percepção de segurança, 80,0% dos moradores avaliam positivamente a segurança durante o dia e 50,0% avaliam negativamente a segurança durante a noite, sendo que 15,0% não sabem responder. Os moradores mencionaram a insegurança da área verde em função da iluminação inadequada, do uso de drogas e vandalismo. De fato, foi constatado nas observações comportamentais o uso de drogas por jovens, diariamente, inclusive durante o dia.

Quanto aos moradores do entorno, 81,8% têm avaliação positiva quanto à localização da área verde no bairro e quanto à quantidade de praças/ áreas verdes no bairro, sendo que os moradores do entorno ao sul da RS 124 estão bem mais satisfeitos do que os moradores do entorno ao norte da RS 124. Essa diferença nos percentuais entre o entorno sul e o entorno norte pode estar associada à percepção de limite do bairro. Em relação à área verde existente, 72,8% estão satisfeitos com a vegetação/ sombreamento e apenas 27,3% estão satisfeitos com a manutenção/ conservação. Por outro lado, os moradores do entorno avaliam negativamente

a iluminação (27,3%); a quantidade de locais para sentar (45,5%); a quantidade de ambientes de estar (36,4%); a quantidade de espaços para a realização de diferentes atividades (36,4%) e os locais para criança brincar (36,4%). Quanto à percepção de segurança, 45,5% dos moradores avaliam positivamente a segurança durante o dia e 45,5% avaliam negativamente a segurança durante a noite. É importante notar que 27,3% dos respondentes não souberam responder nenhum dos itens avaliados, pois desconhecem a área verde, indicando que boa parte dos moradores não ‘passam’ pela área verde, pois, apesar da sua localização central no conjunto, é distante dos moradores do entorno ao norte da RS 124.

Quando perguntados se usariam mais as praças/ áreas verdes para lazer e convívio social, caso essas fossem mais adequadas, 92,5% dos moradores do conjunto e 72,7% dos moradores do entorno responderam que sim, novamente indicando a intenção de interação social, mas condicionada aos aspectos físicos.

#### 4.5.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços

Em relação ao uso de equipamentos comunitários existentes no bairro (ver Tabela 32), é importante destacar que os equipamentos comunitários citados estão localizados no conjunto ou, no caso do posto de saúde, na RS 124, evidenciando que os poucos moradores do entorno circulam pelo conjunto e, de certa forma, interagem com os moradores do conjunto. Por outro lado, a ausência de equipamentos comunitários e estabelecimentos de comércio e serviços no entorno pode fazer com que os moradores do conjunto não circulem pelo entorno.

Tabela 32: Uso dos equipamentos comunitários do bairro

	escola	creche	centro	posto	templo	clube	outro
Conjunto	37,5%	10,0%	5,0%	85,0%	40,0%	0,0%	2,5%
Entorno	36,4%	0,0%	0,0%	81,8%	18,2%	0,0%	0,0%

Nota: Centro= Centro comunitário; Posto= Posto de saúde; Templo= Templo religioso.

No momento das entrevistas, boa parte dos moradores do conjunto e do entorno (42,0%) avaliaram negativamente a qualidade da infraestrutura e serviços do bairro, manifestando insatisfação com as poucas opções existentes e a dependência dos centros (Centro ou Timbaúva) da cidade para tudo. Foi comentado que os moradores que utilizam o ônibus como meio de transporte, utilizam mais o bairro Centro, pois a linha de ônibus vai diretamente ao centro e, também, porque consideram que tem mais opções. Os moradores que utilizam a bicicleta como meio de transporte utilizam mais o bairro Timbaúva, pela proximidade. Ainda, alguns moradores comentaram que procuram comprar tudo no bairro, para não gastar com passagem de ônibus (custo do deslocamento). A avaliação não foi pior,

possivelmente porque, considerando a faixa de renda, os moradores compram somente o necessário para a sobrevivência e, assim, os poucos estabelecimentos existentes suprem as necessidades do lugar. Também foi comentado que alguns moradores fazem o ‘rancho do mês’ de um caminhão que passa, mensalmente, no bairro.

Tabela 33: Indicador socioeconômico

	hábitos de compra		meios locomoção		local de trabalho	
Conjunto	bairro	85,0%	à pé	7,5%	bairro	12,5%
Total: 40 respondentes	Centro	12,5%	bicicleta	20,0%	Centro	10,0%
	Timbaúva	15,0%	motocicleta	10,0%	Timbaúva	0,0%
	outro	0,0%	carro	25,0%	não trabalha	60,0%
			ônibus	82,5%	outros bairros	12,5%
			outro	0,0%	fora da cidade	0,0%
					outro	5,0%
Entorno	bairro	63,6%	à pé	0,0%	bairro	18,2%
Total: 11 respondentes	Centro	18,2%	bicicleta	18,2%	Centro	9,1%
	Timbaúva	36,4%	motocicleta	9,1%	Timbaúva	0,0%
	outro	0,0%	carro	45,5%	não trabalha	63,6%
			ônibus	63,6%	outros bairros	0,0%
			outro	0,0%	fora da cidade	9,1%
					outro	0,0%

Porém, os resultados dos questionários indicam que 75,0% dos moradores do conjunto estão satisfeitos em relação à qualidade dos serviços/ comércio e utilizam, para as compras no dia a dia, o próprio bairro (85,0%). Os hábitos de compra no dia a dia podem estar relacionados aos principais meios de locomoção e ao local de trabalho dos moradores (ver Tabela 33). Dentre os moradores do entorno, 54,6% dos respondentes estão insatisfeitos com a qualidade dos serviços/ comércio, sendo que os moradores do entorno ao norte da RS 124 estão bem mais insatisfeitos do que os moradores do entorno ao sul da RS 124. É possível constatar o percentual elevado de respondentes que utilizam o próprio bairro para as compras do dia a dia, assim como o percentual elevado de respondentes que se deslocam de ônibus, ressaltando a distância do conjunto até a área urbana consolidada da cidade e refletindo na interação social entre os moradores.

#### 4.5.7 Relacionamento de vizinhança

Em geral, os moradores do conjunto têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram (97,5%), sendo que entre esses, 32,5% consideram o relacionamento muito bom. Da mesma forma, 95,0% dos moradores têm bom relacionamento com os vizinhos do bairro, dos quais 32,5% consideram o relacionamento muito bom. Na opinião desses respondentes, bom vizinho é aquele que simplesmente não incomoda (60,0%) ou aquele que

ajuda quando precisa (40,0%). O tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram é percebido principalmente como de amizade (97,5%) ou de indiferença (2,5%). Da mesma forma, o tipo de relação entre os vizinhos no bairro é percebido principalmente como de amizade (95,0%) ou de indiferença (5,0%). Cabe ressaltar que a diferença na percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos do local onde moram e do bairro é pequena, pois a quase totalidade dos moradores considera que o bairro coincide com o conjunto. Em relação às amizades, os moradores do conjunto dizem ter mais amigos no local (67,5%); mais amigos fora do bairro (20,0%) e amigos distribuídos no local, no bairro e fora do bairro (10,0%), indicando que os moradores se relacionam menos com o entorno, portanto, ressaltando a segregação física e social.

Dentre os moradores do entorno do conjunto, a totalidade dos respondentes (100,0%) têm bom relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro. Na opinião desses respondentes, bom vizinho é aquele que não incomoda (54,5%) ou aquele que ajuda quando precisa (45,5%). O tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram e entre os vizinhos no bairro é percebido principalmente como de amizade (54,5%) ou de indiferença (45,5%). Os resultados indicam que os moradores do entorno ao sul da RS 124 percebem uma relação de mais amizade entre os vizinhos e os moradores do entorno ao norte da RS 124 percebem uma relação de mais indiferença entre os vizinhos. Em relação às amizades, os moradores do entorno dizem ter mais amigos no local (45,5%); mais amigos fora do bairro (27,3%) ou amigos distribuídos no local, no bairro e fora do bairro (27,3%).

Foi constatado através das entrevistas que 67,0% dos moradores têm bom relacionamento com os vizinhos mais próximos e moradores do bairro em geral, embora superficial, sem se visitar. Foi também comentado por alguns moradores que o relacionamento é melhor (contato mais próximo) com os vizinhos da própria rua.

## **4.6 Comparação entre as áreas de estudo**

### **4.6.1 Imageabilidade das ruas e configuração espacial**

Foi constatado que as ruas mais importantes (e, portanto, com maior imageabilidade), citadas pelos moradores, estão relacionadas com a percepção de limites do bairro e coincidem com as vias mais integradas e/ ou as que possuem algum equipamento comunitário que serve de atrator, em função da movimentação gerada em torno deste. Essa constatação confirma que as peculiaridades do uso do solo podem interferir no fluxo de veículos e pedestres,



independentemente de sua sintaxe (medidas de acessibilidade topológica). Mesmo assim, relacionando os dados da análise sintática com as respostas dos entrevistados em relação à imageabilidade das ruas, observa-se uma coerência entre o fluxo de pessoas nos espaços públicos abertos, a localização das atividades e a estrutura sintática da cidade. Foi também constatado que os conjuntos integrados possuem características de configuração distintas, pois o conjunto Vila Popular é integrado ao entorno por possuir uma via central, com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema (toda a cidade), que serve de ligação entre os bairros e o conjunto Vila São Pedro é integrado ao entorno por estar dentro da malha urbana existente.

#### **4.6.2 Percepção de limite do bairro/ local onde moram**

Verificou-se em todas as áreas de estudo que as vias estruturais, em função da largura e grande movimentação de veículos, geram uma barreira física e interferem na percepção de limites do bairro. Foi também constatado que a percepção de integração do conjunto está mais associada à continuidade das vias do conjunto no entorno do que à existência de vias mais integradas no sistema (que indica boa acessibilidade em relação ao sistema). Essa constatação vem ao encontro do que Magalhães (2007) defende na sua tese que, na articulação entre tecidos urbanos, a relação entre sistemas viários é a mais imediata e necessária para que se apresente um mínimo de funcionalidade. Ainda, foi constatado que a percepção de limite do bairro está relacionada com a definição do território, que pode influenciar a percepção de segurança e a interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno. Verificou-se que os moradores do conjunto Vila São Pedro (*pequeno X próximo X integrado*) percebem o território mais amplo do que o conjunto, ao contrário dos demais conjuntos, onde a maioria dos respondentes considera que o bairro coincide com o conjunto.

#### **4.6.3 Níveis de satisfação com o bairro**

Os níveis de satisfação com o bairro foram medidos através dos seguintes indicadores: segurança, aparência, qualidade das calçadas, qualidade das praças/ áreas verdes, qualidade dos serviços/ comércio e ligação entre o bairro e a cidade (Tabela 34).

Tabela 34: Satisfação com o bairro

		bairro	segurança	aparência	calçadas	praças	serviços	ligação
Cinco de Maio	Conjunto	54,93	36,38	61,70	74,48	49,93	51,33	65,15
	Entorno	35,71	37,48	34,15	42,04	33,56	33,63	37,71
Vila Popular	Conjunto	57,30	60,60	57,77	53,23	74,20	56,77	74,85
	Entorno	42,77	43,88	43,81	43,10	49,63	39,27	49,58
Vila São Pedro	Conjunto	79,85	72,10	69,80	64,93	74,23	88,40	84,58
	Entorno	55,73	51,68	55,84	52,19	49,84	61,55	55,45
Germano Henck	Conjunto	57,40	72,71	57,00	53,25	51,29	56,23	34,21
	Entorno	44,00	49,14	44,82	39,41	50,32	39,77	25,55

Nota: Bairro= satisfação geral com o bairro. Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis. Foram utilizados 2 grupos (conjunto e entorno) para o teste Kruskal- Wallis.

Os respondentes de todos os conjuntos e entornos estão satisfeitos em morar no bairro, mas o conjunto Vila São Pedro e seu entorno apresentam melhor avaliação do que os demais; e o conjunto Cinco de Maio apresentou a pior avaliação entre os conjuntos, mas o entorno do conjunto Cinco de Maio apresentou avaliação ainda mais negativa. Esse resultado reforça a não integração deste conjunto com o seu entorno, diferentemente do conjunto Germano Henck (*avaliado como o segundo conjunto mais satisfatório*), também não integrado, mas onde a quase totalidade dos moradores considera o bairro sendo apenas o conjunto. A diferença nesta avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=11.738$ , sig.=.008), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=14.412$ , sig.=.002). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação dos moradores do conjunto e entorno com o bairro é influenciado pelo nível de satisfação com a aparência (Spearman,  $c=.336$ , sig.=.000). A aparência foi avaliada mais positivamente pelos moradores dos conjuntos Vila São Pedro e Cinco de Maio (*maior faixa de renda*) e, por outro lado, os moradores do entorno do conjunto Cinco de Maio estão mais insatisfeitos. A diferença na avaliação entre os entornos é confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=12.671$ , sig.=.005).

Foi também constatada a existência de correlação entre os níveis de satisfação dos moradores do conjunto e entorno com a qualidade dos serviços/ comércio e com a satisfação com o bairro (Spearman,  $c=.409$ , sig.=.000), indicando que a satisfação com a qualidade dos serviços/ comércio no bairro influencia a satisfação com o bairro onde mora. A qualidade dos serviços/ comércio foi avaliada mais positivamente pelos moradores do conjunto Vila São Pedro e entorno e, por outro lado, os demais entornos apresentaram avaliação mais negativa. A diferença nessa avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=23.848$ , sig.=.000), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=24.576$ , sig.=.000). Cabe destacar que a maioria dos respondentes afirmou que utiliza o próprio bairro nas compras do dia a dia, com exceção do conjunto Vila Popular onde a maioria dos respondentes utiliza o bairro

Centro e o bairro Timbaúva, reforçando a proximidade e acessibilidade aos dois centros da cidade. Já a ligação entre o bairro e a cidade, foi avaliada diferentemente entre os conjuntos, sendo que os moradores dos conjuntos Vila São Pedro e Vila Popular (*integrados*) estão mais satisfeitos e os moradores do conjunto Germano Henck e entorno do conjunto Cinco de Maio (*não integrados*) estão mais insatisfeitos quando comparados com os demais. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=46.011$ , sig.=.000), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=20.374$ , sig.=.000).

Todos os conjuntos e entornos estão satisfeitos com a qualidade das calçadas, sendo que os moradores do conjunto Cinco de Maio (*calçadas mais largas*) estão mais satisfeitos do que os demais conjuntos e os entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck (*calçadas mais estreitas e/ ou não delimitadas*) estão mais insatisfeitos. A diferença na avaliação entre os conjuntos é confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=10.831$ , sig.=.013). Da mesma forma, todos os conjuntos e entornos apresentaram avaliação negativa quanto à satisfação com a qualidade das praças/ áreas verdes, sendo que os moradores dos conjuntos São Pedro e Vila Popular estão mais satisfeitos do que os demais e os moradores do entorno do conjunto Cinco de Maio estão mais insatisfeitos. A diferença na avaliação entre os conjuntos é confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=15.066$ , sig.=.002).

Em relação à satisfação com a segurança, os respondentes apresentaram avaliações bem distintas, sendo que os conjuntos Vila São Pedro e Germano Henck estão mais satisfeitos e o conjunto Cinco de Maio e entorno estão mais insatisfeitos. A diferença na avaliação entre os conjuntos é confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=30.534$ , sig.=.000). Cabe ressaltar que os conjuntos Vila São Pedro e Germano Henck percebem melhor a ‘unidade do bairro’ e o conjunto Cinco de Maio apresenta menor clareza na definição do território.

Em síntese, o conjunto Vila São Pedro, que é pequeno, integrado e próximo, apresentou maior satisfação em todos os indicadores avaliados, com exceção da satisfação com a qualidade das calçadas onde os moradores do conjunto Cinco de Maio estão mais satisfeitos (*calçadas mais largas*), confirmando o que o levantamento físico já indicava sobre a largura das calçadas. Foi constatado que a satisfação com o bairro onde mora, em todos os aspectos questionados, foi mais positiva entre os conjuntos quando comparados com os seus entornos e que os moradores do entorno do conjunto Vila São Pedro estão mais satisfeitos do que os demais entornos. É importante observar que os entornos se desenvolveram após a implantação dos conjuntos, relação oposta à estudada por Gambim (2007), onde as ocupações regularizadas foram inseridas no tecido existente. Os quatro conjuntos estudados ocuparam

áreas vazias que, posteriormente, se caracterizaram como espaços dos pobres (ver MARZULO, 2005). De forma semelhante, Galdo e Daflon (2011) ressaltam que foram implantados, no Rio de Janeiro, novos conjuntos habitacionais ao redor dos primeiros conjuntos habitacionais de interesse social, assim como surgiram áreas irregulares que abrigam alguns descendentes dos moradores dos próprios conjuntos, reforçando a questão da homogeneidade das áreas (características socioeconômicas).

#### 4.6.4 Níveis de satisfação com o local onde moram

Os níveis de satisfação com o local onde moram foram medidos através dos seguintes indicadores: segurança, aparência, qualidade das calçadas, qualidade das praças/ áreas verdes e qualidade dos serviços/ comércio (Tabela 35).

Tabela 35: Satisfação com o local onde moram

		local	segurança	aparência	calçadas	praças	serviços
Cinco de Maio	Conjunto	55,90	42,22	72,28	89,52	56,75	61,72
	Entorno	38,94	35,08	32,02	37,44	37,13	33,77
Vila Popular	Conjunto	58,30	57,98	54,25	49,47	73,25	52,28
	Entorno	42,42	45,19	49,69	50,94	44,33	39,81
Vila São Pedro	Conjunto	78,85	71,95	66,20	56,78	72,10	86,00
	Entorno	54,21	55,34	56,08	53,56	55,18	63,42
Germano Henck	Conjunto	56,43	70,38	53,50	48,88	47,95	53,00
	Entorno	42,00	41,18	35,95	28,50	39,05	33,00

Nota: Local= satisfação geral com o local onde moram. Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis. Foram utilizados 2 grupos (conjunto e entorno) para o teste Kruskal- Wallis.

Os respondentes de todos os conjuntos e entornos estão satisfeitos com o local onde moram, mas o conjunto Vila São Pedro apresentou melhor avaliação do que os demais e os entornos dos conjuntos Cinco de Maio, Germano Henck e Vila Popular apresentaram pior avaliação. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=10.211$ , sig.=.017), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=10.066$ , sig.=.018). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação dos moradores do conjunto e entorno com o local onde moram é influenciado pelo nível de satisfação com a qualidade dos serviços/ comércio (Spearman,  $c=.394$ , sig.=.000). A qualidade dos serviços/ comércio foi avaliada positivamente pelos respondentes de todos os conjuntos, sendo que o conjunto Vila São Pedro apresenta melhor avaliação que os demais. No entanto, com exceção do entorno do conjunto São Pedro, os entornos apresentaram avaliação negativa. Essa diferença na avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=25.471$ , sig.=.000), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=28.698$ , sig.=.000).

Em relação à satisfação com a aparência, os respondentes apresentaram avaliações distintas, sendo que os conjuntos Cinco de Maio e Vila São Pedro (*maior faixa de renda*) estão mais satisfeitos e os entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck estão mais insatisfeitos, uma vez que boa parte das vias não é pavimentada. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=10.466$ , sig.=.015), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=17.872$ , sig.=.000). A partir dos dados coletados, verificou-se que satisfação dos moradores com a aparência no local onde moram é influenciada pela aparência das ruas (Spearman,  $c=.408$ , sig.=.000).

Todos os conjuntos e entornos apresentaram avaliação negativa com a qualidade das calçadas, sendo que os moradores do conjunto Cinco de Maio (*calçadas mais largas*) estão mais satisfeitos do que os demais conjuntos e os entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck (*calçadas mais estreitas e/ ou não delimitadas*) estão mais insatisfeitos. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=35.842$ , sig.=.000), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=12.620$ , sig.=.006). A partir dos dados coletados, verificou-se que o nível de satisfação dos moradores do conjunto e entorno com a qualidade das calçadas no local onde mora é influenciado pela largura para circular (Spearman,  $c=.429$ , sig.=.000), pela largura para atividades para convívio social (Spearman,  $c=.440$ , sig.=.000) e pela aparência/ manutenção das calçadas (Spearman,  $c=.613$ , sig.=.000). Da mesma forma, todos os conjuntos e entornos estão insatisfeitos com a qualidade das praças/ áreas verdes, sendo que os conjuntos Vila São Pedro e Vila Popular estão mais satisfeitos do que os demais conjuntos e os entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck estão mais insatisfeitos. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=13.208$ , sig.=.004), como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=8.529$ , sig.=.036). Verificou-se que a satisfação dos moradores com a qualidade das praças/ áreas verdes no local onde mora é influenciada pela quantidade de praças/ áreas verdes no bairro (Spearman,  $c=.304$ , sig.=.000) e pela quantidade de locais para sentar (Spearman,  $c=.301$ , sig.=.000), confirmando estudos que indicam que a qualidade de um espaço público de lazer pode ser medida, antes de mais nada, pelo número de lugares confortáveis e convenientes para que os usuários possam sentar.

Em relação à satisfação com a segurança, os moradores dos conjuntos Vila São Pedro e Germano Henck estão mais satisfeitos e os entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck estão mais insatisfeitos. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente, tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=21.272$ , sig.=.000), como entre os

entornos (K-W,  $\chi^2=10.106$ , sig.=.018). Foi também constatado que o nível de satisfação dos moradores com a segurança quanto ao crime das ruas influencia o nível de satisfação com a segurança no local onde moram (Spearman,  $c.=.666$ , sig.=.000).

Em síntese, o conjunto Vila São Pedro (*pequeno X integrado X próximo*) apresentou maior satisfação com a segurança, qualidade dos serviços/ comércio e satisfação em morar neste local; o conjunto Cinco de Maio apresentou maior satisfação com a aparência e qualidade das calçadas; e o conjunto Vila Popular apresentou maior satisfação com a qualidade das praças/ áreas verdes, apesar de não ser utilizada. Por outro lado, o conjunto Germano Henck (*grande X não integrado X distante*) apresentou maior insatisfação com a aparência, qualidade das calçadas e qualidade das praças/ áreas verdes; e o conjunto Cinco de Maio apresentou maior insatisfação com a segurança e em morar neste local. Foi constatado que a satisfação com o local onde moram, em todos os aspectos questionados, foi mais positiva entre os conjuntos quando comparados com os seus entornos; que os moradores do entorno do conjunto Vila São Pedro estão mais satisfeitos do que os demais entornos e, também, mais negativa nos entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck (*não integrados*). Ressalta-se que os níveis de satisfação com o local onde moram são muito semelhantes aos níveis de satisfação com o bairro, o que está relacionado com a percepção de limite do bairro/ local onde moram.

#### **4.6.5 Imagem ambiental e atributos percebidos**

Os motivos apontados para a indicação dos locais mais agradáveis, em todas as áreas de estudo, referem-se aos locais que propiciam algum tipo de convívio social. Foi também constatado que os motivos apontados para as indicações dos locais mais desagradáveis do bairro referem-se à questão da insegurança e estão relacionados com a configuração espacial e ao padrão de copresença, pois tratam-se de locais mais segregados ou dos locais que, embora integrados, não têm constituições (conexões funcionais). Cabe ressaltar que a literatura sobre análise sintática coloca a acessibilidade e a constituição do espaço como componentes chave da urbanidade (por exemplo, HILLIER e HANSON, 1984; AGUIAR, 2010).

#### **4.6.6 Apropriação e características fisioespaciais**

##### 4.6.6.1 Atividades e locais de lazer e convívio

Em relação às atividades que costumam realizar nas horas de lazer, os moradores de todos os conjuntos e entornos mencionaram, principalmente, atividades em casa, conversar,

tomar chimarrão e passear. Um número significativo de moradores do conjunto Cinco de Maio e Germano Henck também mencionaram fazer caminhadas/ praticar esportes. Quanto aos locais que costumam utilizar para as atividades de lazer e convívio, um percentual elevado de respondentes, em todos os conjuntos e entornos, utiliza a própria casa. Os outros locais citados variam de acordo com as particularidades das áreas, por exemplo, no conjunto Cinco de Maio, as calçadas e a área verde são bastante citadas; nos conjuntos Vila São Pedro e Germano Henck, as áreas verdes são mais citadas. Ainda, um percentual expressivo de respondentes, em todos os conjuntos e entornos, não tem criança em casa. Mas, entre os respondentes que têm criança em casa, o local mais utilizado para brincar é a própria casa, indicando a falta de locais apropriados para atividades de lazer e convívio social.

Foi constatada em todos os conjuntos e entornos a tendência de utilização de espaços públicos para o convívio social, que se ofereçam como esferas neutras, onde as pessoas possam se encontrar e estabelecer trocas mantendo um nível confortável de distanciamento entre elas (SOUZA, 2005). Dessa forma, especula-se que o pouco contato entre os moradores do conjunto e do entorno pode estar relacionado com a falta de espaços públicos abertos adequados para as atividades de lazer e convívio social. No entanto, conforme Moraes (2010) ressalta, a qualidade espacial dos espaços públicos pode não garantir a utilização dos mesmos por parte da população e muito menos a construção de uma urbanidade válida para o bairro.

#### 4.6.6.2 Apropriação das ruas e calçadas

Os níveis de satisfação com as ruas do local onde moram foram medidos através dos seguintes indicadores: segurança quanto ao trânsito, segurança quanto ao crime e aparência/manutenção (ver Tabela 36). Foi constatado nas observações comportamentais que as pessoas caminham pelas ruas na maior parte dos conjuntos e entornos e que as ruas mais segregadas são utilizadas para realização de atividades de contemplação, socialização e recreação infantil.

Tabela 36: Satisfação com as ruas do local onde moram

		segurança qto trânsito	segurança qto crime	aparência/ manutenção
Cinco de Maio	Conjunto	69,95	36,40	80,97
	Entorno	43,67	37,63	41,58
Vila Popular	Conjunto	61,68	60,35	63,23
	Entorno	49,08	47,38	53,60
Vila São Pedro	Conjunto	77,78	69,80	54,95
	Entorno	45,58	48,94	47,90
Germano Henck	Conjunto	43,89	74,04	45,88
	Entorno	41,45	48,91	29,59

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis. Foram utilizados 2 grupos (conjunto e entorno) para o teste Kruskal- Wallis.

Os resultados indicam que os moradores do conjunto Vila São Pedro e Cinco de Maio (*que possuem vias mais largas*) estão mais satisfeitos com a segurança quanto ao trânsito quando comparados com os demais conjuntos, sendo a diferença na avaliação dos moradores dos conjuntos confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=20.218$ , sig.=.000). Em relação à segurança quanto ao crime, os moradores estão satisfeitos, com exceção do conjunto Cinco de Maio onde os moradores estão insatisfeitos (*conjunto não integrado localizado entre duas áreas invadidas*), sendo essa diferença na avaliação dos moradores dos conjuntos confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=31.636$ , sig.=.000). Já em relação à aparência/ manutenção das ruas, os moradores do conjunto Cinco de Maio estão mais satisfeitos que os demais e a diferença na avaliação é confirmada estatisticamente tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=20.339$ , sig.=.000) como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=7.925$ , sig.=.048). Cabe destacar que existe um percentual expressivo de respondentes em todos os conjuntos e entornos que estão insatisfeitos com as ruas em relação à segurança quanto ao crime, segurança quanto ao trânsito e quanto à aparência/ manutenção.

Os níveis de satisfação com as calçadas do local onde moram foram medidos através dos seguintes indicadores: largura para circular, largura para atividades de convívio social, vegetação/ sombreamento, aparência/ manutenção e iluminação (ver Tabela 37).

Tabela 37: Satisfação com as calçadas do local onde moram

		circular	socialização	vegetação	aparência	iluminação
Cinco de Maio	Conjunto	73,12	75,45	77,32	77,07	62,00
	Entorno	37,38	41,08	39,88	35,96	41,31
Vila Popular	Conjunto	59,60	56,75	63,43	47,83	62,03
	Entorno	51,10	43,31	50,83	54,60	49,65
Vila São Pedro	Conjunto	68,53	72,30	54,78	61,85	59,45
	Entorno	57,24	59,23	53,23	55,06	53,21
Germano Henck	Conjunto	47,70	46,20	48,55	56,90	58,75
	Entorno	17,91	21,23	24,36	19,50	23,86

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis. Foram utilizados 2 grupos (conjunto e entorno) para o teste Kruskal- Wallis.

Cabe ressaltar que, conforme o levantamento físico, os conjuntos e entornos estudados não possuem calçadas com dimensão, pavimentação e manutenção adequados para a circulação e tampouco possuem locais com vegetação e mobiliário adequados para a permanência, o que poderia intensificar o uso para as atividades de convívio social.

Os resultados indicam que os moradores dos conjuntos Cinco de Maio e Vila São Pedro e os moradores do entorno do conjunto Vila São Pedro são os mais satisfeitos em relação à largura para circular e largura para convívio social e os moradores do conjunto Germano Henck são os mais insatisfeitos, confirmando o que o levantamento físico já



indicava. A diferença na avaliação da largura para circular é confirmada estatisticamente entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=21.720$ , sig.=.000) e entre os entornos (K-W,  $\chi^2=29.194$ , sig.=.000); assim como a diferença na avaliação da largura para atividades de convívio social é confirmada estatisticamente entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=20.346$ , sig.=.000) e entre os entornos (K-W,  $\chi^2=21.480$ , sig.=.000).

Quanto à vegetação/ sombreamento, o levantamento físico indicou que os conjuntos Vila São Pedro e Cinco de Maio têm as calçadas mais arborizadas (*são as calçadas mais largas*) e, por outro lado, o conjunto Germano Henck tem as calçadas menos arborizadas (*são as calçadas mais estreitas*). No entanto, em todos os conjuntos, boa parte dos moradores dos conjuntos e entornos avaliaram negativamente as calçadas, principalmente, no conjunto Germano Henck e no entorno do conjunto Cinco de Maio. Essa diferença é confirmada estatisticamente tanto entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=15.708$ , sig.=.001) como entre os entornos (K-W,  $\chi^2=14.256$ , sig.=.003).

O levantamento físico também indicou que o conjunto Vila São Pedro possui maior percentual (95,0%) de calçadas pavimentadas e o conjunto Germano Henck possui o menor percentual (57,46%). No entanto, em todos os conjuntos e entornos, as calçadas foram executadas com diferentes tipos de materiais, sendo que cada lote resolveu individualmente seu acesso à garagem e, como resultado, há uma grande descontinuidade física dos passeios ao longo das vias. Dessa forma, boa parte dos moradores dos conjuntos e entornos teve avaliação negativa em relação à aparência/ manutenção, principalmente no entorno dos conjuntos Germano Henck e Vila Popular. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente entre os conjuntos (K-W,  $\chi^2=13.478$ , sig.=.004) e entre os entornos (K-W,  $\chi^2=22.760$ , sig.=.000). Já quanto à iluminação, a maioria dos moradores dos conjuntos e entornos está satisfeita e a diferença na avaliação dos moradores dos entornos é confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=15.238$ , sig.=.002).

Em relação ao uso das calçadas, constatou-se que as calçadas do conjunto Cinco de Maio, que são mais largas, são as mais utilizadas entre os conjuntos para atividades de contemplação e socialização, caminhadas/ passeios à pé e recreação infantil, indicando que o uso está associado às condições físicas. Nos demais conjuntos, a maioria dos moradores as utilizam somente para deslocamentos. Nos entornos dos conjuntos, mesmo as calçadas dentro dos padrões, são utilizadas somente para deslocamentos, pois o padrão (2,0m) é estreito e, a arborização e equipamentos existentes, dificultam a circulação. No entanto, a maioria dos moradores, tanto dos conjuntos como de seus respectivos entornos, responderam que usariam

mais as calçadas para atividades de lazer e convívio caso essas fossem mais adequadas. É interessante notar que tanto o conjunto Vila Popular como seu entorno apresentaram menor percentual de possibilidade de uso das calçadas (conjunto 60,0% e entorno 54,2%).

#### 4.6.6.3 Apropriação das praças e áreas verdes

Os níveis de satisfação com as praças/ áreas verdes do local onde moram foram medidos através dos seguintes indicadores: localização, quantidade, vegetação/ sombreamento, iluminação, quantidades de locais para sentar, quantidade de ambientes de estar, quantidade de atividades, locais para as crianças brincar, manutenção, segurança de dia e segurança de noite (ver Tabela 38). Cabe ressaltar que, conforme o levantamento físico, nenhuma das áreas de estudo (conjunto e entorno) possui praça ou área verde com equipamento, mobiliário e manutenção adequados para o uso, dificultando, assim, sua função de agregar indivíduos, propiciar a formação de comunidade e a conexão com a natureza.

Tabela 38: Satisfação com as praças/ áreas verdes do local onde moram

		local	quant	veget	ilum	sentar	estar	ativ	brinc	man	dia	noite
CM	Conj	43,75	25,68	59,05	62,32	27,47	30,98	28,73	28,48	85,15	57,98	62,48
	Ent	35,96	30,25	53,96	43,92	26,42	34,54	34,90	38,33	58,96	49,48	47,50
VP	Conj	64,25	68,67	18,48	64,80	86,42	63,58	59,15	64,12	51,83	61,27	59,45
	Ent	44,56	34,85	21,29	38,94	55,71	36,04	35,98	43,75	41,81	44,90	38,33
VSP	Conj	68,00	64,48	86,10	48,58	80,95	88,10	92,93	94,70	47,75	59,20	40,45
	Ent	53,16	59,98	55,21	52,50	57,05	62,58	62,15	56,29	38,69	46,48	48,53
GH	Conj	66,50	78,50	80,30	61,88	55,61	66,53	69,13	64,70	54,89	62,46	69,83
	Ent	46,77	61,18	52,50	43,55	32,32	41,91	42,50	34,55	43,36	35,36	48,23

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis. Foram utilizados 2 grupos (conjunto e entorno) para o teste Kruskal-Wallis. CM= Cinco de Maio; VP= Vila Popular; VSP= Vila São Pedro; GH= Germano Henck; Conj= Conjunto; Ent= Entorno.

Os moradores do conjunto Cinco de Maio são os mais insatisfeitos com a localização das praças/ áreas verdes no bairro, uma vez que nos demais conjuntos e nos entornos a maioria dos respondentes apresentou avaliação positiva. Essa diferença na avaliação é confirmada estatisticamente entre os moradores do conjunto (K-W,  $\chi^2=25.723$ , sig.=.000) e entre os moradores do entorno (K-W,  $\chi^2=10.814$ , sig.=.013). Cabe destacar que a área verde existente no conjunto Cinco de Maio, não é um espaço projetado para tal função, pois trata-se da faixa de domínio do DAER. Em relação à quantidade de praças/ áreas verdes no bairro, os moradores do conjunto Cinco de Maio também são os mais insatisfeitos, uma vez que nos demais conjuntos, a maioria dos respondentes apresentou avaliação positiva. Os respondentes dos entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Vila Popular também estão insatisfeitos, o que pode estar relacionada à definição do território e percepção de limite do local onde moram, em função das vias estruturais que segmentam essas áreas. A diferença na avaliação é

confirmada estatisticamente entre os moradores dos conjuntos (K-W,  $\chi^2=66.247$ , sig.=.000) e entre os moradores dos entornos (K-W,  $\chi^2=32.213$ , sig.=.000).

Quanto à vegetação/ sombreamento, os moradores do conjunto Vila Popular e entorno são os mais insatisfeitos, uma vez que nos demais conjuntos a maioria dos respondentes apresentou avaliação positiva. Essa diferença na avaliação é confirmada estatisticamente entre os moradores do conjunto (K-W,  $\chi^2=75.739$ , sig.=.000) e entre os moradores do entorno (K-W,  $\chi^2=32.772$ , sig.=.000). Cabe ressaltar que, conforme o levantamento físico, a praça do conjunto Vila Popular ainda não possui vegetação de porte que proporcione algum sombreamento. Em relação à iluminação, um percentual elevado de respondentes em todos os conjuntos e entornos não sabe responder, demonstrando a falta de uso noturno destes espaços. Por exemplo, no conjunto Vila São Pedro, 55,0% dos respondentes não sabem como está a iluminação e no conjunto Vila Popular, 40,0% não sabem.

Os moradores dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henk e seus respectivos entornos estão muito insatisfeitos com os locais para sentar, confirmando a inexistência de mobiliário que o levantamento físico já indicava. A diferença na avaliação é confirmada estatisticamente entre os moradores dos conjuntos (K-W,  $\chi^2=58.035$ , sig.=.000) e entre os moradores dos entornos (K-W,  $\chi^2=29.007$ , sig.=.000). Em relação à quantidade de ambientes de estar e quantidade de espaços para a realização de diferentes atividades, os conjuntos apresentam avaliação muito negativa, com exceção do conjunto Vila São Pedro que apresenta avaliação positiva. Essa diferença na avaliação da quantidade de ambientes de estar é confirmada estatisticamente entre os moradores dos conjuntos (K-W,  $\chi^2=40.355$ , sig.=.000) e entre os moradores dos entorno (K-W,  $\chi^2=24.999$ , sig.=.000), assim como a diferença na avaliação da quantidade de atividades entre os moradores dos conjuntos (K-W,  $\chi^2=52.874$ , sig.=.000) e entre os moradores dos entorno (K-W,  $\chi^2=24.036$ , sig.=.000). Em relação aos locais para criança brincar, o conjunto Vila São Pedro apresenta avaliação mais positiva do que os demais e essa diferença na avaliação é confirmada estatisticamente entre os moradores do conjunto (K-W,  $\chi^2=54.236$ , sig.=.000) e entre os moradores do entorno (K-W,  $\chi^2=11.286$ , sig.=.010). Cabe destacar que os conjuntos Vila São Pedro e Vila Popular possuem (poucos) brinquedos para crianças.

Ainda, quanto à manutenção/ conservação, os moradores do conjunto Cinco de Maio e entorno são os mais satisfeitos, uma vez que nos demais, a avaliação é bastante negativa. Essa diferença na avaliação é confirmada estatisticamente entre os moradores dos conjuntos (K-W,  $\chi^2=22.216$ , sig.=.000) e entre os moradores dos entornos (K-W,  $\chi^2=9.769$ , sig.=.021).

Interessante notar que no conjunto Vila Popular um percentual considerável (20,0%) não sabem como está a manutenção da praça, apesar de estar localizada numa via com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema, porém, em um dos extremos do conjunto, o que pode inibir a interação entre os moradores. Da mesma forma, nos entornos dos conjuntos Vila Popular e Germano Henck, um percentual expressivo não sabem como está a manutenção da praça. Os moradores de todos os conjuntos e entornos avaliam positivamente a segurança durante o dia, mas, por outro lado, avaliam negativamente a segurança durante a noite. A diferença na avaliação da segurança durante a noite entre os conjuntos é confirmada estatisticamente (K-W,  $\chi^2=10.651$ , sig.=.014).

Em relação ao uso das praças/ áreas verdes do local onde moram, um percentual expressivo de respondentes, em todos os conjuntos dizem que não as utilizam. Entre os moradores do conjunto Vila Popular e entre os entornos dos conjuntos (*que não possuem praças/ áreas verdes*), este número é ainda maior, indicando que o uso está associado às condições físicas das praças/ áreas verdes. No entanto, foi constatado através dos mapas comportamentais a utilização intensa da área verde do conjunto Vila São Pedro e da área verde do conjunto Germano Henck. Apesar de não possuírem muitos equipamentos e mobiliário urbano, são bastante utilizadas pelos moradores, tanto as quadras de esportes por crianças e jovens, como as calçadas em torno da praça por jovens, adultos e idosos, facilitando o convívio social dos moradores entre si. Cabe destacar que a maioria dos moradores, tanto dos conjuntos como de seus respectivos entornos, responderam que usariam mais as praças/ áreas verdes para atividades de lazer e convívio caso essas fossem mais adequadas. É interessante notar que os conjuntos Vila Popular e Vila São Pedro (*integrados*) apresentaram menor percentual de possibilidade de uso das praças/ áreas verdes quando comparados com os demais conjuntos (66,7% e 65,0%, respectivamente).

#### 4.6.6.4 Equipamentos comunitários, comércio e serviços

Os equipamentos comunitários existentes na área de estudo 1 estão localizados no conjunto Cinco de Maio (escola, creches, associação comunitária e ginásio), fazendo com que os moradores do entorno circulem pelo conjunto e, portanto, com possibilidade de interação com os moradores do conjunto. Na área de estudo 2, os equipamentos estão localizados na via central do conjunto Vila Popular e no entorno (escolas, creche e associação comunitária), assim como na área de estudo 3 os equipamentos estão localizados no loteamento Vila São Pedro e no entorno (escola, templos religiosos e pavilhão paroquial), fazendo que os moradores circulem pelo conjunto e entorno e, portanto, com possibilidade de interação mais

intensa. Na área de estudo 4, os equipamentos comunitários estão localizados no conjunto Germano Henck ou na RS (escola, creche, templos religiosos, associação comunitária e posto de saúde), fazendo com que os moradores circulem e interajam mais dentro do próprio conjunto. É possível constatar que nos conjuntos integrados existem equipamentos comunitários no entorno imediato e, nos conjuntos não integrados, os equipamentos existentes estão localizados no próprio conjunto, indicando que os conjuntos integrados são tratados como parte do bairro em que se inserem.

O levantamento físico indicou a existência de poucos estabelecimentos de comércio/serviços nas áreas de estudo, com exceção do conjunto Vila São Pedro (*conjunto pequeno X próximo X integrado*), onde a rua Bruno de Andrade se tornou um novo centro de comércio e serviços da cidade, o centro da cidade nova. Dessa forma, os moradores desse conjunto apresentam avaliação mais positiva do que os demais conjuntos. No entanto, os moradores dos conjuntos Vila Popular e Cinco de Maio (*conjuntos médios X próximos*) também estão satisfeitos em relação a essa questão em função da proximidade aos centros da cidade. Já no conjunto Germano Henck (*conjunto grande X distante X não integrado*), apesar da existência de poucos estabelecimentos e da distância em relação aos centros, os moradores também estão satisfeitos e especula-se que seja em função da faixa de renda, pois os moradores provavelmente compram somente o necessário para a sobrevivência.

Cabe ressaltar que os principais meios de locomoção dos respondentes são à pé e de carro, mas, no conjunto Germano Henck (*conjunto grande X distante x não integrado*), os principais meios de locomoção são carro e ônibus, indicando que a proximidade do conjunto em relação a área urbana consolidada pode condicionar a forma de deslocamento e, assim, afetar a interação entre os moradores. Constatou-se que um percentual expressivo de respondentes, em todos os conjuntos, não trabalha (aposentado, pensionista, 'encostado', desempregado e os demais que não trabalham) e, entre os moradores que trabalham, o principal local de trabalho é o próprio bairro, com exceção do conjunto Cinco de Maio, onde boa parte dos respondentes trabalha no bairro Centro. A necessidade de deslocamento diário para o local de trabalho amplia os deslocamentos diários e a percepção de território, afetando hábitos de compras e interação entre os moradores. Cabe salientar que boa parte dos respondentes em todas as áreas de estudo possui apenas ensino fundamental incompleto, mas, no entorno dos conjuntos Vila São Pedro e Vila Popular (*integrados*), há um percentual maior de respondentes com ensino superior completo. A maioria dos respondentes em todas as áreas de estudo recebe até 3 salários mínimos, mas, no entorno dos conjuntos Vila São Pedro e Vila

Popular (*integrados*), há um percentual maior de respondentes que recebem acima de 5 salários mínimos. Portanto, foi possível constatar que as características socioeconômicas dos moradores determinam seu estilo de vida, hábitos de compras no dia a dia e formas de deslocamento, afetando também a interação social entre os moradores. Por exemplo, os moradores do conjunto Germano Henck (*menor faixa de renda*) possuem a menor escolaridade e menor possibilidade de deslocamento.

#### 4.6.7 Relacionamento de vizinhança

O relacionamento com os vizinhos foi medido através dos seguintes questionamentos: relacionamento com os vizinhos no local onde moram e no bairro, percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram e no bairro, definição de um bom vizinho e local onde tem mais amizades (ver Tabelas 39, 40 e 41).

Tabela 39: Relacionamento de vizinhança

		relacionamento no local	relacionamento no bairro	clima no local	clima no bairro
Cinco de Maio	Conjunto	60,62	52,83	60,97	50,93
	Entorno	37,75	38,23	37,46	33,31
Vila Popular	Conjunto	59,77	62,75	57,52	62,10
	Entorno	41,52	39,56	45,85	44,52
Vila São Pedro	Conjunto	70,78	69,63	69,90	65,95
	Entorno	57,45	54,82	56,63	57,55
Germano Henck	Conjunto	55,83	60,00	57,69	63,75
	Entorno	37,41	48,05	30,91	40,27

Nota: Os números representam a média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis. Foram utilizados 2 grupos (conjunto e entorno) para o teste Kruskal-Wallis. Clima no local= percepção do tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram; Clima no bairro= percepção do tipo de relação entre os vizinhos no bairro.

De modo geral, os respondentes de todos os conjuntos têm bom relacionamento com os vizinhos moradores do local onde moram. No entanto, é possível perceber que os moradores do conjunto Vila São Pedro (*conjunto pequeno X próximo X integrado*) têm melhor avaliação que os demais; que o conjunto Germano Henck tem a pior avaliação entre os conjuntos; que os moradores dos conjuntos têm melhor avaliação do que os moradores dos entornos e, também, que os moradores dos entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck (*não integrados*) têm pior avaliação quando comparados com os moradores dos demais entornos, sendo esta diferença estatisticamente significativa (K-W,  $\chi^2=12.718$ , sig.=.005). Os respondentes de todos os conjuntos também têm bom relacionamento com os vizinhos do bairro, mas a avaliação é um pouco inferior à avaliação do relacionamento com os vizinhos do local onde moram. No entanto, é possível perceber que os moradores dos conjuntos Vila São Pedro e Vila Popular (*integrados*) têm melhor relacionamento com os vizinhos do bairro do

que os demais; que os moradores do conjunto Cinco de Maio têm o pior relacionamento entre os conjuntos; que os moradores dos conjuntos têm melhor relacionamento do que os moradores dos entornos e, também, que os moradores dos entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Vila Popular (*conjuntos médios X próximos*) têm pior relacionamento do que os moradores dos demais entornos, sendo esta diferença estatisticamente significativa (K-W,  $\chi^2=8.360$ , sig=.039). A partir dos dados coletados, verificou-se que o relacionamento no local onde moram dos moradores do conjunto e entorno influencia a satisfação com o local onde moram (Spearman,  $c=.334$ , sig=.000). Da mesma forma, verificou-se que o relacionamento com os vizinhos no bairro dos moradores do conjunto e entorno influencia a satisfação com o bairro (Spearman,  $c=.340$ , sig=.000).

A maioria dos respondentes de todos os conjuntos percebe uma relação de amizade entre os vizinhos no local onde moram. No entanto, é possível perceber que os moradores do conjunto Vila São Pedro (*conjunto pequeno X próximo X integrado*) percebem uma relação de mais amizade do que os demais; que os moradores dos conjuntos percebem uma relação de mais amizade do que os moradores dos entornos; que os moradores do entorno do conjunto Vila São Pedro percebem uma relação de mais amizade do que os demais entornos e, também, que os moradores dos entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck (*não integrados*) são os que menos percebem uma relação de amizade entre os vizinhos quando comparados com os moradores dos demais entornos. Essa diferença é estatisticamente significativa (K-W,  $\chi^2=15.158$ , sig=.002). Da mesma forma, a maioria dos respondentes percebe uma relação de amizade entre os vizinhos do bairro, com exceção do entorno do conjunto Cinco de Maio (*não integrado*), onde um percentual expressivo de respondentes percebe uma relação de indiferença, indicando novamente uma ligação com a percepção de limites e imagem do bairro. Cabe ressaltar que o conjunto Germano Henck também não é integrado, mas os moradores percebem uma relação de mais amizade em função da quase unanimidade na percepção de limite do bairro, onde os moradores consideram apenas o conjunto. No entanto, é possível perceber que os moradores dos conjuntos Vila São Pedro (*pequeno X próximo X integrado*) e Germano Henck (*grande X distante X não integrado*) percebem uma relação de mais amizade do que os demais; que moradores dos conjuntos percebem mais fortemente relação de amizade do que moradores dos entornos; que os moradores do entorno do conjunto Vila São Pedro percebem mais amizade do que os demais entornos; que os moradores dos entornos dos conjuntos Cinco de Maio e Germano Henck (*não integrados*) são os que menos percebem relação de amizade entre os vizinhos quando

comparados com os moradores dos demais entornos. Essa diferença é estatisticamente significativa (K-W,  $\chi^2=14.908$ , sig.=.002). A partir dos dados coletados, verificou-se que a percepção de relação de amizade no local onde moram dos moradores do conjunto e entorno influencia o relacionamento no local onde moram (Spearman,  $c=.508$ , sig.=.000). Da mesma forma, a percepção de relação de amizade no bairro dos moradores do conjunto e entorno influencia o relacionamento no bairro (Spearman,  $c=.634$ , sig.=.000) e a satisfação com o bairro (Spearman,  $c=.371$ , sig.=.000).

A definição de bom vizinho é distinta entre os conjuntos e entornos, sendo que no conjunto Vila São Pedro (*pequeno X próximo X integrado*) e entorno e no conjunto Cinco de Maio (*médio X próximo X não integrado*), a maior parte dos respondentes consideram bom vizinho aquele que ajuda quando precisa, ou seja, mais solidários entre si. Essa constatação confirma que o tipo de relação de vizinhança reflete os conceitos sobre o que se espera que seja ou faça um bom vizinho. Nos demais conjuntos e entornos, a maior parte dos respondentes considera bom vizinho aquele que simplesmente não incomoda, indicando uma relação de convívio superficial. Cabe destacar que no conjunto Vila Popular e Vila São Pedro (*integrados*) também houve a indicação de bom vizinho para aquele que tem contato próximo. Desta forma, o entorno do conjunto Cinco de Maio e o conjunto Germano Henck e seu entorno (*não integrados*) apresentam menor expectativa em relação ao vizinho.

Tabela 40: Definição de bom vizinho

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
ajuda qdo precisa	66,7%	25,0%	46,7%	41,7%	60,0%	54,8%	40,0%	45,5%
contato próximo	0,0%	0,0%	3,3%	8,3%	5,0%	9,7%	0,0%	0,0%
s/ contato próximo	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
não incomoda	33,3%	75,0%	50,0%	50,0%	35,0%	35,5%	60,0%	54,5%
outro	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Tabela 41: Intensidade de relacionamento de amizades entre os moradores

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
+ amigos no local	63,3%	29,2%	50,0%	54,2%	40,0%	48,4%	67,5%	45,5%
+ amigos no bairro	0,0%	8,3%	3,3%	0,0%	5,0%	9,7%	2,5%	0,0%
+ amigos fora do bairro	36,7%	33,3%	36,7%	33,3%	35,0%	25,8%	20,0%	27,3%
não possui amigos	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
igual	0,0%	29,2%	10,0%	12,5%	20,0%	16,1%	10,0%	27,3%

Em relação às amizades, a maior parte dos respondentes dos conjuntos e entornos tem mais amigos no local onde mora, com exceção do entorno do conjunto Cinco de Maio, onde boa parte dos respondentes afirmou que têm 'mais amigos fora do bairro'. Cabe destacar que um percentual expressivo de respondentes também afirmou que têm 'mais amigos fora do



bairro', com exceção do conjunto e entorno Germano Henck (*conjunto grande X distante x não integrado*), confirmando estudos anteriores (GEHL, 1987; GAMBIM, 2007) que sustentam que conjuntos muito grandes, distantes e isolados podem fazer com que as pessoas se relacionem somente entre si, em função da percepção da amplitude do espaço que está associada a distâncias aceitáveis para percorrer ou realizar atividades.

#### **4.7 Verificação da influência das características de implantação na interação social**

A influência da dimensão, configuração e localização de conjuntos habitacionais na interação social é investigada a partir de três hipóteses apresentadas a seguir. A verificação dos resultados analisa as atitudes e comportamento dos respondentes de acordo com os múltiplos métodos utilizados.

##### **4.7.1 Hipótese 1: relação da dimensão do conjunto habitacional com a interação social**

A hipótese 1 investiga a relação entre a dimensão do conjunto habitacional e o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato.

O levantamento físico apontou que o conjunto Vila São Pedro (*pequeno porte*) está inserido em um loteamento existente e, portanto, dentro da malha urbana existente. A continuidade do tecido, verificado no mapa figura-fundo, indica uma homogeneidade na área. Possivelmente, a dimensão do conjunto, ou seja, a existência de poucas unidades habitacionais e, portanto, conjuntos de menor escala, que necessitam áreas menores para implantação, facilitam a melhor localização e inserção na malha urbana existente. Através das entrevistas e mapas mentais, foi constatado que as unidades do conjunto são percebidas como integrantes do bairro em que se inserem, tanto pelos moradores do conjunto quanto pelos moradores do entorno. Por outro lado, os moradores do conjunto Germano Henck (*grande porte X não integrado X distante*) consideram apenas o conjunto como limite do bairro, o que pode estar relacionada com a percepção de amplitude do espaço, que está associada a distâncias aceitáveis para percorrer ou realizar atividades. Os moradores dos conjuntos de porte médio (Cinco de Maio e Vila Popular) também percebem os limites do território mais restritos (apenas o conjunto), o que parece estar relacionado com a configuração desses conjuntos e seus entornos.

As observações comportamentais indicam que as áreas verdes do loteamento Vila São Pedro (*pequeno porte*) e do conjunto Germano Henck (*grande porte*) são intensamente utilizadas pelos moradores, apesar de não possuir muitos equipamentos e mobiliário urbano. As quadras de esportes são utilizadas por crianças e jovens e as calçadas em torno das áreas

verdes são utilizadas por adultos e idosos, facilitando o convívio social entre os moradores do conjunto e entorno imediato. Também foi constatado que as calçadas, em função da largura e manutenção, não são utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização. A proximidade do conjunto Vila São Pedro ao centro da cidade nova, com grande fluxo de pedestres e veículos, contribui para a satisfação dos moradores com o local onde moram e com o bairro. Verificou-se uma continuidade no fluxo de pedestres nas ruas do loteamento, indicando a proximidade aos serviços utilizados no dia a dia (possibilidade de deslocamento à pé), conferindo um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação. O conjunto Vila Popular (*médio porte*) apresenta um padrão de movimentação similar ao conjunto Vila São Pedro, o que parece estar relacionado com a configuração desses conjuntos (*conjuntos integrados*). Por outro lado, no conjunto Germano Henck (*grande porte*), por estar distante e isolado do entorno, o fluxo de pedestres é basicamente dos próprios moradores e, assim, não há interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno. Da mesma forma, o conjunto Cinco de Maio (*médio porte*) apresenta pouca interação com o entorno, o que também parece estar relacionado com a configuração desses conjuntos (*conjuntos não integrados*).

Os resultados dos questionários indicam que os moradores do conjunto Vila São Pedro (*pequeno porte*) são os mais satisfeitos com o local onde moram e com o bairro, além de apresentaram melhor relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro do que os demais conjuntos estudados. Ainda, apresentaram melhor percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram e no bairro. Os moradores do conjunto Vila São Pedro (*pequeno porte*) e seu entorno estão entre os que definem bom vizinho aquele que ajuda quando precisam, indicando que são mais solidários entre si. Ainda, apontaram a existência de amizades no local onde moram e fora do bairro, demonstrando a interação não somente com os moradores do conjunto, mas também com os moradores do entorno imediato e a cidade. Nos conjuntos de médio porte (Cinco de Maio e Vila Popular), assim como no conjunto Germano Henck (*grande porte*), a avaliação do local onde moram e do bairro, do relacionamento com os vizinhos e da percepção do tipo de relação entre os vizinhos também é bastante positiva. No entanto, os moradores do conjunto Germano Henck indicaram a existência de mais amizades no local onde moram, reforçando a constatação de menor interação com o entorno.

Os dados analisados permitiram verificar que a dimensão do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores do conjunto com o entorno imediato, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é o grau de

interação social dos moradores com o entorno imediato, pois a interdependência com o entorno é maior. Por outro lado, verificou-se que quanto maior o número de unidades do conjunto, menor é o grau de interação dos moradores com o entorno imediato. No entanto, é importante observar que o conjunto estudado, além do porte pequeno, caracteriza-se por estar integrado e bem localizado, próximo a um centro comercial da cidade, o que pode influenciar os resultados, ou seja, um conjunto de pequeno porte segregado poderia apresentar resultados distintos. Também é importante observar que o conjunto de grande porte estudado, caracteriza-se por estar distante da área urbana consolidada e segregado do entorno, o que pode também influenciar os resultados.

#### **4.7.2 Hipótese 2: relação da configuração do conjunto com a interação social**

A hipótese 2 investiga se a integração do conjunto na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, independente da dimensão ou da localização do conjunto na cidade, contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade.

Quando analisados os conjuntos integrados, foi verificado que o conjunto Vila São Pedro (*pequeno porte*) é integrado ao entorno por estar dentro de loteamento e malha urbana existente e o conjunto Vila Popular (*porte médio*) é integrado ao entorno por possuir uma via central que serve de ligação entre bairros. No entanto, verificou-se no mapa figura-fundo e no mapa axial, que o conjunto integrado de pequeno porte apresenta continuidade do tecido urbano e o conjunto integrado de porte médio não, indicando maior homogeneidade na área do conjunto integrado de menor porte. Foi constatado que o conjunto Vila São Pedro (*integrado de pequeno porte*) está inserido nos limites percebidos do bairro pelos moradores do conjunto e do entorno e as variações nas percepções referem-se às vias estruturais que servem de barreiras físicas, indicando que a continuidade das vias do conjunto no entorno influencia a percepção de integração. Já no conjunto Vila Popular (*integrado de médio porte*), a percepção de limite do bairro dos moradores inclui apenas o conjunto, possivelmente por ser uma ocupação concentrada, voltada para sua rua principal e com poucas conexões na malha urbana existente. Além disso, a percepção de limite também está relacionada com as vias estruturais que geram uma barreira física. Dessa forma, verificou-se que a existência no conjunto de uma via com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema (toda a cidade), não influencia a percepção de integração, apenas indica boa acessibilidade. Os moradores dos conjuntos não integrados (Cinco de Maio e Germano

Henck) também percebem os limites do território mais restritos (apenas o conjunto), o que parece estar relacionado com a configuração desses conjuntos e seus entornos.

No conjunto Vila São Pedro (*integrado de pequeno porte*), as observações comportamentais confirmaram que a área verde é intensamente utilizada pelos moradores, apesar de não possuir muitos equipamentos e mobiliário urbano. Também ficou evidenciado que a proximidade do conjunto ao centro da cidade nova, com grande fluxo de pedestres e veículos, contribui para um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação (ver HOLANDA, 2002). Já no conjunto Vila Popular (*integrado de médio porte*), as observações comportamentais salientam a importância da via principal no sistema, pelo intenso fluxo de veículos e pedestres de distintos bairros (controle do estranho), confirmando as pesquisas que demonstram que o grau de integração (acessibilidade topológica) de um espaço está fortemente correlacionado com o número de pessoas que se movem nele. Mas, segundo Peponis (1992), a configuração espacial determina apenas o notar potencial de outros, como o pano de fundo para uma sociedade ativa, mas não provam que as pessoas interagem, partilham ou trocam experiências entre si, ou mesmo, se notam mutuamente. Ficou confirmado que os espaços abertos deste conjunto não atendem os requisitos necessários para desempenhar atividades de convívio social, por exemplo, devido ao estreitamento e irregularidade das calçadas e à falta de vegetação e sombreamento na praça, dificultando a permanência no local e influenciando negativamente o nível de interação entre os moradores. Nesse sentido, a literatura ressalta que a interação social na vizinhança está relacionada às oportunidades de contato social formal e informal pelas quais moradores podem desempenhar com qualidade os seus relacionamentos. Acrescenta-se que nos conjuntos não integrados com o entorno (Cinco de Maio e Germano Henck) é possível constatar que o fluxo de pedestres é basicamente dos próprios moradores e, assim, não há interação dos moradores do conjunto com os moradores do entorno.

Os resultados dos questionários indicam que os moradores do conjunto Vila São Pedro (*integrado de pequeno porte*) são os mais satisfeitos com o local onde moram e com o bairro; já os moradores do conjunto Vila Popular (*integrado de porte médio*) estão menos satisfeitos do que estes, mas apresentam avaliação melhor do que os demais conjuntos não integrados e seus respectivos entornos. Os moradores do conjunto integrado de pequeno porte apresentaram melhor avaliação do que os demais conjuntos estudados quanto ao relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro. O conjunto integrado de porte médio aparece em terceiro lugar na avaliação da intensidade de relacionamento com os vizinhos do local onde mora, sendo superior apenas às avaliações dos

moradores do entorno. Provavelmente, estaria relacionado ao que Holanda (2002) coloca, que a maximização da integração maximiza o controle em favor do estranho ao lugar em detrimento do controle do habitante, ou seja, a via central de elevado valor de integração (acessibilidade topológica) intensifica o fluxo do estranho e diminui o controle do morador e, portanto, pode interferir na interação entre os moradores. No entanto, ressalta-se que a baixa avaliação do relacionamento também pode estar relacionada a outros aspectos, tais como a falta de locais adequados para atividades de lazer e convívio social, ou seja, de um equipamento comunitário agregador que cumpra o papel de induzir as pessoas ao convívio e interação social e ao encontro cotidiano. Quanto ao relacionamento com os vizinhos do bairro, os moradores do conjunto integrado de porte médio apresentam melhor avaliação do que os moradores dos demais conjuntos menos integrados e seus respectivos entornos, mas com avaliação inferior ao conjunto integrado de pequeno porte. Cabe ressaltar que um percentual expressivo de respondentes deste conjunto considera como bairro apenas a área do conjunto. Os moradores do conjunto integrado de pequeno porte apresentaram melhor percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram e no bairro e o conjunto integrado de porte médio apresenta uma das piores avaliações, apenas melhor em relação aos entornos. Os moradores dos dois conjuntos integrados e seus entornos estão entre os que definem bom vizinho aquele que ajuda quando precisam, indicando uma maior expectativa em relação ao vizinho. Ainda, nos dois conjuntos integrados, os moradores indicaram a existência de mais amigos no local onde moram, no entanto, também indicaram um percentual elevado de amigos fora do bairro, demonstrando a interação não somente com os moradores do conjunto, mas também entre o conjunto, o entorno imediato e a cidade. Por outro lado, nos dois conjuntos não integrados estudados, pode-se perceber o percentual mais elevado de amigos no local onde moram, demonstrando a interação mais limitada com o entorno imediato.

Os resultados sugerem que a integração do conjunto na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, independente da dimensão ou da localização do conjunto na cidade, contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade, assim como com a satisfação com o local onde moram. No entanto, constata-se que a percepção de integração do conjunto está mais associada à continuidade das vias do conjunto no entorno, ou conforme Magalhães (2007), à articulação entre tecidos urbanos, do que com a existência de vias muito integradas no sistema.

### 4.7.3 Hipótese 3: relação da localização com a interação social

A hipótese 3 investiga a relação da localização do conjunto habitacional e a interação com o entorno imediato e a interação intraconjunto, ou seja, a interação entre os moradores do próprio conjunto (coesão social).

O levantamento físico apontou que o conjunto Germano Henck (*grande porte*) localiza-se distante do centro da cidade antiga e do centro da cidade nova em termos de distância, e não é integrado ao entorno. O mapa figura-fundo evidencia o isolamento do conjunto em relação ao entorno. Através das entrevistas/ mapa mental, ficou constatada a percepção de limite do bairro, onde os moradores consideram como parte do conjunto somente a ocupação ao sul da estrada RS 124, possivelmente por ser uma ocupação concentrada, segregada do entorno (conectada em apenas um ponto) e com limites bem definidos, além da presença da RS que funciona como uma barreira física isoladora. Segundo Holanda (2002), existe evidência empírica que sugere que quanto mais profundo o sistema (baixa acessibilidade topológica, portanto) mais difícil a apropriação por parte do pedestre, particularmente pelos estranhos ao lugar que, em geral, são a maioria das pessoas nos espaços públicos. Esse “efeito de gueto” impede o estranho de penetrar naturalmente nas partes internas do lugar, maximizando, assim, o controle local em detrimento do controle do estranho. Foi possível constatar nas entrevistas essa ‘coesão social’, pois os moradores ressaltaram que ali todos se conhecem e se protegem. Também comentaram que o bairro é seguro e ‘não acontece nada com o pessoal daqui’, reforçando a clareza na definição do território, ou seja, na percepção da ‘unidade’ do bairro. Nos questionários, constatou-se que esses moradores apresentam uma das melhores avaliações em relação à satisfação com a segurança do local onde moram, indicando controle territorial. É importante notar que embora os resultados indiquem que o “efeito de gueto” pode ser benéfico para a segurança, não significa que o isolamento estaria qualificando o conjunto.

As observações comportamentais confirmam que a área verde é intensamente utilizada pelos moradores, apesar de não possuir muitos equipamentos e mobiliário urbano. O campo de futebol é utilizado por crianças e jovens e as ‘calçadas’ da área verde por jovens, adultos e idosos, facilitando o convívio social entre os moradores do conjunto e entorno imediato. Foi observado, também, a presença diária de frequentadores homens em um bar (na rua Maceió), em horários distintos, indicando que a existência de locais de convívio social pode ‘reunir’ a vizinhança. Verificou-se que o fluxo de pedestres se dá a partir da parada de ônibus, na entrada do conjunto, uma vez que o deslocamento para os centros acontece, basicamente, de

ônibus. Nas imediações da parada de ônibus, também foi identificada uma continuidade no fluxo de pedestres nas ruas, o que contribui para um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação (ver HOLANDA, 2002).

Os resultados indicam que os moradores do conjunto Germano Henck (*distante de grande porte*) estão satisfeitos com o local onde moram e com o bairro. Eles também apresentaram avaliação positiva quanto ao relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro. Ainda, eles apresentaram percepção positiva do tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram e no bairro. Os moradores do conjunto distante de grande porte e seu entorno estão entre os que definem bom vizinho aquele que simplesmente não incomoda, indicando uma menor expectativa em relação ao vizinho. Esse conjunto possui o maior percentual de moradores que possuem mais amizades no local onde moram, confirmando estudos anteriores (GEHL, 1987; GAMBIM, 2007), que conjuntos grandes, distantes e segregados podem fazer com que as pessoas se relacionem somente entre si, em função da percepção da amplitude do espaço que está associada a distâncias aceitáveis para percorrer ou realizar atividades. Os resultados dos questionários também indicaram que os moradores do conjunto distante de grande porte são os que apresentam o maior percentual entre os conjuntos de possibilidade de uso dos espaços abertos públicos, caso esses fossem mais adequados.

No entanto, não foi constatada uma avaliação superior aos demais conjuntos que indicasse um melhor relacionamento ou um relacionamento mais intenso entre os moradores desse conjunto em relação aos demais conjuntos. Essa constatação pode estar relacionada ao que Hillier e Netto (2002) tratam por “mito do localismo”, onde o senso comum tende a achar que as sociedades são mais integradas em menor escala ou tem uma vida em comum mais intensa. No entanto, os autores ressaltam que os moradores se deslocam para trabalhar ou consumir e, por isso, não apresentam dinâmicas exclusivamente locais e fechadas e, assim, não significa que os laços se intensifiquem. De forma semelhante, Secchi (2006) argumenta que, com a decomposição do espaço urbano e com a separação espacial dos postos de trabalho daqueles da residência e dos lugares onde se desenvolvem outras práticas sociais, a fábrica ou o escritório onde os trabalhadores passam a maior parte da própria jornada podem tornar-se o verdadeiro lugar da interação social. Estes podem substituir a rua, o mercado e os lugares da sociabilidade tradicional. Essa constatação também pode estar relacionada ao que Jacobs (2000) sustenta, que, onde as pessoas se vêem diante da opção de compartilhar muito ou nada, seria comum os moradores manterem um isolamento em relação aos outros. Assim, a

percepção da quantidade elevada de residências (bem próximas) pode estar associada à falta de privacidade e pode atuar como obstáculo à interação.

Portanto, verifica-se que conjuntos habitacionais distantes da área urbana consolidada apresentam maior ‘coesão social’ entre os moradores do próprio conjunto, do que conjuntos habitacionais localizados em áreas centrais, no sentido de “efeito de gueto”. No entanto, não foi confirmado que moradores de conjuntos mais distantes e isolados do centro da cidade interagem mais intensamente do que nos demais conjuntos.

Em complemento, este estudo confirmou que as características fisicoespaciais dos espaços públicos abertos, mais especificamente o conforto decorrente da existência de vegetação e bancos, podem afetar a interação social entre os moradores do conjunto e entre o conjunto e o entorno. No conjunto Vila Popular (*porte médio X integrado X próximo*), os espaços públicos abertos não atendem os quesitos necessários para desempenhar atividades de convívio social, por exemplo, devido ao estreitamento e irregularidade das calçadas e falta de vegetação e sombreamento na praça, dificultando a permanência no local, diminuindo as oportunidades de contato social e informal e influenciando negativamente o nível de interação entre os moradores. No entanto, é importante notar as áreas verdes dos conjuntos Vila São Pedro e Germano Henck são intensamente utilizadas pelos moradores, apesar de possuir poucos equipamentos e mobiliário. Da mesma forma, este estudo confirmou que as características socioeconômicas dos moradores podem afetar a interação social entre os moradores do conjunto e entre o conjunto e o entorno, uma vez que modificam o estilo de vida, os hábitos de compras no dia a dia e as formas de deslocamento, entre outros. Ainda, a partir de vários indicadores, foi possível concluir que o menor poder aquisitivo dos moradores está associado a uma maior tolerância com as condições de moradia.

#### **4.8 Considerações finais**

Os principais resultados obtidos a partir da investigação que busca a compreensão do processo de interação social entre os moradores de conjuntos habitacionais e entre o conjunto com o entorno imediato e com a cidade, são apresentados a seguir:

Sobre a relação da dimensão com a interação social, verificou-se que:

- A dimensão do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é o grau de interação social dos moradores do conjunto com o entorno imediato;



- Conjuntos de pequeno porte podem estar mais facilmente inseridos dentro da malha urbana existente e melhor localizados, próximos dos locais de serviços e comércio, o que pode afetar positivamente a satisfação dos moradores com o local onde moram e com o bairro;
- A continuidade das vias do conjunto no entorno influenciam a percepção de homogeneidade e integração no bairro em que se inserem, além de contribuir para o fluxo de pedestres, conferindo um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação;
- Conjuntos de pequeno porte, com as características do conjunto estudado, tendem a apresentar melhor avaliação quanto ao relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro e, da mesma forma, tendem a apresentar melhor percepção do tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram e no bairro;
- Conjuntos de pequeno porte, com as características do conjunto estudado, têm maior expectativa de manter boas relações com vizinhos;
- Moradores de conjuntos de pequeno porte apresentam amizades no local onde moram e amizades fora do bairro, demonstrando a interação não somente com os moradores do conjunto, mas também entre o conjunto e o entorno imediato e a cidade.

Sobre a relação da configuração com a interação social, verificou-se que:

- A configuração do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, sendo que a integração do conjunto na malha urbana existente pode contribuir para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade;
- Existem diferenças entre conjuntos integrados por estarem dentro da malha urbana existente e em conjuntos integrados que possuem vias com valores de integração (acessibilidade topológica) elevados, sendo que a percepção de integração do conjunto no bairro está mais associada à continuidade das vias do conjunto no entorno;
- A existência no conjunto de via com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema (toda a cidade) indica boa acessibilidade e proximidade aos serviços utilizados no dia a dia, o que também contribui para um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação, mas não indica percepção de integração;
- Conjuntos integrados, com as características dos conjuntos estudados, tendem a apresentar maior satisfação em relação ao local onde moram e em relação ao bairro, assim como melhor avaliação quanto ao relacionamento com os vizinhos do bairro;

- Conjuntos integrados, com as características dos conjuntos estudados, têm maior expectativa de manter boas relações com vizinhos;
- Moradores de conjuntos integrados apresentam amizades no local onde moram e amizades fora do bairro, demonstrando a interação não somente com os moradores do conjunto, mas também entre o conjunto e o entorno imediato e a cidade.

Sobre a relação da localização com a interação social, verificou-se que:

- A localização do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato;
- Conjuntos distantes da área urbana consolidada, geralmente de grande porte, tendem a apresentar o “efeito de gueto”, que impede o estranho de penetrar naturalmente nas partes internas do lugar, maximizando, assim, o controle local em detrimento do controle do estranho;
- Conjuntos distantes da área urbana consolidada, com as características dos conjuntos estudados, apresentam avaliação positiva quanto ao local onde moram e com o bairro, assim como quanto ao relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro e quanto ao tipo de relação entre os vizinhos no local onde moram e no bairro;
- Conjuntos distantes da área urbana consolidada, com as características dos conjuntos estudados, têm menor expectativa de manter boas relações com vizinhos;
- Moradores de conjuntos distantes da área urbana consolidada percebem com mais intensidade a existência de relação de amizade no local onde moram, confirmando que conjuntos mais distantes e isolados podem limitar o relacionamento entre os próprios moradores dos conjuntos, em função da percepção da amplitude do espaço estar associada a distâncias aceitáveis para percorrer ou realizar atividades que facilitam encontros;
- Conjuntos distantes da área urbana consolidada, com as características dos conjuntos estudados, apresentam o maior percentual entre os conjuntos de possibilidade de uso dos espaços abertos públicos, caso esses fossem mais adequados.

## 5 CONCLUSÕES E RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS

### 5.1 Introdução

Este capítulo traz a conclusão geral do trabalho. São abordados os aspectos relacionados ao problema de pesquisa, aos objetivos e aos métodos adotados. Os resultados das hipóteses investigadas são sintetizados e discutidos. Por fim, são apresentadas as limitações do estudo, a relevância dos resultados e as implicações destes para o planejamento urbano e para a retomada da produção da habitação de interesse social.

### 5.2 Problema de pesquisa, objetivos e métodos

Esta pesquisa analisou a produção da habitação de interesse social implementada pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) e constatou, com base na literatura, que as características de implantação dos conjuntos habitacionais de interesse social podem influenciar o tipo e a intensidade de interação social entre os moradores de conjuntos habitacionais e entre conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Foi destacada a importância da interação social como um indicador fundamental de desempenho dos conjuntos, uma vez que nossas cidades deveriam ser estruturas produzidas para intensificar as trocas sociais e econômicas entre as pessoas (por exemplo, ALEXANDER, 1965; MAGALHÃES, 2002; NETTO, 2006).

Foi realizado um estudo comparativo entre quatro conjuntos habitacionais produzidos pela COHAB – Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul e seus respectivos entornos, na cidade de Montenegro – RS, caracterizados por unidades habitacionais unifamiliares e com diferentes características de implantação (dimensões, configurações e localizações em relação à área urbana consolidada).

A comparação entre as áreas de estudo (conjuntos e seus respectivos entornos), baseada na percepção dos moradores dos conjuntos e dos moradores dos entornos e na avaliação comportamental nos espaços públicos abertos (ruas, calçadas, praças e áreas verdes), contribuiu para a compreensão da influência das características de implantação dos conjuntos habitacionais na interação social. Foi levado em consideração que as características socioeconômicas dos moradores e as características físicoespaciais dos espaços públicos abertos também influenciam a interação social entre os moradores. Destaca-se que este trabalho, embora amplie os conhecimentos na área de Ambiente e Comportamento, faz parte

de estudos em contínuo desenvolvimento (estudos que investigam as relações existentes entre as características fisicoespaciais do ambiente construído e o comportamento de seus usuários).

Os dados foram levantados com o objetivo de caracterizar o ambiente construído através de levantamentos de arquivo, levantamento físico e levantamento fotográfico, e com o objetivo de compreender o território percebido, níveis de interação social e atitude dos moradores através de aplicação de mapas mentais com entrevistas, observações de manifestações comportamentais, observações de traços físicos e questionários. A análise de dados contou com a utilização de recursos computacionais estatísticos, de análise dos mapas figura-fundo, de análise dos mapas de barreiras com indicação das constituições (conexões funcionais) e da análise sintática. Os múltiplos métodos de coleta e análise de dados possibilitaram a complementaridade dos resultados obtidos, aumentando a compreensão e a validação da investigação, mostrando-se favoráveis ao desenvolvimento de uma metodologia adequada para avaliar o desempenho de ambientes construídos quanto aos efeitos na interação social entre os moradores.

A partir da comparação do tipo e intensidade de interação social entre os moradores das áreas selecionadas, acredita-se que este estudo atingiu o seu principal objetivo: o de avaliar os conjuntos habitacionais de interesse social produzidos pela COHAB, medindo a efetividade de apropriação dos espaços públicos abertos e, conseqüentemente, interação social entre moradores dos conjuntos e moradores dos entornos, verificando as características de implantação mais favoráveis ou menos favoráveis à interação social nas situações analisadas.

Embora mais estudos sejam necessários, ao analisar quatro situações específicas, este trabalho responde o problema de pesquisa sobre a influência das características de implantação dos conjuntos habitacionais de interesse social na interação social dos moradores do próprio conjunto e do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Com isso, a partir das generalizações admitidas e limitações existentes, fornece subsídios teóricos que podem contribuir para a implantação de conjuntos habitacionais que propiciem, de uma forma mais adequada, a interação social entre os moradores do conjunto, entre os moradores do conjunto com o entorno e com a cidade, promovendo o sentimento de pertencimento e cidadania.

### **5.3 Hipóteses de pesquisa**

Os resultados analisados permitiram tecer considerações relevantes sobre a influência das características de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social, no tocante a dimensão, configuração e localização, levando em consideração a influência das

características físicoespaciais dos espaços públicos abertos e as características socioeconômicas dos moradores, na interação social entre os moradores do próprio conjunto e do conjunto com o entorno imediato e com a cidade. Três hipóteses foram exploradas para verificar a influência das características de implantação na interação social. A sustentação das relações investigadas é apresentada a seguir:

A primeira hipótese que trata da relação entre a dimensão do conjunto e a interação social (quanto menor a dimensão do conjunto habitacional, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato e vice versa) foi sustentada. Os dados analisados permitiram verificar que a dimensão do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato e, por outro lado, quanto maior for o conjunto, menor a interação com o entorno imediato.

A segunda hipótese que trata da relação entre a configuração do conjunto e a interação social (a integração do conjunto na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade) também foi sustentada. Os resultados sugerem que a integração do conjunto na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, independente da dimensão ou da localização do conjunto na cidade, contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade, assim como com a satisfação com o local onde moram e com o bairro. No entanto, constatou-se que a percepção de integração do conjunto está mais associada à continuidade das vias do conjunto no entorno, do que a existência de vias integradas no sistema.

A terceira hipótese que trata da relação entre a localização do conjunto e a interação social (quanto mais distante da área urbana consolidada o conjunto habitacional estiver, menor é a interação com o entorno imediato e maior a interação intraconjunto, ou seja, maior interação entre os moradores do próprio conjunto (coesão social), do que conjuntos habitacionais localizados em áreas centrais) foi sustentada parcialmente. Os resultados indicam que conjuntos habitacionais distantes da área urbana consolidada apresentam maior ‘coesão social’ entre os moradores do próprio conjunto do que conjuntos habitacionais localizados em áreas centrais, no sentido de “efeito de gueto”. No entanto, não foi confirmado se moradores de conjuntos mais distantes e isolados do centro da cidade interagem mais intensamente entre si do que moradores dos demais conjuntos.

A verificação das três hipóteses de trabalho permite concluir que as características de implantação dos conjuntos podem afetar o tipo e intensidade de interação social entre os moradores. Dessa forma, conclui-se que, por tratar-se da necessidade de otimização dos espaços e recursos públicos, é imprescindível que os projetos dos conjuntos habitacionais de interesse social tenham o foco no usuário, para que se produzam espaços mais qualificados e adequados às suas necessidades. Assim, afetariam de forma positiva a interação social entre os moradores do próprio conjunto e entre os moradores do conjunto com o entorno imediato e com a cidade e, ainda, trariam implicações importantes nas relações de integração e no nível de satisfação dos moradores.

#### **5.4 Discussão dos resultados**

Embora este estudo tivesse como propósito verificar a influência de cada característica de implantação separadamente, constatou-se que as três características de implantação estudadas (dimensão, configuração e localização) estão diretamente relacionadas, uma vez que conjuntos de pequeno porte, ou seja, com poucas unidades habitacionais, podem mais facilmente ter boa localização e inserção na malha urbana existente.

##### **5.4.1 Resultados relativos à Hipótese 1: relação da dimensão do conjunto habitacional e a interação social**

Conjuntos com um maior número de unidades habitacionais (tipologia casa isolada no lote) necessitam de áreas maiores para implantação, mais difíceis de estarem localizadas dentro da malha urbana existente servida por infraestrutura e serviços básicos (por exemplo, DAMÁSIO, 2006). Além disso, conjuntos de grande porte podem limitar o relacionamento entre os próprios moradores dos conjuntos, em função da percepção da amplitude do espaço estar associada a distâncias aceitáveis para percorrer ou realizar atividades que facilitam encontros (GEHL, 1987; GAMBIM, 2007). Por exemplo, o conjunto de grande porte estudado (Germano Henck) possui o maior percentual de moradores que possuem mais amizades no local onde moram. No entanto, ressalta-se que além do porte, este conjunto se caracteriza por ser segregado e distante da área urbana consolidada.

Por outro lado, conjuntos de pequeno porte, ou seja, com poucas unidades habitacionais, por necessitarem de áreas menores para implantação, podem mais facilmente ter boa localização e inserção na malha urbana existente, ocupando os vazios urbanos e contribuindo para a integração dos moradores do conjunto com os moradores do entorno existente (SIMONI, 2007; COELHO, 2009). Por exemplo, o conjunto de pequeno porte

analisado (Vila São Pedro) está dentro de loteamento existente e, portanto, dentro da malha urbana existente. Essa continuidade do tecido indicou uma homogeneidade na área e, com isso, foi constatado que as unidades do conjunto são percebidas como integrantes do bairro em que se inserem, tanto pelos moradores do conjunto quanto pelos moradores do entorno. Essa constatação confirma que a imagem ambiental pode influenciar a avaliação de desempenho do ambiente, na percepção de integração e no comportamento dos moradores (por exemplo, MARANS e FLY, 1981 apud LAY, 1992). Dessa forma, conjuntos de pequeno porte podem afetar positivamente a percepção de território e, assim, o sentimento de pertencimento e o reconhecimento como parte integrante da cidade, trazendo implicações favoráveis à interação social entre os moradores do conjunto com o entorno imediato (por exemplo, LAY e REIS, 2005).

O fato de o conjunto de pequeno porte estar inserido na malha urbana existente e, ainda, próximo do centro da cidade nova, com grande fluxo de pedestres e veículos, contribui para a satisfação dos moradores com o local onde moram e com o bairro. A continuidade no fluxo de pedestres nas ruas do loteamento está associada à proximidade aos serviços utilizados no dia a dia (possibilidade de deslocamento à pé), o que confere um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação. Foi constatado que esse fluxo contínuo de pedestres está relacionado ao *movimento natural* que, conforme a literatura (por exemplo HILLIER e HANSON, 1984; NETTO, 2006) é o movimento de pessoas determinado apenas pela configuração do traçado. Ainda, é importante destacar que esta proximidade, que também está relacionada com a acessibilidade topológica, tem como característica principal a complementariedade das rotinas, baseadas em distâncias curtas e rapidamente percorridas que aumentam, naturalmente, a probabilidade de encontros (por exemplo NETTO, PASCHOALINO e PINHEIRO, 2010).

Esse estudo reafirmou o papel fundamental dos espaços públicos abertos para a interação social, conforme indicava a literatura (por exemplo, LAY, 1998; BASSO, 2001; MAGALHÃES, 2002; SOUZA, 2005; GAMBIM, 2007). A configuração dos espaços públicos abertos e os seus elementos físicos presentes se mostraram fundamentais na promoção do encontro e na permanência dos moradores, influenciando, dessa forma, o contato entre as pessoas e favorecendo ou não a interação entre eles. Por exemplo, o conjunto de pequeno porte analisado (Vila São Pedro) possui uma área verde central no loteamento que, apesar de não possuir muitos equipamentos e mobiliário urbano, possui árvores de grande porte que oferecem sombra aos usuários, juntamente com espaços para sentar,

indicado pela literatura como questões essenciais para o conforto (WHITE, 1988; BASSO, 2001) e, assim, essa área verde é intensamente utilizada pelos moradores. No entanto, foi constatado que as calçadas desse conjunto, em função da largura e manutenção inadequadas, não são utilizadas para atividades passivas de contemplação e socialização, apesar do intenso fluxo de pedestres. Essa constatação vai ao encontro de estudos (por exemplo, WHYTE, 1988; JACOBS, 2000; BASSO, 2001) que apontam que o uso das calçadas para atividades sociais está relacionado com o dimensionamento, sua pavimentação e manutenção adequada à circulação e, ainda, com locais adequados à permanência. Nesse sentido, o conjunto analisado (Cinco de Maio) que possui as calçadas mais largas e com mais vegetação, apresentou avaliação mais satisfatória, assim como o uso mais intenso para atividades de lazer e convívio social. Já os conjuntos analisados (Vila Popular e Germano Henck) que possuem as calçadas mais estreitas, apresentaram as piores avaliações, assim como menor uso para atividades de lazer e convívio social. Dessa forma, ficou confirmada a importância de analisar as características fisioespaciais dos espaços públicos abertos para o melhor entendimento da interação social.

Os resultados indicam que os moradores de conjunto de pequeno porte são os mais satisfeitos com o local onde moram e com o bairro. Eles também apresentam melhor avaliação do que os conjuntos de maior porte quanto ao relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro. Ainda, eles percebem mais positivamente o tipo de relação (caráter da vizinhança) entre os vizinhos no local onde moram e no bairro. Essas constatações confirmam estudos que indicam que a avaliação da imagem percebida pelo residente afeta e reflete seus sentimentos de autoestima, sua posição social na comunidade, o relacionamento com os vizinhos e a sensação de pertencer e identificar-se com o lugar em que vive, sensações consideradas necessárias para a satisfação ambiental, que afetam a apropriação e o comportamento espacial (por exemplo, LAY e REIS, 1995). Os moradores do conjunto de pequeno porte e seu entorno apresentam uma maior expectativa em relação a ter bons vizinhos e maior solidariedade entre si. Os moradores do conjunto de pequeno porte e seu entorno também indicaram a existência de amizades no local onde moram e fora do bairro, demonstrando a interação não somente com os moradores do conjunto, mas também com os moradores do entorno imediato e a cidade, confirmando que o pequeno porte do conjunto favorece a integração dos moradores com o entorno (COELHO, 2009). Ou seja, o conjunto de pequeno porte apresentou melhor desempenho do ponto de vista da interação social.



Portanto, os dados analisados permitiram verificar que a dimensão do conjunto habitacional pode influenciar o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato, sendo que quanto menor for o número de unidades do conjunto, maior é o grau de interação social dos moradores com o entorno imediato. No entanto, ressalta-se que a dimensão do conjunto habitacional parece afetar a interação social entre os moradores na medida em que ela afeta a configuração e a localização do conjunto e não exclusivamente pelo número de unidades habitacionais.

#### **5.4.2 Resultados relativos à Hipótese 2: relação da configuração do conjunto habitacional e a interação social**

A configuração parece ser a variável com influência mais direta na interação social entre os moradores, confirmando estudo de Hillier e Hanson (1984) que colocam a acessibilidade como o componente mais eficiente na dinâmica de segregação, pois afirma a distância social através da natural implicação das redes de movimento. Estudos (por exemplo, GAMBIM, 2007; AGUIAR, 2010) confirmaram a falta de interação social entre o conjunto e o bairro em conjuntos com boa localização, em função das características configuracionais da implantação, entre outras razões.

Este estudo indicou que existem diferenças na percepção de integração do conjunto no entorno, conforme os conjuntos integrados estudados. Foi verificado que o conjunto Vila São Pedro (de pequeno porte) é integrado ao entorno por estar dentro de loteamento e malha urbana existente e o conjunto Vila Popular (de porte médio) é integrado ao entorno por possuir uma via central que serve de ligação entre bairros. O conjunto integrado de pequeno porte apresenta continuidade do tecido urbano e o conjunto integrado de porte médio não, indicando maior homogeneidade na área do conjunto integrado de menor porte que, de acordo com a literatura, contribui para um maior sentido de comunidade e influencia as relações sociais (PROSHANSKY, ITTELSON & RIVLIN, 1970 in GANS, 1976). Assim, o conjunto Vila São Pedro (integrado de pequeno porte) está inserido nos limites percebidos do bairro pelos moradores do conjunto e do entorno. As variações nas percepções referem-se às vias estruturais que servem de barreiras físicas, conforme indicado por Lynch (1980). No entanto, também indicam que a continuidade das vias do conjunto no entorno influencia a percepção de integração, confirmando estudo de Magalhães (2007) que sustenta que na articulação entre tecidos urbanos, a relação entre sistemas viários é a mais imediata. Já no conjunto Vila Popular (integrado de médio porte), a percepção de limite do bairro dos moradores inclui apenas o conjunto, possivelmente por ser uma ocupação concentrada, voltada para sua rua

principal e com poucas conexões na malha urbana existente que, conforme Lynch (1980), trata-se de uma ocupação “introvertida”. Além disso, as vias que limitam o conjunto são vias com alta acessibilidade topológica e, portanto, com grande fluxo de veículos, contribuindo para a definição dos limites físicos do local onde moram. Portanto, a existência no conjunto de uma via com valor de integração (acessibilidade topológica) elevado em relação ao sistema não influencia necessariamente a percepção de integração (no sentido de reconhecimento como parte integrante da cidade), mas indica boa acessibilidade e potencial proximidade aos serviços utilizados no dia a dia, o que também contribui para um padrão urbano de copresença e possibilidade de interação (ver HILLIER e HANSON, 1984; RIGATTI, 1997; HOLANDA, 2002).

No conjunto Vila Popular (integrado de médio porte), as observações comportamentais salientam a importância da via principal no sistema, pelo intenso fluxo de veículos e pedestres de distintos bairros (controle do estranho), confirmando as pesquisas que demonstram que o grau de integração (acessibilidade topológica) de um espaço está fortemente correlacionado com o número de pessoas que se movem nele. Nesse sentido, Figueiredo (2010) argumenta que urbanidade acontece quando o ambiente construído e suas estruturas auxiliares permitem ou potencializam encontros e a copresença entre pessoas de classes e estilos de vida distintos, dentro de um sistema probabilístico no qual essas pessoas, em suas rotinas, tendem a usar ou passar pelos mesmos lugares. No entanto, segundo Peponis (1992), a configuração espacial determina apenas o notar potencial de outros, como o pano de fundo para uma sociedade ativa, mas não provam que as pessoas interagem, partilham ou trocam experiências entre si, ou mesmo, se notam mutuamente.

Os resultados indicam que moradores de conjuntos integrados estão mais satisfeitos com o local onde moram e com o bairro do que moradores de conjuntos não integrados e seus respectivos entornos. Os moradores de conjunto integrado de pequeno porte têm melhor relacionamento com os vizinhos do local onde moram e com os vizinhos do bairro do que moradores de conjuntos maiores e menos integrados. Por sua vez, moradores de conjuntos integrados têm melhor interação com os vizinhos do bairro do que moradores de conjuntos não integrados e seus respectivos entornos, evidenciando que os conjuntos integrados apresentam melhor interação com o entorno.

A baixa avaliação na intensidade de relacionamento com os vizinhos do local onde moram, assim como a percepção do tipo de relação existente entre os vizinhos (caráter da vizinhança) no conjunto de médio porte integrado, pode estar relacionada ao que Holanda

(2002) coloca, que a maximização da integração maximiza o controle em favor do estranho ao lugar em detrimento do controle do habitante, ou seja, a via central de elevado valor de integração (acessibilidade topológica) intensifica o fluxo do estranho e diminui o controle do morador, podendo vir a interferir na interação entre os moradores. Segundo Castello (2008), ruas com grande fluxo de veículos, quando cortam áreas residenciais, ao estimular um tráfego de passagem, comprometem a tranquilidade no interior da comunidade residencial e, conseqüentemente, a interação entre os moradores. No entanto, cabe ressaltar que a presença maior de estranhos não necessariamente impede a relação entre vizinhos, considerando que outros aspectos podem estar relacionados, tais como a falta de locais adequados para atividades de lazer e convívio social. Ficou confirmado que os espaços abertos deste conjunto não atendem os requisitos necessários, apontados na literatura (por exemplo WHYTE, 1988; JACOBS, 2000; BASSO, 2001) para desempenhar atividades de convívio social, por exemplo, devido ao estreitamento e irregularidade das calçadas e falta de vegetação e sombreamento na praça, dificultando a permanência no local, diminuindo as oportunidades de contato social e informal e influenciando negativamente o nível de interação entre os moradores. Nesse sentido, também confirmando a literatura (por exemplo KIM & KAPLAN, 2004; GAMBIM, 2007) que ressalta que a interação social na vizinhança está relacionada às oportunidades de contato social formal e informal pelas quais moradores podem desempenhar com qualidade os seus relacionamentos.

Os resultados sugerem que a integração do conjunto na malha urbana existente, decorrente de sua configuração, independente da dimensão ou da localização do conjunto na cidade, é a característica de implantação que mais contribui para que os moradores se integrem ao bairro/ cidade e sejam reconhecidos como pertencentes à cidade, assim como com a satisfação com o local onde moram. No entanto, constata-se que a percepção de integração do conjunto está mais associada à continuidade das vias do conjunto no entorno, ou conforme Magalhães (2007), à articulação entre tecidos urbanos, do que com a existência de vias muito integradas no sistema.

#### **5.4.3 Resultados relativos à Hipótese 3: relação da localização e a interação social**

Foi confirmado que a localização está relacionada não apenas à distância geométrica, mas também à distância topológica (HILLIER e HANSON, 1984). A localização de conjuntos habitacionais também está relacionada às condições de acessibilidade e mobilidade intraurbanas que, normalmente, representam papéis muito importantes nas condições de vida das pessoas nas cidades (por exemplo, VILLAÇA, 2001).

Este estudo produziu evidência empírica que indica que quanto mais profundo o sistema (baixa acessibilidade topológica, portanto), e mais distante estiver localizado o conjunto em relação a área urbana consolidada, mais intensa são as relações internas entre os moradores, gerando uma certa “coesão social”, onde todos se conhecem e se protegem. Ao mesmo tempo, o “efeito gueto” aumenta o controle territorial e dificulta a apropriação e penetração dos espaços comuns por estranhos ou não moradores, afetando positivamente a percepção de segurança. Essa constatação vai ao encontro do que Hillier e Hanson (1984) salientam sobre a importância da vida nas ruas, onde afirmam que as pessoas atuam mais territorialmente em espaços segregados. Isto é, quanto mais segregado os espaços, mais questionada a presença de estranhos.

No caso específico deste estudo, cabe destacar que o conjunto Germano Henck (*grande porte, não integrado e distante*) apresenta a menor faixa de renda (assim como menor nível de escolaridade) o que também pode ter influenciado o estabelecimento de prioridades de necessidades, assim como as oportunidades de deslocamento e apropriação dos espaços de lazer e convívio social pelos moradores (por exemplo, BASSO, 2001; NETTO, 2009). Por exemplo, os moradores priorizam as compras diárias no próprio bairro para reduzir os custos de deslocamento para o centro da cidade, fazendo com que circulem internamente no conjunto e contribuindo para um padrão mais urbano de copresença e possibilidade de interação (ver HOLANDA, 2002). Esses dados reafirmam a importância de considerar as características socioeconômicas para o melhor entendimento da interação social, assim como confirmam as diferenças na apropriação e comportamento espacial em função desses fatores (BASSO, 2001; NETTO, 2009).

No entanto, apesar de conjunto distante, segregado, com moradores de baixa renda e, portanto, baixa mobilidade potencializarem encontros e copresença dos moradores que tendem a usar ou passar pelos mesmos lugares (FIGUEIREDO, 2010), as relações internas não se mostraram mais intensas. Este resultado pode estar relacionado ao que Hillier e Netto (2002) tratam por “mito do localismo”, que sugere um senso comum de que as sociedades são mais integradas em menor escala ou tem uma vida em comum mais intensa. Os autores ressaltam que os moradores se deslocam para trabalhar ou consumir e, por isso, não apresentam dinâmicas exclusivamente locais e fechadas e, portanto, não necessariamente os laços se intensifiquem. De forma semelhante, Secchi (2006) argumenta que, com a decomposição do espaço urbano e a separação espacial dos locais de trabalho dos locais de residência e demais lugares onde se desenvolvem outras práticas sociais, a fábrica ou o

escritório podem tornar-se o verdadeiro lugar da interação social, uma vez que os trabalhadores passam boa parte do dia nesta jornada. Essa constatação também pode estar relacionada ao que Jacobs (2000) sustenta, que onde as pessoas se vêem diante da opção de compartilhar muito ou nada, compartilham nada, pois a formação de inimizades parece ser mais dependente da proximidade física decorrente de altas densidades (GAMBIM, 2007).

### **5.5 Limitações da pesquisa**

A compreensão da influência das características de implantação na interação social entre moradores do conjunto e entre o conjunto com o entorno imediato e com a cidade se mostrou uma tarefa complexa que exige a multiplicidade de métodos investigativos para abranger as diferentes variáveis sugeridas pela literatura.

Constatou-se que pelo pouco tempo disponível para investigar os conjuntos habitacionais, não foi possível realizar entrevistas com maior profundidade que gerariam um maior detalhamento sobre as relações analisadas. Da mesma forma, não houve a possibilidade de procurar mais entrevistados dispostos a desenhar o mapa mental, pois os dados oriundos dos mapas mentais poderiam diferir dos dados coletados através da descrição dos limites percebidos e acrescentariam muitas informações importantes para o trabalho. Ainda, acredita-se que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo maior, pois existem aspectos culturais e sociais “que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação” (VELHO, 2004).

A coleta e a análise de dados foram realizadas inteiramente pela própria pesquisadora, limitando a possibilidade de trabalhar com uma amostra maior de cada área analisada, além das questões relativas à segurança da pesquisadora apontadas na Metodologia. Acredita-se que a investigação com uma amostra maior de entrevistados, de respondentes e até mesmo de mais horários de observações comportamentais (assim como nas diversas estações do ano), ampliariam a validade e a precisão dos dados obtidos neste estudo. Ressalta-se ainda que uma pesquisa quantitativa com outros conjuntos habitacionais, onde fosse possível isolar cada uma das características de implantação (por exemplo, em relação à dimensão, a investigação seria realizada em um conjunto pequeno, integrado e próximo; pequeno, integrado e distante; pequeno, não integrado e próximo; pequeno, não integrado e distante, etc) poderia conduzir a resultados mais conclusivos. Também deve ser considerada a possibilidade de comparar conjuntos habitacionais que apresentem características fisioespaciais dos espaços públicos

abertos mais semelhantes para ter maior certeza sobre a influência mais direta das características de implantação. Ainda, é interessante observar que o agrupamento da faixa de renda efetuado neste trabalho, colocou a primeira faixa até 3 salários mínimos. Assim, não foi possível constatar maiores diferenças entre os conjuntos e seus respectivos entornos. Se houvesse uma subdivisão desta primeira categoria, poderia ter sido evidenciado algumas diferenças importantes.

Por tudo isso, ressalta-se que mais estudos sobre a influência das características de implantação de conjuntos habitacionais na interação social são fundamentais, pois outros aspectos não investigados também podem vir a contribuir e complementar a compreensão da interação social entre moradores e entre o conjunto com o entorno imediato e com a cidade.

### **5.6 Relevância dos resultados e sugestões**

Esta pesquisa vai ao encontro de vários estudos que indicam a influência das características de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social, assim como da influência das características físicoespaciais dos espaços públicos abertos e das características socioeconômicas dos moradores, na interação social entre os moradores, fazendo parte de um campo de estudo em contínua evolução.

A metodologia estabelecida permitiu a descrição e compreensão da realidade analisada. A partir do cruzamento da análise físicoespacial com as observações comportamentais e com as respostas dos moradores, os procedimentos metodológicos mostraram-se adequados aos principais objetivos traçados, sendo possível serem reproduzidos para outras situações semelhantes de investigação.

Ressalta-se que as generalizações desta pesquisa para outros conjuntos habitacionais devem ser cautelosas, devido às características físicoespaciais das áreas de estudo analisadas e, também, às características socioeconômicas dos moradores. Todavia, espera-se que estes resultados possam contribuir para decisões de projeto de habitação de interesse social e, também, que a metodologia de análise aqui adotada possa ser repetida em outros estudos preocupados com a interação social em conjuntos habitacionais de interesse social.

Destaca-se a importância desta investigação, sobretudo, no entendimento que a produção da habitação social não pode ser voltada exclusivamente para a solução do déficit habitacional. Conjuntos implantados de forma inadequada podem apresentar baixo desempenho quanto aos efeitos na interação social, além das implicações negativas no nível de satisfação dos moradores com o local onde moram/ bairro. Por outro lado, conjuntos

implantados de forma adequada, ou seja, conjuntos menores, próximos da área urbana consolidada e inseridos na malha urbana existente, podem facilitar a interação social entre os moradores, promovendo o sentimento de pertencimento e cidadania. É importante observar que embora exista um senso comum de que essas características são mais favoráveis para o desempenho de conjuntos habitacionais quanto aos efeitos da interação social, não existem estudos conclusivos e, nesse sentido, este estudo produziu evidência empírica. Portanto, a pesquisa realizada sustenta a importância das características de implantação dos conjuntos habitacionais para a compreensão do comportamento dos moradores. Os resultados obtidos ampliam o entendimento da interação social, podendo, assim, contribuir para novas pesquisas sobre o tema e para intervenções urbanas mais adequadas às necessidades humanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- AGUIAR, Douglas Viera de. **Alma espacial: o corpo e o movimento na arquitetura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- ALEX, Sun. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- ALEXANDER, Christopher. **A City is not a Tree**. In: *Architectural Forum*, vol. 122, nº 1, abril 1965, pp. 58-62 (parte I); vol. 122, nº 2, maio 1965, pp. 58-62 (parte II).
- ALMEIDA, Raquel de C.; ANDRADE, Luciana T. de; JAYME, Juliana G. Espaços públicos em Belo Horizonte: uma reflexão sobre as diferentes formas de socialidades em algumas praças da cidade. In: **Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR**. Salvador, 2005.
- ANDRADE, Luciana da Silva. Onde está a urbanidade: num bairro central de Berlim ou numa favela carioca?. **I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ENANPARQ**. Rio de Janeiro, 2010.
- BASSO, Jussara Maria. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande - MS**. Porto Alegre, UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BONES, Mirilia; SECCHIAROLI, Gianfranco. **Environmental Psychology: a psychosocial introduction**. London, SAGE Publications, 1995.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- BRANDÃO, Vera B. Espaço Urbano X Apropriação Social: Um estudo de caso dos espaços abertos de Taguatinga. In: **Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR**. Salvador, 2005.
- BUENO, Laura Machado de Mello. **Projeto e favela: metodologia para projetos de urbanização**. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leanne; STONE, Andrew. **Public Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CARVALHO, T.C.C. **As dimensões da habitação**. Projeto, nº77, pp. 95-103, 1985.
- CASTELLO, Iara Regina. **Bairros, loteamentos e condomínios: elementos para o projeto de novos territórios habitacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- CASTELO, Luís Filipe Montenegro. **Fissuras urbanas**. Brasília, UNB, 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2008.



- COELHO, António B. **Cidade e habitação de interesse social**. In: Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído - SBQP. São Carlos, 2009.
- DAMÁSIO, Cláudia (organizadora). **Urbanizador social: da informalidade à parceria**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- EGLER, Tâmara T. Cohen. Interação social no espaço urbano: encontros ou confrontos. In: Ana Clara Torres Ribeiro (org.). **Repensando a experiência urbana na América Latina: questões, conceitos e valores**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- FIGUEIREDO, Lucas. Desurbanismo: Um manual rápido de destruição de cidades. **I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ENANPARQ**. Rio de Janeiro, 2010.
- FRANCIS, Mark. Urban Open Space . In: ZUBE, E.; MOORE, G. (eds). **Advances in environment, behavior and Design**. New York: Plenum Press, 1987.
- FREITAS, Eleusina Lavor Holanda de. **Como qualificar conjuntos habitacionais populares**. Brasília: Caixa Econômica Federal, Brasília, 2004. (da dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC Campinas em 2002).
- FRÚGOLI Junior, Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- FRÚGOLI Junior, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- GALDO, Rafael e DAFLON, Rogério. **Vidas em blocos**. Reportagem do Jornal O Globo veiculada na semana de 8 a 14 de maio de 2011. Disponível em: [www.oglobo.com.br/rio/info/conjuntos-habitacionais](http://www.oglobo.com.br/rio/info/conjuntos-habitacionais)
- GAMBIM, Paula Silva. **A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GANS, Herbert J. Planning and Social Life: friendship and Neighbor Relations in Suburban Communities. In: Proshansky, Ittelson & Rivlin. **Environmental Psychology: People and their physical settings**. Nova York: Holt, Rinehart & Winston. 1976.
- GEHL, Jan. **Life between buildings: using public space**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.
- GOLLEDGE, Reginald G.; MOORE, Gary T. **Environmental Knowing: theories, research and methods**. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross Inc., 1976.
- GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- GONÇALVES, Alice Rauber. Urbanidade e as novas configurações urbanas. **I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ENANPARQ**. Rio de Janeiro, 2010.
- GONÇALVES, Wantuelfer et al. Planejamento de áreas verdes em espaços urbanos. In: **Anais do XII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC**. Fortaleza, 2008.

- HARVEY, David. **Social justice and the city**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.
- HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The Social Logic of Space**. Bath: Pitman Press, 1984.
- HILLIER, B. Against Enclosure. In: TEYMOURE, N.; MARCUS, T.; WOOLEY, T. **Rehumanizing Housing**. London: Butterworths, 1988, p.63-88.
- HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **Space is the machine: a configurational theory of architecture**. London: Cambridge University, 1996.
- HILLIER, Bill; NETTO, Vinícius de Moraes. **Society seen through the prism of space: outline of a theory of society and space**. URBAN DESIGN International 7, 2002.
- HOLANDA, Frederico de. **O espaço de exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- HOLANDA, Frederico de (org.). **Arquitetura & Urbanidade**. São Paulo: Pro Editores, 2003.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KIM, Joongsub & KAPLAN, Rachel. **Physical and Psychological factors in sense of community**. New urbanism Kentlands and Nearby Orchard Village. Environment and Behavior, v. 36, n.3, p.42-69, mai. 2004.
- LAMAS, Jose M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3ª Ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2004.
- LANG, J. **Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioral Sciences in Environmental Design**. New York, Van Nostrand Reinhold Company, 1987.
- LANG, J. **Urban Design: the american experience**. New York: Van Nostrand Reinhold Company Inc., 1994
- LAY, Maria Cristina Dias. **Responsive Site Design, User Environmental Perception and Behavior**. Tese de Doutorado, School of Architecture, Oxford Brookes University, 1992.
- LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. Satisfação e comportamento do usuário como critérios de avaliação pós-ocupação da unidade e do conjunto habitacional. In: **ANTAC, Avanços em tecnologia e gestão de Produção de Edificações**. Universidade de São Paulo. Anais, V.2, p.903-912, 1993.
- LAY, Maria Cristina Dias. O impacto da qualidade da habitação popular na imagem urbana. In: **Anais do VI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC**. Rio de Janeiro, 1995.
- LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. **ANTAC**. 1ª Ed. Porto Alegre: ANTAC, 1995. v.1 31p.
- LAY, Maria Cristina Dias. Relações entre legibilidade de layout e apropriação de espaços abertos em conjuntos habitacionais. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC**. Florianópolis, 1998.
- LAY, Maria Cristina Dias. Influência de tipos arquitetônicos e grau de acessibilidade na apropriação de espaços abertos coletivos em conjuntos habitacionais mistos. **VIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC 2000 – Modernização e Sustentabilidade**. ANTAC e Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

- LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. O papel de espaços abertos comunais na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais. **Revista Ambiente Construído**. Porto Alegre, v.2, n.3, 2002, p.25-39.
- LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. **Elementos de projeto que afetam o desempenho de conjuntos habitacionais**. Caixa Econômica Federal/ UFRGS, 2002a.
- LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. Habitação Social: diferenças no papel de espaços abertos comunais segundo tipos habitacionais. In: **Encontro Nacional da ANPUR** (11. : 2005 : Salvador, BA). Planejamento, Soberania e Solidariedade: perspectivas para o território e a cidade: Anais... Salvador: UBA, 2005.
- LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. Análise quantitativa na área de estudos ambiente comportamento. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 21-36, 2005a.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MAGALHÃES, Sérgio Ferraz. **Sobre a cidade: habitação e democracia no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pro Editores, 2002.
- MAGALHÃES, Sérgio Ferraz. **Ruptura e Contigüidade em Urbanismo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley: Ed. PROURB, 2007.
- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MARZULO, Eber Pires. **Espaço dos pobres: Identidade social e territorialidade na modernidade tardia**. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade de Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- MINISTÉRIO das Cidades. Disponível em: <[www.cidades.gov.br](http://www.cidades.gov.br)> Governo Federal, 2010.
- MONTELLI, C.; REIS, Antônio Tarcísio. **O efeito da estética no uso das praças: o caso de Pelotas/RS**. In: **XII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – ENTAC**. Fortaleza, 2008.
- MORAIS, Marcele Trigueiro de Araújo. **A pacificação da cidade: o caso dos espaços públicos do grand ensemble Lês Minguettes, em Lyon (França)**. I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ENANPARQ. Rio de Janeiro, 2010.
- NASAR, J. **The evaluative image of the city**. Thousand Oaks, Califórnia: SAGE Publication, 1998.
- NETTO, Vinicius de Moraes. Lógicas de Apropriação Social do Espaço. Disponível em: <http://www.urbanismo.arq.br>. 2009a. In: **Anais do VIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR**. Porto Alegre, 1999.
- NETTO, Vinicius de Moraes. **O efeito da arquitetura: impactos sociais, econômicos e ambientais de diferentes configurações de quarteirão**. *Arquitextos*, São Paulo, dez 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/290>>
- NETTO, Vinicius de Moraes. **Morfologias para uma sustentabilidade arquitetônica-urbana**. In: NUTAU – Seminário Internacional: O Espaço Sustentável Inovações em Edifícios e Cidades, 2008, São Paulo. NUTAU 2008 – 7º Seminário Internacional: O Espaço Sustentável Inovações em Edifícios e Cidades. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

- NETTO, Vinicius de Moraes. **A formação das redes sociais no espaço urbano**. Disponível em: <http://www.urbanismo.arq.br>. 2009.
- NETTO, Vinicius de Moraes. A urbanidade como devir do urbano. **I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ENANPARQ**. Rio de Janeiro, 2010.
- NETTO, V. de M.; PASCHOALINO, R.; PINHEIRO, M. **Redes sociais na cidade, ou a condição urbana da coexistência**. *VIRUS*, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: 23/02/11.
- OLIVEIRA, Patrícia Prado; LAY, Maria Cristina Dias. **Influência da implantação de unidades isoladas e em grupo no nível de satisfação da moradia: habitação dispersa e concentrada**. 54<sup>th</sup> IFHP World Congress. Porto Alegre, 2010.
- PEPONIS, John. **Espaço, Cultura e Desenho Urbano**?. *Arquitetura e Urbanismo*, ano 8, n. 41, abr-mai 1992, p.78-83.
- RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana: hacia una confrontación de las ciencias sociales com el diseño de la forma urbana**. Barcelona, Editora Gustavo Gilli, 1978.
- REIS, Antônio Tarcísio; BECKER, Sandra; LAY, Maria Cristina Dias. Sig, isovistas, vegetação e aparência dos espaços abertos em conjuntos habitacionais. In: **Anais XI Encontro Nacional de Tecnologia no Ambiente Construído - ENTAC 2006**, Florianópolis. Porto Alegre: ANTAC, 2006.
- RIGATTI, Décio. **Apropriação do espaço público: um estudo sobre o centro de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Urbanismo, 1993.
- RIGATTI, Décio. Apropriação do espaço público: um estudo comparativo. **Paisagem Ambiente Ensaio**. São Paulo, n.7, jun. 1995, p.141-197.
- RIGATTI, Décio. **Do espaço projetado ao espaço vivido: modelos de morfologia urbana no Conjunto Rubem Berta**. Tese de Doutorado – Curso de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 1997).
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; VOGEL, Arno (Coord.). **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Projeto, 1985.
- SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade** (1974). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Aline Martins da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SIMONI, Tainá Lopes. **Habitação de interesse social e segregação social**. In: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – Ensaio Acadêmicos do CAUFAG em 2007/ organização Solange Irene Smolarek Dias. Cascavel: Smolarek Arquitetura Ltda, 2007. p. 110-118.
- SOUZA, M. Julieta N. de. Encontros e desencontros: sentidos dos espaços públicos contemporâneos. In: **Anais do XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR**. Salvador, 2005.

TAYLOR, R. B. **Human territorial functioning: An empirical, evolutionary perspective on individual and small group territorial cognitions, behaviours and consequences**. New York, Cambridge University, cap. 5, 8, 1988.

VALLADARES, L.P. **Passa-se uma Casa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

WHYTE, Willian H. **The social life of the small urban spaces**. Washington: The Conservation Foundation, 1980.

WHYTE, William. **City: Rediscovering the center**. New York: Doubleday, 1988.

ZERBINI, Ana e REIS, Antônio Tarcísio. Composição visual e compatibilidade formal em praças centrais de Porto Alegre. In: **IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído** – ENTAC. Foz do Iguaçu/ PR, 2002.

**ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA****APLICAÇÃO DE MAPA MENTAL COM ENTREVISTA****Data:** .....**Nome do entrevistado:** .....**Tempo de moradia:** .....

1) Bairro:

- Cinco de Maio  
 Vila Popular  
 Vila São Pedro  
 Germano Henck

2) Local da moradia:

- no conjunto  
 no entorno

3) Gênero do entrevistado:

- Masculino  
 Feminino

4) Faixa Etária:

- até 20 anos  
 de 21 a 59 anos  
 acima de 60 anos

5) Você poderia fazer o desenho do bairro onde vive?

.....  
.....

6) Localize no desenho a sua casa e as ruas que considera mais importantes do bairro.

.....  
.....

7) O que você acha das condições dos serviços que utiliza no dia a dia existentes no bairro onde mora? Por quê?

.....  
.....  
.....

8) Identifique os serviços em geral que costuma utilizar no seu dia a dia (comércio, serviços, escola).

.....  
.....  
.....

9) O que acha das condições das praças e calçadas existentes no local onde mora? Por quê?

.....  
.....  
.....



## ANEXO B – MODELO DO QUESTIONÁRIO

Nome do respondente: .....	Questionário n°: .....
Endereço: .....	Data: .....

### 1) Bairro:

- Cinco de Maio  
 Vila Popular  
 Vila São Pedro  
 Germano Henck

### 2) Local da moradia:

- no conjunto  
 no entorno

### 3) Quais as atividades que você costuma realizar nas horas de lazer: (pode marcar mais de uma alternativa, se necessário):

- passear  
 conversar na vizinhança  
 praticar esportes  
 atividades em casa  
 outras: .....

### 4) Para as atividades de lazer e convívio, no seu bairro, você costuma utilizar: (pode marcar mais de uma alternativa, se necessário):

- praças/ áreas verdes do seu bairro  
 calçadas  
 casa de vizinhos  
 própria casa  
 clube/ associação do seu bairro  
 outro: .....

### 5) No caso de existir criança em casa, aonde elas costumam brincar: (pode marcar mais de uma alternativa, se necessário):

- praças/ áreas verdes do seu bairro  
 calçadas  
 casa de vizinhos  
 própria casa  
 clube/ associação no bairro  
 não tem criança  
 outro: .....

Percepção de adequação das calçadas do local onde mora, quanto à:	Muito adequada	Adequada	NN	Inadequada	Muito inadequada
6) Largura para circular					
7) Largura para atividades de convívio social					
8) Vegetação/ Sombreamento					
9) Aparência/ manutenção das calçadas					
10) Iluminação					



**11) Mencione o uso das calçadas do local onde mora: (pode marcar mais de uma alternativa)**

- ( ) Somente deslocamentos  
 ( ) Caminhadas/ Passeios a pé  
 ( ) Conversar com amigos e vizinhos  
 ( ) Brincadeiras  
 ( ) outro: .....

**12) Se as calçadas fossem mais adequadas, você usaria (mais) as calçadas para lazer e convívio social?**

- ( ) sim  
 ( ) não

Percepção de adequação das ruas do local onde mora, quanto à:	Muito adequada	Adequada	NN	Inadequada	Muito inadequada
13) Segurança quanto ao tráfego					
14) Segurança quanto ao crime					
15) Aparência/ manutenção das ruas					

Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora, quanto à:	Muito adequada	Adequada	NN	Inadequada	Muito inadequada
16) Lugar onde está localizada no bairro					
17) Quantidade de praças/ áreas verdes					
18) Vegetação/ Sombreamento					
19) Iluminação					
20) Quantidade de locais para sentar					
21) Quantidade de ambientes de estar					
22) Quantidade de atividades					
23) Local para crianças brincar					
24) Manutenção/ conservação					
25) Segurança de dia					
26) Segurança de noite					

**27) Com qual frequência costuma utilizar as praças/ áreas verdes no local onde mora:**

- ( ) diariamente  
 ( ) nos fins de semana  
 ( ) de 3 a 4 vezes por mês  
 ( ) no máximo 2 vezes por mês  
 ( ) não utiliza

**28) Mencione o uso das praças/ áreas verdes do local onde mora: (pode marcar mais de uma alternativa)**

- ( ) Não utiliza  
 ( ) Brincar com crianças  
 ( ) Tomar chimarrão  
 ( ) Conversar com amigos e vizinhos  
 ( ) Praticar esportes  
 ( ) outro: .....

**29) Se as praças/ áreas verdes fossem mais adequados, você usaria (mais) para lazer e convívio social?**

- ( ) sim  
 ( ) não

**30) Você costuma utilizar algum equipamento comunitário aqui do bairro? (pode marcar mais de uma alternativa, se necessário):**

- ( ) Escola  
 ( ) Creche  
 ( ) Centro comunitário  
 ( ) Posto de saúde  
 ( ) Templo religioso  
 ( ) Outras: .....

Satisfação com o local onde mora em relação à:	Muito satisfatório	Satisfatório	NN	Insatisfatório	Muito Insatisfatório
31) Segurança					
32) Aparência					
33) Qualidade das calçadas					
34) Qualidade das praças/ áreas verdes					
35) Qualidade dos serviços/ comércio					
36) Satisfação em morar neste local					

Satisfação com o bairro em relação à:	Muito satisfatório	Satisfatório	NN	Insatisfatório	Muito Insatisfatório
37) Segurança					
38) Aparência					
39) Qualidade das calçadas					
40) Qualidade das praças/ áreas verdes					
41) Qualidade dos serviços/ comércio					
42) Ligação entre o bairro e cidade					
43) Satisfação em morar no bairro					

Relacionamento com vizinhos:	Muito Bom	Bom	NN	Ruim	Muito Ruim
44) Moradores do local onde mora					
45) Moradores do bairro					

**46) Na sua opinião, bom vizinho é aquele que:**

- ( ) ajuda quando precisam  
 ( ) mantém contato próximo  
 ( ) não mantém contato próximo  
 ( ) simplesmente não incomoda  
 ( ) outra: .....

**47) Como você percebe o clima entre os vizinhos no local onde mora?**

- ( ) comunidade  
 ( ) amizade  
 ( ) indiferença  
 ( ) isolamento  
 ( ) hostilidade

**48) Como você percebe o clima entre os vizinhos no bairro?**

- comunidade
- amizade
- indiferença
- isolamento
- hostilidade

**49) Em relação as suas amizades, você diria que tem:**

- mais amizades no local onde mora
- mais amizades no bairro
- mais amizades fora do bairro
- não possui amizades

**50) Quando é que você se sente “em casa”?**

- quando chega no bairro (por exemplo, na parada de ônibus)
- quando está próximo (por exemplo, na quadra) ao local onde mora
- quando chega em casa
- outro: .....

## INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE:

**51) Há quanto tempo você vive nesta moradia?**

- até 10 anos
- de 11 a 20 anos
- de 21 a 30 anos
- mais de 31 anos

**52) Principal meio de locomoção:**

- à pé
- bicicleta
- motocicleta
- carro
- ônibus

**53) Hábitos de compras no dia a dia:**

- no próprio bairro
- Centro (lado leste do Morro São João)
- Timbaúva (lado oeste do Morro São João)
- outro: .....

**54) Local de trabalho:**

- no próprio bairro
- Centro (lado leste do Morro São João)
- Timbaúva (lado oeste do Morro São João)
- outro: .....

**55) Gênero:**

- Masculino
- Feminino

**56) Escolaridade:**

- ensino fundamental:  incompleto  completo  
 ensino médio:  incompleto  completo  
 ensino superior:  incompleto  completo  
 outro: .....

**57) Faixa Etária:**

- até 20 anos  
 de 21 a 59 anos  
 acima de 60 anos

**58) Faixa de renda familiar:**

- abaixo de R\$1.530,00 (abaixo de 3 salários mínimos)  
 de R\$1.531,00 à R\$2.550,00 (de 3 a 5 salários mínimos)  
 de R\$2.551,00 a R\$5.100,00 (de 5 a 10 salários mínimos)  
 de R\$5.101,00 a R\$9.690,00 (de 10 a 19 salários mínimos)  
 acima de R\$9.691,00 (mais de 20 salários mínimos)

## ANEXO C – SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS DOS QUESTIONÁRIOS

### Bairro e local de moradia:

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
Conjunto	30	55,6	30	55,6	20	39,2	40	78,4
Entorno	24	44,4	24	44,4	31	60,8	11	21,6
Total	54	(25,7%)	54	(25,7%)	51	(24,3%)	51	(24,3%)

### Quais as atividades que você costuma realizar nas horas de lazer: *(se aplica)*

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V4 passear	6 (20,0)	8 (33,3)	10 (33,3)	4 (16,7)	6 (30,0)	14 (45,2)	12 (30,0)	2 (18,2)
V5 conversar	21 (70,0)	7 (29,2)	14 (46,7)	9 (37,5)	13 (65,0)	15 (48,4)	21 (52,5)	4 (36,4)
V6 esportes	12 (40,0)	3 (12,5)	6 (20,0)	5 (20,8)	4 (20,0)	12 (38,7)	6 (15,0)	0 (0,0)
V7 ativ. casa	20 (66,7)	18 (75,0)	16 (53,3)	19 (79,2)	14 (70,0)	24 (77,4)	26 (65,0)	8 (72,7)
V8 chimarrão	17 (56,7)	3 (12,5)	11 (36,7)	6 (25,0)	8 (40,0)	14 (45,2)	18 (45,0)	5 (45,5)
V9 olhar	2 (6,7)	2 (8,3)	2 (6,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	4 (10,0)	0 (0,0)
V10 brincar	6 (20,0)	0 (0,0)	7 (23,3)	4 (16,7)	7 (35,0)	8 (25,8)	10 (25,0)	0 (0,0)
V11 manuais	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (3,3)	1 (4,2)	3 (15,0)	6 (19,4)	2 (5,0)	0 (0,0)
V12 grupo	1 (3,3)	1 (4,2)	2 (6,7)	3 (12,5)	2 (10,0)	2 (6,5)	4 (10,0)	0 (0,0)
V13 outro	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (5,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

### Para as atividades de lazer e convívio, no seu bairro, você costuma utilizar:

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V14 praça	18 (60,0)	2 (8,3)	11 (36,7)	5 (20,8)	10 (50,0)	10 (32,3)	19 (47,5)	3 (27,3)
V15 calçadas	19 (63,3)	8 (33,3)	5 (16,7)	6 (25,0)	7 (35,0)	7 (22,6)	17 (42,5)	1 (9,1)
V16 vizinhos	2 (6,7)	1 (4,2)	6 (20,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (9,7)	1 (2,5)	1 (9,1)
V17 casa	18 (60,0)	22 (91,7)	22 (73,3)	22 (91,7)	17 (85,0)	25 (80,6)	28 (70,0)	9 (81,8)
V18 clube	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	1 (4,2)	2 (10,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
V19 centro	1 (3,3)	3 (12,5)	6 (20,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
V20 outro	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (5,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)

### No caso de existir criança em casa, aonde elas costumam brincar:

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V21 praça	5 (16,7)	2 (8,3)	7 (23,3)	4 (16,7)	5 (25,0)	5 (16,1)	8 (20,0)	1 (9,1)
V22 calçadas	6 (20,0)	0 (0,0)	5 (16,7)	4 (16,7)	4 (20,0)	2 (6,5)	5 (12,5)	1 (9,1)
V23 vizinhos	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
V24 casa	4 (13,3)	8 (33,3)	7 (23,3)	12 (50,0)	9 (45,0)	10 (32,3)	13 (32,5)	4 (36,4)
V25 clube	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
V26 não tem	21 (70,0)	15 (62,5)	21 (70,0)	11 (45,8)	10 (50,0)	18 (58,1)	22 (55,0)	7 (63,6)
V27 outro	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

### Percepção de adequação das calçadas do local onde mora qto à largura para circular:

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	29 (96,7)	12 (50,0)	24 (80,0)	15 (62,5)	19 (95,0)	28 (90,3)	24 (60,0)	1 (9,1)
Nem, nem	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (9,1)
Inadequado	0 (0,0)	4 (16,7)	6 (20,0)	4 (16,7)	1 (5,0)	2 (6,5)	16 (40,0)	2 (18,2)
Muito Inadequado	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	7 (29,2)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	7 (63,6)
MO	73,12	37,38	59,60	51,10	68,53	57,24	47,70	17,91

Conjunto (K-W,  $\chi^2=21.720$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=29.194$ , sig.=.000).  
MO=média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico não-paramétrico Kruskal-Wallis

**Percepção de adequação das calçadas do local onde mora quanto à largura para atividades de convívio social:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	24 (80,0)	10 (41,7)	18 (60,0)	7 (29,2)	17 (85,0)	22 (71,0)	16 (40,0)	1 (9,1)
Nem, nem	3 (10,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Inadequado	2 (6,7)	6 (25,0)	7 (23,3)	10 (41,7)	2 (10,0)	8 (25,8)	22 (55,0)	3 (27,3)
Muito Inadequado	0 (0,0)	1 (4,2)	4 (13,3)	5 (20,8)	1 (5,0)	1 (3,2)	2 (5,0)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	7 (29,2)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	7 (63,6)
MO	75,45	41,08	56,75	43,31	72,30	59,23	46,20	21,23

Conjunto (K-W,  $\chi^2=20.346$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=21.480$ , sig.=.000).

**Percepção de adequação das calçadas do local onde mora quanto à vegetação/ sobreamento:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	4 (13,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	15 (50,0)	3 (12,5)	13 (43,3)	7 (29,2)	6 (30,0)	8 (25,8)	9 (22,5)	1 (9,1)
Nem, nem	1 (3,3)	1 (4,2)	3 (10,0)	0 (0,0)	1 (5,0)	2 (6,5)	1 (2,5)	0 (0,0)
Inadequado	10 (33,3)	11 (45,8)	13 (43,3)	14 (58,3)	13 (65,0)	19 (61,3)	29 (72,5)	3 (27,3)
Muito Inadequado	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	2 (6,5)	1 (2,5)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	7 (29,2)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	7 (63,6)
MO	77,32	39,88	63,43	50,83	54,78	53,23	48,55	24,36

Conjunto (K-W,  $\chi^2=15.708$ , sig.=.001); Entorno (K-W,  $\chi^2=14.256$ , sig.=.003).

**Percepção de adequação das calçadas do local onde mora quanto à aparência/ manutenção das calçadas:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	13 (43,3)	1 (4,2)	2 (6,7)	9 (37,5)	3 (15,0)	7 (22,6)	8 (20,0)	0 (0,0)
Nem, nem	4 (13,3)	3 (12,5)	2 (6,7)	2 (8,3)	4 (20,0)	6 (19,4)	3 (7,5)	0 (0,0)
Inadequado	11 (36,7)	10 (41,7)	20 (66,7)	7 (29,2)	11 (55,0)	14 (45,2)	22 (55,0)	3 (27,3)
Muito Inadequado	2 (6,7)	3 (12,5)	6 (20,0)	5 (20,8)	2 (10,0)	4 (12,9)	7 (17,5)	1 (9,1)
Não se aplica	0 (0,0)	7 (29,2)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	7 (63,6)
MO	77,07	35,96	47,83	54,60	61,85	55,06	56,90	19,50

Conjunto (K-W,  $\chi^2=13.478$ , sig.=.004); Entorno (K-W,  $\chi^2=22.760$ , sig.=.000).

**Percepção de adequação das calçadas do local onde mora quanto à iluminação:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (5,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	28 (93,3)	14 (58,3)	28 (93,3)	15 (62,5)	16 (80,0)	24 (77,4)	35 (87,5)	3 (27,3)
Nem, nem	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	3 (9,7)	3 (7,5)	0 (0,0)
Inadequado	2 (6,7)	2 (8,3)	0 (0,0)	5 (20,8)	2 (10,0)	3 (9,7)	1 (2,5)	1 (9,1)
Muito Inadequado	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	7 (29,2)	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (5,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	7 (63,6)
MO	62,00	41,31	62,03	49,65	59,45	53,21	58,75	23,86

Conjunto (K-W,  $\chi^2=.803$ , sig.=.849); Entorno (K-W,  $\chi^2=15.238$ , sig.=.002).

**Mencione o uso das calçadas do local onde mora:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V33 deslocar	11 (36,7)	14 (58,3)	21 (70,0)	17 (70,8)	11 (55,0)	20 (64,5)	22 (55,0)	3 (27,3)
V34 caminhar	11 (36,7)	3 (12,5)	6 (20,0)	3 (12,5)	2 (10,0)	11 (35,5)	4 (10,0)	0 (0,0)
V35 atividades	12 (40,0)	5 (20,8)	4 (13,3)	4 (16,7)	7 (35,0)	4 (12,9)	15 (37,5)	1 (9,1)
V36 brincar	1 (3,3)	0 (0,0)	3 (10,0)	1 (4,2)	3 (15,0)	1 (3,2)	5 (12,5)	0 (0,0)
V37outros	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)

**Se as calçadas fossem mais adequadas, você usaria (mais) as calçadas para lazer e convívio social:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
sim	21 (70,0)	20 (83,3)	18 (60,0)	13 (54,2)	15 (75,0)	21 (67,7)	34 (85,0)	9 (81,8)
não	9 (30,0)	4 (16,7)	12 (40,0)	11 (45,8)	5 (25,0)	10 (32,3)	6 (15,0)	2 (18,2)

**Percepção de adequação das ruas do local onde mora qto à segurança qto ao tráfego:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	18 (60,0)	5 (20,8)	16 (53,3)	11 (45,8)	15 (75,0)	13 (41,9)	8 (20,0)	2 (18,2)
Nem, nem	4 (13,3)	3 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (5,0)	0 (0,0)	3 (7,5)	2 (18,2)
Inadequado	7 (23,3)	15 (62,5)	13 (43,3)	13 (54,2)	4 (20,0)	16 (51,6)	29 (72,5)	7 (63,6)
Muito Inadequado	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (6,5)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	69,95	43,67	61,68	49,08	77,78	45,58	43,89	41,45

Conjunto (K-W,  $\chi^2=20.218$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=1.073$ , sig.=.784).

**Percepção de adequação das ruas do local onde mora qto à segurança qto ao crime:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	9 (30,0)	6 (25,0)	20 (66,7)	12 (50,0)	16 (80,0)	14 (45,2)	35 (87,5)	4 (36,4)
Nem, nem	2 (6,7)	4 (16,7)	2 (6,7)	1 (4,2)	2 (10,0)	6 (19,4)	3 (7,5)	4 (36,4)
Inadequado	16 (53,3)	14 (58,3)	7 (23,3)	11 (45,8)	2 (10,0)	11 (35,5)	2 (5,0)	3 (27,3)
Muito Inadequado	3 (10,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	36,40	37,63	60,35	47,38	69,80	48,94	74,04	48,91

Conjunto (K-W,  $\chi^2=31.636$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=3.562$ , sig.=.313).

**Percepção de adequação das ruas do local onde mora quanto à aparência/ manutenção das ruas:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	21 (70,0)	4 (16,7)	12 (40,0)	8 (33,3)	6 (30,0)	7 (22,6)	10 (25,0)	1 (9,1)
Nem, nem	4 (13,3)	5 (20,8)	7 (23,3)	6 (25,0)	3 (15,0)	4 (12,9)	5 (12,5)	2 (18,2)
Inadequado	5 (16,7)	9 (37,5)	9 (30,0)	7 (29,2)	10 (50,0)	19 (61,3)	15 (37,5)	2 (18,2)
Muito Inadequado	0 (0,0)	6 (25,0)	2 (6,7)	3 (12,5)	1 (5,0)	1 (3,2)	10 (25,0)	6 (54,5)
MO	80,97	41,58	63,23	53,60	54,95	47,90	45,88	29,59

Conjunto (K-W,  $\chi^2=20.339$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=7.925$ , sig.=.048).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto ao lugar onde está localizada no bairro:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	16 (53,3)	14 (58,3)	28 (93,3)	18 (75,0)	20 (100)	28 (90,3)	39 (97,5)	9 (81,8)
Nem, nem	1 (3,3)	2 (8,3)	1 (3,3)	4 (16,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (9,1)
Inadequado	11 (36,7)	6 (25,0)	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	2 (6,5)	1 (2,5)	0 (0,0)
Muito Inadequado	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (9,1)
MO	43,75	35,96	64,25	44,56	68,00	53,16	66,50	46,77

Conjunto (K-W,  $\chi^2=25.723$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=10.814$ , sig.=.013).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à quantidade de praças/ áreas verdes:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	4 (13,3)	3 (12,5)	25 (83,3)	6 (25,0)	15 (75,0)	25 (80,6)	40 (100)	9 (81,8)
Nem, nem	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (10,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Inadequado	21 (70,0)	18 (75,0)	5 (16,7)	16 (66,7)	2 (10,0)	5 (16,1)	0 (0,0)	2 (18,2)
Muito Inadequado	4 (13,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (5,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	25,68	30,25	68,67	34,85	64,48	59,98	78,50	61,18

Conjunto (K-W,  $\chi^2=66.247$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=32.213$ , sig.=.000).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à vegetação/ sombreamento:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	5 (16,7)	3 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	16 (80,0)	6 (19,4)	26 (65,0)	3 (27,3)
Adequado	24 (80,0)	18 (75,0)	2 (6,7)	2 (8,3)	2 (10,0)	20 (64,5)	12 (30,0)	5 (45,5)
Nem, nem	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	2 (10,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	1 (9,1)
Inadequado	0 (0,0)	1 (4,2)	25 (83,3)	16 (66,7)	0 (0,0)	3 (9,7)	1 (2,5)	0 (0,0)
Muito Inadequado	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (3,3)	5 (20,8)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	2 (18,2)
MO	59,05	53,96	18,48	21,29	86,10	55,21	80,30	52,50

Conjunto (K-W,  $\chi^2=75.739$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=32.772$ , sig.=.000).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à iluminação:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)
Adequado	11 (36,7)	8 (33,3)	17 (56,7)	7 (29,2)	6 (30,0)	12 (38,7)	7 (17,5)	2 (18,2)
Nem, nem	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (5,0)	3 (9,7)	3 (7,5)	2 (18,2)
Inadequado	9 (30,0)	5 (20,8)	1 (3,3)	2 (8,3)	2 (10,0)	9 (29,0)	23 (57,5)	3 (27,3)
Muito Inadequado	5 (16,7)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)
Não se aplica	5 (16,7)	10 (41,7)	12 (40,0)	14 (58,3)	11 (55,0)	7 (22,6)	5 (12,5)	4 (36,4)
MO	62,32	43,92	64,80	38,94	48,58	52,50	61,88	43,55

Conjunto (K-W,  $\chi^2=3.230$ , sig.=.358); Entorno (K-W,  $\chi^2=4.331$ , sig.=.228).



**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à quantidade de locais para sentar:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	2 (6,7)	0 (0,0)	27 (90,0)	17 (70,8)	16 (80,0)	21 (67,7)	9 (22,5)	2 (18,2)
Nem, nem	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (3,3)	1 (4,2)	1 (5,0)	0 (0,0)	6 (15,0)	1 (9,1)
Inadequado	6 (20,0)	16 (66,7)	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (5,0)	8 (25,8)	24 (60,0)	4 (36,4)
Muito Inadequado	20 (66,7)	6 (25,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (5,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (9,1)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	2 (6,7)	4 (16,7)	1 (5,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	3 (27,3)
MO	27,47	26,42	86,42	55,71	80,95	57,05	55,61	32,32

Conjunto (K-W,  $\chi^2=58.035$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=29.007$ , sig.=.000).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à quantidade de ambientes de estar:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	1 (3,3)	0 (0,0)	8 (26,7)	1 (4,2)	16 (80,0)	18 (58,1)	8 (20,0)	2 (18,2)
Nem, nem	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	2 (18,2)
Inadequado	6 (20,0)	17 (70,8)	16 (53,3)	17 (70,8)	1 (5,0)	11 (35,5)	30 (75,0)	3 (27,3)
Muito Inadequado	21 (70,0)	5 (20,8)	3 (10,0)	1 (4,2)	2 (10,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (9,1)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	2 (6,7)	5 (20,8)	1 (5,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	3 (27,3)
MO	30,98	34,54	63,58	36,04	88,10	62,58	66,53	41,91

Conjunto (K-W,  $\chi^2=40.355$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=24.999$ , sig.=.000).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à quantidade de atividades:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (10,0)	0 (0,0)	15 (75,0)	17 (54,8)	6 (15,0)	2 (18,2)
Nem, nem	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (4,2)	2 (10,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	2 (18,2)
Inadequado	7 (23,3)	17 (70,8)	22 (73,3)	17 (70,8)	0 (0,0)	12 (38,7)	32 (80,0)	3 (27,3)
Muito Inadequado	22 (73,3)	5 (20,8)	3 (10,0)	1 (4,2)	2 (10,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	1 (9,1)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	2 (6,7)	5 (20,8)	1 (5,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	3 (27,3)
MO	28,73	34,90	59,15	35,98	92,93	62,15	69,13	42,50

Conjunto (K-W,  $\chi^2=52.874$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=24.036$ , sig.=.000).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto aos locais para criança brincar:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	1 (3,3)	0 (0,0)	5 (16,7)	4 (16,7)	15 (75,0)	10 (32,3)	1 (2,5)	0 (0,0)
Nem, nem	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (5,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	1 (9,1)
Inadequado	4 (13,3)	16 (66,7)	20 (66,7)	13 (54,2)	2 (10,0)	17 (54,8)	36 (90,0)	5 (45,5)
Muito Inadequado	24 (80,0)	6 (25,0)	3 (10,0)	2 (8,3)	1 (5,0)	3 (9,7)	1 (2,5)	2 (18,2)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	2 (6,7)	5 (20,8)	1 (5,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	3 (27,3)
MO	28,48	38,33	64,12	43,75	94,70	56,29	64,70	34,55

Conjunto (K-W,  $\chi^2=54.236$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=11.286$ , sig.=.010).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à manutenção/ conservação:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	20 (66,7)	16 (66,7)	5 (16,7)	6 (25,0)	2 (10,0)	6 (19,4)	6 (15,0)	3 (27,3)
Nem, nem	3 (10,0)	2 (8,3)	9 (30,0)	5 (20,8)	5 (25,0)	1 (3,2)	10 (25,0)	3 (27,3)
Inadequado	3 (10,0)	2 (8,3)	8 (26,7)	7 (29,2)	8 (40,0)	17 (54,8)	21 (52,5)	2 (18,2)
Muito Inadequado	2 (6,7)	1 (4,2)	2 (6,7)	0 (0,0)	4 (20,0)	6 (19,4)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não se aplica	1 (3,3)	3 (12,5)	6 (20,0)	6 (25,0)	1 (5,0)	1 (3,2)	3 (7,5)	3 (27,3)
MO	85,15	58,96	51,83	41,81	47,75	38,69	54,89	43,36

Conjunto (K-W,  $\chi^2=22.216$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=9.769$ , sig.=.021).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à segurança de dia:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	22 (73,3)	19 (79,2)	24 (80,0)	17 (70,8)	15 (75,0)	21 (67,7)	32 (80,0)	5 (45,5)
Nem, nem	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (5,0)	1 (3,2)	3 (7,5)	1 (9,1)
Inadequado	3 (10,0)	0 (0,0)	2 (6,7)	1 (4,2)	2 (10,0)	6 (19,4)	2 (5,0)	2 (18,2)
Muito Inadequado	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (6,5)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não se aplica	3 (10,0)	4 (16,7)	4 (13,3)	6 (25,0)	2 (10,0)	1 (3,2)	3 (7,5)	3 (27,3)
MO	57,98	49,48	61,27	44,90	59,20	46,48	62,46	35,36

Conjunto (K-W,  $\chi^2=.613$ , sig.=.893); Entorno (K-W,  $\chi^2=3.396$ , sig.=.335).

**Percepção de adequação das praças/ áreas verdes do local onde mora quanto à segurança de noite:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito Adequado	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Adequado	5 (16,7)	3 (12,5)	6 (20,0)	3 (12,5)	0 (0,0)	3 (9,7)	12 (30,0)	2 (18,2)
Nem, nem	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	2 (10,0)	1 (3,2)	2 (5,0)	1 (9,1)
Inadequado	15 (50,0)	13 (54,2)	13 (43,3)	8 (33,3)	6 (30,0)	15 (48,4)	16 (40,0)	3 (27,3)
Muito Inadequado	5 (16,7)	1 (4,2)	1 (3,3)	1 (4,2)	2 (10,0)	7 (22,6)	4 (10,0)	2 (18,2)
Não se aplica	4 (13,3)	7 (29,2)	9 (30,0)	12 (50,0)	10 (50,0)	5 (16,1)	6 (15,0)	3 (27,3)
MO	62,48	47,50	59,45	38,33	40,45	48,53	69,83	48,23

Conjunto (K-W,  $\chi^2=10.651$ , sig.=.014); Entorno (K-W,  $\chi^2=2.797$ , sig.=.424).

**Com qual frequência costuma utilizar as praças/ áreas verdes no local onde mora:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Diariamente	4 (13,3)	0 (0,0)	2 (6,7)	0 (0,0)	1 (5,0)	2 (6,5)	3 (7,5)	0 (0,0)
Fins de semana	5 (16,7)	1 (4,2)	5 (16,7)	3 (12,5)	4 (20,0)	4 (12,9)	9 (22,5)	0 (0,0)
3 a 4x por mês	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (6,7)	2 (8,3)	2 (10,0)	4 (12,9)	4 (10,0)	0 (0,0)
2x por mês	8 (26,7)	1 (4,2)	4 (13,3)	1 (4,2)	5 (25,0)	2 (6,5)	3 (7,5)	3 (27,3)
Não utiliza	13 (43,3)	22 (91,7)	17 (56,7)	18 (75,0)	8 (40,0)	19 (61,3)	21 (52,5)	8 (72,7)
MO	63,43	37,65	56,03	45,48	63,30	52,10	60,25	44,09

Conjunto (K-W,  $\chi^2=.967$ , sig.=.809); Entorno (K-W,  $\chi^2=7.129$ , sig.=.068).

**Mencione o uso das praças/ áreas verdes do local onde mora:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V54 não	13 (43,3)	22 (91,7)	16 (53,3)	18 (75,0)	8 (40,0)	19 (61,3)	21 (52,5)	8 (72,7)
V55 brincar	6 (20,0)	0 (0,0)	6 (20,0)	3 (12,5)	7 (35,0)	7 (22,6)	11 (27,5)	0 (0,0)
V56 convívio	16 (53,3)	2 (8,3)	10 (33,3)	5 (20,8)	10 (50,0)	11 (35,5)	19 (47,5)	3 (27,3)
V57 esportes	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (6,5)	2 (5,0)	0 (0,0)
V58 outro	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (5,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)

**Se as praças/ áreas verdes fossem mais adequados, você usaria (mais) para lazer e convívio social?**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
sim	26 (86,7)	22 (91,7)	20 (66,7)	21 (87,5)	13 (65,0)	24 (77,4)	37 (92,5)	8 (72,7)
não	4 (13,3)	2 (8,3)	10 (33,3)	3 (12,5)	7 (35,0)	7 (22,6)	3 (7,5)	3 (27,3)

**Você costuma utilizar algum equipamento comunitário aqui do bairro?**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V60 escola	10 (33,3)	8 (33,3)	7 (23,3)	4 (16,7)	5 (25,0)	12 (38,7)	15 (37,5)	4 (36,4)
V61 creche	4 (13,3)	2 (8,3)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	4 (10,0)	0 (0,0)
V62 centro	5 (16,7)	4 (16,7)	8 (26,7)	4 (16,7)	2 (10,0)	0 (0,0)	2 (5,0)	0 (0,0)
V63 posto	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	4 (20,0)	4 (12,9)	34 (85,0)	9 (81,8)
V64 igreja	8 (26,7)	4 (16,7)	5 (16,7)	1 (4,2)	13 (65,0)	16 (51,6)	16 (40,0)	2 (18,2)
V65 clube	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
V66 outro	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	4 (12,9)	1 (2,5)	0 (0,0)

**Satisfação com o local onde mora em relação à segurança:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	12 (40,0)	8 (33,3)	20 (66,7)	12 (50,0)	18 (90,0)	21 (67,7)	34 (85,0)	4 (36,4)
Nem, nem	6 (20,0)	4 (16,7)	3 (10,0)	5 (20,8)	0 (0,0)	7 (22,6)	4 (10,0)	4 (36,4)
Insatisfatório	11 (36,7)	12 (50,0)	6 (20,0)	7 (29,2)	2 (10,0)	3 (9,7)	2 (5,0)	3 (27,3)
Muito insatisfat	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	42,22	35,08	57,98	45,19	71,95	55,34	70,38	41,18

Conjunto (K-W,  $\chi^2=21.272$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=10.106$ , sig.=.018).

**Satisfação com o local onde mora em relação à aparência:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	26 (86,7)	7 (29,2)	19 (63,3)	18 (75,0)	16 (80,0)	26 (83,9)	25 (62,5)	4 (36,4)
Nem, nem	2 (6,7)	8 (33,3)	5 (16,7)	3 (12,5)	4 (20,0)	2 (6,5)	6 (15,0)	6 (54,5)
Insatisfatório	1 (3,3)	8 (33,3)	5 (16,7)	3 (12,5)	0 (0,0)	2 (6,5)	8 (20,0)	1 (9,1)
Muito insatisfat	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)
MO	72,28	32,02	54,25	49,69	66,20	56,08	53,50	35,95

Conjunto (K-W,  $\chi^2=10.466$ , sig.=.015); Entorno (K-W,  $\chi^2=17.872$ , sig.=.000).

**Satisfação com o local onde mora em relação à qualidade das calçadas:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	13 (43,3)	4 (16,7)	0 (0,0)	6 (25,0)	2 (10,0)	7 (22,6)	4 (10,0)	0 (0,0)
Nem, nem	11 (36,7)	3 (12,5)	5 (16,7)	5 (20,8)	3 (15,0)	10 (32,3)	5 (12,5)	0 (0,0)
Insatisfatório	6 (20,0)	10 (41,7)	24 (80,0)	12 (50,0)	15 (75,0)	13 (41,9)	24 (60,0)	9 (81,8)
Muito insatisfat	0 (0,0)	7 (29,2)	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	1 (3,2)	7 (17,5)	2 (18,2)
MO	89,52	37,44	49,47	50,94	56,78	53,56	48,88	28,50

Conjunto (K-W,  $\chi^2=35.842$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=12.620$ , sig.=.006).

**Satisfação com o local onde mora em relação à qualidade das praças/ áreas verdes:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	6 (20,0)	2 (8,3)	10 (33,3)	0 (0,0)	5 (25,0)	7 (22,6)	3 (7,5)	0 (0,0)
Nem, nem	7 (23,3)	4 (16,7)	9 (30,0)	8 (33,3)	9 (45,0)	11 (35,5)	10 (25,0)	2 (18,2)
Insatisfatório	13 (43,3)	11 (45,8)	11 (36,7)	14 (58,3)	5 (25,0)	9 (29,0)	21 (52,5)	8 (72,7)
Muito insatisfat	4 (13,3)	7 (29,2)	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (5,0)	4 (12,9)	6 (15,0)	1 (9,1)
MO	56,75	37,13	73,25	44,33	72,10	55,18	47,95	39,05

Conjunto (K-W,  $\chi^2=13.208$ , sig.=.004); Entorno (K-W,  $\chi^2=8.529$ , sig.=.036).

**Satisfação com o local onde mora em relação à qualidade dos serviços/ comércio:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	8 (40,0)	9 (29,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	26 (86,7)	11 (45,8)	23 (76,7)	14 (58,3)	12 (60,0)	21 (67,7)	30 (75,0)	5 (45,5)
Nem, nem	1 (3,3)	1 (4,2)	2 (6,7)	3 (12,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	10 (25,0)	0 (0,0)
Insatisfatório	1 (3,3)	10 (41,7)	5 (16,7)	5 (20,8)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	5 (45,5)
Muito insatisfat	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (9,1)
MO	61,72	33,77	52,28	39,81	86,00	63,42	53,00	33,00

Conjunto (K-W,  $\chi^2=25.471$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=28.698$ , sig.=.000).

**Satisfação com o local onde mora em relação à satisfação em morar neste local:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	6 (20,0)	2 (8,3)	8 (26,7)	2 (8,3)	11 (55,0)	10 (32,3)	7 (17,5)	0 (0,0)
Satisfatório	22 (73,3)	18 (75,0)	19 (63,3)	20 (83,3)	9 (45,0)	20 (64,5)	32 (80,0)	11 (100)
Nem, nem	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	0 (0,0)
Insatisfatório	2 (6,7)	3 (12,5)	2 (6,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Muito insatisfat	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	55,90	38,94	58,30	42,42	78,85	54,21	56,43	42,00

Conjunto (K-W,  $\chi^2=10.211$ , sig.=.017); Entorno (K-W,  $\chi^2=10.066$ , sig.=.018).

**Satisfação com o bairro em relação à segurança:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	8 (26,7)	10 (41,7)	20 (66,7)	10 (41,7)	17 (85,0)	17 (54,8)	34 (85,0)	6 (54,5)
Nem, nem	7 (23,3)	1 (4,2)	3 (10,0)	6 (25,0)	1 (5,0)	9 (29,0)	4 (10,0)	2 (18,2)
Insatisfatório	13 (43,3)	10 (41,7)	6 (20,0)	8 (33,3)	2 (10,0)	5 (16,1)	1 (2,5)	3 (27,3)
Muito insatisfat	1 (3,3)	1 (4,2)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	36,38	37,48	60,60	43,88	72,10	51,68	72,71	49,14

Conjunto (K-W,  $\chi^2=30.534$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=5.008$ , sig.=.171).

**Satisfação com o bairro em relação à aparência:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (6,5)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	20 (66,7)	11 (45,8)	19 (63,3)	15 (62,5)	16 (80,0)	24 (77,4)	25 (62,5)	6 (54,5)
Nem, nem	2 (6,7)	2 (8,3)	5 (16,7)	3 (12,5)	4 (20,0)	3 (9,7)	6 (15,0)	5 (45,5)
Insatisfatório	6 (20,0)	9 (37,5)	5 (16,7)	6 (25,0)	0 (0,0)	2 (6,5)	8 (20,0)	0 (0,0)
Muito insatisfat	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	61,70	34,15	57,77	43,81	69,80	55,84	57,00	44,82

Conjunto (K-W,  $\chi^2=2.949$ , sig.=.400); Entorno (K-W,  $\chi^2=12.671$ , sig.=.005).

**Satisfação com o bairro em relação à qualidade das calçadas:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	10 (33,3)	8 (33,3)	0 (0,0)	3 (12,5)	3 (15,0)	7 (22,6)	4 (10,0)	0 (0,0)
Nem, nem	6 (20,0)	1 (4,2)	4 (13,3)	5 (20,8)	3 (15,0)	11 (35,5)	5 (12,5)	4 (36,4)
Insatisfatório	11 (36,7)	9 (37,5)	25 (83,3)	16 (66,7)	14 (70,0)	12 (38,7)	24 (60,0)	6 (54,5)
Muito insatisfat	2 (6,7)	4 (16,7)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,2)	7 (17,5)	1 (9,1)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	74,48	42,04	53,23	43,10	64,93	52,19	53,25	39,41

Conjunto (K-W,  $\chi^2=10.831$ , sig.=.013); Entorno (K-W,  $\chi^2=3.742$ , sig.=.291).

**Satisfação com o bairro em relação à qualidade das praças/ áreas verdes:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	4 (13,3)	1 (4,2)	9 (30,0)	1 (4,2)	4 (20,0)	6 (19,4)	3 (7,5)	1 (9,1)
Nem, nem	5 (16,7)	6 (25,0)	9 (30,0)	13 (54,2)	10 (50,0)	11 (35,5)	10 (25,0)	5 (45,5)
Insatisfatório	15 (50,0)	10 (41,7)	12 (40,0)	9 (37,5)	5 (25,0)	10 (32,3)	21 (52,5)	5 (45,5)
Muito insatisfat	5 (16,7)	5 (20,8)	0 (0,0)	1 (4,2)	1 (5,0)	4 (12,9)	6 (15,0)	0 (0,0)
Não se aplica	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	49,93	33,56	74,20	49,63	74,23	49,84	51,29	50,32

Conjunto (K-W,  $\chi^2=15.066$ , sig.=.002); Entorno (K-W,  $\chi^2=7.727$ , sig.=.052).

**Satisfação com o bairro em relação à qualidade dos serviços/ comércios:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	8 (40,0)	9 (29,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	19 (63,3)	13 (54,2)	23 (76,7)	15 (62,5)	12 (60,0)	21 (67,7)	29 (72,5)	7 (63,6)
Nem, nem	2 (6,7)	2 (8,3)	2 (6,7)	5 (20,8)	0 (0,0)	0 (0,0)	10 (25,0)	2 (18,2)
Insatisfatório	4 (13,3)	6 (25,0)	5 (16,7)	3 (12,5)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	2 (18,2)
Muito insatisfat	2 (6,7)	1 (4,2)	0 (0,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)
Não se aplica	2 (6,7)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	51,33	33,63	56,77	39,27	88,40	61,55	56,23	39,77

Conjunto (K-W,  $\chi^2=23.848$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=24.576$ , sig.=.000).

**Satisfação com o bairro em relação à ligação entre o bairro e a cidade:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	1 (3,3)	0 (0,0)	2 (6,7)	0 (0,0)	3 (15,0)	3 (9,7)	0 (0,0)	0 (0,0)
Satisfatório	17 (56,7)	13 (54,2)	22 (73,3)	20 (83,3)	16 (80,0)	25 (80,6)	7 (17,5)	4 (36,4)
Nem, nem	5 (16,7)	6 (25,0)	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	1 (3,2)	2 (5,0)	1 (9,1)
Insatisfatório	7 (23,3)	5 (20,8)	5 (16,7)	2 (8,3)	0 (0,0)	2 (6,5)	27 (67,5)	3 (27,3)
Muito insatisfat	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (5,0)	0 (0,0)	4 (10,0)	3 (27,3)
MO	65,15	37,71	74,85	49,58	84,58	55,45	34,21	25,55

Conjunto (K-W,  $\chi^2=46.011$ , sig.=.000); Entorno (K-W,  $\chi^2=20.374$ , sig.=.000).

**Satisfação com o bairro em relação à satisfação em morar no bairro:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito satisfatório	5 (16,7)	1 (4,2)	7 (23,3)	2 (8,3)	11 (55,0)	10 (32,3)	7 (17,5)	0 (0,0)
Satisfatório	23 (76,7)	17 (70,8)	20 (66,7)	19 (79,2)	9 (45,0)	20 (64,5)	32 (80,0)	11 (100)
Nem, nem	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (3,3)	3 (12,5)	0 (0,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	0 (0,0)
Insatisfatório	2 (6,7)	2 (8,3)	2 (6,7)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Muito insatisfat	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não se aplica	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	54,93	35,71	57,30	42,77	79,85	55,73	57,40	44,00

Conjunto (K-W,  $\chi^2=11.738$ , sig.=.008); Entorno (K-W,  $\chi^2=14.412$ , sig.=.002).

**Relacionamento com os vizinhos – moradores do local onde mora:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito bom	13 (43,3)	8 (33,3)	12 (40,0)	9 (37,5)	12 (60,0)	22 (71,0)	13 (32,5)	1 (9,1)
Bom	15 (50,0)	12 (50,0)	17 (56,7)	13 (54,2)	7 (35,0)	9 (29,0)	26 (65,0)	10 (90,9)
Nem, nem	2 (6,7)	4 (16,7)	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (5,0)	0 (0,0)	1 (2,5)	0 (0,0)
Ruim	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Muito ruim	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	60,62	37,75	59,77	41,52	70,78	57,45	55,83	37,41

Conjunto (K-W,  $\chi^2=3.228$ , sig.=.358); Entorno (K-W,  $\chi^2=12.718$ , sig.=.005).

**Relacionamento com os vizinhos – moradores do bairro:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Muito bom	9 (30,0)	5 (20,8)	11 (36,7)	3 (12,5)	10 (50,0)	15 (48,4)	13 (32,5)	1 (9,1)
Bom	15 (50,0)	9 (37,5)	18 (60,0)	14 (58,3)	9 (45,0)	10 (32,3)	25 (62,5)	10 (90,9)
Nem, nem	5 (16,7)	10 (41,7)	0 (0,0)	7 (29,2)	1 (5,0)	6 (19,4)	2 (5,0)	0 (0,0)
Ruim	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Muito ruim	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	52,83	38,23	62,75	39,56	69,63	54,82	60,00	48,05

Conjunto (K-W,  $\chi^2=3.806$ , sig.=.283); Entorno (K-W,  $\chi^2=8.360$ , sig.=.039).

**Na sua opinião bom vizinho é aquele que:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Ajuda qdo precisa	20 (66,7)	6 (25,0)	14 (46,7)	10 (41,7)	12 (60,0)	17 (54,8)	16 (40,0)	5 (45,5)
Contato próximo	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (3,3)	2 (8,3)	1 (5,0)	3 (9,7)	0 (0,0)	0 (0,0)
s/ contato próx	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Não incomoda	10 (33,3)	18 (75,0)	15 (50,0)	12 (50,0)	7 (35,0)	11 (35,5)	24 (60,0)	6 (54,5)
outra	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

**Como você percebe o clima entre os vizinhos no local onde mora?**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Comunidade	6 (20,0)	3 (12,5)	4 (13,3)	3 (12,5)	4 (20,0)	9 (29,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Amizade	19 (63,3)	12 (50,0)	21 (70,0)	17 (70,8)	16 (80,0)	21 (67,7)	39 (97,5)	6 (54,5)
Indiferença	4 (13,3)	7 (29,2)	5 (16,7)	4 (16,7)	0 (0,0)	1 (3,2)	1 (2,5)	5 (45,5)
Isolamento	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Hostilidade	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	60,97	37,46	57,52	45,85	69,90	56,63	57,69	30,91

Conjunto (K-W,  $\chi^2=3.883$ , sig.=.274); Entorno (K-W,  $\chi^2=15.158$ , sig.=.002).

**Como você percebe o clima entre os vizinhos no bairro?**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Comunidade	3 (10,0)	1 (4,2)	4 (13,3)	1 (4,2)	2 (10,0)	8 (25,8)	0 (0,0)	0 (0,0)
Amizade	16 (53,3)	8 (33,3)	20 (66,7)	14 (58,3)	16 (80,0)	17 (54,8)	38 (95,0)	6 (54,5)
Indiferença	10 (33,3)	13 (54,2)	6 (20,0)	9 (37,5)	2 (10,0)	6 (19,4)	2 (5,0)	5 (45,5)
Isolamento	1 (3,3)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
Hostilidade	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
MO	50,93	33,31	62,10	44,52	65,95	57,55	63,75	40,27

Conjunto (K-W,  $\chi^2=5.536$ , sig.=.137); Entorno (K-W,  $\chi^2=14.908$ , sig.=.002).

**Em relação às suas amigadas, você diria que tem:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
+ no local	19 (63,3)	7 (29,2)	15 (50,0)	13 (54,2)	8 (40,0)	15 (48,4)	27 (67,5)	5 (45,5)
+ no bairro	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (3,3)	0 (0,0)	1 (5,0)	3 (9,7)	1 (2,5)	0 (0,0)
+ fora do bairro	11 (36,7)	8 (33,3)	11 (36,7)	8 (33,3)	7 (35,0)	8 (25,8)	8 (20,0)	3 (27,3)
Não possui	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)
igual	0 (0,0)	7 (29,2)	3 (10,0)	3 (12,5)	4 (20,0)	5 (16,1)	4 (10,0)	3 (27,3)

**Quando é que você se sente 'em casa'?**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Chega bairro	15 (50,0)	9 (37,5)	17 (56,7)	5 (20,8)	17 (85,0)	22 (71,0)	36 (90,0)	5 (45,5)
Chega próximo	5 (16,7)	8 (33,3)	4 (13,3)	12 (50,0)	1 (5,0)	7 (22,6)	2 (5,0)	3 (27,3)
Chega casa	10 (33,3)	7 (29,2)	9 (30,0)	7 (29,2)	2 (10,0)	2 (6,5)	2 (5,0)	3 (27,3)
outro	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

**Há quanto tempo você vive nesta moradia?**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
Até 2 anos	0 (0,0)	2 (8,3)	6 (20,0)	4 (16,7)	1 (5,0)	1 (3,2)	3 (7,5)	2 (18,2)
De 3 a 10 anos	6 (20,0)	2 (8,3)	5 (16,7)	5 (20,8)	1 (5,0)	7 (22,6)	5 (12,5)	3 (27,3)
De 11 a 20 anos	1 (3,3)	6 (25,0)	2 (6,7)	5 (20,8)	4 (20,0)	4 (12,9)	10 (25,0)	5 (45,5)
De 21 a 30 anos	4 (13,3)	10 (41,7)	6 (20,0)	6 (25,0)	2 (10,0)	3 (9,7)	22 (55,0)	1 (9,1)
Mais de 31 anos	19 (63,3)	4 (16,7)	11 (36,7)	4 (16,7)	12 (60,0)	16 (51,6)	0 (0,0)	0 (0,0)

**Principal meio de locomoção:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V88 à pé	11 (36,7)	10 (41,7)	15 (50,0)	11 (45,8)	5 (25,0)	13 (41,9)	3 (7,5)	0 (0,0)
V89 bicicleta	2 (6,7)	7 (29,2)	4 (13,3)	6 (25,0)	4 (20,0)	4 (12,9)	8 (20,0)	2 (18,2)
V90 motocicleta	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	3 (12,5)	2 (10,0)	0 (0,0)	4 (10,0)	1 (9,1)
V91 carro	17 (56,7)	11 (45,8)	13 (43,3)	13 (54,2)	8 (40,0)	17 (54,8)	10 (25,0)	5 (45,5)
V92 ônibus	10 (33,3)	13 (54,2)	4 (13,3)	2 (8,3)	9 (45,0)	11 (35,5)	33 (82,5)	7 (63,6)
V93 outro	0 (0,0)	0 (0,0)	2 (6,7)	1 (4,2)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)

**Hábitos de compra no dia a dia:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
V94 bairro	18 (60,0)	13 (54,2)	13 (43,3)	8 (33,3)	20 (100)	31 (100)	34 (85,0)	7 (63,6)
V95 centro	9 (30,0)	10 (41,7)	15 (50,0)	10 (41,7)	1 (5,0)	4 (12,9)	5 (12,5)	2 (18,2)
V96 timbaúva	11 (36,7)	7 (29,2)	12 (40,0)	13 (54,2)	20 (100)	31 (100)	6 (15,0)	4 (36,4)
V97 outro	1 (3,3)	1 (4,2)	1 (3,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)

**Local de trabalho:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
próprio bairro	9 (30,0)	4 (16,7)	6 (20,0)	3 (12,5)	5 (25,0)	16 (51,6)	5 (12,5)	2 (18,2)
centro	4 (13,3)	8 (33,3)	3 (10,0)	4 (16,7)	4 (20,0)	1 (3,2)	4 (10,0)	1 (9,1)
timbaúva	1 (3,3)	1 (4,2)	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	1 (3,2)	0 (0,0)	0 (0,0)
não trabalha	15 (50,0)	8 (33,3)	16 (53,3)	9 (37,5)	8 (40,0)	10 (32,3)	24 (60,0)	7 (63,6)
outros bairros	0 (0,0)	2 (8,3)	1 (3,3)	4 (16,7)	3 (15,0)	2 (6,5)	5 (12,5)	0 (0,0)
fora cidade	1 (3,3)	1 (4,2)	0 (0,0)	2 (8,3)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	1 (9,1)
outro	0 (0,0)	0 (0,0)	3 (10,0)	1 (4,2)	0 (0,0)	1 (3,2)	2 (5,0)	0 (0,0)

**Gênero:**

	Cinco de Maio		Vila Popular		Vila São Pedro		Germano Henck	
	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno	Conjunto	Entorno
	30 (100)	24 (100)	30 (100)	24 (100)	20 (100)	31 (100)	40 (100)	11 (100)
masculino	12 (40,0)	9 (37,5)	6 (20,0)	10 (41,7)	8 (40,0)	6 (19,4)	15 (37,5)	2 (18,2)
feminino	18 (60,0)	15 (62,5)	24 (80,0)	14 (58,3)	12 (60,0)	25 (80,6)	25 (62,5)	9 (81,8)





## ANEXO D – SÍNTESE DOS CONJUNTOS

DADOS DOS LEVANTAMENTOS				
	CINCO DE MAIO	VILA POPULAR	VILA SÃO PEDRO	GERMANO HENCK
<b>Implantação em</b>	1979	1968	1970	1984
<b>Dimensão</b>	porte médio (172 unidades)	porte médio (107 unidades)	porte pequeno (20 unidades)	grande porte (366 unidades)
<b>Localização</b>	próximo do centro da cidade antiga	próximo dos centros da cidade antiga e da cidade nova	próximo do centro da cidade nova	distante dos centros da cidade antiga e da cidade nova
<b>Configuração</b>	não é integrado ao entorno	integrado ao entorno	integrado ao entorno	não é integrado ao entorno
	conectado com duas vias de uso residencial ao sul; via periférica do conjunto a leste faz parte do sistema viário	via principal do conjunto faz parte do núcleo integrador da cidade, no entanto, vias secundárias sem continuidade	integrado por estar dentro de loteamento existente, onde as vias têm continuidade	apenas uma conexão com a RS, que é bastante segregada do sistema viário
<b>Área</b>	7,80 hectares	4,20 hectares	20 lotes dentro de loteamento de 17,10 hectares	11,80 hectares
<b>Bairro</b>	Cinco de Maio	Municipal	Timbaúva	Germano Henck
<b>Equipamentos projetados</b>	uma unidade comercial; uma creche; uma associação comunitária; quadras de esporte, playground, praça, espaços de convívio + passagem de pedestre com bancos e floreiras	uma escola; uma pequena área verde (residual)	no loteamento: uma escola; uma área verde	uma área verde; cinco lotes comerciais e um quarteirão onde os lotes foram vendidos separadamente pela COHAB
<b>Área média dos lotes</b> <i>Lei Municipal 1971/73 – 200,00m<sup>2</sup> e 250,00m<sup>2</sup> (esquina)</i>	241,98m <sup>2</sup>	303,13m <sup>2</sup>	327,80m <sup>2</sup>	188,81m <sup>2</sup>
<b>Padrões das unidades residenciais</b>	22,79m <sup>2</sup> (10 unidades); 30,75m <sup>2</sup> (106 unidades) e 40,70m <sup>2</sup> (56 unidades)	30,75m <sup>2</sup> (77 unidades); 40,70m <sup>2</sup> (18 unidades) e 49,50m <sup>2</sup> (12 unidades)	30,65m <sup>2</sup> (8 unidades); 34,04m <sup>2</sup> (9 unidades) e 39,20m <sup>2</sup> (3 unidades)	17,94m <sup>2</sup> (100 unidades) e 22,79m <sup>2</sup> (266 unidades)
<b>TO média no projeto</b>	14%	11%	10% ( <i>lotes maiores</i> )	11% ( <i>lotes e unidades peq</i> )
<b>Acesso ao centro da cidade antiga (área consolidada na época da implantação)</b>	pela RS ao norte ou por estrada de chão até rua Pe. Balduino Rambo	pela rua Bruno de Andrade ao norte e pela rua Torbjorn Weibull ao sul	pela rua Bruno de Andrade ao norte e pela rua Torbjorn Weibull a leste	pela RS, Via II e Bruno de Andrade ou pela RS, Estrada das Américas, Hans Varelman e Bruno de Andrade

<b>Entorno no momento da implantação</b>	poucas ocupações residenciais lindeiras à RS ao norte; poucas ocupações residenciais e cemitério ao sul	ocupações residenciais ao longo da rua Bruno de Andrade e rua Pe. Balduino Rambo; conjuntos residenciais ao sul, residências ao longo da rua TWeibull e áreas recreativas da indústria Tanac	ocupações residenciais ao longo da rua Bruno de Andrade e casas populares de madeira no loteamento	não existiam ocupações
<b>Zona conforme Plano Diretor</b> <i>Lei municipal 2095/78</i>	Mista	Mista	Mista	Expansão urbana – sem regulamentação/ adota-se ZR2
<b>Área construída média atual</b>	113,37m <sup>2</sup>	118,60m <sup>2</sup>	132,16m <sup>2</sup>	95,63m <sup>2</sup>
<b>TO média do conjunto</b>	46%	38%	38%	49%
<b>Área média dos lotes do entorno</b>	entorno sul: 569,03m <sup>2</sup> ; entorno leste: 2537,19m <sup>2</sup> ; entorno oeste: 17546,25m <sup>2</sup> ; entorno norte: 491,44m <sup>2</sup>	entorno sul - privado: 238,09m <sup>2</sup> ; Tanac: 391,82m <sup>2</sup> ; TWeibull: 593,00m <sup>2</sup> ; entorno meio: 329,01m <sup>2</sup> ; entorno norte: 436,77m <sup>2</sup>	entorno sul: 426,79m <sup>2</sup> ; entorno norte: 645,77m <sup>2</sup>	entorno sul: 308,37m <sup>2</sup> ; entorno meio: 183,36m <sup>2</sup> ; entorno norte: 386,40m <sup>2</sup>
<b>Área média das edificações do entorno</b>	entorno sul: 136,17m <sup>2</sup> ; entorno leste: 571,86m <sup>2</sup> ; entorno oeste: 510,00m <sup>2</sup> ; entorno norte: 144,53m <sup>2</sup>	entorno sul - privado: 113,19m <sup>2</sup> ; Tanac: 77,98m <sup>2</sup> ; TWeibull: 140,21m <sup>2</sup> ; entorno meio: 92,73m <sup>2</sup> ; entorno norte: 138,80m <sup>2</sup>	entorno sul: 156,24m <sup>2</sup> ; entorno norte: 303,72m <sup>2</sup>	entorno sul: 77,32m <sup>2</sup> ; entorno leste: 183,36m <sup>2</sup> ; entorno norte: 112,17m <sup>2</sup>
<b>TO média do entorno</b>	entorno sul: 26%; entorno leste: 16%; entorno oeste: 3%; entorno norte: 30%	entorno sul - privado: 48%; Tanac: 20%; TWeibull: 29%; entorno meio: 32%; entorno norte: 29%	entorno sul: 34%; entorno norte: 39%	entorno sul: 31%; entorno meio: 56%; entorno norte: 30%
<b>Uso no conjunto</b>	residencial (96,51%) com atividades de comércio/ serviço junto às residências + comércio, escola, 2 creches, associação comunitária e ginásio	residencial (96,26%) com algumas atividades de comércio/ serviço junto às residências	residencial (95,00%) com algumas atividades de comércio/ serviço junto às residências	residencial (94,81%) com atividades de comércio/ serviço junto às residências + 3 templos religiosos, escola, creche e associação comunitária
<b>Uso no entorno (uso residencial)</b>	entorno sul: residencial (96,55%) com atividades de comércio/ serviço junto às residências + sindicato da alimentação, clube de futebol, cemitério e indústria; entorno norte: residencial (84,44%) com atividades de	entorno sul: residencial (privado: 98,83%; Tanac: 100%; TWeibull: 92,31%) + 2 escolas, 3 indústrias, praça, associação comunitária e Fundação Tanac; entorno meio: residencial (100%); entorno norte: residencial (78,05%) +	entorno sul: residencial (89,06%) + 2 templos religiosos, 1 escola e 1 área verde; entorno norte: residencial (65,79%) + 2 templos religiosos e 2 áreas verdes <i>uso residencial bruno: .32,81%; sul (fora bruno) 94,98%; norte</i>	entorno sul: residencial (100%); entorno meio: residencial (86,36%); entorno norte: residencial (100%) e, na RS, 1 posto de saúde, 5 indústrias, 2 templos religiosos.

	comércio/ serviço junto às residências + indústria e motel	creche, 2 indústrias, presídio, incubadora, escola de samba.	<i>(fora bruno) 90,48%</i>	
<b>Altura no conjunto (IPAV)</b>	93,02%	94,39%	100%	97,27%
<b>Altura no entorno (1 pavimento)</b>	entorno sul: 96,55%; entorno norte: 92,22%	entorno sul - privado: 93,65%; Tanac: 100%; TWeibull 96,15%; entorno meio: 96,67%; entorno norte: 81,71%	entorno sul: 84,80%; entorno norte: 52,63% <i>01 pavimento: bruno: 56,25%; sul (fora bruno) 86,62%; norte (fora bruno) 57,14%</i>	entorno sul: 100%; entorno meio: 90,91%; entorno norte: 100%
<b>Material Conjunto (alvenaria)</b>	99,40% (apenas 4 edificações - 2,32% não tiveram ampliação)	91,59% (todas as edificações tiveram ampliações)	90,00% (todas as edificações tiveram ampliação)	92,08% (todas as edificações tiveram ampliação)
<b>Material Entorno (alvenaria)</b>	entorno sul: 51,72%; entorno norte: 43,33%	entorno sul - privado: 95,24%, Tanac: 21,62%, TWeibull: 42,31%; entorno meio: 56,67%; entorno norte: 59,76%	entorno sul: 63,83%; entorno norte: 97,37%	entorno sul: 37,50%; entorno meio: 95,45%; entorno norte: 38,46%
<b>Praça/ Área verde existente</b>	recoo do DAER	junto ao centro comunitário	central ao loteamento	central ao loteamento
<b>Equipamentos existentes</b>	uma unidade comercial; duas creches; uma escola; associação comunitária; ginásio; passagem pedestres	uma praça; centro comunitário + área verde (pátio)	loteamento – uma escola, uma área verde, dois templos religiosos	uma escola, uma creche; dois templos religiosos e um centro comunitário em construção
<b>Vias do conjunto</b> <i>(cfe lei, ruas principais 16,00 e vias secundárias 14,00m)</i>	15,00m, sendo calçadas de 2,50m	10,00m, sendo calçadas de 1,50m; via principal com 12,00m e calçadas de 2,00m	14,00m, sendo calçadas de 2,00m	9,00m, sendo calçadas de 1,25m; vias de contorno com 12,00m e calçadas de 2,00m
<b>Fechamento testadas – Conjunto</b>	S/ Fech – 1,74%; Grade 1 – 34,88%; Muro 1 – 2,91%; Grade 2 – 42,44%; Muro 2 – 1,74%; Mu + Gra 2 – 16,28%	S/ Fech – 7,48%; Grade 1 – 35,51%; Muro 1 – 21,50%; Grade 2 – 28,04%; Muro 2 – 0,93%; Mu + Gra 2 – 6,54%	S/ Fech – 0%; Grade 1 – 45,00%; Muro 1 – 25,00%; Grade 2 – 20,00%; Muro 2 – 0,00%; Mu + Gra 2 – 10,00%	S/ Fech – 3,01%; Grade 1 – 47,81%; Muro 1 – 18,58%; Grade 2 – 20,22%; Muro 2 – 1,37%; Mu + Gra 2 – 9,02%
<b>Fechamento testadas – Entorno</b>	entorno sul: S/ Fech – 0,00%; Grade 1 – 67,24%; Muro 1 – 6,90%; Grade 2 – 18,97%; Muro 2 – 0,00%; Mu + Gra 2 – 6,90% - entorno norte: S/ Fech – 5,56%; Grade 1 – 64,44%; Muro 1 – 6,67%; Grade 2 – 14,44%; Muro 2 – 3,33%; Mu + Gra 2 – 5,56%	entorno sul - Privado: S/ Fech – 1,59%; Grade 1 – 20,63%; Grade 2 – 55,56%; Muro 2 – 6,35%; Mu + Gra 2 – 15,87%; Tanac: Grade 1 – 89,19%; Grade 2 – 10,81%; TWeibull: Grade 1 – 50%; Muro 1 – 3,85%; Grade 2 – 26,92%; Muro 2 – 7,69%; Mu + Gra 2 – 11,54%	entorno sul: S/ Fech – 6,25%; Grade 1 – 18,75%; Muro 1 – 0,00%; Grade 2 – 75,00%; Muro 2 – 0,00%; Mu + Gra 2 – 0,00% - entorno norte: S/ Fech – 0,00%; Grade 1 – 35,00%; Muro 1 – 0,00%; Grade 2 – 45,00%; Muro 2 – 20,00%; Mu + Gra 2 – 0,00%	entorno sul: S/ Fech – 18,75%; Grade 1 – 81,25% entorno meio: Grade 1 – 86,36%; Grade 2 – 13,64% entorno norte: Grade 1 – 61,54%; Muro 1 – 7,69%; Grade 2 – 7,61%; Mu + Gra 2 – 23,80%

		entorno meio: S/ Fech – 8,33%; Grade 1 – 50%; Muro 1 – 18,33%; Grade 2 – 11,67%; Muro 2 – 3,33%; Mu + Gra 2 – 8,33%  entorno norte: S/ Fech – 13,41%; Grade 1 – 47,56%; Muro 1 – 8,54%; Grade 2 – 17,07%; Muro 2 – 7,32%; Mu + Gra 2 – 6,10% -		
<b>Equipamentos/ Mobiliário – Conjunto</b>	Poste/ml: 25,87; lixeira/ml: 28,83; árvore/ml: 14,77; Lixeira/edificação: 0,48; Árvores/edificação: 0,94 POSTES/ha: 7,95; LIXEIRAS/ha: 10,64; ÁRVORES/ha: 20,77	Poste/ml: 23,36; lixeira/ml: 48,84; árvore/ml: 33,60; Lixeira/edificação: 0,31; Árvores/edificação: 0,43 POSTES/ha: 9,05; LIXEIRAS/ha: 7,86; ÁRVORES/ha: 10,95	Poste/ml: 27,52; lixeira/ml: 27,73; árvore/ml: 14,52; Lixeira/edificação: 0,55; Árvores/edificação: 1,05 POSTES/ha: 10,06; LIXEIRAS/ha: 17,89; ÁRVORES/ha: 36,70	Poste/ml: 33,79; lixeira/ml: 21,12; árvore/ml: 36,61; Lixeira/edificação: 0,52; Árvores/edificação: 0,30 POSTES/ha: 5,68; LIXEIRAS/ha: 16,02; ÁRVORES/ha: 9,24
<b>Equipamentos/ Mobiliário - Entorno</b>	entorno sul: Poste/ml: 36,40; lixeira/ml: 35,54; árvore/ml: 95,97; Lixeira/edificação: 0,47; Árvores/edificação: 0,17 entorno norte: Poste/ml: 44,05; lixeira/ml: 56,09; árvore/ml: 37,40; Lixeira/edificação: 0,31; Árvores/edificação: 0,47	entorno sul: Poste/ml: 28,64; lixeira/ml: 44,84; árvore/ml: 23; Lixeira/edificação: 0,34; Árvores/edificação: 0,61 entorno meio: Poste/ml: 54,33; lixeira/ml: 51,87; árvore/ml: 39,52; Lixeira/edificação: 0,27; Árvores/edificação: 0,35 entorno norte: Poste/ml: 36,95; lixeira/ml: 45,75; árvore/ml: 128,09; Lixeira/edificação: 0,348; Árvores/edificação: 0,12	entorno sul: Poste/ml: 36,66; lixeira/ml: 45,32; árvore/ml: 19,88; Lixeira/edificação: 0,49; Árvores/edificação: 1,12 entorno norte: Poste/ml: 29,93; lixeira/ml: 41,69; árvore/ml: 23,69; Lixeira/edificação: 0,66; Árvores/edificação: 1,16	entorno sul: Poste/ml: 34,04; lixeira/ml: 81,15; árvore/ml: 54,10; Lixeira/edificação: 0,13; Árvores/edificação: 0,19 entorno meio: Poste/ml: 29,29; lixeira/ml: 15,97; árvore/ml: 0,00; Lixeira/edificação: 0,50; Árvores/edificação: 0,00 entorno norte: Poste/ml: 58,42; lixeira/ml: 36,51; árvore/ml: 292,08; Lixeira/edificação: 0,62; Árvores/edificação: 0,08
<b>Passeio pavimentado - Conjunto</b>	87,79%	88,79%	95,00%	57,46%
<b>Passeio pavimentado – Entorno</b>	entorno sul: 24,14%; entorno norte: 18,89%	entorno sul - privado: 96,83%, Tanac: 91,89%, TWeibull: 80,77%; entorno meio: 43,33%; entorno norte: 65,85%	entorno sul: 60,82%; entorno norte: 84,32%	entorno sul: 0,00%; entorno meio: 59,09%; entorno norte: 0,00%

<b>RESULTADO DAS ENTREVISTAS</b>				
	<b>CINCO DE MAIO</b>	<b>VILA POPULAR</b>	<b>VILA SÃO PEDRO</b>	<b>GERMANO HENCK</b>
<b>Limites do bairro</b>	<p>Conjunto: 40% (4 de 10) consideram que o bairro é somente o conjunto; 30% (3 de 10) consideram o conjunto mais o outro lado da RS; 30% (3 de 10) consideram que o bairro é bem amplo, conforme limites oficiais.</p> <p>Entorno sul: 60% (3 de 5) consideram que o bairro é o conjunto mais as duas vias ao sul; 40% (2 de 5) consideram também o lado norte da RS 287.</p> <p>Entorno norte: 40% (2 de 5) consideram apenas o lado norte da RS; 60% (3 de 5) consideram os dois lados da RS.</p>	<p>Conjunto: 70% (7 de 10) consideram que o bairro é somente o conjunto, da rua Bruno de Andrade até a rua TWeibull e 30% (3 de 10) consideram da Indústria Tanac até o Clube Grêmio Gaúcho.</p> <p>Entorno: 20% (2 de 10) consideram que o bairro é o conjunto da COHAB até o presídio, porém, os demais tiveram respostas bastante diferentes.</p>	<p>Conjunto: 30% (3 de 10) consideram que o bairro é somente o loteamento; 30% (3 de 10) consideram do Clube Grêmio Gaúcho ao S. Natally, até a Via II e 20% (2 de 10) consideram do Colégio Polivalente ao S. Natally, até a Via II.</p> <p>Entorno: 40% (4 de 10) consideram do Clube Grêmio Gaúcho ao S. Natally, até a Via II; 20% (2 de 10) consideram do Colégio Polivalente ao S. Natally, até a Via II e 20% (2 de 10) consideram do Clube Grêmio Gaúcho ao S. Natally, até a rua Bruno de Andrade.</p>	<p>Todos os entrevistados, tanto os moradores do conjunto como os moradores do quarteirão que está dentro do conjunto, mas não faz parte do empreendimento da COHAB, responderam que o bairro compreende apenas o conjunto até a RS 124.</p>
<b>Imageabilidade das ruas e configuração espacial</b>	<p>As ruas mais citadas são as vias mais integradas + a rua Barão do Jacuí que tem o mesmo valor de integração que as demais vias paralelas, mas é considerada mais importante em função da movimentação gerada pela existência das duas creches (atratores). A passagem de pedestres, não apresenta valores de integração elevados e não é utilizada, também pela falta de constituição. A relação da ocupação ao sul apresenta-se mais forte com o lado sul do conjunto, sem que mencionassem</p>	<p>As ruas mais citadas são as vias mais integradas. Embora a rua La Salle e rua Jarí (conectam o conjunto no sistema viário) apresentem o mesmo valor de integração, a rua La Salle é citada como mais importante em função das características das vias, pois muitos entrevistados relatam que a rua Jarí é uma via perigosa, pela existência de muitos cachorros soltos na rua, pelo uso de drogas e falta de iluminação pública adequada.</p>	<p>As ruas mais citadas são as vias mais integradas. Embora a rua Capitão Jacob Franzen não apresente valor de integração elevado, ela é considerada uma das vias mais importantes, em função da movimentação gerada pela existência da escola (atrator). A rua Capitão Fernando Schneider é uma das vias mais citadas, em função de ser uma via central do loteamento e, também, pela existência de um bar, local de encontro para alguns moradores. A rua Cap. Jacinto Fernandes também aparece como</p>	<p>As ruas mais citadas são as vias mais integradas. Embora a RS 124 apresente valor de integração mais elevado, ela não é citada, pois está “fora” do conjunto, ou seja, o conjunto se conecta à RS em apenas um trecho. Cabe salientar que a rua Maceió que faz essa ligação do conjunto à RS e a rua Porto Alegre, são duas das “ruas de contorno” citadas pelos entrevistados.</p>

	as ruas ao norte da RS. Já a relação da ocupação ao norte apresenta-se mais forte com a RS 287, que conecta essa ocupação ao bairro e cidade.		uma das vias mais importantes, pela conexão até a Via II.	
<b>Qualidade da infra-estrutura e serviços do bairro</b>	Moradores: 60% (6 de 10) têm avaliação negativa e salientam que ainda dependem do centro. Entorno: 60% (6 de 10) acham que está precário e que precisam do centro para tudo.	Moradores: 70% (7 de 10) têm avaliação negativa. Entorno: a avaliação negativa é menor (3 de 10). Muitos moradores ressaltam que, embora o bairro não apresente boas condições de serviços, ele está bem localizado na cidade, próximo dos dois centros.	Os entrevistados, tanto do conjunto como do entorno, foram unânimes na avaliação positiva. Eles mencionam que tem tudo no bairro (escola, banco, lojas, mercados, padarias, oficinas, farmácias) e não precisam mais do centro para os serviços que utilizam no dia a dia.	Alguns entrevistados (5 de 12) responderam que está razoável e outros (5 de 12) responderam que está ruim ou muito ruim, porque tem poucas opções. Dois responderam que está bom. Tem mercado e padaria, mas não tem lojas e farmácia (indicada como uma necessidade).
<b>Local dos serviços em geral utilizados no dia a dia</b>	Moradores: 40% (4 de 10) utilizam os serviços no centro ou Timbaúva enquanto 60% (6 de 10) utilizam tudo no centro. Entorno: 60% (6 de 10) utilizam os serviços no centro, 30% (3 de 10) utilizam no centro e Timbaúva, mas preferencialmente no centro e 10% (1 de 10) utilizam na Timbaúva.	Moradores: 70% (7 de 10) utilizam os serviços no centro ou Timbaúva e 30% (3 de 10) utilizam tudo no centro. Eles comentam que o bairro é o “meio do caminho”, então, usam os dois centros da cidade, no entanto, comentam que preferem o centro. Entorno: 60% (6 de 10) utilizam os serviços no centro e Timbaúva e 40% (4 de 10) utilizam no centro.	Moradores: utilizam os serviços no próprio bairro Timbaúva. Alguns (4 de 10) dizem que só vão ao centro para receber, pois não tem agência da CEF no bairro. Alguns (3 de 10) colocam que dificilmente vão ao centro e outros (3 de 10) colocam que ainda faltam lojas de roupas e sapatos e, por isso, precisam utilizar o centro (antigo). Entorno: 90% (9 de 10) utilizam os serviços no próprio bairro Timbaúva e vão muito pouco ao centro (antigo).	42% dos entrevistados (5 de 12) utilizam os serviços no centro ou Timbaúva, embora prefiram o centro e 25% (3 de 12) afirmam que utilizam tudo no centro, pois tem mais opções. Um morador diz que utiliza na Timbaúva, por ser mais perto e uma moradora diz que procura usar tudo no bairro, para não gastar com passagem de ônibus. Duas moradoras mencionaram que fazem o rancho do mês de um caminhão que passa, mensalmente, no bairro.
<b>Qualidade das praças</b>	Moradores: unânimes em responder que não tem praça. Muitos moradores (70% - 7 de 10) lembraram que existia uma praça, mas foi fechada pela Prefeitura e transformada em pátio da escola. Entorno: unânimes em responder	Moradores: 70% (7 de 10) responderam que a praça está ruim. Faltam: mais brinquedos para as crianças, árvores para sombreamento e manutenção. Entorno: dos que se consideram pertencentes ao bairro Municipal, boa parte (4 de 6) acha que a	Moradores: 70% (7 de 10) acham que a praça era boa, mas está ruim. Apesar disso, ela é bastante utilizada, principalmente, pelas crianças. Uma moradora mencionou a área verde, na frente do Clube Grêmio Gaúcho, que é utilizada somente para eventos,	Moradores: 92% (11 de 12) responderam que não tem praça, pois a área verde não pode ser considerada praça. Alguns moradores colocam que, além de não ter nada de equipamentos, ela é um ponto de drogas e tem muito vandalismo. Vários

	que não tem praça. Alguns colocaram que a área verde existente, apesar de ser agradável, não pode ser considerada como praça, pois “não tem bancos e brinquedos para crianças, somente árvores”.	praça está boa, mas poderia ser mais cuidada. Alguns (2 de 6) acham que está muito ruim, pois falta manutenção e comentam que, à noite, os jovens usam droga e fazem muito barulho.	mas que poderia ser uma praça para o bairro, pois o local é bonito e tem muitas árvores. Entorno: 40% (4 de 10) dizem que a praça está muito ruim; 30% (3 de 10) dizem que ela era boa, mas estragaram; 20% (2 de 10) colocam que não a usam e um morador coloca que ela está boa/bonita. Os moradores dizem que faltam: manutenção, equipamentos e policiamento, pois é uma praça perigosa à noite, em função das drogas.	entrevistados colocaram que faz muita falta no bairro uma área de lazer, com pavilhão para festas e uma praça com brinquedos para as crianças. Eles também reclamaram do prédio da Associação Comunitária que está em estado precário e da obra da Igreja que está parada há bastante tempo. Quando questionados sobre a área verde existente na entrada do bairro, eles colocaram que não tem nada, nem boas árvores com sombra.
<b>Qualidade das calçadas</b>	Moradores: 60% (6 de 10) acham que estão péssimas; 20% (2-10) acham que estão boas; 10% acham que estão ruins e 10 % dizem que estão melhores. Entorno sul: 80% (4 de 5) acham que as calçadas estão boas e um morador comenta que estão com muitos buracos, irregulares. Entorno norte: todos (5 de 5) afirmam que as calçadas estão precárias.	Moradores: 70% (7 de 10) acham que estão péssimas e outros dizem que elas estão razoáveis. Dizem que falta manutenção, que elas são irregulares e com buracos. Entorno: dos que se consideram pertencentes ao bairro Municipal, 50% (3 de 6) acham que as calçadas estão ruins, sendo que 33% (2 de 6) acham que estão boas e 17% (1 de 6) acham que elas estão razoáveis. Eles mencionam a falta de manutenção e a irregularidade das pavimentações.	Moradores: 50% (5 de 10) responderam que estão ruins; 20% (2 de 10) dizem que elas estão muito ruins e 30% (3 de 10) dizem que elas estão razoáveis. Dizem que elas estão perigosas, pois falta manutenção. São irregulares e com muitos buracos. Alguns comentam que, na rua Bruno de Andrade, existem árvores antigas, com raízes que levantam as calçadas, deixando-as muito irregulares. Entorno: 60% (6 de 10) acham que as calçadas estão razoáveis; 30% (3 de 10) acham que elas estão boas e um acha que elas estão muito ruins. Eles também mencionam a irregularidade e a falta de manutenção.	42% dos entrevistados (5 de 12) responderam que estão ruins; 34% (4 de 12) dizem que elas estão razoáveis; 17% (2 de 12) dizem que estão péssimas e um morador acha que elas estão boas. Dizem que falta pavimentação, que elas são irregulares e com muitos buracos, que são estreitas e estão mal cuidadas. Um morador comentou que, nos trechos que tem vegetação, não é possível caminhar, pois as calçadas são muito estreitas.
<b>Lugar para lazer e convívio no bairro</b>	Moradores: calçadas (4 de 10), área verde (2), pátio da casa (2), própria casa (1) e centro comunitário (1).	Moradores: pátio de casa (3 de 10), calçadas (3), própria casa (2), campo municipal (1) e praça (1), armazém (1).	Moradores: 60% (6 de 10) não costumam sair de casa, 30% (3 de 10) mencionaram a praça, um menciona o bar Faustino e outro	42% (5 de 12) utilizam as calçadas; 25% (3 de 12) usam os pátios – recuo de jardim (é mais seguro para seus filhos brincarem



	Entorno: alguns colocam que usam as calçadas ou pátio (3 de 10), outros lugares fora do bairro (2) e que não saem, só ficam em casa (3). Também foram mencionados o centro comunitário e área verde; parada de ônibus ou na mureta na esquina da rua Padre Alberto Trasel com a rua Georgina, para olhar o movimento.	Entorno: ficam em casa e recebem amigos (5 de 10), praça (2), calçada na frente de casa (1) e esquina da rua Antônio Lisboa com a Avenida Itália (1), para ver o movimento e tomar chimarrão.	menciona a calçada. Entorno: 30% (3 de 10) não costumam sair de casa, 30% (3 de 10) utilizam a praça, 30% (3 de 10) utilizam as calçadas e um morador menciona o bar Faustino. Uma moradora comentou que utiliza diariamente a praça e que sempre tem muitas crianças brincando e adultos tomando chimarrão.	dentro do pátio, pois as calçadas são estreitas), 16,5% (2 de 12) dizem que só ficam em casa e 16,5% (2 de 12) usam a área verde. Um entrevistado colocou bancos fixos na calçada ao lado e na frente da creche, que tem árvores, para sentar e tomar chimarrão.
<b>Relacionamento com os vizinhos</b>	Moradores: “se dão bem, mas cada um na sua casa” (2 de 10); “se dão bem, caminham juntas e se encontram para tomar chimarrão” (4); “se dão bem, mas tem pouco contato” (2) e ótimo relacionamento (2). Entorno: “se cumprimentam, mas não se visitam” (4 de 10), ótimo relacionamento (3), todo mundo é legal (1), não tenho muito contato (1) e não é dos melhores (1).	Moradores: unânimes em responder que tem um bom relacionamento, mas sem muito contato. Alguns moradores também comentaram que a vizinhança é bem prestativa e quando precisam de alguma coisa, podem pedir. Entorno: alguns moradores (5 de 10) responderam que tem bom relacionamento, mas sem visitas e outros (5 de 10) afirmam ter bom relacionamento e que costumam se visitar.	Moradores: 40% (4 de 10) tem ótimo relacionamento; 20% (2 de 10) responderam que tem bom relacionamento e os outros 40% (4 de 10) responderam que tem bom relacionamento, mas com pouco contato. Entorno: 50% (5 de 10) responderam que tem bom relacionamento, mas sem muito contato; 30% (3 de 10) responderam que tem bom relacionamento e 20% (2 de 10) responderam que tem ótimo relacionamento. Eles conversam com os vizinhos, mas não tem o hábito de se visitar.	67% dos entrevistados (8 de 12) responderam que tem um bom relacionamento, mas sem muito contato; alguns (2 de 12) responderam que tem bom relacionamento e outros (2 de 12) responderam que tem ótimo relacionamento. Alguns respondentes (4 de 12) mencionaram que tem melhor relacionamento e mais contato com os vizinhos da sua rua.
<b>Locais agradáveis</b>	Moradores: 40% (4 de 10) consideram a área verde, 40% acham que não tem, 30% consideram sua casa e um considera a creche/ escola. Entorno: 30% (3 de 10) consideram a área verde e outros (3 de 10) acham que não tem. Os demais citam o sindicato para festas, a parada de ônibus, sua	Moradores: 60% (6 de 10) dizem que não tem. Os demais mencionaram o campo de futebol da Tanac e própria casa. Entorno: alguns (3 de 10) consideram que não tem; outros (2) consideram a praça e outros (3) a própria casa. Também foram mencionados o campo de futebol e o salão de beleza.	Moradores: 40% (4 de 10) dizem que é a praça; 30% (3 de 10) dizem que é a Igreja Católica; 20% (2 de 10) dizem que não tem e um morador disse que é a rua Bruno de Andrade (centro comercial) e, também, o bar Faustino (encontro de amigos). Entorno: 40% (4 de 10) mencionam a praça; 30% (3 de	33% (4 de 12) acham que não tem um lugar agradável no bairro; 33% (4 de 12) acham que é a própria casa; 25% (3 de 12) acham que é a calçada na frente de casa. Um morador mencionou o colégio e outro mencionou a área verde. No entanto, alguns entrevistados (3 de 12) mencionaram que o lugar

	casa e o “campão”.	Alguns moradores colocaram que a praça poderia ser um lugar agradável, se estivesse em boas condições. Também comentaram que algumas senhoras se encontram, semanalmente, para bordar e conversar na associação comunitária.	10) consideram que não tem; 20% (2 de 10) consideram a rua Bruno de Andrade, um morador cita o bar Faustino e outro cita a rua da área verde (triângulo).	agradável do bairro seria a praça, mas ela não tem o “conforto adequado”. Ainda, uma moradora colocou que todo bairro é agradável, pois é um bairro tranquilo e bom de morar.
<b>Locais desagradáveis</b>	<p>Moradores: 40% (4 de 10) mencionam a esquina da Via I com a rua Padre Alberto Trasel, pois é um de ponto de drogas e prostituição. Alguns moradores (2 de 10) dizem que não tem lugar desagradável no bairro. Ainda, uma moradora comenta que o fim da rua Padre Miguel Kellner é perigoso, pois tem muito mato e faz ligação com a Vila Trilhos e outra diz que na frente do centro comunitário é perigoso de passar à noite, pois “não tem nada, é isolado e escuro”, mas ressalta que na frente do cemitério é pior, pois frequentemente tem assaltos.</p> <p>Entorno: 40% (4 de 10) mencionam a esquina da Via I com a rua Padre Alberto Trasel. Também foi mencionado o fim da rua Padre Miguel Kellner; o lado norte da RS 287; a área verde; os terrenos vazios com mato e as ocupações no morro.</p>	<p>Moradores: mencionaram a rua Jarí (4); a volta do morro (3) e av. Itália (3). Também foi citado o presídio; bar da esquina e o mato no final da rua La Salle. No entanto, dois moradores responderam que não tem lugar desagradável no bairro.</p> <p>Entorno: alguns (3 de 10) citam a volta do morro e a rua Jarí (2). Também foram citados: a praça, a rua Padre Balduino Rambo, por ser perigosa, a rua T. Weibull (movimento de carros em velocidade) e o colégio Polivalente (perigoso em função da venda de drogas). Por outro lado, dois moradores dizem que não tem local desagradável.</p>	<p>Moradores: 30% (3 de 10) acham que não tem lugar desagradável; 20% (2 de 10) mencionam a praça à noite; 20% (2 de 10) mencionam a rua Bruno de Andrade à noite (uso predominante comercial, então, à noite, fica abandonado); 20% (2 de 10) mencionam a continuação da rua Mário Inácio (trecho sem edificações e sem iluminação pública) e um morador mencionou a movimentação de carros na rua Bruno de Andrade, principalmente, no horário de início e término das aulas.</p> <p>Entorno: 70% (7 de 10) colocam que não tem lugar desagradável no bairro; 20% (2 de 10) colocam que é a praça, à noite, porque, mesmo tendo iluminação, alguns lugares ficam mais escuros e são perigosos. Um morador diz que é a pequena área verde (triângulo), em função do barulho que os jovens fazem durante a noite e madrugada, no entanto, salienta que não tem problema de roubos.</p>	<p>50% (6 de 12) acham que não tem lugar desagradável no bairro. 42% dos entrevistados (5 de 12) responderam que é a área verde, que ela é perigosa em função dos grupos de drogas que se juntam e, além disso, eles comentam “que os grandes tomam conta e não deixam as crianças brincar”. Alguns moradores comentaram que a praça já melhorou um pouco, em termos de segurança, depois que colocaram as luminárias. Um morador também citou a Associação Comunitária, por estar em estado precário e com risco de desabamento da cobertura.</p>

**ANEXO E – CHECK LIST**

L= Levantamento de arquivo e físico

E/MM= Entrevista e mapa mental

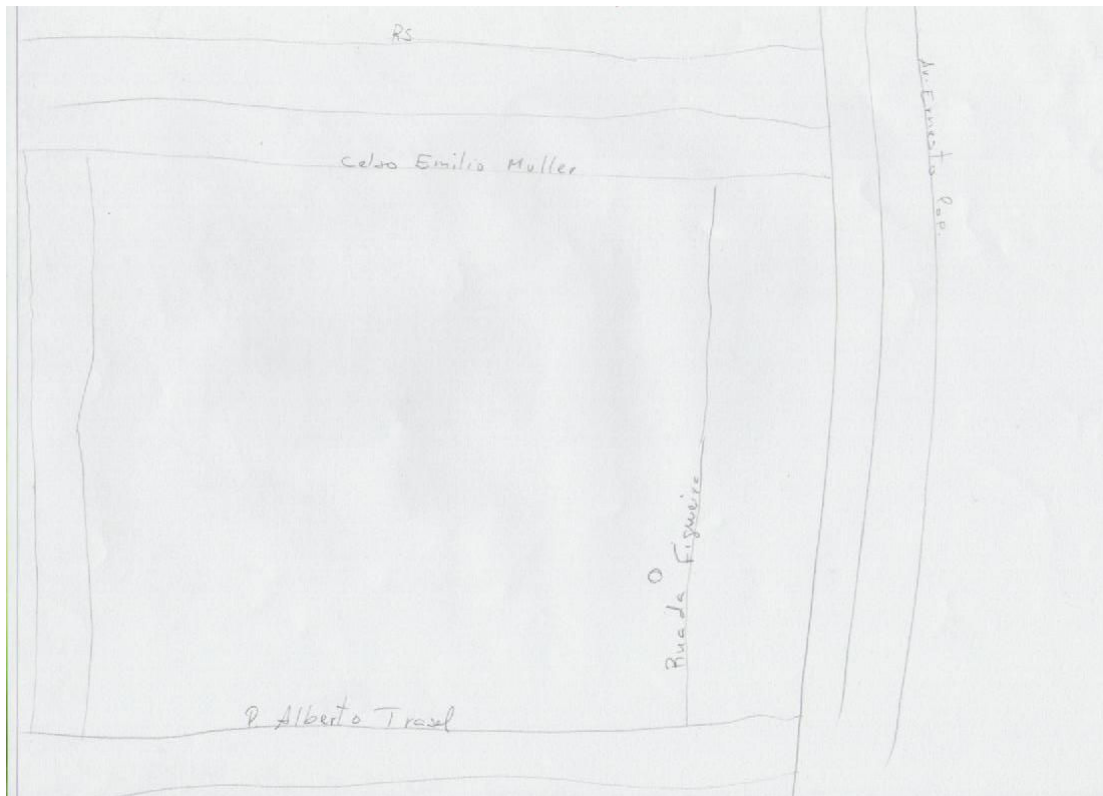
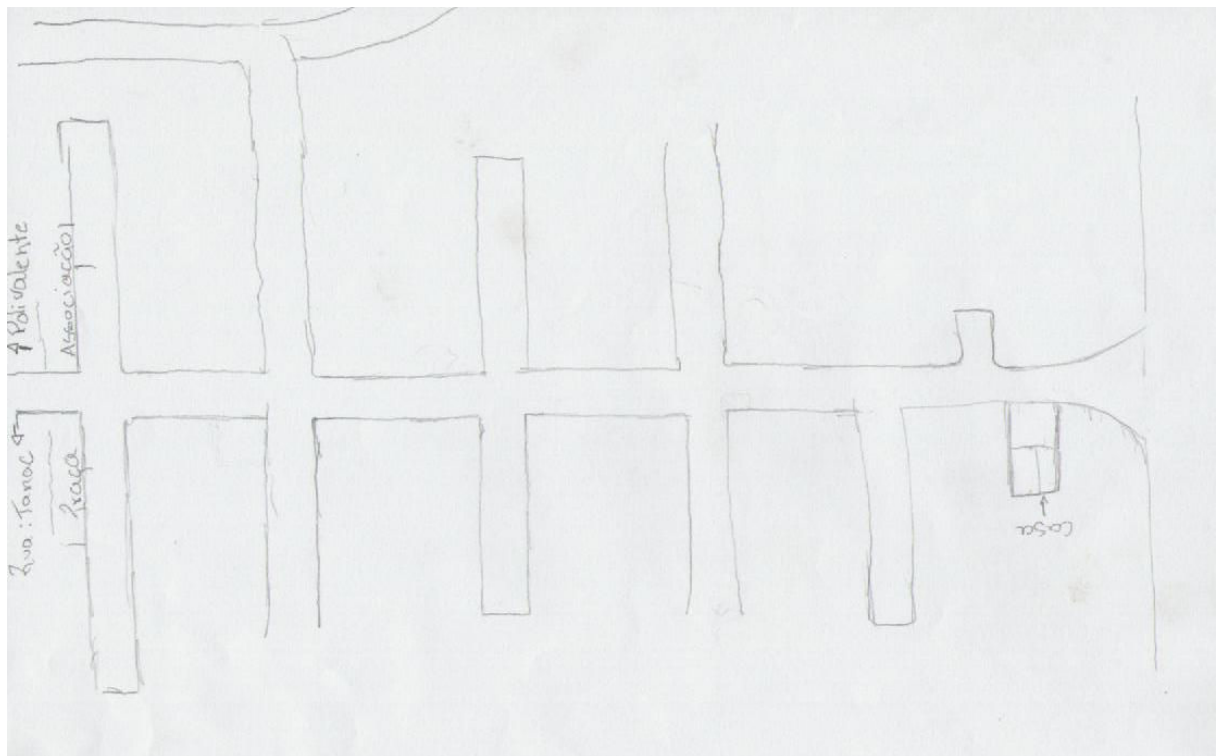
AS= Análise sintática

O= Observações

Q= Questionários

	L	AS	E/ MM	O	Q
Análise da dimensão do conjunto	X				
Análise da configuração do conjunto	X	X			
Análise da localização do conjunto	X				
Características do projeto do conjunto habitacional	X				
Características do entorno na implantação do conjunto	X				
Percepção de limite do bairro			X		X
Imageabilidade das ruas		X	X		
Locais mais agradáveis e mais desagradáveis		X	X		
Comparação entre os conjuntos em relação às características de implantação dos conjuntos e às percepções ambientais	X	X	X		X
<b>Características físico-espaciais influentes na interação social</b>					
Características das <b>calçadas</b> (largura, pavimentação, sombreamento e mobiliário urbano)	X				
Percepção de adequação das calçadas (largura para circular e para atividades de convívio social, vegetação/ sombreamento, aparência/ manutenção e iluminação pública)			X		X
Uso das calçadas do local onde mora				X	X
Se as calçadas fossem mais adequadas, você usaria (mais) as calçadas para lazer e convívio social?					X
Características das <b>ruas</b> (largura, pavimentação e acessibilidade/ integração)	X	X			
Percepção de adequação das ruas (segurança quanto ao tráfego e quanto ao crime e aparência/ manutenção)					X
Características das <b>praças/ áreas verdes</b> (localização, pavimentação, sombreamento, iluminação, mobiliário)	X				
Percepção de adequação das praças/ áreas verdes (localização, quantidade de espaços, vegetação/ sombreamento, iluminação, ofertas de locais para sentar, de ambientes de estar, de diferentes atividades e de locais para brincar, manutenção/ conservação e segurança)			X		X
Uso das praças/ áreas verdes do local onde mora e frequência de uso				X	X
Se as praças/ áreas verdes fossem mais adequados, você usaria (mais) para lazer e convívio social?					X
Características dos <b>equipamentos comunitários</b> (localização e acessos)	X				

Uso dos equipamentos comunitários do bairro (escola, creche, centro comunitário, posto de saúde e templo religioso)			X		X
Características do <b>local onde mora</b> (fechamento dos terrenos, ampliações, características morfológicas - conexão com bairro, espaços abertos públicos e a relação com as edificações do entorno, infra-estrutura, serviços e equipamentos comunitários)	X				
Satisfação geral com o local onde mora (segurança, aparência, qualidade dos espaços abertos e dos serviços/ comércio existentes, satisfação com o local onde mora)					X
Características do <b>bairro</b> (características morfológicas - conexões com cidade, espaços abertos públicos, infra-estrutura, serviços e equipamentos comunitários)	X				
Satisfação geral com o bairro (segurança, aparência, qualidade dos espaços abertos e dos serviços/ comércio existentes, integração na cidade, satisfação com o bairro onde mora)					X
Comparação entre os conjuntos em relação às características físico-espaciais	X	X	X	X	X
<b>Aspectos relacionados à interação social</b>					
Relacionamento (interação) com moradores do local onde mora			X		X
Relacionamento (interação) com moradores do bairro			X		X
Definição de bom vizinho					X
Percepção do caráter da vizinhança do local onde mora					X
Percepção do caráter da vizinhança do bairro					X
Em relação as suas amizades, você diria que tem mais amizades no local onde mora, no bairro ou fora do bairro					X
Comparação entre os conjuntos em relação aos aspectos relacionados à interação social			X		X
<b>Fatores composicionais influentes na interação social</b>					
Gênero, escolaridade, faixa etária e faixa de renda			X		X
Principal meio de locomoção					X
Hábitos de compra no dia a dia			X		X
Local de trabalho			X		X
Atividades nas horas de lazer + atividades das crianças				X	X
Locais das atividades de lazer e convívio			X	X	X
Comparação entre os conjuntos em relação ao estilo de vida			X	X	X

**ANEXO F – EXEMPLOS DE MAPA MENTAL****Figura 85** – Mapa mental de morador do Conjunto Habitacional Cinco de Maio**Figura 86** – Mapa mental de morador do Conjunto Habitacional Vila Popular